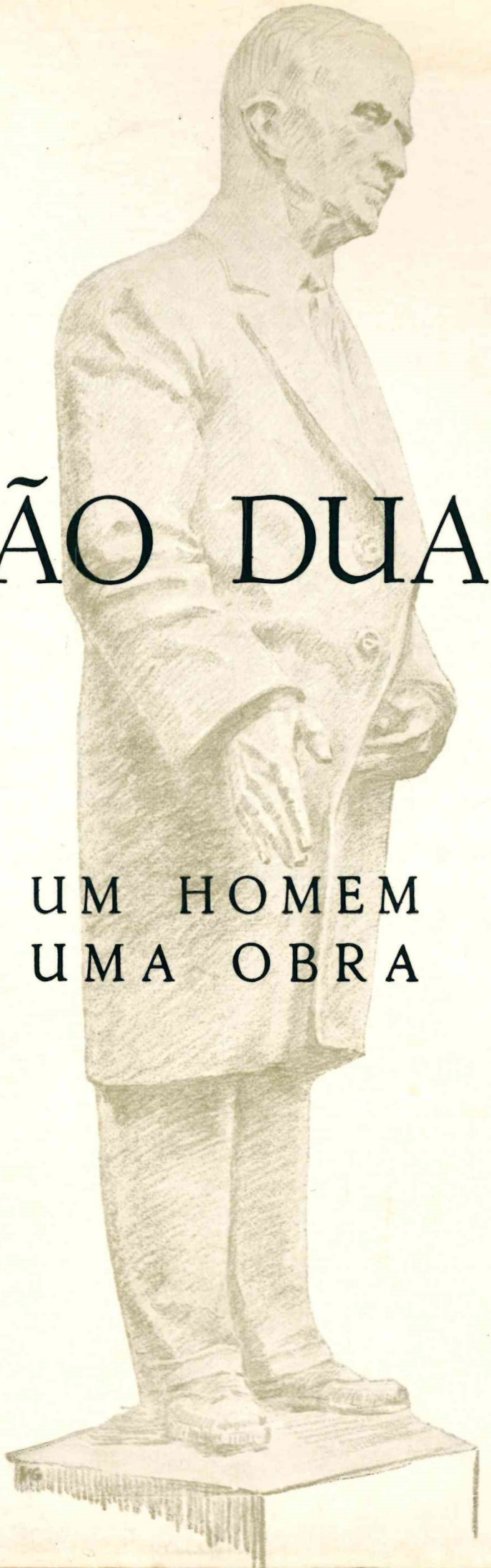


JOÃO DUARTE

UM HOMEM
UMA OBRA

Oferecido pelo
Instituto de Pesquisas Espaciais
em presença da Diretoria do Instituto
para os seus associados, em 28 de abril de 1972

Francisco Cândido e Silva
e
família

A estátua foi inaugurada em 9 de Julho de 1967

João Duarte

JOÃO DUARTE

UM HOMEM
UMA OBRA

BARCELOS
1 9 6 7

Barcelinhos
C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 34962
Renee

HOMENAGEM
DE
SAUDADE E GRATIDÃO

IN MEMORIAM

Dedicam

À SUA FAMÍLIA

Os seus Amigos

EDIÇÃO DA COMISSÃO EXECUTIVA DO MONUMENTO

Imprensa Portuguesa ★ Rua Formosa, 108-116 ★ PORTO

Antes de mais

É sempre difícil escrever sobre os grandes homens que, de tempos a tempos, costumam passar pelo mundo. Não são de reduzida ou estéril actividade como estrela fugaz e inoperante. Passam na sua órbita como sol que tudo aquece, ilumina e transforma a bem da humanidade, que em parte fica devendo esse bem a esses grandes vultos da sua história.

Só um espírito de sacrílega aventura poderá tentar reduzi-los à minguada expressão que resulta do ténue fluido duma caneta.

Mas ainda é esta a melhor forma de a eles nos referirmos transportando-os para a posteridade, ora focando-lhes a sua acção dominante e característica, ora desenhando a elevada trajectória da sua beneficente passagem por sobre a terra, seja qual for o sector humano em que a sua actividade se tenha concretizado.

Ao tentar escrever sobre o grande Barcelense e grande Português que foi *João Duarte Veloso,* que há pouco nos deixou dolorosamente, sentimos esse peso da responsabilidade, envolto no receio de jamais conseguirmos atingir a finalidade prevista.

Sente-se tímida a nossa incapacidade em frente do grande homem que ele sempre foi, na sua vida de incomensuráveis benfeitorias, na luta dura do trabalho gerador das maiores realizações, em progresso permanente e sempre crescente, tudo executando com fina delicadeza, com honra e dignidade insuperáveis, aliadas das mais exímias virtudes cristãs e sociais.

Ainda temos presente que os fulgurantes luzeiros do firmamento não se deixam contemplar fàcilmente pelos olhares dos seus admiradores.

Bem quiséramos que este modesto trabalho sobre João Duarte constituísse um *Monumento* à altura da sua simples, distinta e bondosa personalidade.

Será ele construído e lavrado com verdade e amor sincero.

Será fundido pelas chamas crepitantes de corações que na vida se habituaram a admirar, com gratidão e amizade, esse Homem extraordinário, que não pode ser esquecido pela geração que passa, nem pode perecer para os vindouros, que da sua acção prodigiosa muito beneficiarão e muito poderão aprender.

Será ele erguido em todos os lares amigos, onde ocupará lugar de mui alta predilecção.

Barcelos, e os amigos de João Duarte tiveram a feliz inspiração de levantar-lhe, no centro da cidade, um Monumento de gratidão, em bronze, cuja gravura ilustra o frontispício deste livro, e honra lhes seja.

OS SEUS AMIGOS

Este livro consta de duas partes.

Primeira:

I — UMA VIDA DE INDUSTRIAL
II — UMA VIDA DE BENEMERÊNCIA
III — UMA VIDA DE PRINCÍPIOS E VIRTUDES
IV — NA HORA DA SAUDADE
V — ARQUIVANDO

Segunda:

JOÃO DUARTE *apreciado pela imprensa.*

I

UMA VIDA DE INDUSTRIAL

I

Nos alvores da Primavera de 1888, a 19 de Março, nascia em Barcelos aquele que mais tarde viria a ser o primeiro industrial barcelense. Aos 7 anos de idade já os seus pais, António José Veloso e Maria do Rosário de Sousa Duarte, tinham falecido.

Frequentou, em Barcelos, a famosa escola do sr. professor Manuel José Pereira Nunes, por onde passaram os filhos das melhores famílias dessa época.

Este mestre, que se tornou pela vida fora um grande amigo do seu ex-discípulo, lembrava-lhe com graça um episódio da sua infância escolar.

O pequeno aluno de 7 anos perguntava-lhe com frequência: «Ó senhor professor, amanhã há aula? Como o professor respondesse afirmativamente, o pequeno continuava: «E depois também há?» Perante segunda afirmativa do mestre, prosseguia o aluno infantilmente: «E depois? E depois? E sempre depois?»

O professor pacientemente concluía: «Sim, menino; há aula amanhã e depois e sempre depois».

O distinto professor ainda pouco antes do seu falecimento falava deste facto a João Duarte, que gostava de ouvir essa história da sua infância.

Na falta dos pais foram suas tias, Prazeres, Izabel e Júlia Duarte, que tomaram o cuidado da sua educação querendo-lhe como filho, especialmente a tia Júlia com quem esteve até casar e a quem queria como mãe.

Depois dos exames primários, aos 13 anos, foi para o Porto trabalhar numa casa comercial, pertencente a seu tio Domingos Duarte.

Apesar de sobrinho, não era diferençado de qualquer outro aprendiz daqueles tempos, em que a vida comercial era muito dura. Os empregados eram bem experimentados, e só conseguiam triunfar os que tinham qualidades para vencer.

Vinha ele de madrugada para o armazém que tinha de varrer e arrumar. Nas frias manhãs de inverno, tiritando, atravessava a rua, para se aquecer à fogueira da oficina dum carpinteiro vizinho.

Essa casa comercial ainda hoje existe na rua da Fábrica com o título *Domingos Duarte, Sucessores,* da qual é sócio Germano Barros e Castro, que foi companheiro de trabalho do pequeno João Duarte.

Este, com 14 anos apenas, fez a sua primeira viagem comercial como representante da casa.

Já nessa viagem evidenciou a sua inteligência e excepcionais qualidades de trabalho, merecendo de seu tio, que era muito severo e exigente, um grande elogio que constituiu a melhor recompensa, que poderia ser dada ao seu carácter trabalhador.

No correr da vida ele assim o contava com satisfação, porque um elogio nos lábios do seu tio era coisa muito rara.

João Duarte tinha conquistado a confiança e amizade do seu austero tio, que a evidenciou em factos, como o fez convidando-o mais tarde para padrinho de sua filha Alice.

Nessa época, em que se trabalhava desde o romper do dia até altas horas da noite, sem horário de trabalho, tinham na casa apenas duas horas livres aos domingos, das duas às quatro, para passear.

João Duarte e seu amigo Germano ocupavam esse escasso tempo a jogar bilhar no antigo Café Suíço da Praça da Liberdade, onde existe actualmente o Café Imperial.

Um dia seu tio mandou os dois representá-lo num funeral.

Eles, rapazes novos, João Duarte com 16 e Germano com uns 19 anos, lembraram-se de, antes, irem jogar uma partida de bilhar para o Café, visto que faltava mais duma hora para se desempenharem da sua missão.

Se bem o pensaram melhor o fizeram. Entretidos, nem deram pelo tempo que passava sem detença, jogaram até tarde, não comparecendo à cerimónia fúnebre, o que lhes mereceu uma séria reprimenda com o castigo de não saírem durante dois domingos.

Este episódio era recordado pelos dois amigos durante a vida, divertindo-os muito essa lembrança.

O seu camarada e companheiro de trabalho, Germano de Barros, descendente duma distinta família do Marco de Canaveses, consorciou-se mais tarde com a filha primogénita de seu tio Domingos, Maria Mendes Duarte, mantendo este casal, através dos anos, uma leal e fraterna amizade com João Duarte.

A vida de trabalho de então não tinha as regalias da dos trabalhadores de hoje. As viagens comerciais, desde as estações

do caminho de ferro até às aldeias mais sertanejas e distantes, fazia-as João Duarte a pé, a cavalo ou em carro de bois, por caminhos por onde nem as diligências de então podiam transitar.

Recordava que, numa dessas viagens, o comerciante, que ele ia servir em Trás-os-Montes, mandou à estação um cavalo para ele montar e um carro de bois para transporte das malas.

O tempo, porém, pôs-se muito mau, desatou a chover de tal forma que ficou molhado da cabeça aos pés, sem uma linha enxuta.

Quando chegou a casa do comerciante teve de se recolher à cama, até secarem a roupa à lareira, e enquanto lhe preparavam uma refeição serrana de ovos e presunto.

Doutra vez, numa dessas inúmeras viagens, foi desde a estação do caminho de ferro, num carro de bois juntamente com as malas, porque o comerciante nem cavalo tinha para lhe mandar.

Como fazia muito frio preferiu ir a pé parte da viagem, adiantando-se bastante ao carro que levava a bagagem.

Em dado momento foi assaltado por dois gatunos, que lhe exigiram os valores que levava consigo. Ele resistiu enèrgicamente ameaçando-os de usar o revólver que, por acaso, não possuía. Depois, enquanto os enfrentava, gritou pelos carreteiros que vinham atrás com a bagagem. Os assaltantes puseram-se em fuga apenas quando ouviram o chiar do carro.

Este passo da vida do jovem viajante mereceu-lhe, de seu tio, a oferta dum revólver, para se defender e fazer as suas viagens com mais segurança.

Foi assim, com sacrifícios e canseiras, que João Duarte chegou a ser sócio de seu tio Domingos.

Apesar disso, este continuava arreigado a preconceitos medievais. Defendia, por exemplo, o princípio de que, até aos 25 anos, nenhum rapaz, nem mesmo seu sobrinho com 20 anos, devia sair de casa à noite.

Esta maneira de ser contrariava os desejos que João Duarte tinha de estudar em cursos nocturnos para adquirir conhecimentos, para se formar e valorizar.

Como não queria nem podia contrariar seu tio que muito estimava e admirava, resolveu deixar a sociedade e a sua casa, ligando-se, também como sócio, a outro seu tio, José Duarte, estabelecido com o mesmo ramo de comércio na rua Cândido dos Reis.

Este, mais razoável e compreensivo, que também estimava muito o sobrinho, ao ver a sua força de vontade de estudar e valorizar-se, incitou-o concedendo-lhe todas as facilidades. João Duarte trabalhou, estudou e valorizou-se, e nunca esqueceu a amizade de seus tios.

Mais tarde era ele, João Duarte, quem tinha o mesmo gesto para com muitos empregados seus, não só incitando-os, mas auxiliando-os nos estudos para se valorizarem, lembrando-se talvez do que para ele representou aquele episódio da sua juventude. Alguns deles encontram-se hoje na administração das suas empresas onde colaboram com muita dedicação e competência.

Como todos os mancebos, aos 20 anos de idade foi à inspecção militar, tendo ficado apurado para os serviços auxiliares, e por isso esteve iminente a sua incorporação na guerra de 1914.

Sempre dinâmico, o jovem comerciante já então sonhava com a indústria. Associado a dois barcelenses, que ao tempo

estudavam no Porto, um deles na Escola de Farmácia, tentou a primeira experiência industrial, formando uma sociedade de fabrico de perfumarias, que afinal pouco durou. Mas esse sonho não mais abandonou o seu espírito.

Com a guerra surgiram novas formas e critérios comerciais que João Duarte, sempre atento ao progresso, gostaria de adoptar. Mas a rotina e os conceitos deste seu tio estavam também a ser ultrapassados, impedindo-o de acompanhar esta evolução comercial. Isto fez com que João Duarte pensasse em novos rumos de independência.

Em ordem a este ideal, recordava ele mais tarde que fizera, desde os princípios da sua vida, todos os sacrifícios, os mais duros, chegando mesmo a praticar «*uma austera e feroz economia*», como ele se exprimia, para conseguir juntar capital suficiente que lhe permitisse um dia trabalhar com a necessária e desejada independência, em plena liberdade de movimentos, segundo os seus próprios critérios de trabalho e acção.

Mais tarde, quando queria lançar alguém na vida com o melhor êxito, aconselhava-o a seguir o seu exemplo de economia.

Tinha 25 anos quando realizou essa aspiração da sua vida. Um capitalista do Porto, Miguel Teixeira, homem de idade e com experiência, conhecedor das suas qualidades de trabalho, de honestidade e de carácter, convidou-o para ambos fundarem uma sociedade comercial de artigos de palheta e flores artificiais, que se instalou na rua de Santa Catarina.

Com a experiência e administração de João Duarte o negócio prosperou extraordinàriamente e a casa tornou-se pequena, pelo que tiveram de mudar para a rua Formosa, para

Sócios e empregados da firma Miguel Teixeira, Filho & Duarte (1914)

João Duarte e D. Maria da Glória, quando noivos

um prédio de três andares. Ali montaram um grande armazém dos mesmos artigos e de tecidos de algodão.

Esta prosperidade levou o sócio Miguel Teixeira a admitir na sociedade o seu filho, já casado, ficando a razão social a denominar-se *Miguel Teixeira, Filho & Duarte.*

Eram colaboradores desta firma os barcelenses Jaime e Décio Nunes, Cândido Gonçalves Pereira, João Vaz, Amadeu Azevedo, António Duarte e Mário Soucasaux, e também António G. Nunes Hall, Abel Corte Real de Araújo Leite, Demétrio Lhansol, Celestino Osório e outros. Alguns deles, mais tarde, foram seus sócios na Fábrica Barcelense.

Esta casa, seguindo a orientação progressiva de João Duarte, foi alargando o seu âmbito comercial a muitos outros variados artigos que transaccionava em alta escala.

Dois anos depois João Duarte decidiu constituir família, vindo a desposar D. Maria da Glória da Cunha Vieira, também natural de Barcelos, senhora muito prendada, e muito bela no dizer dos seus contemporâneos, e que tempos antes regressara da Argentina, onde residira e completara a sua esmerada educação e formação cultural.

Foi Miguel Teixeira quem pediu a mão desta gentil menina, para seu sócio e amigo.

Realizou-se o enlace nupcial em 3 de Setembro de 1916, na igreja de S. Martinho de Vila Frescainha, próxima da cidade de Barcelos, naquele tempo a igreja preferida para os casamentos da sociedade barcelense.

Foi este um dos primeiros enlaces matrimoniais a que assistiu em Barcelos o sr. cónego Joaquim Gaiolas, de saudosa memória, virtuoso sacerdote que paroquiou Barcelos por mais

de 40 anos, e foi sempre muito amigo de João Duarte e sua família.

O jovem casal viveu numa feliz união conjugal durante 50 anos, numa vida exemplar de amor e carinho, na prática das melhores virtudes cristãs, sociais e familiares.

O sonho da indústria continuava pairando na mente do jovem João Duarte. Sem deixar a referida sociedade, adquiriu uma pequena fábrica em exclusiva propriedade sua, na rua Latino Coelho, sempre na mira de progredir em independência, atirando-se para uma vida cada vez mais laboriosa.

Passado algum tempo tornou-se pequena esta unidade industrial. Alugou então uma casa na rua do Almada. No seu espaçoso quintal construiu uma fábrica maior, não deixando porém o armazém que tinha fundado anteriormente.

Em 1918 uma Comissão de bombeiros barcelenses, chefiada pelo seu ilustre comandante Manuel Esteves, procedia à angariação de fundos para adquirir novo estandarte.

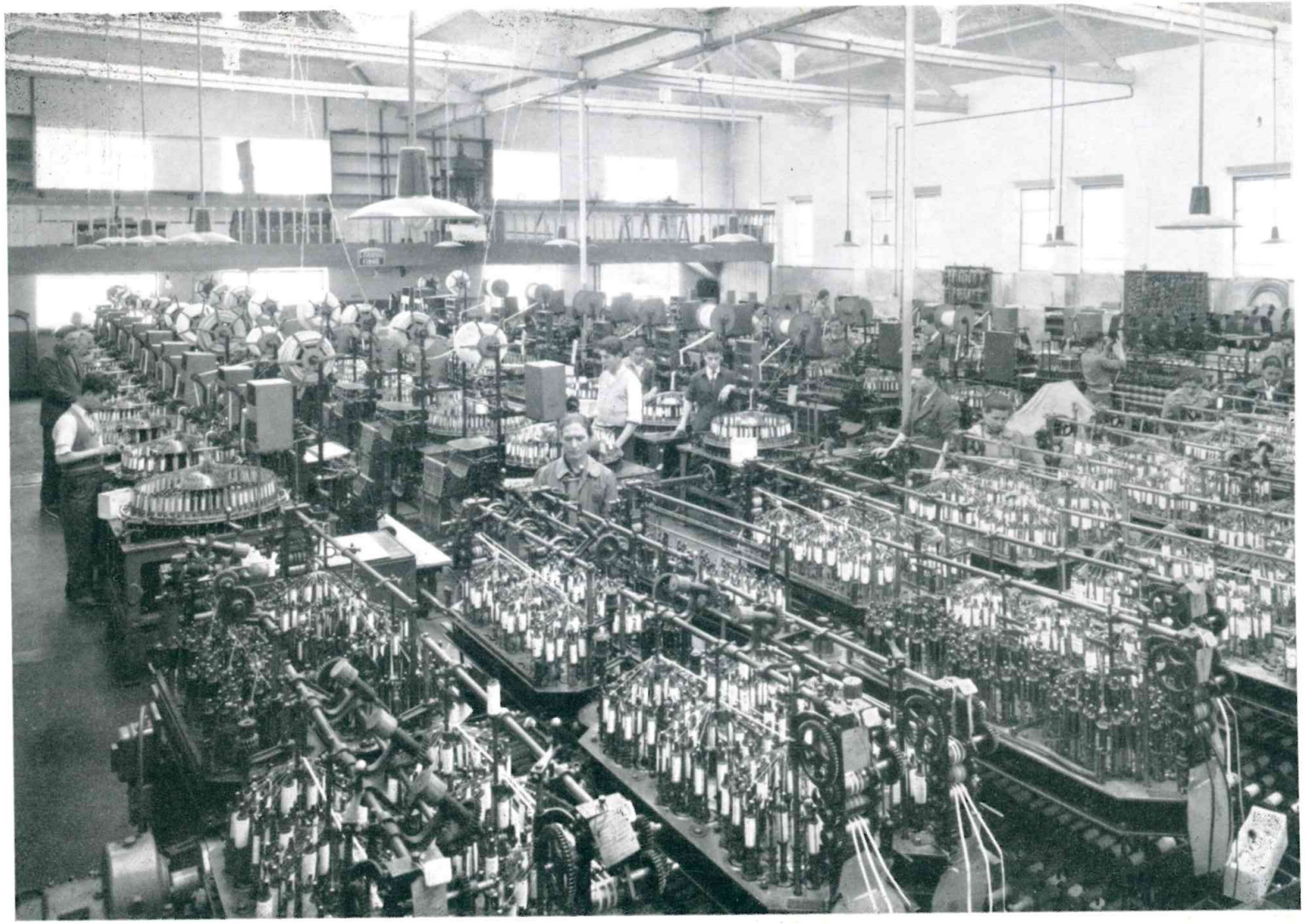
João Duarte vivia no Porto à rua José Falcão, e essa comissão bateu-lhe à porta em demanda dum donativo. Ainda que no princípio da sua vida industrial, ele prontamente lhes disse: «Não prossigam com a subscrição. Eu tenho imenso gosto em oferecer o estandarte para os bombeiros da minha terra».

O estandarte, já velhinho, encontra-se encaixilhado no salão nobre da Corporação.

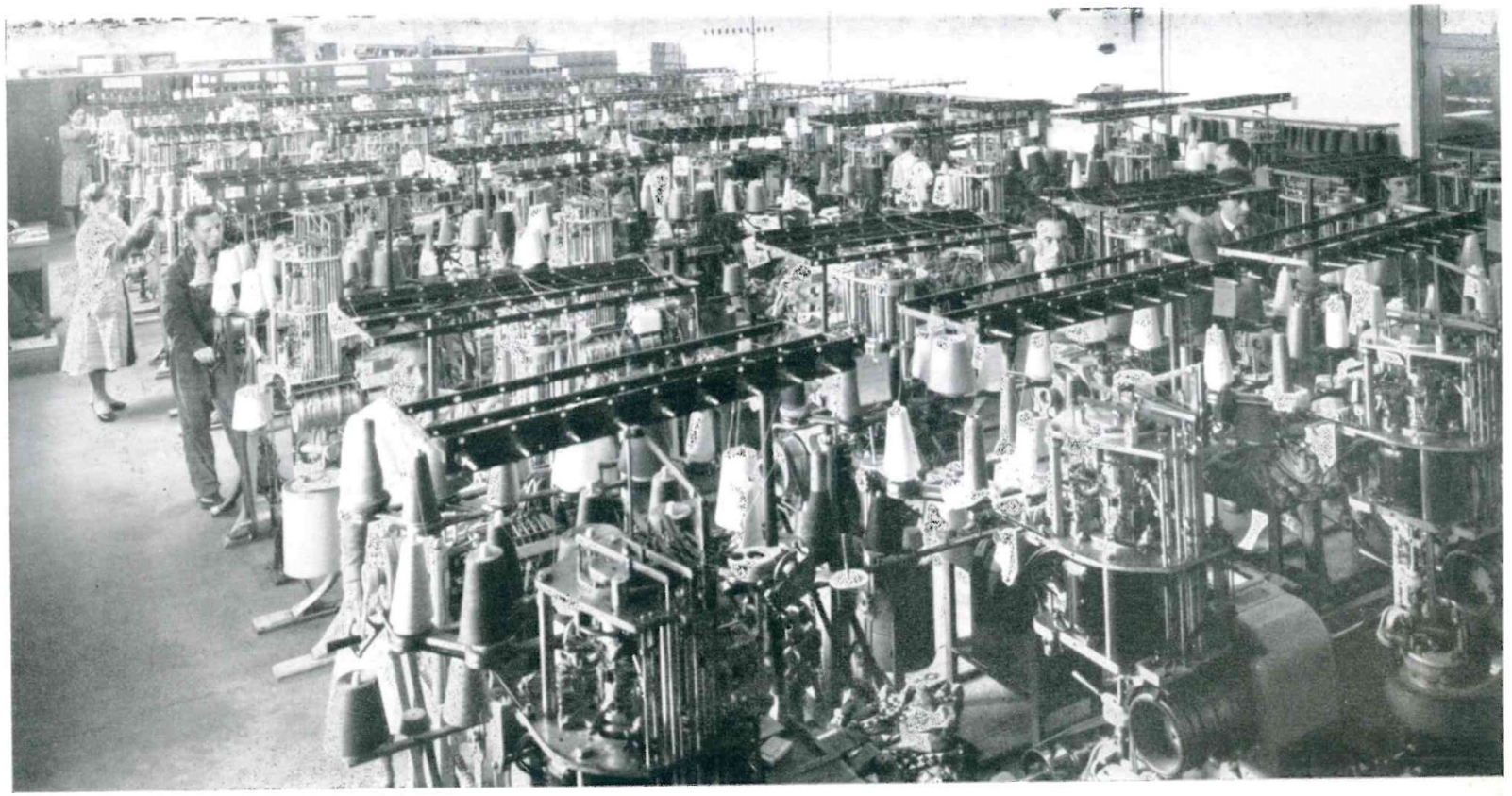
Este belo gesto do jovem industrial já revelou a generosa bondade do seu coração, que mais tarde e sempre viria a ser fonte de benemerências sem conta.

Ainda hoje refere sua Ex.ma Esposa que nunca alguém bateu à sua porta em vão.

Fábrica Barcelense (1921)



Fábrica Barcelense — Secção de Rendas



Fábrica Barcelense — Secção de Peúgas

Fábrica Barcelense — Um aspecto da Creche-Lactário (1934)

Após o falecimento de Miguel Teixeira, João Duarte desistiu dessa sociedade, para se dedicar exclusivamente aos trabalhos e progressos da sua fábrica.

Sempre em crescente desenvolvimento, pensou em adquirir um grande pinhal à estrada da Circunvalação, para ali construir, com mais amplitude, uma terceira unidade fabril.

Pelo amor que ele sempre dedicou à sua terra, e a pedido de sua Esposa que pretendia estar junto dos seus, e queria que a sua terra progredisse e beneficiasse dos trabalhos industriais de seu marido; e ainda porque lho pediram alguns amigos barcelenses, entre os quais Augusto Soucasaux que sempre foi muito amigo de João Duarte, resolveu ele construí-la em Barcelos.

Como não havia edifício próprio, de princípio os trabalhos fabris funcionaram provisòriamente nos baixos da casa da família Vieira, ao Campo de S. José.

Entretanto, em 1921, construía-se a Fábrica Barcelense, de passamanarias, em terreno citadino, para o efeito prèviamente adquirido.

João Duarte, para a fundação da Fábrica Barcelense associou, com quotas mínimas, diversos amigos de Barcelos e do Porto.

Nos fins da primeira Grande Guerra, como sempre acontece, surgiram dificuldades de importação e exportação. Faltavam os meios de transporte, especialmente por via marítima, com o consequente empate de matérias-primas que não vinham, de produtos manufacturados que não saíam, e de capital que se não movimentava.

João Duarte, que exportava os artigos da sua indústria para a África e Brasil, viu-se em dificuldades financeiras, e decidiu contrair um empréstimo.

Para isso abordou um amigo lavrador de Cossourado, fazendo-se acompanhar do seu sócio Augusto Soucasaux.

O lavrador respondeu: «Se é para a sua vida particular empresto-lhe quanto queira dentro das minhas possibilidades. Para isso de indústrias não conte comigo. Sei lá eu o que isso é! Vou agora favorecer com o meu dinheiro os seus sócios que não conheço! Isso não...»

Era a mentalidade sempre desconfiada do nosso povo naqueles recuados tempos. João Duarte aceitou o empréstimo a título particular, e a empresa seguiu a sua vida normal de trabalho.

Quando, no correr da vida, Augusto Soucasaux lembrava a João Duarte o episódio do amigo lavrador, riam com satisfação.

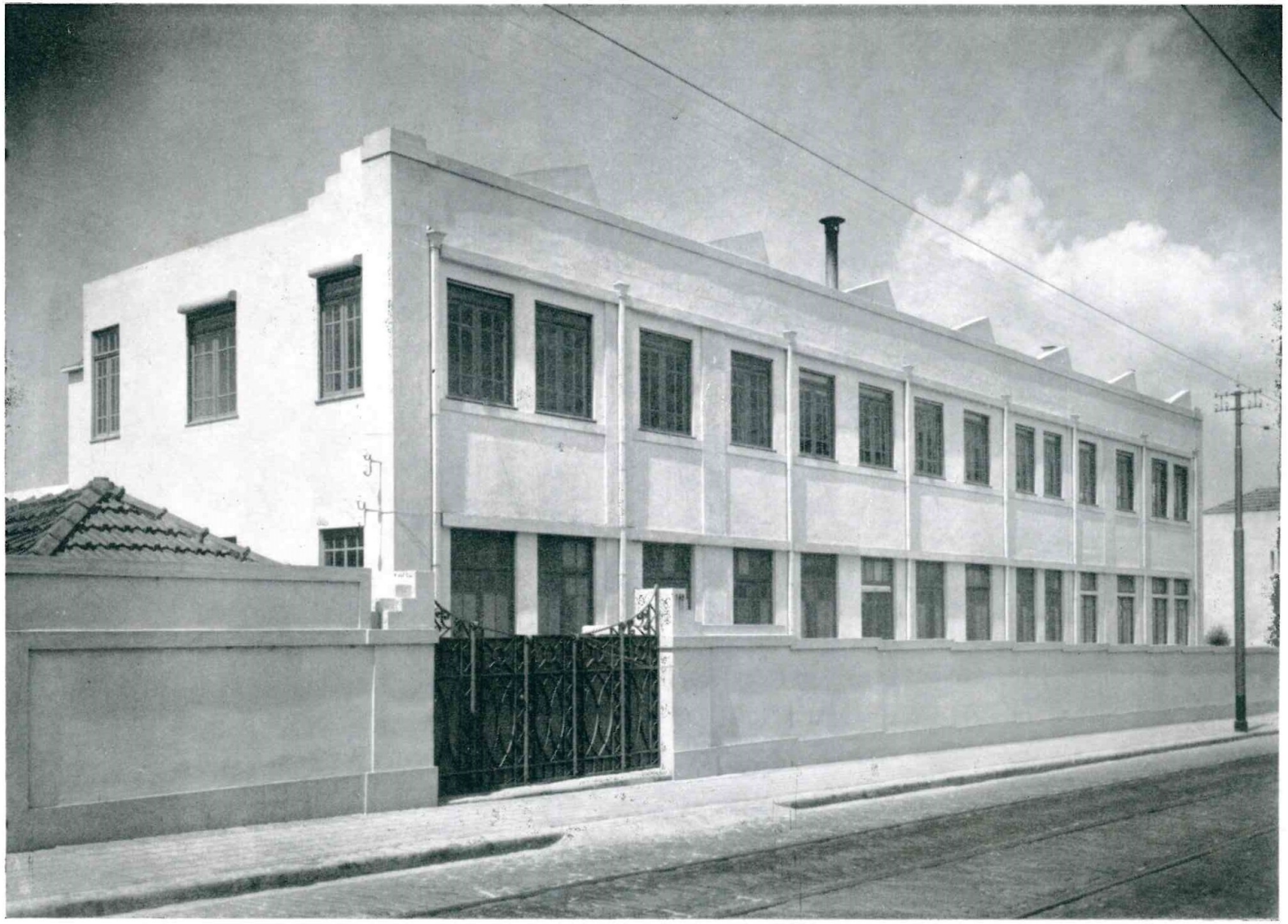
As dificuldades provenientes da guerra, a instabilidade governativa e as deficiências financeiras do País, criaram um clima de receio e descrença no êxito da indústria naquela época.

Os sócios de João Duarte também recearam ver comprometidas as suas pequenas quotas que representavam as suas economias.

Em face disso tomou para si as quotas desses sócios, e continuou com aqueles que estiveram dispostos a acompanhá-lo.

A sua grande visão fazia-lhe pressentir que estava no limiar duma nova era: a da indústria.

E, dentro desse espírito, afigurou-se-lhe necessário expandir as suas instalações industriais com a incorporação de novos mecanismos e novos artigos.



Fábrica de Malhas do Ameal, S.A.R.L. (1933)

Administradores e empregados do Banco de Barcelos (1933)

Ora, para isso era preciso dinheiro, para importar as máquinas, pois o País não tinha crédito lá fora. João Duarte solicitou um empréstimo a uma casa bancária local, e este foi-lhe negado, porque só mediante garantia real poderia ser concedido.

Naquele tempo as garantias reais não eram fáceis de conseguir, mas João Duarte tinha de atingir o seu objectivo. Por isso não hesitou hipotecar à referida casa bancária a sua fábrica.

Com o dinheiro desse empréstimo deu novo impulso à sua indústria, introduzindo nela então o fabrico de rendas e peúgas.

Foi mais uma das suas iniciativas coroadas de êxito, o qual lhe permitiria, ao fim de poucos anos, liquidar o empréstimo e consolidar o crédito, bem como a sua reputação de industrial de larga visão.

Assim se foi cimentando e reconhecendo no conceito público a capacidade de trabalho de João Duarte, a que se aliava uma indefectível honestidade. Viu-se então a casa bancária, que antes lhe exigira uma garantia real para a concessão dum empréstimo, convidá-lo a entrar para a Direcção da mesma.

João Duarte aceitou, dando muito do seu esforço e do seu criterioso conselho para o seu progresso e boa administração.

Depois, através dos tempos, foi sempre um cliente considerado das instituições bancárias do País que, à assinatura de João Duarte não punham limites, confiantes, não só nos seus bens laboriosamente adquiridos, mas, antes de mais, no seu crédito valioso, na palavra do homem sempre cumpridor.

Há uns 25 anos, estando em Barcelona, de visita aos seus fornecedores, um grande industrial do país vizinho pôs à sua disposição oito mil contos, que ao tempo era muito dinheiro,

para montar em Portugal uma grande fiação de sociedade com ele.

João Duarte recusou honestamente esta proposta, alegando não poder dispersar mais a sua actividade. Por aqui se pode ajuizar do crédito de que ele usufruía também além-fronteiras. Teve idênticas propostas de industriais doutros países.

Nas instituições de seguros era também João Duarte muito estimado. Alto funcionário duma Companhia nortenha conversava há pouco sobre João Duarte, exprimindo-se em palavras repassadas de muita estima e admiração, o que muito bem impressionou os circunstantes.

João Duarte, como se anotou, fundara a Fábrica Barcelense.

Mas a sua actividade industrial foi muito mais além, construindo e criando outras unidades fabris que trabalhariam simultâneamente e com a indispensável interligação.

Em 1923 fundou a Fábrica de Fiação e Tecidos de Barcelos, em edifício que construiu no seguimento da Fábrica Barcelense, e da qual, passados uns anos, se desligou.

Em 1929 fundou a Fábrica de S. Brás, à rua do mesmo nome da cidade do Porto, dedicada ao fabrico de peúgas e meias, associando na empresa dois grandes amigos seus e antigos sócios da Fábrica Barcelense, deixando ele, anos volvidos, de pertencer à sociedade.

Em 1933 fundou a Fábrica do Amial na cidade do Porto, à rua do mesmo nome, para fabricação de meias e malhas interiores, que ainda hoje é propriedade da Família, à frente da qual se encontra o seu filho que, com a dedicada colaboração dum sócio administrador, a dirige com grande proficiência e entusiasmo.

Por essa altura era notável a acção de António Fogaça, sobrinho do poeta barcelense do mesmo nome, sócio de João Duarte e chefe do escritório da Fábrica Barcelense no Porto, que impulsionou amplamente a parte comercial.

Em 1945 fundou em Barcelos a grande unidade fabril, Empresa Têxtil de Barcelos, Lda. — Tebe, para fabrico e confecção de malhas de nylon e algodão, dela se desligando depois de a empresa ter atingido grande projecção.

Em 1952, nos arredores da cidade do Porto, à rua Santos Dias, deu início a uma nova organização, que é a Fil — Fiação do Leça —, com a valiosa colaboração de seu genro, que continua a administrá-la com dedicação e competência.

É esta a oitava unidade fabril da autoria de João Duarte, de começo apenas destinada a abastecer de fio as suas restantes empresas.

É a última da série. E, no correr dos anos, desdobrando-se e ampliando-se em mais cinco grandes secções, tornou-se a maior de todas, sendo presentemente um verdadeiro empório industrial, onde se empregam 1 300 operários.

João Duarte, pelo seu saber e grande experiência industrial, impunha-se como um símbolo, sem o pretender, sendo apontado nos meios de trabalho como um exemplo a seguir, recorrendo muitos à sua competência, em busca do seu conselho orientador.

Nas assembleias das suas empresas e nas reuniões com os seus colaboradores, gostava sempre de ouvir (e com que atenção o fazia!) a opinião de cada um, que era sempre livre e franca. E, quando tinha de decidir, nem sempre o fazia pela sua opinião, mas por aquela que lhe parecia melhor servir o fim em vista. Sentia satisfação quando assim sucedia. Tal era a nobreza do seu carácter.

A Fábrica Barcelense foi a mãe de todas as outras. À frente dela, como principal accionista, encontra-se a viúva de João Duarte com a cooperação de seu genro, colaborando na sua administração, com a maior dedicação, competência e lealdade, dois afilhados seus, como sócios-administradores, carinhosamente formados por seu marido.

No andar dos tempos esta unidade acompanhou sempre o progresso, actualizando-se constantemente. Sendo ao princípio apenas fábrica de passamanarias, depois de rendas e peúgas, mais tarde dotada com a fiação de lã, e finalmente em 1960, com a fabricação de malhas e confecções.

Esta a Obra do grande trabalhador que foi João Duarte, que, apenas em meio século de actividade industrial, criou e desenvolveu oito empresas, com o consequente progresso, não só de Barcelos e do Porto, mas da Nação.

II

UMA VIDA DE BENEMERÊNCIA

II

Em todas as camadas sociais se encontram pessoas dispostas a fazer bem ao seu semelhante, com maior ou menor generosidade. Cumprindo as Obras de Misericórdia, consolam os necessitados, dando felicidade ao seu coração benfazejo, purificam-se das manchas do pó da vida, e vão conquistando a glória eterna.

João Duarte desde sempre praticou a caridade, mas num grau elevadíssimo de bem-fazer.

A sua extraordinária inclinação para fazer bem era-lhe tão natural como o respirar.

Uma destacada personalidade da nossa jurisprudência, que pratica caridade cristã dum modo notável visitando e socorrendo os pobres, dizia num dos momentos das suas benfeitorias: «Não faço nada de mais porque dar não custa; o que custa é pedir. Eu sinto tamanha felicidade em dar, que receio, na eternidade, não me espere o Senhor com outra recompensa».

Sentiria João Duarte, no seu dar extraordinário, essa mesma alta felicidade quando distribuía, em ondas beneficentes, grande parte dos seus copiosos bens, sem saber se um dia lhe poderiam fazer falta?

Esses bens, granjeou-os ele, digna e honradamente, à custa de muitos trabalhos e sacrifícios, com a ajuda de Deus que não lhe faltou com os cem por um da sua promessa.

Na sua modéstia, nem consentia que se lhe falasse nos benefícios que ia repartindo, sem fazer contas ao seu montante nem registo na sua escrita.

É fora de dúvida que João Duarte se sentia bem a fazer bem. De contrário não teria procedido tão generosamente durante a vida.

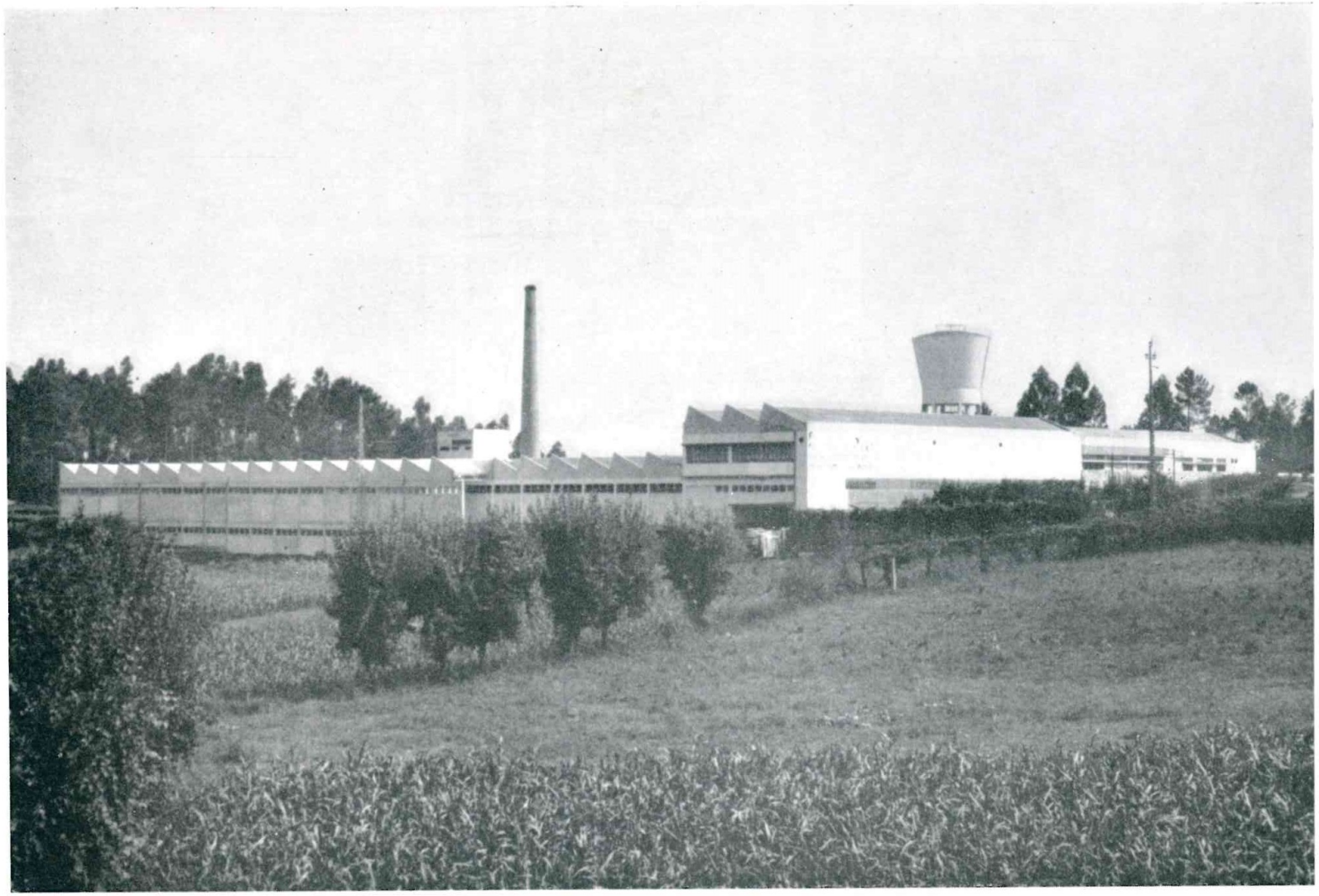
É quase normal que, até pessoas generosas na maior parte da sua existência, se vão tornando cada vez mais agarradas aos bens terrenos, na medida em que se avizinham da idade avançada.

Em João Duarte esse fenómeno doentio nem por sombras existiu. A grandeza do seu coração não lho permitia. E, quanto mais avançava em anos, mais caritativo se fazia, apesar de as dificuldades industriais serem bem diferentes das de antanho, por via de concorrências e factores vários.

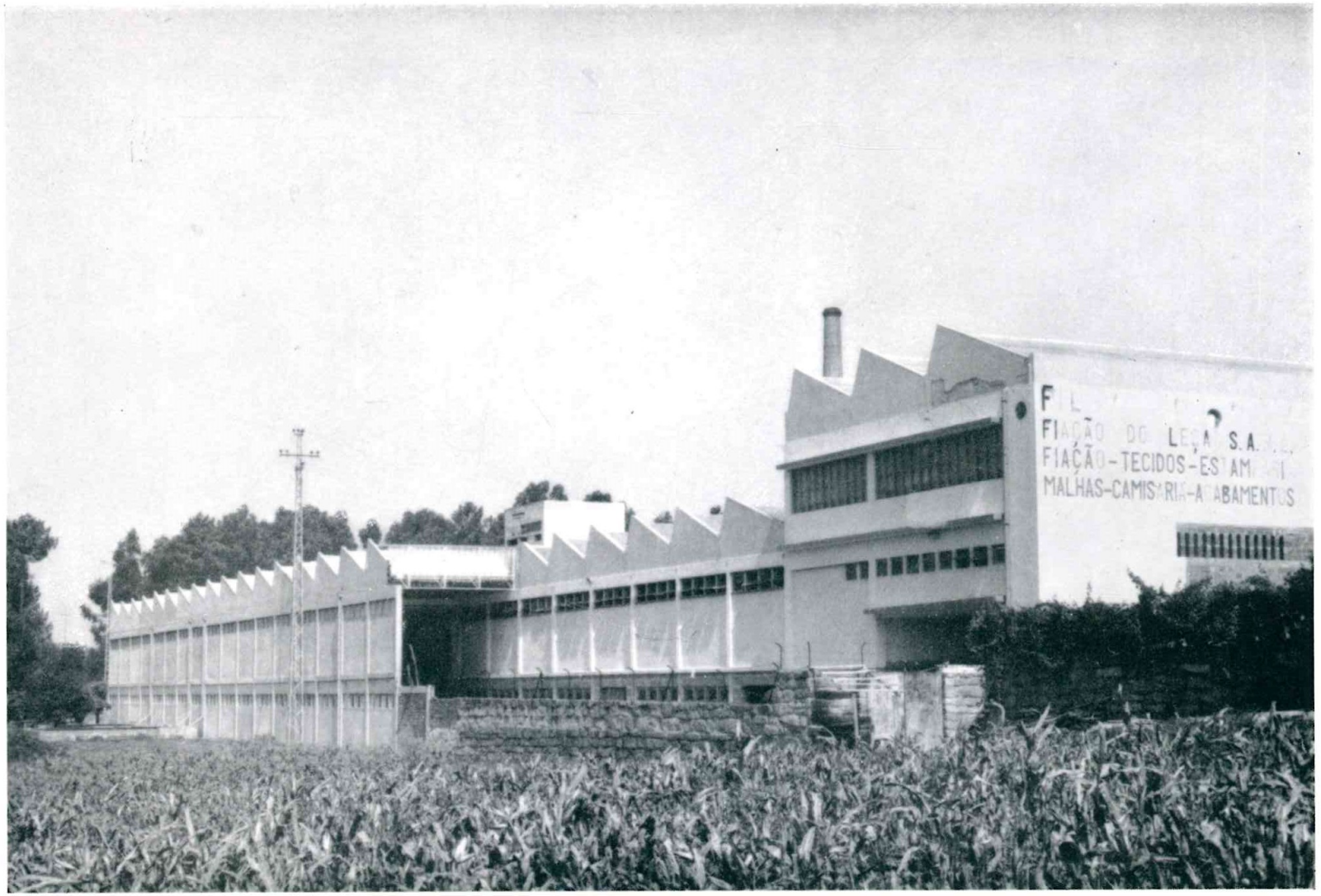
As suas obras de caridade eram adornadas de duas notas características, muito suas, a dar-lhes um brilho de Evangelho: rodeava de prudente segredo as suas benemerências, segredo esse que muitas vezes exigia dos seus beneficiados, como se tivesse sempre em mente o divino conselho de a *mão esquerda não ser sabedora...*

No Outono de 1962 foi abordado por pessoa amiga, que desejava obter, dos seus livros, elementos dos benefícios por ele concedidos...

A proposta surpreendeu-o fazendo-o corar levemente. Momentos depois respondia: «*Não lhe vale a pena. A maior parte não está escrita. A caridade não se contabiliza*».



Fil-Fiação do Leça — Vista Geral da Fábrica (1952)



Fil-Fiação do Leça — Vista parcial

Como segunda nota, muito própria da sua caridade, tinha ele sempre o delicado cuidado de não magoar aqueles a quem ajudava, procurando que não se sentissem humilhados com o seu donativo, buscando qualquer pretexto donairoso que o justificasse.

Uma outra notável qualidade de João Duarte era que nunca falava nos benefícios que lhes outorgava, ainda que muito com eles convivesse. A sensibilidade da sua alma bem formada também não lho consentia. Levava estes cuidados ao máximo da delicadeza.

Certo dia, sua esposa, cujo coração em bondade e generosidade não desmerecia do dele, mostrava-se muito preocupada com a sorte duma família de notável nível social, que se encontrava em precárias circunstâncias financeiras por determinada fatalidade da vida.

Sensibilizada, não sabia falar doutra coisa, estudando o melhor modo de ir em ajuda da desventurada família, mas receando que um eventual auxílio lhe pudesse provocar sentimentos de humilhação.

João Duarte ouvira, silenciosamente admirado, a narrativa da sua consorte e os seus projectos de auxílio, que ela por momentos punha de lado com aquele receio de magoar.

No momento oportuno, depois de tudo bem pensado, os lábios de João Duarte apenas se abriram com estas palavras confortantes, solucionando todo o problema: «*Mas afinal... não te preocupes. Há sempre uma forma de se fazer bem sem se magoar*». «*Eu cuido disso*». Estava tudo dito e tudo pràticamente feito.

João Duarte era sempre assim positivo em todos os actos da sua vida. Era o homem das soluções decididas e acertadas,

depois de bem consideradas durante o tempo necessário, que seria duns minutos, dumas horas ou duns dias, conforme a transcendência dos assuntos.

Porque era assim concreto e grande no agir, era por vezes de escassas falas. Aquela boca nunca se abria para dizer banalidades, e ainda menos coisas prejudiciais ou ofensivas, nem mesmo contra seus inimigos.

Para todos havia sempre uma palavra de compreensão, de justo juízo, até de excessiva tolerância quando possível.

João Duarte exercia a caridade em grau heróico, não só distribuindo benefícios por suas generosas mãos, mas também com a delicadeza das suas palavras. Era tão delicado nas suas apreciações, até em face duma ofensa, que estranharia admirado e triste, mas a que não retorquia com igual arma, nem perdia a sua proverbial serenidade.

A ingratidão e a injustiça eram as farpas que mais faziam sangrar o seu coração, se não as únicas que conseguiam atingi-lo ou feri-lo.

E muitas ingratidões recebeu. Porquê? Porque só quem faz o bem pode receber ingratidões. Porque tantas benemerências espalhou, e tanto bem a tantos fez na vida! Porque beneficiados haveria que não seriam dignos de tal benfeitor.

Aliás ele já o dizia alguma vez: «*Eu bem sei que o dia do benefício é a véspera da ingratidão*».

Apesar dessa ciência de experiência feita, João Duarte continuava a fazer todo o bem possível a quem dele carecia.

A sua grandeza de alma e a compreensão das humanas fraquezas eram tais, que, ao receber a notícia de que um seu empregado, de confiança, cometera grave falta que implicava gravíssimo prejuízo para uma das suas empresas, apenas teve

Fábrica de Malhas do Ameal — Salão de Máquinas

Fábrica de Malhas do Ameal — Secção de acabamentos

este comentário que muito bem o define: «*Tenho pena dele! Tenho pena dele!*»

E, embora com justiça pudesse puni-lo severamente, com a mesma grandeza de carácter procurou ocultar do público esse facto, para que a sua vida não ficasse inutilizada afectando também a sua família.

Assim, limitou-se a despedi-lo.

Este gesto, ainda que magnânimo, dado o aspecto confidencial com que foi tratado, não seria devidamente compreendido por certo público, servindo até de crítica em vez de louvor. Não obstante, João Duarte manteve sempre a sua atitude superior.

Por ocasião do terrorismo angolano de 1961, chegou ao conhecimento de João Duarte que um grande comerciante do norte do País estava apreensivo, por se ter paralisado todo o movimento comercial com Angola, imobilizando-lhe os créditos que lá tinha, e eram avultados.

Ainda que eram então frias as relações entre eles existentes devido a intervenção de terceiros, João Duarte apressou-se a pôr à sua disposição, espontâneamente, elevada quantia, e oferecendo-lhe todas as facilidades de crédito.

Este nobre gesto confundiu o referido comerciante, que, muito sensibilizado, assim se exprimia: «*Tudo o que tenho e sou, o devo a João Duarte, por quem sempre nutri a maior veneração e amizade*». Este episódio veio a lume porque este comerciante, profundamente agradecido, o revelou recentemente.

Porque muito bem fez na vida; porque muitos benefícios derramou por toda a parte como terapêutica dos males sociais,

era chamado o PAI DOS POBRES, como se ouvia pelas ruas especialmente após o seu falecimento.

Há pouco tempo ainda, uma pessoa doente, que estava na emergência de ser operada segunda vez no espaço dum ano, dizia chorando amargamente: «E para maior infelicidade, agora não tenho aquele santinho do senhor João Duarte, aquele pai dos pobres, que foi quem me valeu nas despesas da operação anterior».

A distinta senhora que ouvia estes lamentos amassados em lágrimas abundantes, retorquiu no mesmo tom procurando consolar a doente: «Não se aflija que, se não tem o santinho do senhor João Duarte, tem a sua senhora, e outras ajudas lhe enviará a Providência».

Na realidade ele era o pai dos pobres, e muitos outros há que, se hoje têm fortuna ou disso vão a caminho, a João Duarte o devem, quer o reconheçam ou não. A verdade objectiva dos factos reais não deixa de ser o que é, mesmo quando indevidamente se pretenda alterar.

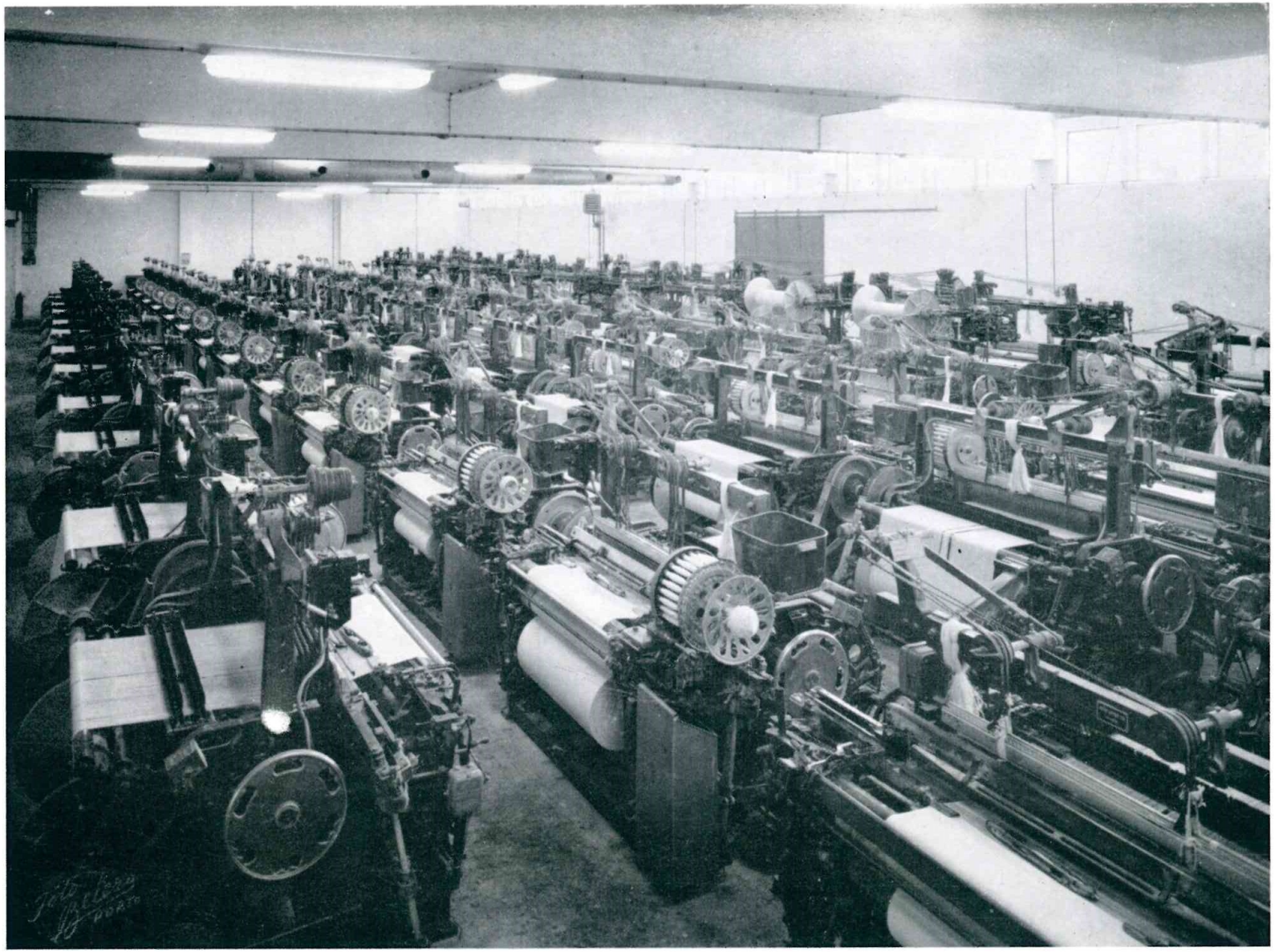
Para melhor podermos apreciar João Duarte, vejámo-lo nas duas facetas mais belas da sua vida altruísta: NA SUA CARIDADE SOCIAL E NA SUA CARIDADE CRISTÃ.

Apreciaremos alguns dos inúmeros factos, que são apenas fugidios exemplos duma caridosa vida, esclarecedores dos variados matizes da sua bondade multiforme.

A SUA CARIDADE SOCIAL: *A caridade bem ordenada começa por si próprio,* como em sentença inspirada se exprime o povo.

João Duarte cuidava esmeradamente das coisas da sua casa e da sua querida família.

Fil-Fiação do Leça — Vista parcial do Salão de Fiação



Fil-Fiação do Leça — Uma parte do salão de tecelagem

Mas foi sempre desprendido da sua pessoa, nada exigindo para si, dispensando de boa mente os cuidados alheios para consigo. Sentia-se porém feliz com o bem-estar do seu lar e dos amigos mais íntimos com quem gostava de conviver.

Cuidou sempre, com especial e devotado carinho, de todos os seus parentes e dos parentes de sua esposa, que de facto muito lhe devem.

O seu pessoal, os operários e operárias das suas empresas, ocupavam o segundo lugar na predilecção do seu coração de Chefe, sempre paternal, consciente dos seus deveres sociais, que a consciência lhe ditava já muito antes das leis da Previdência do Estado Novo.

Procurava cumprir sempre os generosos ditames da sua consciência, tendo em vista o bem do mesmo pessoal, a impulsos duma verdadeira justiça distributiva que sentia no coração.

Por ela orientava as relações económicas e sociais com os seus operários. Assim se criava um ambiente agradável de mútuo interesse e compreensão entre operários e patrões, numa empresa modelar de bem estruturada organização social.

João Duarte cuidava da boa formação intelectual, técnica e moral dos seus empregados e operários, que queria à altura da sua profissão. Além dos cursos de contabilidade com que preparava o pessoal do seu escritório, mandava formar operários em cursos técnicos, e criou cursos de afinadores na própria empresa. Muitos desses operários encontram-se dispersos, em actividades, noutras empresas de Barcelos e do País.

Com seus conselhos e repreensões procurava formar homens de trabalho e conscienciosos. Alguém dizia: «*Quando João*

Duarte repreende é uma lição que dá». De facto, se alguma vez repreendia ou admoestava, fazia-o com dignidade, sem elevar a voz, no seu gabinete e nunca diante de outro pessoal, sempre para educar e formar, nunca para humilhar. Quando repreendia era bom sinal. Demonstrava interessar-se pelo empregado, e pretendia fazer dele alguém na vida.

Tinha cuidado especial em escolher valores para as suas empresas, procurando depois formá-los o melhor possível.

Quando foi decretada a Campanha da Educação de Adultos pelo então Subsecretário da Educação Nacional Doutor Veiga de Macedo, as empresas de João Duarte foram das primeiras a contratar professores para ministrar o ensino primário aos operários que dele precisassem.

João Duarte, para servir bem a Nação, não fugia a sacrifícios, e principalmente quando era para bem da classe trabalhadora.

Também a formação moral e religiosa dos seus operários sempre preocupou João Duarte, merecendo a sua melhor atenção. Via com simpatia que o seu pessoal espontâneamente recitava o terço do rosário durante o trabalho.

Em 1937 resolveu consagrar a Fábrica Barcelense a Cristo-Rei, fazendo a entronização da sua imagem em todas as secções. Todo o pessoal acarinhou de tal modo a iniciativa, que tomou ao seu cuidado a sua permanente veneração.

Foi com grande solenidade que se realizou esse acto festivo, com a presença do Senhor Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior, de saudosa memória, havendo uma procissão desde a vizinha igreja de Santo António até à Fábrica, após a bênção das imagens.

Foi essa festa precedida dum tríduo de pregações na mesma Fábrica. Terminou com uma grandiosa peregrinação de todo o pessoal ao santuário da Senhora de Fátima, que decorreu na melhor harmonia e camaradagem, (sendo a missa cantada pelo mesmo pessoal), e cuja recordação ainda hoje é agradável para os que nela tomaram parte.

Nas suas empresas, João Duarte não tolerava actos menos dignos, nem nelas consentia pessoas moralmente incorrectas.

As coisas materiais e a vida dos operários eram também objecto de cuidados especiais de João Duarte, podendo bem ser considerado como modelo de patrões. Procurava sempre melhorar-lhes a situação e velar por sua vida, indo ao encontro das suas necessidades.

Quando foi promulgada a lei do salário mínimo, já a Fábrica Barcelense havia ultrapassado muito antes essa lei.

Vejamos, com as suas datas cronológicas, alguns dos benefícios sociais que ele concedia aos seus operários:

Em 1925 fundou uma cantina que fornecia ao meio-dia uma refeição abundante a todo o pessoal, que assim evitava os graves incómodos com o seu almoço, o que nem sempre seria suficientemente farto. Anos volvidos, terminou este benefício que foi substituído por outros.

Começou depois, a empresa, a fornecer o pequeno almoço e a merenda a todo o pessoal, com dois pães por pessoa a cada refeição, continuando-se hoje a conceder graciosamente a refeição da manhã.

É que João Duarte partia do princípio de que todas as pessoas precisam de boa alimentação para poderem manter-se

em boas condições de saúde, o que redunda em maior rendimento de trabalho e bem-estar para o trabalhador.

O seu cuidado chegou a providenciar para que o pessoal, que no inverno aparecia na fábrica frio e molhado, logo ali encontrasse uma refeição quente.

Ainda dentro desta base, iam muito mais longe os seus desvelos: pagava diàriamente as refeições do meio-dia a operários e operárias mais débeis.

Preferia esta modalidade a dar-lhes mais dinheiro para casa. Porque este iria engrossar o orçamento domiciliar, mas podia não ser aplicado na alimentação do empregado que era quem, na realidade, necessitava do seu amparo especial.

João Duarte visitava o pessoal nos seus domicílios, verificando as suas necessidades e o seu modo de viver, a fim de providenciar com solicitude paternal.

Em 1934 inaugurou-se um lactário-creche com 80 crianças, um dos primeiros fundados no País, onde os filhos das operárias vêm sendo tratados dedicadamente, desde os primeiros meses de vida, por conta da empresa, incluindo o próprio vestuário dos bebés.

Essas crianças, depois de atingirem os cinco anos de idade, passavam para a creche, que funciona no Recolhimento do Menino Deus com o nome de Creche D. António Barroso, nome que a família Duarte lhe deu em homenagem a este santo bispo barcelense.

Muitas delas, quando adultas, passam a trabalhar no mesmo estabelecimento fabril, onde vivem como em família.

Em 1935 organizou-se a colónia balnear infantil, na praia da Apúlia, para que os filhos do pessoal, por turnos, se tonifi-

Fábrica Barcelense — Procissão na Festa de Entronização de Cristo-Rei (1937)

Fábrica Barcelense — Porto de honra oferecido no dia da Entronização

cassem com os ares marinhos, sendo orientada, com primor, pelas religiosas Missionárias de Maria, a expensas da exclusiva generosidade de João Duarte.

Em 1945 entrou em funcionamento um refeitório, para o pessoal poder còmodamente tomar as suas refeições.

Quando veio a lei duma semana de férias para os trabalhadores, já muito antes a Fábrica Barcelense concedia a todo o pessoal 15 dias de férias remuneradas.

Outorgava ainda subsídios aos operários mais necessitados para levarem as suas famílias a praias, facilitando-lhes os meios de transporte da empresa, para deslocações, etc., etc.

Verificando que havia operárias que se deslocavam de grandes distâncias, pôs João Duarte à sua disposição uma carrinha, ou pequena camioneta, que as transportasse de casa para a Fábrica e no regresso a casa, poupando-lhes assim as energias.

Ainda hoje as operárias, quando decidem contrair matrimónio, recebem um subsídio por cada ano de trabalho na empresa, de há muito estipulado por João Duarte, como dote por vezes muito notável, que as valoriza e ajuda na fundação do seu lar. A muitas ainda pagava as despesas de casamento.

Na doença dava ao seu pessoal os salários na íntegra, o que ainda se faz actualmente.

Apenas um caso entre muitos:

Determinado empregado de escritório estava frequentemente doente em casa, duma vez durante dois anos, doutra por mais dum ano, etc., recebendo sempre o ordenado por inteiro.

O seu chefe auxiliou-o e velou pela sua saúde até que foi recuperada.

A todos prestava assistência médica e medicamentosa, havendo dois médicos privativos da fábrica antes dos serviços sociais da Previdência, e mantendo ainda um, depois desta, fornecendo os medicamentos necessários, etc.

Pagava as viagens dos doentes aos especialistas, fazendo-se muitas vezes essas deslocações no seu carro particular em que viajava a sua família.

Ainda pagava as respectivas consultas e exames radiológicos, e tudo o que fosse necessário, cuidando também de que fossem operados pelos melhores cirurgiões, quando essas intervenções se impunham.

Esta assistência na doença, antes da Previdência social, era de tal forma importante que, em determinado ano, Augusto Soucasaux verificou ser a despesa neste sector mais elevada na fábrica de João Duarte do que no próprio hospital da cidade. Este facto foi publicado no jornal *O Barcelense*.

João Duarte estendia a sua caridade a outros muitos doentes que não eram seus operários, concedendo-lhes auxílios semelhantes nas suas enfermidades.

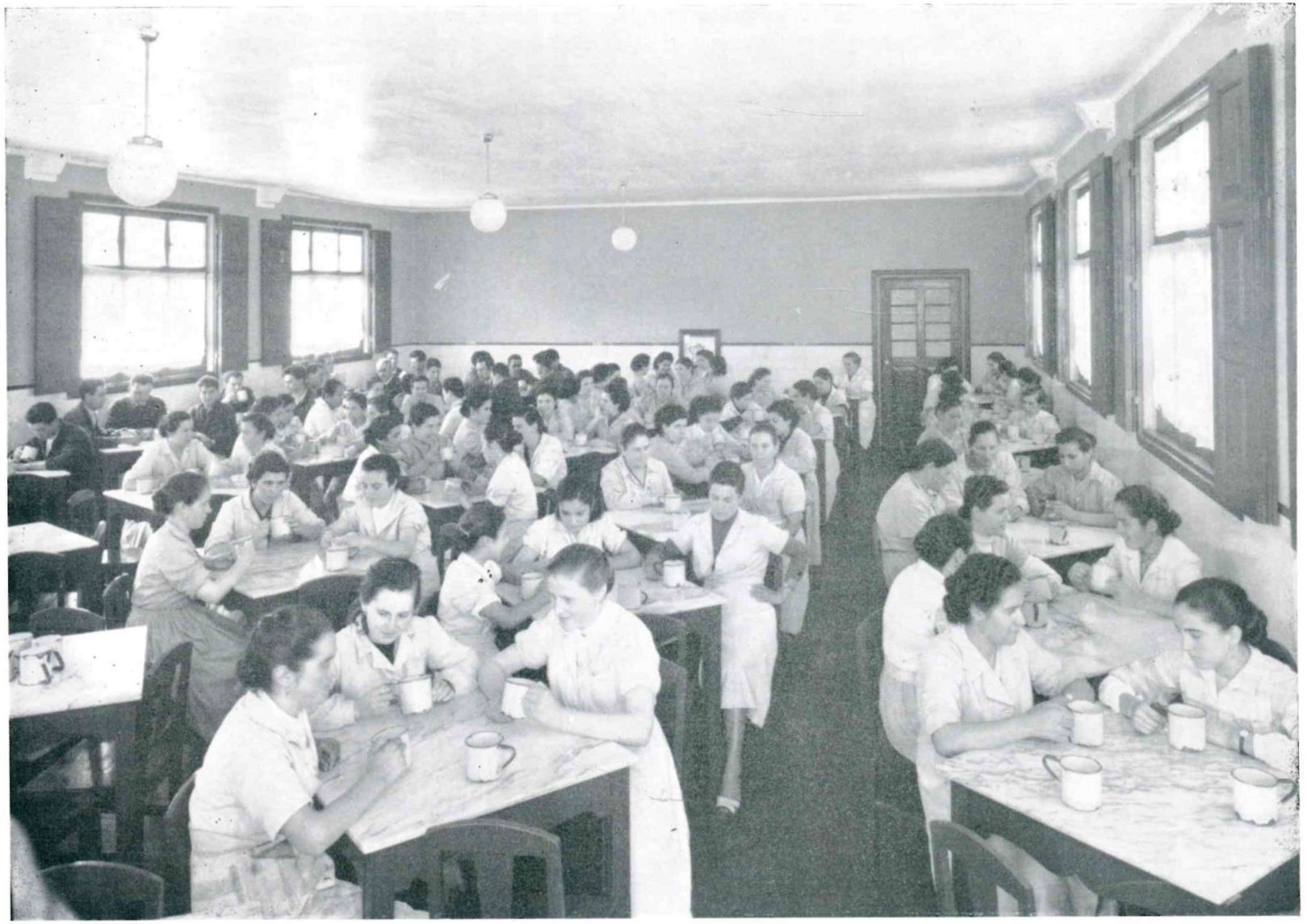
Outras regalias proporcionava ao seu pessoal com a mesma finalidade, como por exemplo:

Estabelecia pensões de reforma aos empregados quando por invalidez deixavam o trabalho.

Depois que surgiu a Previdência oficial com todos os seus benefícios, ainda completava a reforma legal com uma pensão que permitisse o inválido viver dignamente.

No fim de cada ano gratificava todo o pessoal, conforme as suas categorias, esforço e valor, tendo ainda em mente as suas necessidades num ou noutro caso. Todos estes benefícios continuam a manter-se.

Fábrica Barcelense — Peregrinação a Fátima, de Patrões e Operários (Fotografia tirada na igreja do Sítio-Nazaré) (1937)



Fábrica Barcelense — Refeitório (1945)

Duma vez, gratificando um empregado, enviou-lhe junto um cartão que terminava com estas palavras: «Com muita estima e consideração — João Duarte».

O empregado, comovido, escreveu em resposta: «Muito agradeço a gratificação que V. Ex.ª se dignou conceder-me. Mas, mais do que esta, calaram no meu coração aquelas duas palavras: «Com muita estima e consideração».

O problema da habitação dos seus operários também muito preocupou sempre João Duarte. Desde a primeira hora ele procurava ajudá-los a habitarem uma casa saudável e higiénica.

Auxiliava-os na construção das suas vivendas, emprestando-lhes dinheiro, que muitas vezes depois lhes era ofertado porque não mais lho descontava no salário, oferecendo-lhes também materiais, e até por vezes a mão-de-obra, abrindo-lhes crédito, desipotecando-lhes os prédios, ajudando a repará-los, saldando-lhes as dívidas, e assim por diante numa assistência habitacional extraordinária.

Em dada ocasião um operário sentia-se fraco e doente. João Duarte quis saber quais as causas dessa situação, e foi pessoalmente visitá-lo em seu domicílio.

Verificou que o homem andava a construir, nas horas livres, por suas mãos, uma casa para melhor albergue da sua família.

Porque trabalhava excessivamente, e parte dos ganhos era destinada a comprar materiais de construção, e não à necessária alimentação, é que contraiu essa enfermidade que o ia vitimando.

João Duarte mandou refazer toda a casa à sua custa, cuidou da saúde do doente dum modo eficaz sem olhar a gastos, elevou-lhe o salário para melhor sustento seu e da família,

ainda que não estava ao serviço porque a doença não lho permitia, e a saúde foi recuperada. Patrões assim, sim.

Quando a Câmara Municipal, da presidência do senhor Doutor Mário Norton, construiu o Bairro Oliveira Salazar, porque ficava um pouco distante e devido ao custo dos aluguéis, ninguém queria ir habitá-lo.

Foi João Duarte quem ajudou a resolver o problema, alugando as vivendas higiénicas para o pessoal da sua fábrica, pagando-lhes as rendas, a fim de retirar os seus trabalhadores de outros lugares menos sadios.

Foram, assim, os seus operários, os primeiros habitantes desse bairro, e ainda hoje aí habitam alguns desses cujos aluguéis continuam a cargo da sua empresa.

Em 1939 começou João Duarte a concretizar os seus planos de construção de habitações para os seus operários, edificando umas casas à avenida Sidónio Pais.

Em 1941 construiu um bairro de moradias junto da estação do caminho de ferro, continuando a pagar os aluguéis de outros muitos operários, numa assídua assistência habitacional.

Seguindo na sua política de habitação, e não dispondo de terreno na cidade para mais construções, procurou adquirir uns prédios rústicos a norte da mesma cidade, e dela muito próximos, o que realizou em três transacções sucessivas e espaçadas, formando por fim um prédio único. Pensou oferecer essa quinta à Previdência Social, com a finalidade de esta entidade construir casas para os seus empregados e operários.

Por conselho do então ilustre Ministro das Corporações, Doutor Veiga de Macedo, João Duarte aguardou uma lei que estava prestes a ser promulgada, dentro da qual seria mais fácil tornar em realidade os seus planos.

João Duarte aos 50 anos

Antigos empregados de João Duarte, que foram felicitá-lo no dia em que foi condecorado pela Santa Sé

Assim sucedeu. E, em terreno por ele oferecido à Câmara Municipal, rasgou-se uma espaçosa e bela avenida, que será uma das melhores e mais saudáveis artérias da cidade nova, onde se implantou um novo grupo habitacional.

Em 1965, a 19 de Junho, foi este inaugurado solenemente pelo senhor Ministro das Corporações e Previdência Social, Professor Doutor João José Gonçalves de Proença, lançando a bênção o senhor Arcebispo Primaz, D. Francisco Maria da Silva.

Consta ele de dois grandes blocos com 24 espaçosas moradias, dotadas de todos os requisitos modernos de higiene e conforto.

Estas casas são habitadas por operários da Fábrica Barcelense que pagam uma renda simbólica, menos de metade do valor real. E para isso João Duarte aumentara-lhes o ordenado nessa mesma quantia. Como era grande a alma deste Homem!

Aí, e nesse dia festivo, foi também inaugurada a referida avenida, dando-se-lhe o nome de João Duarte, numa homenagem da Câmara Municipal da presidência do senhor Doutor Luís de Figueiredo, que desse modo lhe testemunhou a gratidão de todos os barcelenses em perpétua memória.

Essa avenida é marginada de prédios modernos pertencentes a empregados da Fábrica Barcelense.

Nesse dia memorável foi prestada a João Duarte condigna e gloriosa homenagem pública, que constou das referidas inaugurações, duma visita à Fábrica em franca exposição, terminando num esplêndido almoço de confraternização, que se efectuou nos recintos descobertos da mesma empresa, sob a presidência do senhor Ministro das Corporações e do senhor Arcebispo

Primaz, com a presença de todo o pessoal, de muitos amigos vindos de todo o País, e de numerosos barcelenses, com a presença das autoridades corporativas, distritais e concelhias.

Decorreu com muita elevação, num agradável ambiente de elegância, amizade e alegria, encontrando-se nesse convívio, à mesma mesa e com igual ementa, cerca de mil pessoas.

Foi uma belíssima jornada de apoteose e carinho altamente merecida que jamais esquecerá.

O pessoal ofereceu a João Duarte e a sua Esposa uma medalha em ouro com o emblema da Fábrica Barcelense.

A terminar, o senhor Ministro das Corporações, com suas significativas palavras, disse entre outras coisas:

«O homem sonhou... Deus quis... E a Obra fez-se...»

...«Amar o próximo significa trazê-lo para junto de nós, significa associá-lo às nossas alegrias e às nossas tristezas, significa considerá-lo como irmão.

E que é este almoço senão uma concretização viva desse sentimento, em que o responsável duma grande empresa, que o foi também duma grande Obra, chama os seus colaboradores, dos mais modestos aos mais qualificados, e a todos diz: *Vinde e comei do meu pão?*

A homenagem vai para o empresário, mas também para aqueles que com ele colaboraram, e realizaram esta Obra de que todos nos orgulhamos.

Gratidão pela obra que fez, senhor João Duarte, e pelo espírito com que a viveu.

Que o seu exemplo frutifique. E não serão necessárias leis sociais nem normas que as imponham».

A SUA CARIDADE CRISTÃ: — Já da caridade cristã de João Duarte falámos em páginas anteriores, restando-nos apenas acrescentar mais alguns factos concretos da sua vida profundamente caridosa.

Sentindo-se bem a fazer bem, ele não desperdiçava as oportunidades de auxiliar aqueles que da sua ajuda moral ou financeira necessitassem.

Quase sempre era ele próprio quem ia ao encontro das necessidades e dificuldades dos seus semelhantes, circunstância que muito mais valorizava a sua caridade cristã na prática das Obras de Misericórdia, que certamente lhe mereceram, do justo Juiz e Senhor, as palavras de boas-vindas dos eleitos: «Vinde, benditos de meu Pai... Porque tive fome... Porque tive sede...»

João Duarte ia frequentemente visitar em sua casa uma pessoa doente e necessitada, deixando-lhe sempre sob o travesseiro, muito discretamente, um envelope com um auxílio notável que não ousava pedir-lhe.

Há muitos anos, tendo conhecimento de que determinada pessoa se encontrava internada numa casa de saúde, com frequência lhe enviava auxílios monetários de importância apreciável.

E tantas vezes procedeu de igual modo através da sua vida, de benefícios cristãmente tecida.

Alguém das relações de João Duarte adoecera em terra distante.

Ele e sua senhora, logo que a notícia chegou aos seus ouvidos, enviaram-lhe carta carinhosa e alentadora, acompanhada de medicamentos, géneros alimentícios e agasalhos porque era

em tempo de frio, com promessa de breve visita que não se fez demorar.

Informou-se João Duarte do que fazia falta ao doente, estabelecendo-lhe uma mensalidade para lenitivo daquela família em dificuldades.

Verificando que alguém da casa se deslocava de carro para o seu trabalho, mas os ganhos eram insuficientes para a gasolina, tomou a seu cargo essa despesa, e abriu-lhe uma conta corrente no seu posto abastecedor.

Quantas obras de igual teor ele praticou, e outras muitas de maiores proporções, cujo número só Deus conhece!

Concedeu mensalidades numerosas de auxílio a famílias sem ganhos suficientes para viver, ou para manter as suas adquiridas posições sociais.

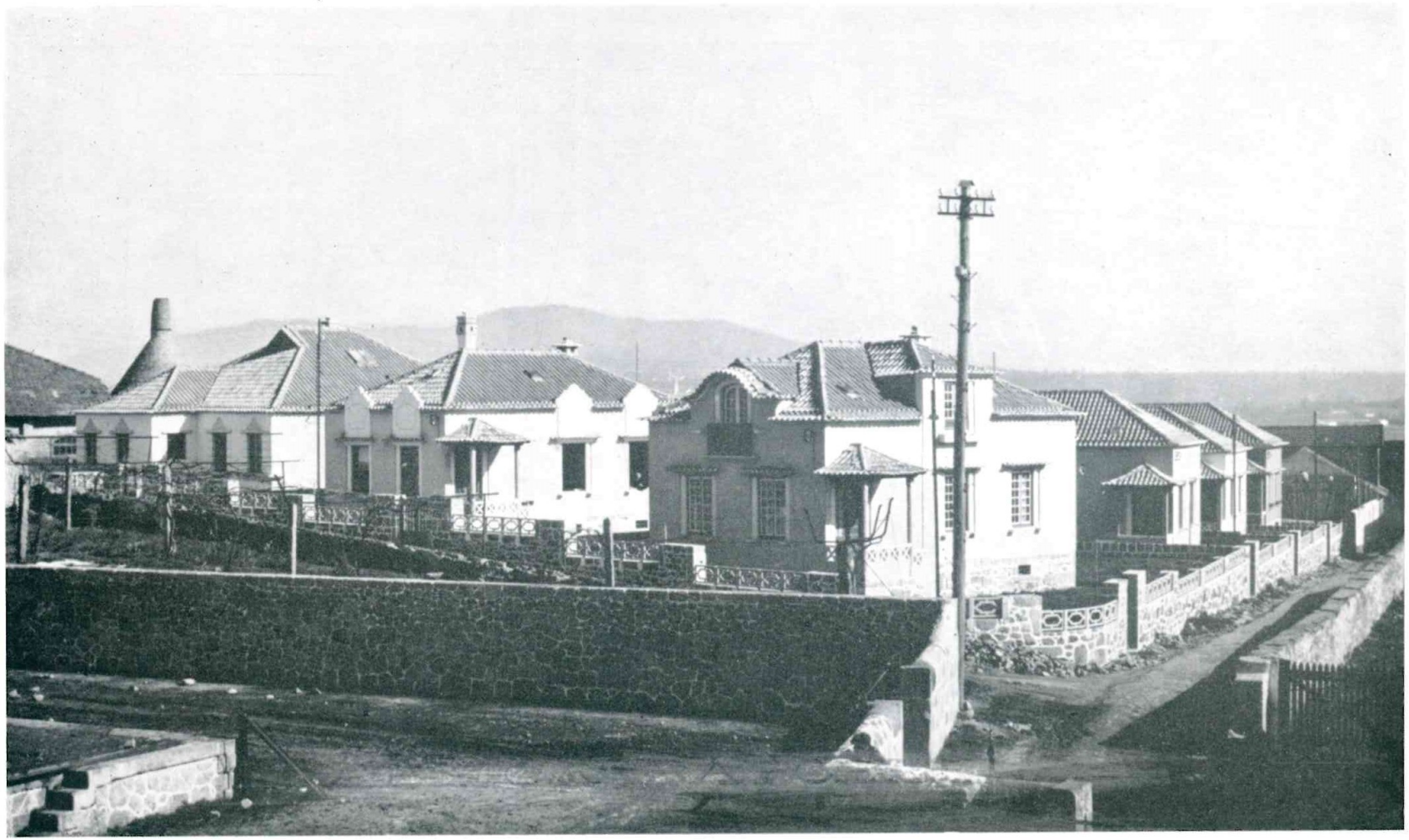
Certo dia uma senhora, da alta sociedade de Barcelos, dirigiu-se à esposa de João Duarte, chorando e dizendo que não tinha um centavo em casa.

Escusado será dizer que desde aí lhe foi estabelecida uma mensalidade, mercê da qual ela pôde continuar a manter a sua aparente posição. E outros casos assim.

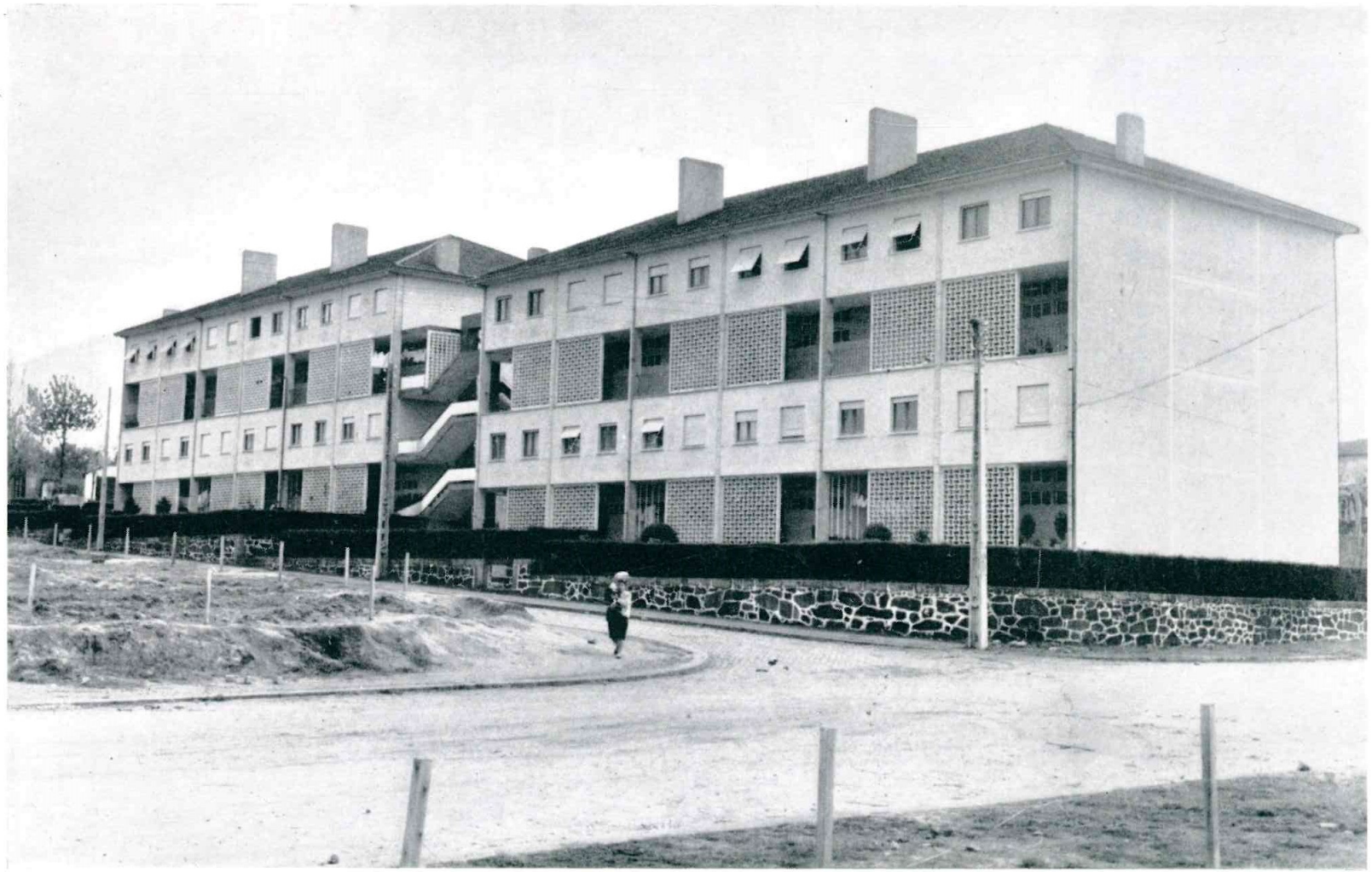
A muitas famílias pagava as rendas de casa dum modo habitual e permanente, ajudando outras no arranjo e na construção das suas vivendas, oferecendo-lhes materiais, mão-de-obra, madeiras, e até o próprio terreno por vezes.

A muitíssimas pessoas doentes oferecia medicamentos e serviços clínicos. Pagava-lhes operações e internamentos, deslocações, radiografias..., e tantas vezes sem lho solicitarem.

O seu coração ia, discreta mas cuidadosamente, ao encontro das necessidades alheias, sempre que as circunstâncias reclamavam a sua presença benfazeja.



Fábrica Barcelense — Um trecho do Bairro João Duarte, junto à Estação do caminho de ferro (1939-1941)



Fábrica Barcelense — Grupo residencial na Avenida João Duarte (1965)

Para conseguir levar a bom termo a prática da caridade não olhava a dificuldades, vencia os maiores obstáculos.

Encontrando-se, há anos, em Lisboa, e sabendo lá da precária situação económica duma família barcelense das suas relações, resolvida a tomar novos rumos que não seriam os mais acertados, deslocou-se propositadamente a Barcelos de avião, para ajudar a resolver com urgência tal situação, o que conseguiu, entre outras medidas, oferecendo uma mensalidade. Era assim João Duarte.

Certo dia uma rapariga que tinha o pai doente incurável, foi pedir-lhe emprego por não ter quem ajudasse ao sustento da família.

Vendo ele que, empregando-a, ficava o pai sem amparo, deu-lhe um auxílio mensal equivalente ao salário que ganharia, o qual manteve até à morte do pai. Só depois a admitiu ao trabalho.

A quantas infelicidades semelhantes não valeu João Duarte, muitas vezes sem ninguém o saber.

Há bastantes anos uma jovem que ganhava pouco no seu emprego, foi convidada para dama de companhia duma senhora da mais alta sociedade portuense, com um aliciante ordenado. Iria tomar o lugar da filha da dona da casa, que por ter casado se ausentara. Seria a companhia dessa senhora, e viveria na opulência social.

Despediu-se do seu modesto emprego, e seguiu para o novo destino, com as ilusões acariciadoras a nimbar-lhe o rosto de sorrisos e esperanças.

Logo de princípio verificou que a modéstia dos seus hábitos não se adaptava ao novo ambiente, o que a levou a retirar-se.

João Duarte, conhecedor deste caso, cuidou de a amparar. Abordando-a pessoalmente, ofereceu-lhe um lugar numa das suas empresas, solucionando assim uma situação difícil.

Passou-se algum tempo, e alguém, de longe, pedia a mão dessa menina, antevendo-se um auspicioso futuro.

Ela receava desgostar o seu bondoso patrão, parecendo-lhe uma ingratidão e deslealdade abandonar o lugar que muito bem desempenhava, não se atrevendo a falar-lhe na sua nova situação em projecto.

Porém nem isso foi preciso.

João Duarte, tendo conhecimento indirecto do que estava sucedendo, dirigiu-se-lhe sorridente, felicitando-a e animando-a a seguir os novos rumos de felicidade, com o que muito alegrou a delicada empregada.

Era assim na sua solicitude, na sua delicadeza espontânea e carinhosa.

Um comerciante de Barcelos, honesto e cumpridor, cuja casa comercial ainda existe, viu-se na contingência de vender a casa em que vivia para satisfazer os seus compromissos, por não encontrar outra solução.

Antes, porém, teve a feliz lembrança de aconselhar-se com João Duarte, de quem era amigo, que lhe disse para não fazer tal coisa.

Aconselhou-o a hipotecar a casa para satisfazer os seus compromissos até ao montante do seu valor. O restante ser-lhe-ia emprestado por ele, ajudando-o a refazer a vida. Assim aconteceu. Alguns anos depois tinha a sua vida refeita sem perder o seu património.

Um chefe de família ausentou-se para o estrangeiro, e não quis saber da mulher nem dos seus sete filhos.

João Duarte e sua esposa, impressionados com o quadro familiar, tomaram ao seu cuidado a alimentação da mãe e dos filhos, até à idade de estes poderem ser admitidos num colégio, onde foram educados. E, quando saíram, colocaram-nos e deram-lhes um futuro de vida.

Uma senhora, do Porto, vivera na abastança em casa de seus pais. Após o falecimento destes, por estranha fatalidade, adoeceu tão gravemente que nunca mais se pôde deslocar senão de joelhos, vivendo na miséria a confeccionar umas rendazitas, como modo de angariar qualquer coisa para o seu sustento.

Logo que João Duarte e sua senhora, por pessoa amiga, tiveram conhecimento de caso tão invulgar, ficaram chocados, e foram visitar essa infeliz doente, para se certificarem da verdade.

Foi-lhe concedida uma mensalidade, ainda que se tratava de pessoa não conhecida. Mas encontrava-se em flagrante e comovente necessidade, e era o bastante para que a sua generosidade se pusesse em acção.

Sendo sugerida a João Duarte uma redução desta mensalidade para metade, respondeu: «E que faz a pobre com isso para o seu alimento e renda de casa?»

Muitos sacerdotes poderão também dizer algo sobre a generosidade espontânea de João Duarte, que ia muitas vezes ao encontro das suas necessidades, ajudando-os a resolvê-las, quer se tratasse da construção dos seus conventos e casas residenciais, quer de obter automóveis (que por vezes inteiramente ofereceu) para melhor poderem efectuar os seus apostolados, quer de outras dificuldades que precisassem de solução eficiente.

Também os templos de Deus foram objecto da sua generosidade, entre eles alguns da cidade de Barcelos.

E se hoje Barcelos tem uma digna residência paroquial, também se deve em grande parte a João Duarte.

Ele, o senhor cónego Joaquim Gaiolas, João de Sousa e Avelino Gomes de Sousa, andaram de porta em porta pela cidade, a angariar donativos para a compra do prédio.

Não sendo suficiente a quantia que obtiveram, João Duarte ofereceu o que faltava, e constituía uma grande parte.

No auxílio a obras boas, a instituições de caridade e de bem-fazer, João Duarte era o primeiro.

Socorria muita gente mediante empréstimos monetários, e mercê do seu crédito valiosíssimo junto das instituições bancárias, que punha à disposição de muitos.

Eram outras modalidades excelentes de ser prestável e de fazer caridade, ajudando desta arte muitas pessoas a vencer na vida, as quais doutra forma nunca o teriam conseguido.

Não obstante ter sofrido algumas decepções, pois por vezes há quem não cumpra, nem por isso deixava de continuar a prestar esses auxílios, quando lhe eram solicitados, esquecendo o que já tinha perdido.

Se observarmos doutro ângulo a acção benemérita de João Duarte, veremos as inúmeras bolsas de estudo que a muita gente concedeu.

Com a sua ajuda, e a expensas suas, formaram-se muitas pessoas, mesmo nos cursos superiores, e em todas as profissões liberais.

Ainda há pouco tempo uma distinta médica barcelense, que não vive em Barcelos, falando de João Duarte, dizia comovida: *Se não fosse ele, eu não teria hoje o meu curso.*

Muitas vocações sacerdotais subsidiou, e muitos sacerdotes ajudou a chegar ao altar de Deus. Após o seu falecimento, dezenas de cartas de sacerdotes, até do estrangeiro, foram recebidas pela viúva, apresentando sentimentos e manifestando muita gratidão, afirmando que «sem o senhor João Duarte não teriam podido ascender ao sacerdócio».

Sua esposa ficava admirada, porque desconhecia quase todas essas benemerências, como desconhecia outras muitas, cujos beneficiados se lhe têm dirigido agora.

João Duarte também ajudava os seminários e diversas casas religiosas.

Contribuía zelosamente para a arquidiocese que estimava com carinho, sentindo-se na obrigação de lhe oferecer os seus préstimos, como bom filho da Igreja, e devotado amigo dos seus venerandos Prelados.

Na sua consciência fazia-se sentir a obrigação voluntária de auxiliar as instituições de beneficência de Barcelos. Mas outras de fora se acolhiam também ao seu amparo generoso.

João Duarte, no meio dos trabalhos e canseiras da trabalhosa vida que se impôs, com os seus inerentes desgostos e contratempos, também desfrutou de bem merecidos momentos de júbilo, não só na intimidade das festas familiares do seu lar, em que se sentia feliz, mas especialmente quando acarinhado e compreendido pelo público, desde as supremas autoridades da Nação e da Igreja, até ao aprendiz mais humilde das suas fábricas, até ao pobre mais necessitado da sua terra.

Recordemos alguns momentos mais expressivos que a carinhosa gratidão pública amplamente lhe proporcionou, como recompensa e estímulo.

Em 1936 o Governo Português condecorou João Duarte com a Comenda de Mérito Industrial, a significar-lhe que já então a sua Obra era muito notável, e de grande utilidade nacional.

Em 1937 a Santa Sé, no pontificado de Pio XI, agraciou João Duarte, pelas suas benemerências e virtudes, com a Comenda de S. Silvestre o Papa, sendo-lhe impostas as insígnias pelo senhor Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior, em tocante cerimónia, com a presença das autoridades e de representantes dos sindicatos de trabalhadores.

Na mesma ocasião sua Ex.ma Esposa foi agraciada por Sua Santidade com a medalha de Benemerência em ouro.

Em 1937 os seus trabalhadores, por ocasião da consagração da Fábrica a Cristo-Rei, tributaram vibrante e sentida homenagem ao seu chefe muito querido, com quem confraternizaram.

Todos os anos, pelo seu aniversário, testemunhavam-lhe a sua gratidão, oferecendo-lhe uma lembrança, que era uma manifestação de carinho colectivo, e que muito o sensibilizava.

Em 1944, a cidade de Barcelos, agradecida a João Duarte pela sua obra e seus benefícios, mercê dos quais vai na vanguarda do progresso, promoveu uma festa de homenagem ao seu ilustre filho no dia dos seus anos.

Essa manifestação de apreço e carinho teve lugar na Corporação dos Bombeiros Voluntários de Barcelos, sempre ligada a João Duarte por gestos de gratidão como a benfeitor de toda a hora, sendo então presidente da Direcção o notável advogado Dr. Manuel Baptista de Lima Torres.

O homenageado foi acompanhado, em cortejo festivo, desde a sua residência até à Corporação, onde se realizou uma sessão solene com a presença das autoridades distritais e concelhias.

No salão nobre seguiu-se um almoço, num convívio de amizade e distinção, que muito bem impressionou João Duarte, ainda que avesso a festas deste teor.

Mas Barcelos queria manifestar-lhe a sua simpatia dum modo solene, atingindo plenamente os seus nobres propósitos nesse recuado 19 de Março.

Para esta homenagem escreveu o ilustre poeta António Correia de Oliveira o soneto que se vê na página seguinte.

Finalmente, em 1965, recebeu João Duarte a maior homenagem da sua vida, noutro lugar já descrita, a qual constituiu uma autêntica apoteose de gratidão e carinho dos seus trabalhadores, dos seus amigos, de Barcelos e da Nação.

Quanto fica dito, ao longo destes capítulos, é uma pálida sombra das benemerências de João Duarte que, para serem na íntegra relatadas, não teriam lugar neste trabalho sem correrem o risco de o tornar extenso demais e talvez enfadonho.

Por outro lado, na sua maior parte, só dele eram conhecidas.

Na realidade João Duarte nasceu para fazer bem, e cabalmente cumpriu, até final, a sua providencial missão.

FAZER O BEM

(Para a festa em homenagem
ao benemérito barcelense
João Duarte)

Fazer o bem, fazer o bem... Na vida,
O Bem fazer, como êle está bem feito!
E como nos consola, enchendo o peito
De palavra cristã, a mais florida!

Só a Bondade, ardente e sem medida,
Aos Céus alonga o mundo escuro e estreito,
No simples, doce e milagroso jeito
De erguer a escada onde só há descida...

Feliz de quem, por esta noite em fora,
Traz dentro em si, numa perpétua aurora,
Candeia acesa, a iluminar alguém!

Deus, fez a Luz. Gostou. — "Como é bonita!" —
Mas, por mais bela tem a luz bendita
Que nós criamos, a fazer o bem.

Março. 1964.

António Correia d'Oliveira

III

UMA VIDA DE PRINCÍPIOS E VIRTUDES

III

João Duarte veio a este mundo dotado das melhores qualidades que podem exornar um ser humano. Evidenciou-se muito singularmente pela sua inteligência, nobreza de vontade e energia para o trabalho, elevou-se a uma alta posição da vida social e económica, e fez-se um GRANDE INDUSTRIAL.

De coração naturalmente generoso, passou a vida cuidando de todos quantos dele se abeiraram, criando um estilo de bem-fazer tão peculiar, que difìcilmente poderá ser esquecido, tornando-se um GRANDE BENEMÉRITO de muita gente portuguesa, sempre beneficiada pela sua Obra, numa permanente missão social e de riqueza.

AS QUALIDADES SOCIAIS E VIRTUDES CRISTÃS, que fulguraram ao longo da sua existência como estrelas de primeira magnitude, fizeram de João Duarte um homem excepcional.

Os homens que passam pela terra como clarão da humanidade em qualquer sector da vida, costumam estabelecer-se a si próprios determinados princípios. Neles baseiam a sua actividade, praticando também certas virtudes que resplandecem na sua vida com mais intensidade, e mais influem no seu modo de ser e de estar no mundo.

Pascal, um génio universal, que abarcou todos os conhecimentos humanos, juntando às mais variadas prerrogativas da inteligência os dotes do coração, sendo filósofo, literato, físico e matemático, dizia:

«Estudemos que é dever do nosso estado. Escutemos os sábios, mas só com um ouvido. Que o outro esteja sempre alerta para receber as suaves melodias do nosso celeste Amigo.

Não escrevamos senão com uma das mãos, para que a outra, liberta, se estenda para Deus, como a criança que se agarra ao vestido da sua mãe».

João Duarte norteava a sua vida por reflexões muito próprias, formando-se uma ética segura, urdida de virtudes e princípios a orientar as suas acções.

Antes de tudo, a sua actividade era dirigida pelos princípios do Evangelho, cujos conselhos e doutrina procurava seguir.

Ainda recordamos a bela afirmação do senhor Arcebispo Primaz, D. Francisco Maria da Silva, naquela festa de homenagem a João Duarte em 1965:

«Na sua vida, tanto teòricamente como na prática, ele praticou o Evangelho».

João Duarte nunca se prendeu aos bens materiais, e uma boa parte deles foi generosamente distribuída pelos seus colaboradores, e por quantos dele se aproximavam em dificuldades.

Para ele foi proferida a primeira bem-aventurança, que, neste particular, orientou os seus passos: *Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o reino dos céus.*

Com estas palavras queria o seu divino Autor significar que são bem-aventurados, e herdeiros do Céu, os ricos, quando evangèlicamente possuidores das suas riquezas, que vão dis-

Barcelos — Avenida João Duarte

Fábrica Barcelense — Acto inaugural do grupo residencial e da Avenida João Duarte

tribuindo, e delas vivem desprendidos, com simplicidade, usando-as como se não as tivessem, e tendo-as como se não as possuíssem, segundo o conselho do Apóstolo das gentes.

Era esta uma das normas básicas de João Duarte: Usar os bens do Senhor como se não os tivesse; tê-los como se não os possuísse; possuindo-os para, em grande parte, distribuir e fazer caridade.

Por isso, sobre o seu féretro, o orador sagrado, entre as belas palavras que proferiu, pronunciou estas outras: «*Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia.* E o Senhor João Duarte alcançou grande misericórdia diante de Deus porque soube usar de misericórdia para com os seus semelhantes; porque passou a vida repartindo benefícios, auxiliando os menos afortunados».

Também a vida comercial e industrial de João Duarte foi orientada à luz dum princípio dinâmico, que um grande comerciante seu amigo, por ele lançado no comércio com extraordinário êxito, costumava citar como aforismo: «*Negócio que não beneficia as duas partes não é bom negócio, e portanto não deve fazer-se*».

É evidente que, nesta base de seriedade, todos os negócios serão honestos.

Esta regra, austera e humana, define um carácter.

Já desde a mocidade, João Duarte baseava a sua actividade em princípios sólidos, capazes de lhe moverem a vontade no melhor sentido da vida.

Algum dia caiu dos seus lábios esta confidência, referente aos tempos da sua juventude trabalhosa e insatisfeita: «Quando, em rapaz, pensei estabelecer-me e trabalhar por conta própria,

procurei antes, com as minhas economias, alicerçar bem a vida para evitar dificuldades ou mesmo o fracasso sempre possível. Tinha em mente que *mais vale servir patrão rico do que ser patrão pobre*».

Para aqueles que deixavam as suas empresas, em busca de sonhadas fortunas que nem sempre se realizavam, tinha sempre João Duarte uma palavra compreensiva: «A vida é assim. E quem pensa o contrário engana-se. Vê-la de outro modo é erro. A experiência é a grande mestra que assim o ensina. Quem recebe mil deseja cinco mil. Mas, quando recebe esta quantia, pretende o dobro, e assim por diante, como se uma empresa industrial fosse um banco sem fundo e sem contrôle».

«O homem é o eterno insatisfeito. É assim por natureza. Uns conformam-se mais que outros». «*É assim a vida*». concluía muitas vezes.

Para com o seu pessoal, belos princípios norteavam a sua actuação de patrão exemplar. Dizia alguma vez: «O nosso principal dever é pagar o justo salário a quem trabalha. Quando, por circunstâncias de doença, etc., este não seja suficiente, devemos acidentalmente ir em auxílio do operário em dificuldade, a fim de que possa aguentar-se dignamente na vida, ainda que por vezes não seja possível elevar-lhe o salário oficial.

Devemos, além disso, distribuir pelos nossos trabalhadores, em benefícios de vária ordem que eles pessoalmente possam usufruir, uma parte dos lucros que a empresa possa ter realizado.

Os operários não são nada sem os patrões que lhes dão trabalho. Mas estes também não podem trabalhar sem eles.

Por isso que uma empresa é obra de todos. E todos, como numa família unida, a temos de realizar em ordem e paz.

É o que sempre procurámos fazer, e felizmente o temos conseguido».

Como lhe falassem de possíveis desgostos que surgem na vida de todos, mormente dos homens em evidência de responsabilidades, respondeu secamente, como se estivesse dando uma lacónica conferência de imprensa: «Os desgostos, ainda que penosos, não contam para nós. A vida é para andar e não para lastimar. Nem é para chorar aborrecimentos que não conseguem atingir-nos».

Perguntaram-lhe, nos últimos tempos, a razão de conceder 15 dias de férias a todo o pessoal, respondendo prontamente e com satisfação: «Porque parto do princípio de que os 8 dias legais não são suficientes para que o pessoal, que trabalhou todo o ano, possa descansar razoàvelmente e recuperar as suas forças. Há muito que assim procedo. E enquanto eu for vivo será assim. Depois de eu faltar façam como quiserem. Entendo que todas as empresas o deviam fazer até por lei. Mas isso já não é comigo».

«Ainda penso que os 15 dias são pouco tempo. O ideal seria conceder a todo o pessoal um mês de férias remuneradas, o que, com boa vontade, talvez venha a ser um facto».

Desejando alguém saber a razão de ofertar um subsídio notável às operárias quando casam, respondeu: «Porque é justo que nós, os patrões, ajudemos o nosso pessoal nos momentos mais solenes e difíceis da sua vida, como é o momento do casamento, em que as raparigas precisam de todos os auxílios.

E também porque penso que uma mulher, quando casa, é para cuidar da sua família e do seu lar.

A experiência tem demonstrado que uma mulher casada não pode conciliar convenientemente a sua missão, de esposa, mãe e dona de casa, com o seu trabalho na fábrica.

E, quando, por incompreensão ou necessidade de ganhos, tenta fazê-lo, não o consegue, apesar dum esforço sobre-humano, que se reflecte na sua saúde e muito prejudica a vida do lar.

Há quem pense de modo diferente, o que, para mim, é de lamentar».

A justificar o seu ponto de vista, mencionava um caso acontecido a uma operária do Porto:

Tinha ela os seus três primeiros filhos de tenra idade, e os três morreram, a curtos intervalos, com meningite tuberculosa.

O facto causou alarme pois os pais eram saudáveis, e não se via justificação para esse trágico morticínio.

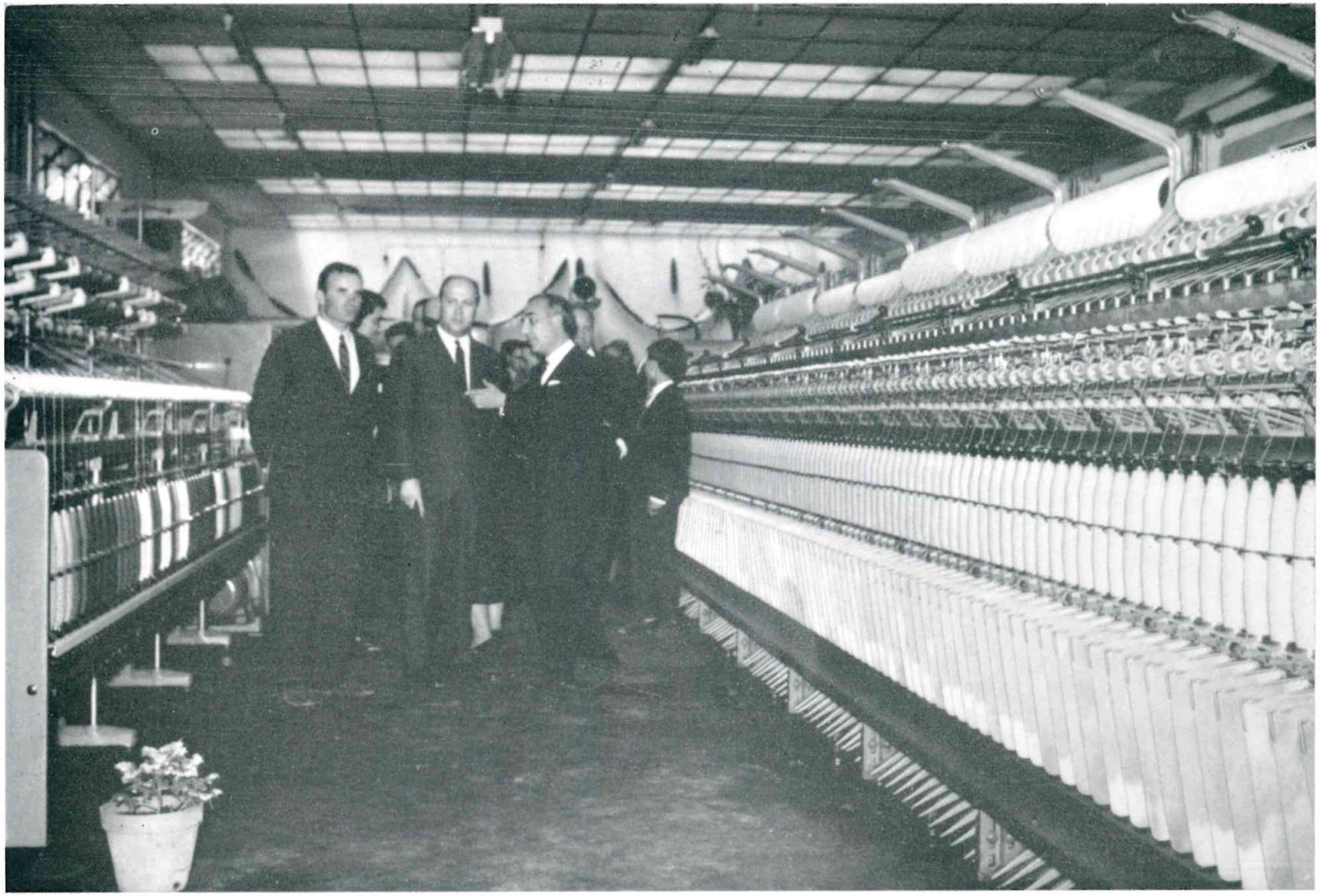
Depois de aturadas averiguações, viu-se que a mãe ia para o seu trabalho, e deixava as crianças em casa duma vizinha amiga, que era uma doente tuberculosa sem o saber.

João Duarte ainda se debruçava sobre outros temas da vida social com seus cruciantes problemas, que muito o preocupavam.

Saberia resolvê-los se dele dependessem, e certamente o faria à base deste princípio que lhe era familiar: «*Quem pode tem o dever social de socorrer, da maneira mais prática e eficaz, os necessitados da sua terra*».

E continuava: «Se assim fosse por toda a parte, estaria resolvido este momentoso problema, que aliás se poderia concretizar em colaboração com o Estado, quando atento à sua solução como presentemente sucede».

«A ninguém cabe, o direito de mendigar ou de passar fome.



Fábrica Barcelense — Secção da Fiação de Lã (por ocasião da visita do Senhor Ministro das Corporações, 1965)

Fábrica Barcelense — Presidência da mesa no almoço de homenagem a João Duarte (1965)

Todo o cidadão deve trabalhar, e pelo trabalho ganhar a vida.

Quando disso impossibilitado, é à colectividade que compete socorrê-lo dignamente, sem que isso represente uma fonte de humilhações. Assim deveria ser numa sociedade bem constituída, especialmente se iluminada pela doutrina do cristianismo».

À luz destes belíssimos princípios exercia João Duarte a sua actividade privada e beneficente, profissional e religiosa.

Que diremos da sua vida política? Era caracterizada por um indefectível amor à Pátria, e por uma firme amizade, de gratidão e veneração, para com Salazar, batendo-se, quando preciso fosse, serena mas intransigentemente, pelos seus nobres ideais.

Poderia conviver e contactar com pessoas de ideias polìticamente diferentes, num discreto respeito pela liberdade de cada um. Mas exigia que se respeitasse, recìprocamente, a sua liberdade de pensar e agir como melhor entendesse, em assuntos desta transcendência.

Sentia-se bem a falar dos progressos e grandeza crescente da Pátria, da obra do Estado Novo, nestes 40 anos de administração do Professor Doutor António de Oliveira Salazar.

Evitava a discussão por delicadeza e fidalguia. Mas, quando ela se desse, defendia com firmeza e calor o seu ponto de vista.

«Ao Estado nada devo, até porque nós é que temos obrigação de ajudar o Estado. Ele tem de viver de nós para actuar em nosso favor na administração do País», dizia algumas vezes, acrescentando sempre: «A Salazar devo o grande, e incalculável

benefício da paz, que nos permite trabalhar em sossego a bem da Nação, e sair de casa tranquilamente, sem receio duma bomba ao dobrar da primeira esquina, como era dantes». «*Isto é muito*», concluía numa convicção que não sofria réplicas.

Na sua casa via-se a fotografia de Salazar, autografada, com dedicatória, carinhosamente estimada em lugar de honra, juntamente com outras personalidades de Governo e príncipes da Igreja.

A sua política mundial estava na lógica da sua política nacional. Alegrava-se quando via o Ocidente bem defendido, e em boa marcha.

João Duarte nunca foi político no sentido estrito da palavra, note-se.

Era, sim, um notável economista, embrenhando-se com facilidade pelos labirintos da economia quer nacional quer mundial, como quem se encontra em terreno bem conhecido.

E, com os seus princípios financeiros em actividade, dominava perfeitamente esses assuntos, que sempre lhe interessaram e lhe eram também familiares.

Não lhe eram indiferentes os problemas do continente africano, e em especial das nossas províncias ultramarinas, sobre as quais falava como se lá tivesse vivido. Antevia para elas um futuro esperançoso, quando fossem aproveitados todos os seus recursos naturais.

Também o Brasil lhe merecia especial atenção. Compreendia e justificava os seus fenómenos político-sociais, prevendo as suas crises financeiras com uma antecipação tal, que alguns amigos seus, que lá viviam, não escondiam a sua admiração pela profundidade dos seus conceitos e sequência da sua lógica.

A caridade de João Duarte baseava-se também em normas que ele se impusera como num código de espiritualidade em acção constante.

Norteava-se por estes e outros semelhantes pensamentos: «*É melhor fazer bem do que fazer mal, até aos próprios inimigos*».

O seu amor ao próximo era iluminado por princípios concretos: «*Quem não faz bem a ninguém é porque não sabe o bem que perde*», dizia, a demonstrar, sem o pretender, o sentido realista da sua habitual caridade.

«*Lá porque os benefícios muitas vezes são pagos com ingratidões, nem por isso vamos deixar de praticar o bem*». Deus lá está para julgar uns e outros». E concluía: «Com os olhos n'Ele, será bem feito todo o bem que fizermos».

Ao apreciar o ângulo oposto, comentava: «É claro que também não devemos ser perdulários, esbanjadores dos dons de Deus. Temos de os administrar bem, repartindo sim, mas sem perder de vista a sabedoria popular: «*Dá que não peças*».

«Uma má administração não beneficia ninguém». «Um excesso de benefícios sem critério anularia as possibilidades de continuar esses benefícios. Lá se ia tudo».

«O pior é que muitas pessoas, presas em demasia àquele princípio até certo ponto egoísta, não repartem o suficiente à sua volta, não ajudam quanto deviam os seus semelhantes, pelo que a questão social continuará sem a devida solução, que só nos é dada plenamente pelos princípios sociais da Igreja».

O conceito de humanidade tinha em João Duarte uma ética singular, deixando transparecer a delicadeza da sua alma. São suas estas palavras: «Benefício que humilha não é bom benefício, e por vezes será melhor não se fazer».

«A sabedoria da verdadeira caridade consiste em beneficiar alguém sem magoar».

«Nós não temos o direito de magoar ninguém, nem mesmo com um benefício quando feito indelicadamente».

«Mas há sempre uma forma de se fazer bem sem magoar. É só questão de a estudar».

E João Duarte, quando era oportuno, estudava essas modalidades com cuidado, agindo em conformidade.

Algumas vezes faziam-lhe sentir que distribuía muito, que era generoso em excesso, dando o que um dia lhe poderia fazer falta ou aos seus filhos. A isto respondia invariàvelmente: «Se todos pensarmos assim, arriscamo-nos a viver uma vida de egoísmo, quase inútil, com grave prejuízo para a sociedade. E isso não deve ser».

«Seria uma traição a mim mesmo deixar de fazer o bem que a consciência me ordena. Nunca senti a falta daquilo que dei».

«Quanto ao resto, não me preocupa: Os meus descendentes podem trabalhar e lutar como eu lutei e trabalhei».

Era assim, sólida, firme, convicta, a caridade de João Duarte.

A sua têmpera de trabalhador dinâmico e disciplinado, a honestidade da sua vida de trabalho, a distinção da sua pessoa simples e bondosa, constituíam também qualidades da sua vincada personalidade.

A sua afabilidade, geralmente amável, era um dos maiores atractivos da sua convivência, criando um ambiente de bem-estar à sua volta.

Na verdade João Duarte, sem essas naturais qualidades, não teria podido realizar a sua obra com tão notável projecção.

Essas qualidades natas foram cultivadas cuidadosamente pelo estudo em face das realidades humanas, por um elevado convívio social, através de diversas viagens pelo mundo, mediante instrutivas leituras, e ainda com a experiência resultante dum espírito muito observador.

As qualidades da sua alma eram evidenciadas pelos seus notáveis predicados.

Uma inteligência esclarecida, atenta e observadora, era a luz das suas actividades.

A sua vontade austera, pronta para o bem e para o trabalho, era o motor das suas realizações, dos impulsos dum coração excepcionalmente bom, sempre sensível às necessidades alheias.

A sua memória privilegiada recordava-lhe as suas obrigações e compromissos a que nunca faltava, lembrava-lhe o passado experiente como orientação do presente e do futuro, alertando-lhe a vontade no exercício da caridade.

Enérgico nas decisões, era terno e bondoso com todos, e bem assim nas relações com os seus subordinados, que tratava com a delicadeza dum pai afectuoso e compreensivo.

Era simples e recto. Por isso mesmo foi sempre positivo e prático em suas palavras e acções.

Porque «*quem mal não pensa mal não cuida*», confiava com facilidade na palavra humana, que supunha adornada de sinceridade e verdade como a sua, e como aliás sempre devia ser.

Quando se via ludibriado por alguém, não escondia a sua surpresa, e o aborrecimento que invade toda a alma simples e boa numa tal situação.

Dizia nalgum desses momentos: «Que mundo este! Os homens entendem-se pelas palavras. Se não podemos confiar nestas, o que é que nos resta?...»

Ouvindo comentar, um dia, que muitas pessoas só dizem bem pela frente ou por conveniências, atalhou com decisão: «É sempre melhor dizer bem do que dizer mal ou nada dizer quando o silêncio prejudica. Do bem que se diga alguma coisa fica».

Se, depois de iniciado um empreendimento, reconhecia que esse não seria o melhor caminho, sabia recuar e mudar de rumo a tempo, procurando encontrar o melhor sem desânimos.

Por isso dizia: «Se é próprio do homem errar como reza a filosofia, também deve ser próprio do homem corrigir o erro em que caiu».

Outra notável qualidade de João Duarte era a paz de espírito em que vivia, e lhe dava uma serenidade imperturbável para enfrentar as contingências mais adversas. E, quanto maior fosse o perigo, mais manifesta era a sua tranquilidade.

Estando uma manhã em sua casa a tomar o pequeno almoço, chegou aflito um empregado a dizer-lhe que havia incêndio na Fábrica.

O Chefe ouviu a notícia, e, sem resposta especial, continuou a tomar a sua refeição.

Dali a pouco, novo recado lhe foi transmitido supondo-se, pela sua atitude, que não tivesse percebido o anterior.

Então ele respondeu com tranquilidade: «Já sei. Suponho que já chamaram os bombeiros, e terão tomado as necessárias providências». Perante resposta afirmativa acrescentou: «Não há mais nada a fazer senão aguardar os acontecimentos». Continuou no seu lugar como se nada de anormal se estivesse a passar.

Era frequente João Duarte atender, no seu gabinete ou em sua casa, pessoas de todas as posições sociais, que o procuravam em busca de conselho para os problemas da sua vida, por vezes atribulada.

A todos atendia com igual solicitude, apesar de, em alguns dias, lhe tomarem de tal modo o tempo que pouco mais podia fazer.

Mas, compreensivo como era, e sentindo as dificuldades alheias, comentava alguma vez: «Como é a vida! As telhas duma casa encobrem muita coisa triste, muita aflição com que ninguém sonha!»

Quando assim falava sentia-se consolado pelo bem que proporcionara a quem o tinha procurado.

João Duarte possuía de facto, em elevado grau, o dom de conselho, de que largamente beneficiavam almas amarguradas.

Se foram notórias as qualidades naturais que enriqueceram a personalidade de João Duarte, de não menor notabilidade foram as virtudes cristãs que a informaram.

As três virtudes fundamentais tiveram na sua pessoa o relevo a que têm jus na alma de todo o cristão.

A sua fé era inquebrantável e esclarecida, não admitindo que opiniões erróneas lhe embaciassem o brilho.

Sentia-se, com orgulho, filho dilecto da Igreja, e por isso na imperiosa necessidade de lhe ser fiel e de lhe ser prestável.

Tinha especial veneração pelo senhor Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior, de saudosa memória, e também venerava com filial afecto Sua Excelência Reverendíssima o senhor D. Francisco Maria da Silva, seu muito ilustre sucessor no governo da arquidiocese.

Recebia-os em sua casa com devoção e nobreza, quando se apresentava a oportunidade.

Visitava com frequência os seus Prelados, principalmente por festas de ano.

Estimava os sacerdotes como ministros de Deus, alegrando-se quando os via à altura da sua sagrada missão.

Dizia alguma vez: «A Igreja é que ainda vai segurando o mundo em moralidade e ordem».

Era notável a esperança em João Duarte. Confiava em Deus e na sua divina Providência. Desta virtude sobrenatural irradiava uma confiança firme em si próprio, nas suas acções e no seu trabalho, nos seus direitos, que zelava ciosamente se a caridade não se lhes sobrepunha.

Dava gosto ver aquele homem rezar com simplicidade, em família, as orações tradicionais, vê-lo comungar com devoção de tempos a tempos, observá-lo respeitosamente nos actos do culto, escutando a palavra de Deus com interesse e satisfação para maior esclarecimento espiritual.

Na virtude da caridade é que João Duarte foi rico, excepcionalmente rico, tendo já certamente recebido a merecida recompensa do seu amor a Deus e ao próximo.

E, se o amor do próximo dá a medida do nosso amor a Deus no dizer de Santo Agostinho, muito elevado foi então em João Duarte o amor de Deus.

Nas virtudes morais foi sempre cumpridor. Prudente em tudo, procurava ser justo nas apreciações e juízos que formava dos seus semelhantes e do seu pessoal, procedendo com equidade na distribuição de regalias e benefícios.

Nele, a fortaleza foi de caracteres indeléveis, evidenciando-se particularmente na sua última enfermidade.

Dois anos antes do seu falecimento, quando ainda gozava de relativa saúde, sentindo-se dominado pelo pensamento do seu fim, que antevia próximo, dizia que enfrentava essa realidade com coragem, como vinda das mãos de Deus.

E, como se tentasse mudar de assunto, ele não o consentiu, desejando continuar a viver essa impressão, apreciando-a friamente nos seus variados aspectos, e concluindo: «É assim, com esta coragem e decisão, que eu preparo o fim, o qual aceito serenamente das mãos de Deus, porque creio que assim deve ser». Creio que assim deve ser. Eis a sua grande razão!

Circunspecto, era comedido e sóbrio em todas as manifestações dos seus sentimentos, nunca impetuoso mas geralmente calmo.

As suas expressões emotivas obedeciam à mesma lei da habitual serenidade, não se expandindo excessivamente.

Com paciência e decisão enfrentava as más contingências.

Com dignidade sabia medir distâncias sem altivez, e colocar as coisas no seu devido lugar com delicadeza.

Se era simples e humilde, também era digno e nobre.

Exprimia as suas alegrias num sorriso comunicativo, que fazia as pessoas sentirem-se bem na sua companhia.

A sua rara bondade conquistara-lhe muitas simpatias e amizades. Numa das suas variadas viagens de comboio em que conversava com amigos ocasionais, perguntou-lhe um deles como conseguiu tantas amizades em todas as classes sociais.

Respondeu simplesmente: «Com a honestidade e simplicidade da minha vida; cumprindo lealmente para com todos; sendo verdadeiro amigo de quem julgo merecer a minha amizade».

Depois de breve pausa continuou: «É assim, e só assim, que se adquirem bons amigos. O resto não conta. Admiro a amizade tão dedicada de pessoas de elevadas posições sociais, independentes, que não precisam de mim para nada».

«Confunde-me a sua dedicação generosa e desinteressada. Mas também é Deus que assim o permite, para nos compensar das contrariedades e ingratidões, e nos sentirmos de algum modo bem na vida».

Conhecendo o coração de João Duarte, que era duma singular gratidão para com as pessoas que lhe eram verdadeiramente dedicadas, não podemos deixar de mencionar a consideração e a gratidão profunda que sentia pelo senhor Professor Doutor Álvaro Rodrigues, que foi duma dedicação inexcedível durante toda a sua doença, e pela amizade que sempre devotou a João Duarte durante tantos anos em que conviveram.

Na sua humildade inconfundível, gostava de viver recatado e passar despercebido, afastado de bulícios e de grandezas.

Em Janeiro de 1966, comunicavam-lhe que uma associação local lhe prestava nesse dia uma homenagem, por se reconhecer que, se essa entidade ainda existia, era por força dos seus auxílios.

A resposta decidida não se fez esperar: «*Se isso fiz, não fiz mais que o meu dever, que por isso mesmo não merece agradecimentos.* O que é necessário é que se acabe com essas homenagens, que me incomodam. Só uma me agradou plenamente, ainda que feita contra minha vontade. E agradou-me porque ali estava eu com a minha gente, no meio do meu Pessoal e dos meus Amigos. Dessa gostei e essa me bastou».

Cada palavra de João Duarte demonstra-nos o acerto daquela definição, segundo a qual a humildade é a verdade. *Não fiz mais que o meu dever...* Era a sua humilde verdade.

Normalmente recusava-se a falar da sua pessoa e das suas coisas, da sua própria obra.

Como alguém certo dia lhe dissesse cordialmente que podia sentir muita consolação porque tinha feito uma grande Obra, ele, manifestando desagrado pelo que ouvira, respondeu: «Não diga isso. O que eu fiz quem quer o teria feito». E não admitiu qualquer outra referência ao tema, mudando de assunto sem demora.

Quando foi agraciado com comendas honrosas pelo Governo Português e pela Santa Sé, ele não consentiu nunca que alguém lhe desse aquele trato a que tinha direito por força dessas distinções.

Nem jamais aceitou honrarias que o evidenciassem acima do que ele queria ser na sua digna singeleza, que muito bem lhe ficava. A vaidade não tinha entrada nos hábitos da sua vida.

Nos preparativos duma das viagens que João Duarte fez com sua família a Roma, lembraram-lhe que, se levasse a sua Comenda de S. Silvestre o Papa, tinha direito a audiência especial de Sua Santidade, ao que ele respondeu: «Seria para mim grande honra ver-me perto do Santo Padre. Mas sinto que não mereço essa alta distinção pelo facto de ostentar a minha comenda. Contento-me em ver o Sumo Pontífice um pouco mais de longe». E assim aconteceu, a condizer com o seu modo de ser.

Alguns anos antes da sua morte manifestou vontade de que, quando isso sucedesse, tudo se fizesse simples e discretamente.

Até nesse doloroso *depois* não desejava ser diferente daquilo que sempre foi.

E esse momento chegou!...

Durante a sua doença tudo sofreu com resignação, nunca se lhe ouvindo uma queixa nem um gemido, não tendo a mais insignificante exigência, nunca manifestando enfado ou impaciência, nada pedindo e nada recusando.

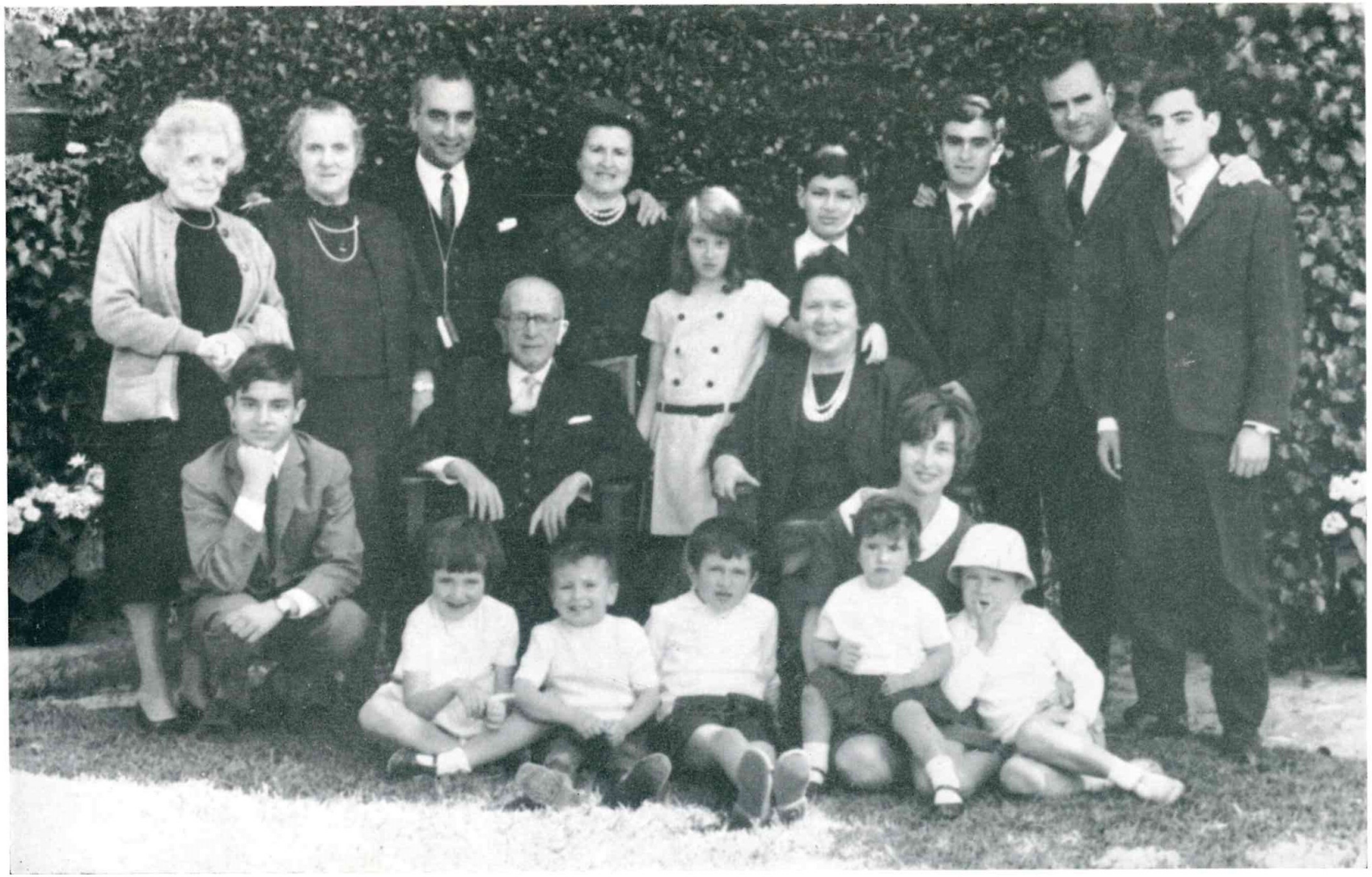
É um doente ideal, dizia-se em comentário de admiração.

Estava sempre de boa mente à mercê de quem o servia e dele cuidava com carinho e desvelos, correspondendo o doente com palavras atenciosas e sorrisos agradecidos.

A partir de certo momento, a doença agravou-se com rapidez, permitindo-lhe no entanto a recepção dos sacramentos em plena lucidez de espírito, que sempre conservou.

Na madrugada de 18 de Março de 1966, desprendia-se da terra e subia às mãos de Deus a preciosa alma daquele que passou pelo mundo trabalhando e fazendo o bem, cuidando de todos quantos encontrou à beira do seu caminho.

João Duarte e sua Família quando sua Filha completou 21 anos



João Duarte com toda a sua Família, na última Páscoa da sua vida — 1965

IV

NA HORA DA SAUDADE

IV

Foi João Duarte Veloso um modelar chefe de família, marido carinhoso de D. Maria da Glória Vieira Duarte, com residência habitual na cidade de Barcelos. Foi pai de D. Maria da Glória Vieira Duarte Veloso de Sousa Coutinho, sua filha primogénita, consorciada com o senhor Arquitecto Gaspar Cadaval Queiroz Ribeiro de Almeida e Vasconcelos de Sousa Coutinho, e do senhor Engenheiro João Augusto Vieira Duarte Veloso consorciado com D. Clara de Assis Correia de Vasconcelos Furtado Duarte Veloso.

Foi avô de João, Gaspar Augusto, José António, Manuel, Maria do Rosário e Joaquim Vieira Duarte de Sousa Coutinho; e de João Carlos, Izabel Maria, José Pedro, Marta Maria e Ana Maria Furtado Duarte Veloso.

Com aquele último lampejo apagou-se uma vida a todos os títulos preciosa.

A Rádio Televisão Portuguesa, na emissão desse dia, comunicava ao País o infausto acontecimento, e fê-lo com palavras cheias de sentimento, acentuando que «a Nação perdera um dos seus melhores valores, que com a falta de João Duarte

surgia um vazio difícil de preencher, que a sua perda era uma verdadeira perda nacional».

Com a expressão destes pensamentos se consagrava o valor, esforço e sacrifício duma existência doada ao progresso industrial e social da Pátria.

A imprensa matutina também se fez eco imediato do passamento de João Duarte, assim como outros órgãos da informação.

A notícia correu célere, constituindo para todos uma penosa surpresa, custando a dar-se-lhe crédito nos primeiros momentos, até porque era penoso afazerem-se as pessoas à ideia da dura realidade.

Entretanto, a meia voz, pelo Porto e por Barcelos, ao romper da manhã, dizia-se com desolação: *Morreu João Duarte.*

Brotavam lágrimas de muitos olhos amigos, e de muita gente beneficiada pela inesgotável caridade do seu coração, sempre bom e magnânimo como poucos terão aparecido no mundo.

Todos os lábios se abriam em expressões de sentimento pela perda daquele a quem chamavam o *Pai dos Pobres,* consagrando-se também assim a sua caridade nesta *hora de saudade.*

Os seus amigos, de todos os recantos do País, acudiam pressurosos em direcção ao Porto e a Barcelos, a fim de lhe testemunhar mais uma vez o seu afecto, e prestar-lhe uma última homenagem de saudade.

Por todas as faces corriam lágrimas. De todos os peitos irrompiam suspiros da mais profunda dor. Era enfim uma confrangedora manifestação de pesar, num carinhoso adeus de veneração amiga.

A sua família, inconsolável como pode avaliar-se, debatia-se com a maior dor que até então penetrara nos umbrais da sua casa, e que jamais rasgara os seus dedicadíssimos corações, sempre carinhosos para com aquele que tanto amaram.

O seu pessoal, o pessoal das suas empresas, especialmente da Fábrica Barcelense, à qual ele mais se dedicara, recebeu atónito a triste notícia, chorando a falta do seu chefe extraordinário, *O Chefe Modelar* como todos se exprimiam.

João Duarte faleceu na sua casa do Porto, à Rua António Cândido, na madrugada de 18 de Março, véspera da festividade de S. José, de quem era muito devoto, e em cujo dia nascera.

O santo Patriarca chamou-o neste dia, para com ele celebrar a sua festa comum nos tabernáculos da sua glória.

Logo às primeiras horas da manhã, a residência do Porto começava a ser invadida por visitas de todas as classes sociais, numa afluência sempre crescente, em manifestação de pesar.

Por sua via os telegramas condolentes chegavam constantemente.

No dia seguinte, às dez da manhã, teve lugar o cortejo de trasladação para a Igreja da Lapa, onde se celebraram missas de sufrágio.

Desse majestoso templo, então pequeno para conter a multidão, após as preces rituais em estilo simples a condizer com a sua vontade e sua vida, partiu, a meio da tarde, imponente cortejo automóvel de acompanhamento, a caminho da sua terra, Barcelos.

Ali era esperado pela cidade em peso e por muitos outros amigos, por altas individualidades locais e do País.

Sua Excelência Reverendíssima o senhor Arcebispo Primaz, D. Francisco Maria da Silva, também aí esperava o seu dedicado amigo, dignando-se assistir à missa de exéquias.

A Igreja de Santo António foi a escolhida por João Duarte para este último acolhimento de despedida, como vizinha da sua casa e por ele sempre frequentada.

A missa foi celebrada pelo Rev.º Provincial dos Padres Capuchinhos, Dr. Francisco de Mata Mourisca, que para o efeito se deslocou de Lisboa, pronunciando este distinto orador palavras de saudade muito oportunas, num breve elogio fúnebre.

Realizou-se por fim o imponentíssimo cortejo de despedida a João Duarte, o português intrépido e trabalhador valoroso, que muito amou e ajudou a prosperar a sua terra; o barcelense incansável, que há muitas dezenas de anos dera a Barcelos o impulso que arrancou o seu povo do marasmo e da inércia, criando na cidade nada menos de três importantes empresas, de que irradiaram outras muitas; o homem Bom, que a todos acolhera com generosa afabilidade; aquele homem magnânimo, que a tantos elevou a altas posições na vida; o pioneiro da indústria têxtil de malhas no norte do país, que ultrapassou a barreira do individual e particular, projectando-se largamente na Nação e mais além.

Não é por isso estranho que este cortejo de despedida se transformasse numa apoteótica manifestação de imenso pesar e dor, com a presença da Nação e da Igreja agradecidas, dos seus numerosíssimos amigos vindos de todo o País, de todos os seus colaboradores e pessoal das suas empresas, de todo Barcelos que acompanhou o seu prestigioso filho à última morada silenciosamente, através das suas ruas e avenidas, entre compassadas preces rituais, elevadas ao Céu por dezenas de sacerdotes que agradecidos compareceram, enquanto do alto da torre o bronze se despedia em plangentes badaladas, e o toque das sirenes exprimia o seu adeus, em última homenagem ao insigne benfeitor.

Levava a chave da urna o seu grande e dedicadíssimo amigo Exmo. Senhor Professor Doutor Álvaro Rodrigues.

Também em lugar de destaque tomaram parte no préstito fúnebre os Exmos. Senhores Dr. Agostinho Guimarães Pestana, Delegado do I. N. T. P. de Braga e em representação de Sua Excelência o Senhor Ministro das Corporações, e o Professor Doutor Joaquim Nunes de Oliveira, Deputado da Nação, que transportavam as condecorações, as quais, assim, acompanharam, na sua derradeira jornada, aquele que em vida sempre se furtou a usá-las.

O Exmo. Senhor Dr. Luís de Figueiredo, Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, ladeava o representante do Senhor Ministro das Corporações e em representação do Exmo. Senhor Governador Civil de Braga, e de Sua Reverendíssima Monsenhor Lopes da Cruz pela Rádio Renascença e pela Rádio Televisão Portuguesa.

HORA DE SAUDADE PROFUNDA! Hora de pungente dor que Barcelos não mais esquecerá, numa gratidão que lhe é própria, de harmonia com os pergaminhos da sua vetusta fidalguia e do coração dos seus filhos.

Era num fim de tarde de sol, que também lentamente descia à sua sepultura oceânica, legando-nos por herança as trevas da noite, tão negras como a noite em que ficaram mergulhados os corações, pela falta dum Homem que era luz e calor de quantos dele careciam, e dele se aproximavam, ou tiveram a dita de algum dia com ele conviver.

João Duarte partira. E deixou, de facto, um vazio que se sente, que não mais será preenchido.

As suas empresas, também essas vestiram luto pela perda incomensurável do seu Chefe muito amado, iniciador duma onda benéfica de progresso industrial, que ele próprio extensamente desenvolveu, a difundir-se em benefícios de toda a ordem.

Ele deixou-nos depois duma vida trabalhosa de 78 anos, em que, partindo do nada, repare-se bem porque aqui reside boa parte do seu mérito, conseguiu vencer e fazer-se grande como os que mais o foram.

Avaliada devidamente nas suas dimensões, a Obra de João Duarte apresenta-se-nos, na verdade, grandiosa.

Por isso Portugal e Barcelos se orgulham dum tal filho.

Sim, Portugal com o seu desaparecimento ficou certamente mais pobre. Mas muito mais pobre ficou a sua terra natal, terra das suas predilecções, Barcelos.

Nem Portugal nem Barcelos podiam consentir que este ilustre barcelense passasse ao esquecimento.

Daí a inspiração, genuìnamente popular, de se erigir um monumento de homenagem a João Duarte, no coração da sua cidade, bem junto da sua Obra.

Daí a confecção desta resenha biográfica, que pretende recordar esse Homem, narrando a sua Obra e as suas qualidades.

Um Homem desta envergadura merece bem a veneração e o respeito de todos.

V

ARQUIVANDO

V

Como em cofre de preciosidades seguem-se alguns documentos de estimação e de valor apreciativo. Constituem esses documentos uma deliciosa recordação, imperecível, continuando, na sua límpida linguagem, a dizer muito da elevada figura de João Duarte, cuja vida acabamos de admirar através da sua biografia.

1.º

DEPOIMENTOS DESTA HORA DE SAUDADE

Do Senhor Presidente do Conselho:

«Exma. Senhora D. Maria da Glória Vieira Duarte, Barcelos.

Tendo recebido da Direcção e do Pessoal da Fábrica Barcelense a comunicação de haver falecido o seu querido Chefe Senhor João Duarte, apresento a V. Ex.ª a expressão do meu mais vivo pesar pela perda de um homem que soube constituir uma só família com todo o pessoal das suas Fábricas.

OLIVEIRA SALAZAR»

*

«Exma. Direcção da Fábrica Barcelense, Barcelos.

O Senhor Presidente do Conselho recebeu e agradece comunicação falecimento seu querido Chefe João Duarte e encarrega-me de enviar a todos os mais sentidos pêsames pela perda que acabam de sofrer.

O Secretário,
A. Costa Freitas»

*

Do Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Conselheiro Miguel Homem de Sampayo e Mello:

«Exma. Família de João Duarte Veloso, pêsames desolada Família, abraça Maria Glória e Gaspar.

Miguel Homem»

*

Votos de Pesar da Edilidade Barcelense:

«Por proposta do Exmo. Senhor Presidente, Doutor Luís de Figueiredo, a Câmara Municipal deliberou, por unanimidade, deixar expresso em acta um voto de profundo pesar pelo falecimento de João Duarte Veloso, que foi o pioneiro da indústria do Norte do País, e a quem o concelho fica a dever muito do seu progresso. E, se é certo que alto foi o seu contributo no desenvolvimento material do concelho, não menos certo é que a sua larga obra de benemerência não pode ser esquecida porque foi grande, e constitui nobre exemplo a seguir. —

Não pode, pois, esta Câmara Municipal deixar de referir-se ao infausto acontecimento, com a comoção natural e a consciência plena e segura de que, com o falecimento de João Duarte Veloso, desapareceu, justo é salientá-lo, não só um munícipe prestigioso, como também o maior entre os maiores da indústria do Norte do País, em cujo sector deixou destacada a sua acção, que se não restringiu tão sòmente ao aspecto material, tendo sabido, como incontestável é, acompanhá-la com um inexcedível respeito pela pessoa humana do semelhante, independentemente da categoria de uns e de outros».

*

Voto de Pesar da Corporação dos Bombeiros Voluntários de Barcelos:

«Ao tomar conhecimento da morte do Excelentíssimo Senhor João Duarte Veloso — e por esse motivo expressamente convocada — reuniu extraordinàriamente a Direcção

desta Associação Humanitária e nela foi aprovada por unanimidade a seguinte proposta, apresentada pelo seu presidente Doutor Adélio Campos:

Acaba de desaparecer do número dos vivos um dos maiores barcelenses de sempre — o Excelentíssimo Senhor João Duarte Veloso.

Raras vezes Barcelos e a sua gente haverão tido razão tão grande para se vestirem de luto como nesta hora, em que Deus quis conceder o merecido descanso a este Homem, que tanto trabalhou em vida, espalhando o bem à sua volta.

Principal criador da indústria têxtil neste concelho e seu grande impulsionador no norte do País, concedeu-lhe Deus a fortuna que o seu labor, de toda a hora e de homem honrado, mereceu.

Dela fez beneficiados tantos necessitados que agora o choram.

Foi o Excelentíssimo Senhor João Duarte dos maiores Beneméritos desta Associação, de que são aliás, os seus dois ilustres Filhos, Padrinhos, que hão-de continuar-lhe a tradição de bem-fazer.

Solícito com tudo quanto se relacionasse com esta Associação Humanitária, auxiliou-a materialmente inúmeras vezes, e amparou-a sempre com os seus prudentes e sábios conselhos.

Benemérito dos maiores, acorreu sempre, generosa e prontamente, às necessidades dos seus BOMBEIROS.

Sobeja razão é isto para que, em todos quantos nesta casa trabalham, deixe o Excelentíssimo Senhor João Duarte Veloso profunda saudade, e parta acompanhado da nossa indelével gratidão».

*

Voto de Pesar da Corporação dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos:

«Aos dezoito dias do mês de Março de 1966 reuniu pelas catorze horas, extraordinàriamente, a Direcção desta Associação, sob a presidência do seu Presidente — Exmo. Senhor Doutor José António Peixoto Pereira Machado, que, usando da palavra, comunicou a toda a Direcção a infausta notícia do falecimento do Excelentíssimo Senhor *João Duarte Veloso*, ocorrido na cidade do Porto. Por unanimidade foi deliberado que esta Associação prestasse ao saudoso extinto, que foi um grande Amigo e Benemérito desta Corporação, diversas homenagens».

*

Outras muitas Associações e Instituições de Caridade formularam votos semelhantes, e mandaram celebrar missas com a sua presença colectiva, em testemunho de gratidão pelos benefícios recebidos.

*

Na missa exequial disse o orador sagrado, Dr. Francisco de Mata Mourisca, Provincial dos Padres Capuchinhos e agora primeiro bispo eleito de Carmona e S. Salvador, Angola:

«Não vou fazer o elogio fúnebre daquele, cujo elogio glorioso já Deus teceu na Escritura quando disse: «*Bem-aven-*

turados os rectos de coração, e os amantes da paz porque serão chamados filhos de Deus».

Não vou tecer-lhe um elogio porque já o fez Deus quando disse: «*Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão saciados*». O senhor João Duarte, homem de grande rectidão, amou sempre a justiça e praticou-a em toda a sua vida.

Não é preciso que eu faça o seu elogio, porque já Deus o proferiu quando disse: «*Com a medida com que medirdes sereis medidos*». Aquele que agora choramos sentidamente será medido por medida generosa porque soube medir generosamente.

Era um homem bom na plena acepção da palavra. A sua bondade já terá sido por Deus galardoada, assim o cremos.

Não pretendo fazer o elogio daquele que aqui nos congregou porque também já Deus o fez quando disse: «*Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia*». E o Senhor João Duarte alcançou grande misericórdia diante de Deus porque soube usar de misericórdia para com os seus semelhantes; porque passou a vida repartindo benefícios, às mãos cheias, e auxiliando os menos afortunados.

Se quem dá aos pobres empresta a Deus, ele deve ter lá em cima um valioso crédito a seu favor.

A grande lição deste momento é que somos peregrinos, e não devemos instalar-nos na vida terrena. Procuremos, a exemplo seu, viver desprendidos dos bens deste mundo. Parte-se todos os dias. Urge estarmos preparados.

Estamos todos de pêsames, porque Barcelos perdeu um grande homem e um grande cidadão.

Esperamos que o Céu tenha ficado mais rico.

Juntemos a nossa prece, para que o dia 19 de Março, dia do seu nascimento na terra, seja o dia do seu nascimento na Pátria celeste, pela qual ùnicamente vale a pena viver e morrer».

*

A imprensa e restantes órgãos de informação noticiaram o triste acontecimento, arquivando-se aqui o primeiro depoimento dos jornais de Barcelos.

Escreveu então o ilustre director de *O Barcelense,* Rogério de Carvalho:

«*Morreu João Duarte. — Perda de um homem de projecção nacional. — Grande pela inteligência e pelo trabalho maior pelo coração*».

«Barcelos ficou de luto, vestiu os seus crepes negros quando na penúltima sexta-feira teve conhecimento do triste e inesperado desenlace. Apesar de sabermos João Duarte bastante debilitado, nunca supusemos que a Parca se apoderasse tão depressa do dinâmico industrial barcelense, homem de rija têmpera, daqueles que lutam tenazmente, agarrando-se à vida como a um elo invisível a alcançar e que o prendesse fortemente. Por isso nos chocou a notícia da sua morte, deixando-nos incrédulo e estupefacto. Mas estas más novas têm quase sempre confirmação, e então soubemos que na residência de sua filha e genro, Sr.ª D. Maria da Glória Vieira Duarte Veloso de Sousa Coutinho e Sr. Arquitecto Gaspar Cadaval Queiroz Ribeiro de Almeida e Vasconcelos de Sousa Coutinho, à Rua António Cândido, no Porto, tinha

exalado o último suspiro, confortado com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja, como católico de boa estirpe que era.

Barcelos teve homens que, pela projecção social, económica e moral, conseguiram um prestígio que os guindou aos mais elevados cargos ou posições nas instituições do País. Pela sua inteligência e dedicação ao estudo, tivemos homens das artes e das letras. Pela tenacidade e heroísmo, Barcelos foi louvada com muitos filhos que se tornaram heróis. Pela fé com que defendiam o santo nome de Deus, tivemos santos. Hoje, a máquina temporal continua, e Barcelos ora regista um herói, como um notável nas ciências, ou nas letras, ou nas artes. Hoje, ainda, acabou de registar no seu livro mais sagrado a perda de um Homem que foi um pouco de santo, de herói, de poeta, e, essencialmente, de Homem dinâmico, que, da modéstia com que nasceu conseguiu, mercê de trabalho, de esforços, de sacrifícios, erguer um dos maiores complexos têxteis do País, e *por isso* também se tornou notável.

Dizemos *por isso*, mas João Duarte, na medida em que o seu valor económico era consequentemente aumentado, realizava uma obra social sem precedentes, gastando centenas de contos em creches, colónias de férias, subsídios ao pessoal, etc., etc., humanizando o que a máquina materializava. *Por isso*, sim, por isso João Duarte foi grande, ou é grande pela sua benevolência, pela transcendência da sua obra humana, pelos resultados positivos da sua extraordinária acção em prol daqueles que menos tinham, ou daqueles que mais precisavam de uma palavra ou conselho. Por isso dizemos que João Duarte é Notável de Barcelos! A sua indústria, que é grande, reduz-se à pequenez das coisas, da matéria. Mas a sua acção caritativa, que realizou com a mão esquerda, sempre encoberta pela direita, essa vive, viverá

no dia a dia, no amanhã, nas mentes agradecidas de tantos que se tornaram nos protegidos de João Duarte. É pela sua obra conhecida sòmente de alguns, dos próprios beneficiados, que o Pioneiro da indústria têxtil de Barcelos será lembrado no futuro.

Morreu o Homem, mas a sua acção benfazeja, a sua dimensão humano-espiritual jamais se apagará da memória dos Barcelenses. É uma «linguagem que não engana».

Décio Nunes, ao referir-se a João Duarte, ainda há bem pouco dizia: «Com a imaginação de um criador, não de quimeras mas de realidades, impunha-se-nos, aos que o rodeavam, pelo seu exemplo brilhante de tenacidade, inteligência e probidade. E estas excelsas qualidades vieram, ao longo da sua vida de lutador, a projectar-se também na nossa terra, que, sob a sua inspiração, se industrializou e transformou, a ponto de podermos considerá-la já, sem sombra de exagero, um dos mais importantes centros têxteis do País».

Este é um dos muitos perfis conhecidos de João Duarte, mas «fazer o Bem», retratá-lo num soneto e dizê-lo baixinho ou bem alto, consoante o coração que o ouve, isso só António Correia d'Oliveira o poderia ter feito:

«Fazer o bem, fazer o bem... Na vida,
O bem-fazer, como ele está bem feito!
E como nos consola, enchendo o peito
De palavra cristã, a mais florida!
.....
Deus fez a luz. Gostou. — «Como é bonita». —
Mas, por mais bela a luz bendita
Que nós criamos a fazer o bem».

Este é outro retrato de João Duarte, mas quantos não poderíamos «desenhar» com as palavras proferidas a seu respeito?

«Atrás de tempo, tempo vem, e todo é tempo de justiça». Mas João Duarte já não precisou do tempo: é Homem nacional por ter sido notável, por ter sido santo — foi cristão dos verdadeiros —, por ter sido um lutador, por ter sido um poeta — fez poesia, da boa, com as obras humanas que realizou.

R. C».

*

Segue-se a transcrição do «Jornal de Barcelos», da direcção do Senhor Professor Doutor Joaquim Nunes de Oliveira:

«*Morreu um dos grandes de Barcelos, João Duarte. O Funeral do saudoso benemérito transformou-se numa significativa manifestação de pesar. — Assistiu o Arcebispo Primaz de Braga e fizeram-se representar o Ministro das Corporações e o Chefe do Distrito*».

«Ao pegarmos da pena para ilustrarmos estas páginas com algumas palavras, sentidas, sobre a morte do saudoso barcelense JOÃO DUARTE, vêm-nos à mente as sábias palavras de um célebre orador: «Só Deus é supremo artífice». E isto porque, quando nestas colunas se anunciava o seu aniversário natalício, e pedíamos a Deus lhe conservasse a preciosa vida, eis que vem a morte e no-lo arrebata — o grande benemérito da nossa Terra.

Seria Deus que não quis ouvir-nos? Estamos certos de que, chamando-o no termo de uma existência operosa, e sublimada por um alto sentido de humanidade cristã, pretendeu,

assim, numa data que lhe era simpática quanto à sua vida terrena, apresentá-lo a quantos fizeram, desta passagem efémera pelo «vale de lágrimas», uma doação total de si mesmos a nobres ideais, para, na eternidade, gozarem a presença dos justos.

Numa palavra: — a Terra ficou mais pobre; mas o Céu já tem lá dentro mais um homem bom.

Dele se pode dizer que, sem atropelar ninguém, subiu todos os degraus da escada social.

Foi Fundador e Administrador das Empresas: — Têxtil João Duarte, S.A.R.L.; Fábrica de Malhas do Ameal, S.A.R.L.; Fil — Fiação do Leça, S.A.R.L.. Foi ainda Fundador da Fábrica Tebe, em Barcelos, e da Fábrica de S. Brás, no Porto, e actuou na fundação da Fábrica de Fiação e Tecidos de Barcelos. São também inúmeras as indústrias de malhas existentes no concelho de Barcelos, estabelecidas por antigos empregados de João Duarte.

Mas não desmereceu dos homens. Ei-lo julgado e premiado com as prebendas que só podem caber a homens de estirpe, e que das «leis da vida» se libertam por seus méritos: vêmo-lo condecorado pelo Estado com a Comenda de Mérito Industrial e, pela Santa Sé com a Comenda de S. Silvestre.

Na base destes agradecimentos por parte de autoridades civis e eclesiásticas, só podia estar o seu dinamismo como industrial e cabouqueiro de horas melhores para o agregado dos seus operários e empregados, e um profundo sentimento religioso em prol dos benefícios materiais e espirituais, que só podem emanar de uma perfeita união de esforços entre a Igreja e o Estado, como Ele sempre viu. Tanto assim, que vimo-lo Benemérito de todas as Instituições locais como: — Casa dos Rapazes, Conferência de S. Vicente de Paulo, Organismos da Acção

Católica, Casa de Santa Maria, Bombeiros Voluntários de Barcelos e de Barcelinhos, Catequeses, Seminários, Associação de Socorros Mútuos Barcelinenses, etc.

«O que selardes na Terra será selado por Mim no Céu» — palavras que hão-de ter, pelos séculos fora, o sinal de Cristo entre os homens. Pois de João Duarte pode dizer-se o mesmo. O seu passamento, inesperado mesmo com idade avançada, traz-nos à pena estas palavras que são de autêntica mensagem. Tudo o que em vida os homens fizerem, curvados a um respeito singular por suas excelsas virtudes e dominados pelo exemplo que nos legou, tudo o que os homens, em sua memória, fizerem, terá também o assentimento do supremo Artífice e supremo julgador, que sabe apontar até as coisas mínimas. Curvemo-nos diante do ataúde que guarda os restos mortais de um grande Homem e de um bom barcelense!»

*

Entre as muitas cartas de pesar recebidas do País e do estrangeiro registamos apenas três:

«Rádio Renascença, Lisboa, 25 de Abril de 1966

Exma. Senhora
D. Maria da Glória Vieira Duarte
BARCELOS

Exma. Senhora D. Glória:

Estive em retiro espiritual fora de Lisboa durante a semana passada, e por isso só agora pude ler a carta de V. Ex.ª. Venho agradecê-la penhoradíssimo, bem como o valioso donativo enviado

em cheque e destinado às obras em que trabalho. Fiquei francamente emocionado com tamanha e tão espontânea generosidade. O Senhor lhe pague, Senhora D. Glória, e lhe suavize a saudade em que está mergulhada, e faça com que filhos e netos sigam sempre as pisadas do saudosíssimo Falecido.

O Dr. Luís Figueiredo, que tinha de me telefonar naquela manhã, foi quem me comunicou a triste notícia, e assim pôde a Rádio Renascença divulgá-la sem demora.

Pelo que li e me disseram, o funeral foi grandiosa manifestação de saudade e de homenagem ao Homem de bem, que está à nossa espera no Céu.

Peço a Nossa Senhora que conforte e ampare sempre V. Ex.ª.

Com respeitosos cumprimentos, sou

De V. Ex.ª
Criado Mt.º At.º e Ded.º

P.e Lopes da Cruz».

*

«Vitória, Espanha, Abril de 1966

Exma. e Mto. Estimada Senhora,

Acabo de receber a tristíssima notícia do falecimento do Senhor João Duarte, esse grande benfeitor de tanta gente e especialmente de mim, que, se hoje sou sacerdote, a ele o devo. Por isso nunca o posso esquecer.

Conforme-se, minha Senhora, nesse grande desgosto que sofreu, lembrando-se de que essa alma tão boa está junto de Nosso Senhor. Que este pensamento lhe sirva de muita consola-

ção. V. Ex.ª não me conhece. Que Deus lhe dê muita vida e saúde para bem dos pobrezinhos.

Com muita estima e consideração

Padre Manuel Carlos Ferreira da Silva»

*

Casa dos Rapazes, Barcelos, 23 de Abril de 1966

Exma. Senhora
D. Maria da Glória Vieira Duarte
BARCELOS

Excelentíssima Senhora,

Muito penhorada, a Direcção da Casa dos Rapazes de Barcelos vem acusar a recepção da valiosa esmola que V. Ex.ª se dignou enviar para minorar as necessidades desta instituição de caridade, sufragando a Alma de eleição do Seu chorado Marido, o grande Benfeitor Barcelense — JOÃO DUARTE.

A direcção da Casa dos Rapazes, em rendida homenagem, agradece a V. Ex.ª o gesto generoso, que se situa na continuação da ajuda vital que o nosso querido Benfeitor sempre quis prestar a esta instituição e, modestamente, reconhece que a existência desta casa — desde a sua fundação — se deve aos anseios de caridade da muito ilustre Família de V. Ex.ª, e da qual apenas deseja ter a honra de manter vivo e actuante o programa que lhe foi confiado.

Com o preito da nossa respeitosa homenagem somos muito reconhecidos a V. Ex.ª.

Pela Direcção

Manuel Alberto Rodrigues de Faria

*

A terminar a *Hora da Saudade*:

«OUVE-ME, BARCELOS!

— a propósito da grande manifestação de sentida dor, que constituiu o funeral do Exmo. Sr. João Duarte.

Quando há dias, à última jazida,
Amigo muito querido acompanhava,
Pude sentir-te a alma entristecida,
Tão realmente triste se mostrava.

E ao ver-te assim — e assim ver-te eu queria —
(Nunca, nest'hora, ver-te esp'rei dif'rente)
Eu senti que o orgulho em mim crescia
Ao venerar-te a dor serena e ingente.

Choravas! mas choravas com razão.
Só chora assim quem sente e sofre a dor
Que nos fere em pleno coração.

Foste nobre no transe! e, assim, depor
Meu preito venho, em preito à gratidão
Que a todos nós, tão bem soubeste impor.

LX. MARÇO 1966 *A. MARQUES DE AZEVEDO»*

2.º

DOCUMENTOS HONORÍFICOS DA SUA VIDA

COMENDA DA ORDEM DE MÉRITO INDUSTRIAL *com que João Duarte foi agraciado por Sua Ex.ª o Presidente da República, Marechal António Óscar de Fragoso Carmona, em 1 de Maio de 1936*

República Portuguesa

O Presidente da República

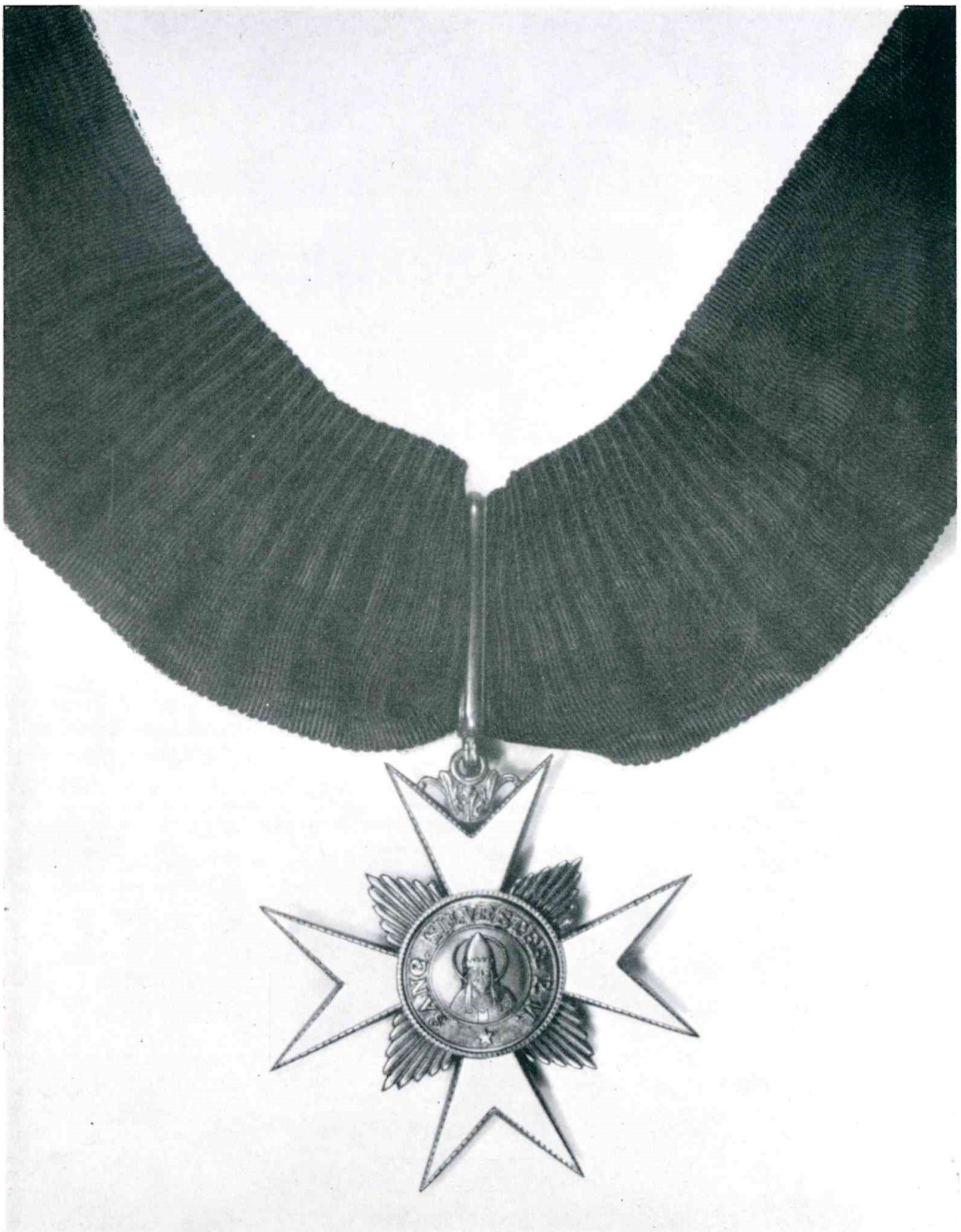
Grão-Mestre das Ordens Portuguesas

Confere ao Senhôr João Duarte Veloso, Industrial o grau de Comendadôr da Ordem do Mérito Agrícola e Industrial (classe do Mérito Industrial).

Nos termos do regulamento da mesma Ordem são-lhe concedidos as honras e o direito ao uso das insignias que lhe correspondem.

Dado em Lisboa e Paços do Govêrno da República, aos 1 de Maio de 1936.

O Chanceler da Ordem,



COMENDA DE CAVALEIRO DA ORDEM DE S. SILVESTRE PAPA, *que foi outorgada graciosamente a João Duarte por S. S. Pio XI, em 5 de Agosto de 1937*

PIVS PP. XI

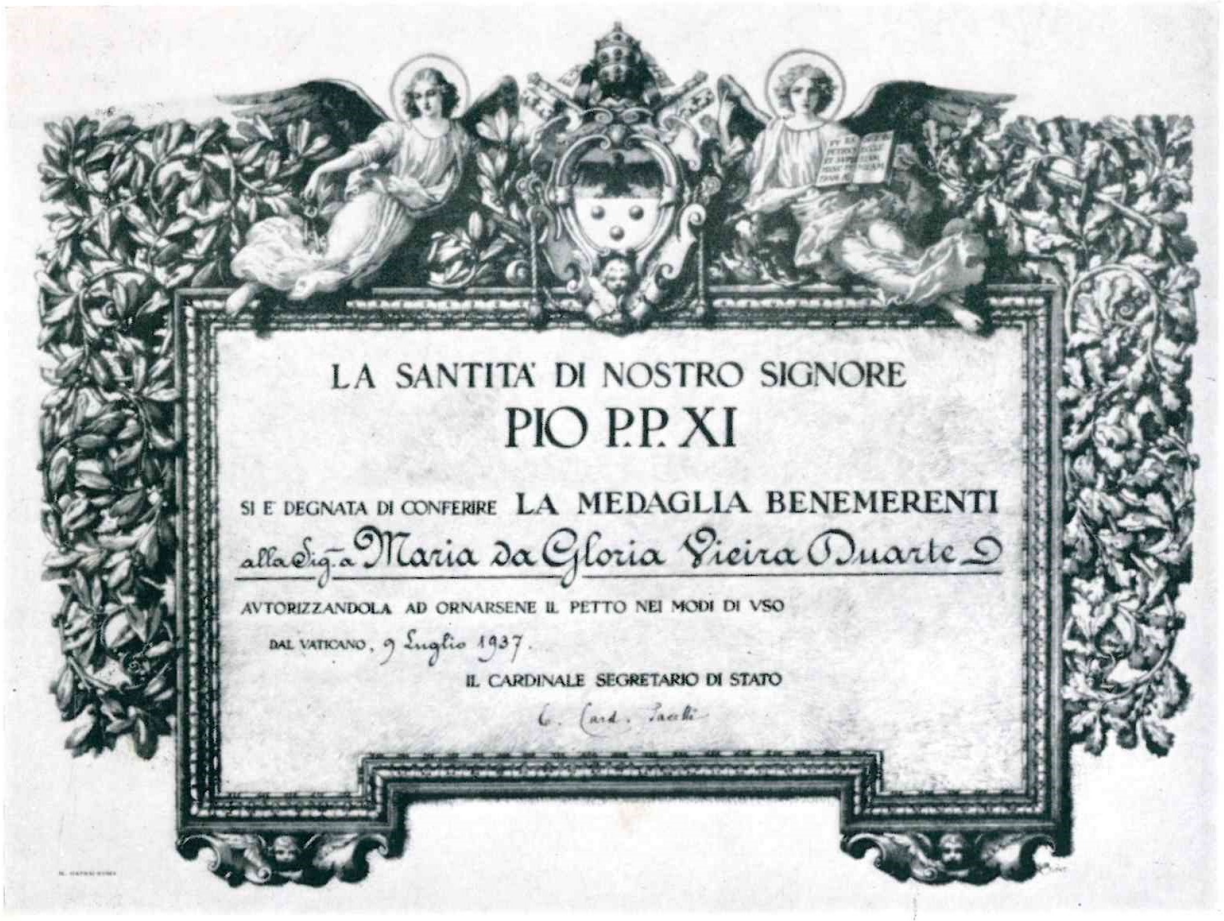
Dilecte fili, salutem et apostolicam benedictionem. Bracharensium Archiepiscopus Nos edocet te, virum catholicum vita in exemplum adducenda ornatum, optime meritum esse de Operibus paroecialibus, atque auxilium magnum catechisticae puerorum institutioni praebere. Cum propterea ipse Praesul a Nobis expostulet ut peculiari te decoremus dignitate Equestri, precibus hujusmodi benigne annuentes, ut debito tua promerita rependamus praemio, quo Nostram quoque benevolentiam tibi publice significemus, hisce te Litteris Nostris **Equitem Commendatorem Ordinis Sancti Silvestri Papae** eligimus, facimus ac renuntiamus, teque in eorundem Equitum coetum et numerum referimus. Tibi proinde, dilecte fili, concedimus ut propriam Equitum hujus Ordinis et gradus vestem induere, ac proprium item insigne gestare queas, nempe majoris moduli Crucem auream, octogonam, alba superficie, imaginem Sancti Silvestri Papae in medio referentem, quae taenia serica, rubro et nigro coloribus distincta, extremis oris rubris, collo circumducta, ex aliorum Equitum more, dependeat. Ne quid vero discriminis tam in veste quam in Cruce hujusmodi deferendis contingat, appositum schema tibi tradi jubemus. Datum ex Arce Castri Gandulphi, sub anulo Piscatoris, die V mensis Augusti, anno MCMXXXVII, Pontificatus Nostri decimo sexto.

C. Card. Pacelli
a Secretis Status

Dilecto filio

Joanni Duarte Veioso.

O. Pelliccia Valens



MEDALHA DE BENEMERÊNCIA, *concedida graciosamente à Ex.ma Senhora D. Maria da Glória Vieira Duarte por S. S. Pio XI, em 9 de Julho de 1937*

Medalha de ouro, com o emblema da Fábrica Barcelense, oferecida a João Duarte e a sua Ex.ma Esposa pelo pessoal da Fábrica, comemorativa da Grande Homenagem de 19 de Junho de 1965

3.º

OUTROS DOCUMENTOS

TELEGRAMA

Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho de Ministros, Professor Doutor António de Oliveira Salazar, enviou o seguinte telegrama em resposta à mensagem que lhe foi dirigida pela Direcção e pessoal da Fábrica Barcelense, por ocasião das eleições presidenciais de 1958:

«Recebi de Sua Excelência o Ministro das Corporações a mensagem da Direcção e Operários da Fábrica Barcelense, que tiveram a bondade de dirigir-me por intermédio daquele membro do Governo.

Estou muito grato aos gerentes e pessoal superior, ao pessoal de escritório e armazém, ao pessoal técnico e a todos os operários que quiseram assinar a mensagem, e fico-lhes muito reconhecido pela gentileza das suas palavras.

Peço ao Exmo. Senhor João Duarte o obséquio de transmitir-lhes a expressão do meu agradecimento.

Mais que as palavras que me dirigiram, me impressionou e tocou fundamente o verificar que a Fábrica Barcelense constitui uma grande família, irmanada nos mesmos sentimentos e colaborando todos para o mesmo fim.

Muito apreciaria que o exemplo fosse seguido e imitado, e por todo o Portugal se visse, no mundo do trabalho, a mesma harmonia.

Respeitosos cumprimentos.

PRESIDENTE DO CONSELHO»

*

OUTROS TELEGRAMAS:

Por ocasião da Homenagem a João Duarte, em 19 de Junho de 1965, foram recebidas centenas de telegramas, entre os quais os abaixo transcritos:

«Agradecendo amável convite inauguração blocos residenciais Fábrica Barcelense, felicito V. Ex.ª notável empreendimento, associando-me justa homenagem que lhe é prestada.

Muitos cumprimentos.

Sollary Allegro».

*

«Impossibilitado comparecer como tanto seria meu desejo, associo-me justíssima homenagem prestada grande industrial e benemérito que é o ilustre amigo, cuja obra e espírito social sempre me impressionaram vivamente, congratulo-me ainda inauguração mais um agrupamento casas, construídas abrigo lei 2092 tão cara meu coração, oxalá nobre exemplo querido amigo frutifique em toda a parte. Respeitosas e afectuosas saudações.

Veiga de Macedo».

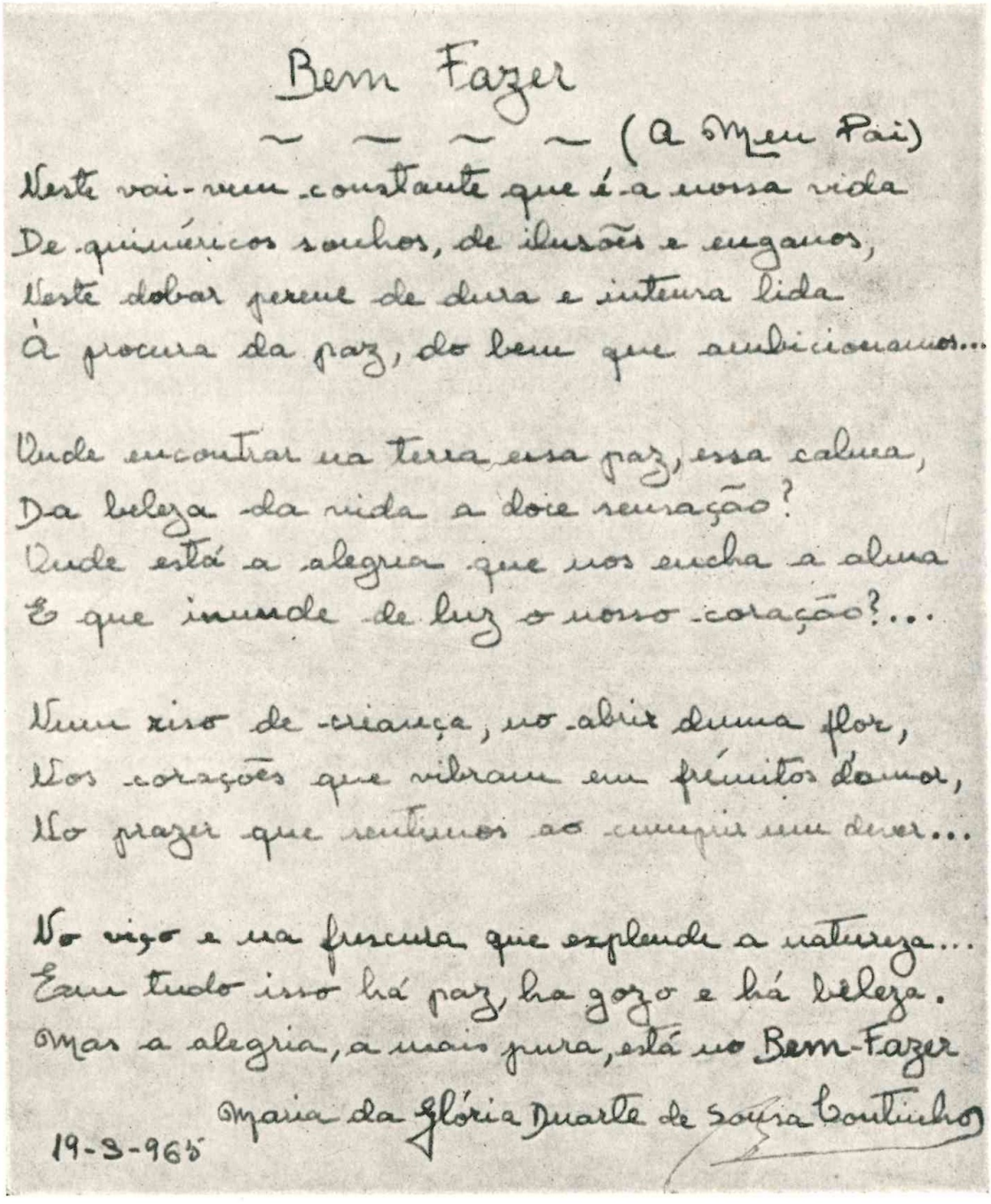
*

Transcrevemos da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», volume 34, página 509:

«Veloso (João Duarte), Industrial, nasceu em Barcelos, em 1888. Foi o iniciador da indústria têxtil na sua cidade natal,

onde fundou várias fábricas de fiação e tecidos. Também fundou fábricas de malhas e fiação no Porto.

Tem tido notável acção no campo social. É *cidadão honorário* da sua terra natal, e foi agraciado com as Ordens de Benemerência e de Mérito Industrial».



Bem Fazer

~ ~ ~ ~ (a Meu Pai)

Neste vai-vem constante que é a nossa vida
De quiméricos sonhos, de ilusões e enganos,
Neste dobar perene de dura e inteira lida
À procura da paz, do bem que ambicionamos...

Onde encontrar na terra essa paz, essa calma,
Da beleza da vida a doce veneração?
Onde está a alegria que nos encha a alma
E que inunde de luz o nosso coração?...

Num riso de criança, no abrir duma flor,
Nos corações que vibram em frémitos d'amor,
No prazer que sentimos ao cumprir um dever...

No vigor e na frescura que esplende a natureza...
Em tudo isso há paz, há gozo e há beleza.
Mas a alegria, a mais pura, está no Bem-Fazer

Maria da Glória Duarte de Sousa Coutinho

19-3-965

*

CORRESPONDÊNCIA

Entre as muitas cartas recebidas e dignas de menção, apenas arquivamos neste lugar as seguintes que se referem ao levantamento do Monumento, e foram dirigidas à respectiva Comissão.

Do Senhor Professor Doutor Álvaro Rodrigues:

«Exmos. Senhores,

Só agora, tendo tido conhecimento, através de uma carta recebida de S. Ex.ª o Sr. Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, da justíssima homenagem projectada ao notabilíssimo nome de João Duarte, cuja memória perdurará eternamente na gratidão de todos os que disputaram os primores do seu carácter e a nobreza de sua ilustre pessoa, venho entregar a V. Ex.as a quantia de 5 000$00 com que tenho a honra de contribuir».

(Outubro de 1966)

*

Do Senhor Major Carlos Augusto da Arrochela Lobo, antigo Comissário Nacional do Desemprego e actual Presidente do Cofre de Auxílio dos Funcionários do Ministério das Obras Públicas:

«Exmos. Senhores,

«Seguem hoje em vale mil escudos, quantia esta destinada ao monumento a *João Duarte*, o homem que continuará a viver no coração e no espírito daqueles outros homens, que admiram as nobres qualidades morais e possuem o sentido das virtudes,

raras entre os homens, que *João Duarte* cultivava com a sua simplicidade de nobreza de alma. São raros, nos tempos que decorrem, homens da sua têmpera, motivo por que são merecidos todos os louvores à Comissão que procura, com o monumento, perpetuar aquela memória... É preciso que o monumento seja digno do «Homem».

*

Do Senhor Alfredo Fonseca:

«Lisboa, 18 de Maio de 1966.
À Comissão do Monumento a *João Duarte*
Amigos e Senhores:

É com a maior satisfação que venho com a minha parte ao encontro da grandiosa ideia de se erguer um monumento a *João Duarte,* homem que estimei com a maior veneração e que deixou na minha vida uma grande saudade.

Para que a vossa iniciativa tenha a projecção que o saudoso *João Duarte* muito merece, subscrevo-me com a importância de 20 000$00 (vinte mil escudos)».

*

Do Senhor Dr. José Ferreira Gomes:

«Lisboa, 25 de Abril de 1966
Exmo. Senhor Director de «O Barcelense».
Barcelos.

Com o maior interesse venho associar-me à iniciativa do monumento à memória muito saudosa do Senhor João Duarte. Oxalá se faça um monumento condigno.

Com esse objectivo envio a importância de 5 000$00.

Eu não posso ficar ausente numa subscrição pública. E essa quantia será o meu contributo, à homenagem merecida a um dos maiores homens que tive a honra de conhecer, que muito estimei e por quem fui muito estimado».

*

Do Senhor Dr. Joaquim Cadaval de Sousa Coutinho:

«À Comissão Promotora do Monumento a João Duarte, Barcelos.

Exmos. Senhores,

Com os meus melhores cumprimentos peço licença para junto enviar uma importância destinada ao Monumento a erigir em homenagem ao grande Homem que foi João Duarte.

É com sincera emoção que me permito associar a esta homenagem, pois João Duarte foi o exemplo vivo do «Homem Bom», merecendo o seu nome e memória o maior respeito e admiração de todos quantos tiveram a felicidade de conhecer as suas excelsas qualidades de carácter, aliadas a uma bondade e dinamismo inconfundíveis.

Permitam-me que manifeste também a minha satisfação e alegria por sentir quão justa é esta homenagem, e, neste aspecto, não quero deixar de apresentar a V. Ex.as as minhas sinceras felicitações por serem promotores de tão nobre ideia».

*

Mas a acção de João Duarte não foi só admirável nos nossos tempos mais recentes. Desde sempre ele foi grande em suas acções beneficentes e de trabalho, como se vê pela imprensa que se lhe referia e pelo gesto eloquente da cidade de Barcelos que já há muitos anos o fizera Cidadão Honorário.

Transcrevemos neste lugar um trecho do «Notícias de Barcelos» de 1935, cujo Director era o ilustre Barcelense Dr. José de Matos Graça:

«HOMENS BONS» DE BARCELOS, DOS NOSSOS DIAS

O Senhor João Duarte Veloso, nasceu em Barcelos a 19 de Março de 1888.

Foram seus pais António Veloso e D. Maria do Rosário Duarte.

Dedicou-se desde muito novo à carreira comercial empregando-se, aos 13 anos, no Porto, no estabelecimento de seu tio Domingos Duarte, onde fez o seu tirocínio preparando-se para a vida, com a intenção bem assente de vir a ser alguém.

Já homem, estabeleceu-se por sua conta, montando uma casa exportadora de tecidos de lã e algodão, e pouco a pouco, à custa de muita energia e com as suas economias, instalou uma pequena fábrica de galões de palheta, que ràpidamente se desenvolveu. E os negócios começaram a prosperar, estendendo-se não só no País, mas até no Brasil, a venda dos seus produtos.

E foi então que pensou em trazer para Barcelos as suas iniciativas e a sua actividade. Liquidou os seus negócios no

Porto, e fundou a Barcelense, Lda. Vencendo dificuldades sem conta, desenvolvendo uma energia inquebrantável, triunfou. E a «Barcelense, Lda.» é hoje a primeira fábrica no seu género em Portugal, e um orgulho para Barcelos.

Toda a sua vida dedicada ao trabalho, pouco tempo lhe sobra das suas absorventes ocupações de Chefe de Indústria, mas esse mesmo sabe empregá-lo em servir a sua terra, a que tanto quer, e em fazer bem.

E não há em Barcelos ninguém que ignore o que tem feito pelos seus operários, e o que tem feito pelos pobres.

Foi Presidente da Associação Comercial e Industrial de Barcelos, e Vice-Presidente da Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Barcelos, de que é Sócio Benemérito.

Faz parte do *Conselho Fiscal do Banco de Barcelos.*

É benfeitor constante de quantas instituições de beneficência existem na nossa terra.

E nesta época de crise, em que o desemprego tanto aflige os que querem trabalhar e não têm onde, a fábrica de João Duarte, tem acolhido muito desempregado, e valido a muita miséria.

Também na Indústria, Barcelos tem os seus Homens Bons!

Também no campo da moderna actividade industrial, os barcelenses, quando a ela se dedicam, sabem mostrar o que valem e honrar a sua terra. Não é ainda Barcelos um dos grandes centros industriais do País, mas é importante o seu esforço, e já muito notável o seu progresso. À frente das suas indústrias estão verdadeiros Chefes: um deles é João Duarte.

Empreendedor activo, conseguiu, em poucos anos, montar e desenvolver uma indústria florescente, servida por uma orien-

tação inteligente e progressiva, e acreditada por uma escrupulosa probidade. Hoje a «Barcelense, Lda.» é, no seu género, a primeira fábrica não só da nossa Província, mas do País. E já estende para além das fronteiras os seus negócios e a sua sólida reputação.

Modesto, não tem João Duarte querido ocupar cargos públicos, em que a sua personalidade distinta, e o seu nome respeitado, seriam vistos com o maior agrado pelos seus conterrâneos. Mas não regateia nunca a sua leal e valiosa colaboração a todos os empreendimentos úteis e a todas as instituições que trabalham para o engrandecimento e prestígio de Barcelos.

Bondoso e caritativo como poucos, os estabelecimentos de beneficência da nossa terra, e os pobres, sabem, de ciência certa, que podem sempre contar com ele.

Mas sobretudo os seus operários merecem-lhe especial afecto. Para lhes melhorar as condições de trabalho, para lhes atenuar as dificuldades da vida, nesta época de crise que atravessamos, tem João Duarte sabido desenvolver uma acção benéfica e carinhosa, e empregar com inteligência e bondade, numa constante e cuidadosa assistência, esforços e capitais. Por isso os operários e operárias da sua fábrica o respeitam e o estimam, e por isso o Povo de Barcelos o estima e o respeita também.

Vindo do Povo, soube mostrar ao Povo o verdadeiro caminho, o caminho do Trabalho e da Honra, que o elevou a posição que, de pleno direito, hoje ocupa na sua terra e no meio industrial Português.

João Duarte é o exemplo frisante do que os ingleses chamam «self made man», e também do que, nós os barcelenses, chamamos com legítimo orgulho: «Homens Bons de Barcelos».

Segunda Parte

JOÃO DUARTE APRECIADO PELA IMPRENSA

VI — ATÉ 1965
VII — 1965 — A GRANDE HOMENAGEM
VIII — 1966 — A SUA MORTE
IX — O MONUMENTO

VI

ATÉ 1965

VI

As transcrições que se vêem neste livro não constituem a totalidade de quanto se escreveu, no correr dos anos, sobre João Duarte e sua Obra. Não constam aqui muitas outras publicações ou porque se extraviaram, porque se referiam aos mesmos factos, ou porque se julgaram dispensáveis. Essa selecção reduz o volume destas páginas, tornando-as certamente mais leves.

PELA NOSSA CIDADE

Um belo gesto de assistência infantil

(De «O Barcelense», de 10-3-1934)

«O activo e grande industrial Sr. João Duarte Veloso, fundador e principal societário da *Fábrica Barcelense, João Duarte & C.ª, Lda.*, produtora em grande escala de artefactos de malhas de seda, rendas e passamanes, vai dar relevo a uma bela lembrança de assistência infantil, consagrada aos filhos do seu operariado feminino, até aos 3 anos de idade, isto é, dá-lhes uma Creche-Lactário.

Para isso fez construir, numa dependência do vasto edifício da fábrica, salões apropriados para receber, à hora de começar o trabalho da manhã, os filhos das operárias, que são entregues às mães quando terminado o trabalho, e assim em todos os dias úteis.

As salas estão dotadas de tudo o que é preciso para garantir o conforto e agasalho dos petizes, bem como a sua especial alimentação, em que têm lugar principal as bolachas e massas das fábricas Triunfo, a que o

Sr. João Duarte deu a preferência pelas informações colhidas sobre a excelência das suas matérias-primas, e escrupulosa técnica de preparação.

De há muito que o Sr. João Duarte Veloso se tornou, pela sua franca generosidade sempre pronta a debelar a miséria social e individual deste meio, querido e abençoado por todos os pobres, respeitado e considerado pelos que, conhecendo a sua filantropia, lhe enaltecem as suas virtudes cívicas e pessoais, na distribuição de benefícios de toda a espécie procurando aliviar os males alheios.

E não se julgue que assim pratica por embolia ou vaidade, pois é exactamente o contrário, procurando realizar aquele preceito — que a mão esquerda não veja o que a direita dá —.

Cremos que o nosso amigo Sr. João Duarte, sabendo como sua estremecida esposa — a Ex.ma Sr.a D. Glória Vieira — o acompanha nesta nobre missão de tanta beneficência, se julga bem compensado de tudo quanto faz pelos pobres.

Encarecer, pois, a enorme vantagem, física e social, que resulta para aquelas pobres criancinhas que, se não fosse a Creche, ficariam entregues, como até agora, na ausência das mães, a pessoas a quem tudo falta, é um acto de sublime grandeza, a que não aspiramos bem exprimir pela deficiência das nossas palavras.

No entanto, a sensibilidade do coração humano sabe avaliar e agradecer tantos rasgos de espontâneo e desinteressado amor pela humanidade sofredora.

A inauguração da Creche deve ter lugar em 19 do corrente mês, dia natalício do Sr. João Duarte.

«*O Barcelense*» e este seu humilde colaborador sentem o maior prazer em cumprimentar tão denodado cidadão, limitando a esta simples notícia o muito que se poderia dizer, e terminam como o poeta:

«*Ditosa pátria que tal filho tem*».

O PROBLEMA SOCIAL

EXEMPLO A SEGUIR

(Do «República Nova», de 19-3-1934)

«Todas as discórdias se nos afiguram pacíficas em face do problema social, a que Etienne Lamy chamou o mais terrível enigma dos tempos modernos.

A maior força do século 19, o poder das palavras, deixou de ter qualquer valor para os que sofrem dores, fome e misérias.

A miséria paralisa e envilece a dignidade humana que cede ao instinto da conservação.

E a ordem nunca pode ser estável onde e quando o sofrimento é grande.

Compreendendo isto mesmo, acaba um importante industrial de Barcelos, o sr. João Duarte, de tomar uma iniciativa digna dos maiores encómios.

Solenizando o seu aniversário natalício, que ocorre hoje, o sr. João Duarte vai dar aos filhinhos do seu pessoal feminino, uma assistência altamente simpática numa Creche-Lactário.

Assim é que se trabalha. Com estes gestos é que se faz a grande e necessária revolução, a revolução da justiça completada pela da bondade.

Uma sociedade vale pelo que valem os homens que a compõem. Se todos os industriais compreendessem os seus deveres como o sr. João Duarte, que magnífico futuro se não abriria para Portugal!»

A REALIZAÇÃO DE UMA BELA OBRA DE ASSISTÊNCIA INFANTIL

(De «O Primeiro de Janeiro», de 21-3-1934)

«BARCELOS, 20 — Esteve ontem em festa a *Fábrica Barcelense, João Duarte & C.ª, Lda.*, pela inauguração da Creche-Lactário para os filhos do seu operariado feminino até 3 anos de idade, como dissemos em carta anterior.

Às 9 horas, na igreja matriz, o rev. prior Padre Gaiolas, celebrou missa em homenagem ao sr. João Duarte, comemorando o seu natalício, assistindo este com sua família, todo o pessoal da Fábrica, e muitas outras pessoas.

Às 15 horas o rev. prior, devidamente paramentado, recitou as orações próprias para a bênção da nova Creche-Lactário, seguindo-se a festa inaugural.

A sessão foi presidida pelo sr. dr. Miguel Fonseca, representante da Associação Comercial, secretariado pelos sr. João Duarte, representando a Indústria, e rev. prior Gaiolas como representante da Cidade.

Foi dada a palavra a muitos oradores, sendo, alguns, operários da Fábrica, de ambos os sexos, e sendo descerrado o retrato do sr. João Duarte, oferta do operariado, colocado no dormitório da Creche onde se realizava a sessão, completamente repleto de damas, cavalheiros, Imprensa local e correspondentes dos diários do Porto, e operariado, estando as mulheres com os seus filhinhos, que eram os verdadeiros heróis da festa.

Todos os oradores discursaram com emocionante sentimento, falando das mães, das criancinhas, do abandono em que as mães as deixavam, para virem ganhar o «pão nosso de cada dia», o que agora, felizes delas, acabou.

Desejaríamos dar uma resenha de todas essas manifestações de simpatia por tão grandioso monumento civil, mas não podemos abusar das colunas do «Janeiro».

Também os oradores incitaram, com palavras carinhosas, os operários a perdurar no caminho honrado da disciplina, no bom desempenho das suas obrigações, no respeitoso conceito devido aos seus chefes, como têm procedido, sendo digna de louvores a sua conduta, podendo dizer-se que assim conquistaram já a Creche-Lactário, e outras regalias virão, o que não receberiam com bombas explosivas e assaltos, porque isso não são processos de reivindicações sociais.

Muitas palmas, muito entusiasmo, e até muitas lágrimas de satisfatória comoção.

O sr. João Duarte agradece dizendo que, de todos aqueles louvores, todos os elogios, todas as manifestações festivas, lhe cabe apenas uma pequena parte, sendo o restante para os seus bons colaboradores.

Ficou demonstrado que a Creche-Lactário, sendo uma grande obra, é apenas o início do que a Fábrica Barcelense projecta para dotar o operariado, acompanhando-o, desde a assistência à primeira infância até à invalidez.

O sr. João Duarte, para quem foi surpresa esta festa, pois havia entrado na Creche por uma porta de serviço particular acompanhado das damas e cavalheiros em visita à Fábrica, atravessou as diferentes secções do espaçoso estabelecimento, por entre alas dos seus serviçais que o cobriam de flores à sua passagem, estando toda a Fábrica engalanada de galhardetes e muitas e muitas flores.

Os sócios da Fábrica ofereceram ao sr. João Duarte um rico serviço de escritório, em prata, de fabrico chinês, com o peso de 13 quilos; o pessoal da contabilidade, um magnífico relógio, também

para escritório, a condizer com aquele ofertado serviço, e o operariado, como já dissemos, o retrato de S. Ex.ª em tamanho natural.

Não foi esquecida, pelo contrário, a sr.ª D. Maria da Glória Vieira Duarte, extremosa esposa do sr. João Duarte, de coração sensível e não menos bondoso que o do seu marido. Foram-lhe testemunhadas todas as hossanas a que tem direito, porque jamais obsta, antes corrobora os actos de beneficência praticados pelo marido, e não são poucos.

Serviu-se um primoroso serviço de vinhos e doces, sendo ainda muito festejada e ovacionada a família João Duarte.

Os operários também tiveram a sua mesa de vinho e doces.

Estavam presentes muitas damas e cavalheiros do Porto, Braga, Póvoa de Varzim e outras localidades.

O correio do sr. João Duarte foi muito volumoso de cartas de felicitações e telegramas, o que é natural pelas suas muitas relações, e porque festas como esta, são sempre gratas a quem bem compreender a caridade de tal modo exercida.

«O Primeiro de Janeiro», que ali esteve pela pessoa do seu correspondente, agradece o convite recebido, e faz votos pelas felicidades da Fábrica Barcelense.

A Fábrica, em laboração, esteve hoje franqueada ao público, das 10 às 16 horas, em honra das famílias dos operários.

C.»

A INAUGURAÇÃO DA CRECHE-LACTÁRIO DA FÁBRICA BARCELENSE

(Do «Notícias de Barcelos», de 29-3-1934)

«Devia ter sido publicada no número anterior do *Notícias de Barcelos* a resenha da inauguração festiva da Creche-Lactário, que a Fábrica Barcelense de João Duarte & C.ª, Lda. muito acertadamente fez instalar numa das dependências do seu grande edifício.

Não no-lo permitira então o espaço de que dispúnhamos, pois que não era ele bastante para dar cabimento ao que desejávamos escrever sobre aquele facto, que bem merece ser posto em relevo.

O sr. João Duarte Veloso, principal sócio daquela fábrica, compreende, como poucos, a necessidade de as crianças se rodearem dos maiores cuidados e carinhos, de terem, junto de si os cuidados das mães.

O sr. João Duarte é daquelas pessoas que não cuidam sòmente de si mesmas, mas que sabem repartir pelos necessitados muito do que vão obtendo do seu trabalho.

A inauguração da Creche-Lactário para as criancinhas filhas das operárias que trabalham na fábrica que ele dirige, é uma manifestação bem eloquente dos seus sentimentos caridosos e da sua alma boa.

Não lhe regateamos os nossos louvores, que bem merecidos são, nem aos seus consócios da «Barcelense», nem aos que com ele cooperaram na realização desta obra de benemerência, — nem aqui podemos esquecer sua ex.ma esposa, a Senhora D. Glória Duarte, que também muito contribuiu, entusiàsticamente, para que a Fábrica Barcelense fosse dotada com este melhoramento de tamanho alcance social.

Os operários da Fábrica Barcelense, que devem andar por cerca de quatro centenas, na sua grande maioria mulheres, souberam compreender o altíssimo valor do melhoramento de que, para uso de seus filhinhos, foi dotado aquele estabelecimento industrial, que muito honra o nosso país, e mais ainda a nossa terra, quer pelo seu desenvolvimento progressivo, quer pelos benefícios que distribui à classe trabalhadora.

A festa do dia 19 deste mês pode bem dizer-se que foi preparada pelos operários da «Barcelense», que quase de surpresa mostraram ao sr. João Duarte e a sua ex.ma esposa que sabem ser agradecidos e reconhecer o bem que lhes fazem.

A essa festa, porque coincidira com a do aniversário natalício do sr. João Duarte, não assistiram convidados, por que os não houve, — mas sim amigos e admiradores do homenageado, que bem o merece e que se impõe a toda a consideração e estima, pelo seu carácter, pelo seu aprumo e pelas virtudes de que é dotado.

Os que do Porto e de outras terras vieram, naquele dia, de visita ao sr. João Duarte, vieram saudá-lo como amigos e admiradores — e tomaram, muitos sem prèviamente o terem sabido, parte na festa que os operários da Fábrica haviam preparado.

Nós também aproveitámos este ensejo para saudar e felicitar o sr. João Duarte Veloso pelo seu aniversário natalício, e rendemos-lhe a nossa homenagem de gratidão, até em nome das criancinhas e das mães que ele veio proteger com a instalação da Creche-Lactário na Fábrica, de que é principal societário e gerente.

A inauguração da Creche-Lactário a que nos estamos referindo, realizou-se pelas 15 horas do dia 19 deste mês.

Bela instalação, dotada de muita luz, de espaço, de asseio e de conforto. Não pode exigir-se nem mais, nem melhor.

Salas de estar, de dormir, de banho, e consultório médico.

Lindas e confortáveis caminhas, em que as crianças podem descansar, enchem um grande salão.

À sessão inaugural presidiu o digno presidente da Associação Comercial de Barcelos, sr. dr. Miguel Fonseca, que tinha à direita o sr. João Duarte e à esquerda o digno Prior de Barcelos, sr. P.e Joaquim Alexandre Gaiolas, que havia presidido à bênção dos aposentos.

O sr. dr. Fonseca, abrindo a festa, saudou o sr. João Duarte e sua ex.ma esposa, e disse do alto valor daquela grande obra de assistência. Em seguida o sr. Prior de Barcelos proferiu um discurso, em que focou primorosamente a importância do melhoramento que a sociedade João Duarte & C.ª Limitada estava a inaugurar. Focou as personalidades do sr. João Duarte e de sua dedicada esposa, que bem merecem a gratidão dos barcelenses, por muitas afirmações de sentimentos de caridade e pela prática de muitos auxílios dispensados às classes pobres, uns que são conhecidos, mas outros, e na maioria, desconhecidos.

O mais antigo operário da Fábrica, sr Alfredo Diogo dos Santos, leu uma bem elaborada mensagem, em que foi focada, com brilho e justiça, a personalidade do sr. João Duarte e de sua esposa, e manifestando a alegria e o agradecimento de todos os que trabalham naquela casa. Os operários que o encarregaram de dizer o seu agradecimento haviam decidido colocar no salão principal da Creche-Lactário o retrato do seu benfeitor — João Duarte —, retrato que neste momento foi descerrado pela filhinha do sr. Duarte, a interessante menina Glória, tendo a assistência prestado ao homenageado, neste momento, uma calorosa e prolongada ovação.

O sr. Luiz Fernandes Pinheiro, que usou da palavra, fez o elogio do chefe que estima e que admira, tendo sido o porta-voz de todos os que, sob a direcção do sr. João Duarte, trabalham naquela Fábrica, a manifestar-lhe o seu agradecimento pelos benefícios recebidos.

O sr. João de Sousa, que declarou não ter ido ali para falar mas para felicitar o sr. João Duarte pelo seu aniversário natalício, disse que não podia ter ficado calado ao ver a obra de protecção às crianças e às mães, que o sr. João Duarte acabava de instalar na Fábrica.

Falou da assistência às crianças, e disse que ficaria bem, ao lado do retrato do sr. Duarte, o retrato da sua ex.ma esposa que, por ser mãe, sabia compreender o valor daquele benefício a que ela tinha também dado todo o seu carinho.

O sr. Marcelo Serrão da Veiga, em nome dos operários, disse do valor e importância daquele melhoramento, frisando que as mães saberiam agradecer o benefício, pois que desde aquela hora deixavam de estar a trabalhar preocupadas com a ausência dos seus filhinhos.

Por elas e por todos os que trabalham na Fábrica Barcelense, dava ao sr. João Duarte, e à ex.ma sr.a D. Glória Duarte, o agradecimento que estava na alma e no coração de todos.

O sr. Dr. Francisco Torres disse que conhecia bem o belo carácter do sr. João Duarte, a sua modéstia e o seu desejo de ser útil aos que precisam de ser ajudados.

Aquela obra que se inaugurara era também obra da sr.a D. Glória Duarte, e por isso mesmo rendia a sua homenagem de admiração a todos quantos animaram a efectivação do melhoramento importantíssimo, que é a Creche-Lactário.

Também falou um operário da Fábrica que a Sociedade possui no Porto, que saudou o sr. João Duarte; a gentil quartanista de medicina, sr.a D. Maria Augusta Vasconcelos, pronunciou um lindo discurso.

Recitaram formosas poesias várias crianças.

O sr. Manuel Augusto Vieira pronunciou um discurso em que focou o pensamento que presidiu à criação da Creche-Lactário, dizendo que não foi necessário, nem ali é necessário, que os operários reclamem melhoramentos nem auxílios, porque os sócios da Barcelense sabem bem compreender as necessidades da classe operária.

«Ao patrão, disse, é sempre agradável pagar muito ao seu cooperador, porque é sinal evidente de que este serve, é bom, sério e disciplinado. Esta Creche-Lactário é obra vossa — fostes vós o braço que contribuiu para que ela hoje aqui esteja construída. Mas o corpo, a cabeça que fez mover esse braço, foi a firma que tem por gerente o sr. João Duarte».

O sr. João Duarte, muito comovido, agradeceu as homenagens que lhe foram prestadas ali, declarando que as repartia pelos seus colaboradores.

O sr. Dr. Miguel Fonseca encerrou em seguida a sessão da inauguração da Creche-Lactário, no meio de uma quente salva de palmas.

Todos os que assistiram à festa visitaram as dependências da Fábrica, e, durante o percurso, os operários, em filas extensas, ovacionaram o sr. João Duarte e sua ex.ma esposa, cobrindo-os de flores.

Foi depois servido um Porto de Honra, numa das dependências da Fábrica, a que assistiram muitos cavalheiros e senhoras, tendo brindado, pelas prosperidades da Fábrica, do sr. João Duarte, da Senhora D. Glória Duarte e pelos seus filhinhos, os srs. P.e Joaquim Gaiolas,

João Cruz, Augusto Soucasaux, Manuel Vieira, João de Sousa, etc., etc., brindes que o sr. João Duarte agradeceu.

Durante a sessão solene, foram oferecidos lindos «bouquets» de flores à ex.ma sr.ª D. Glória Duarte e seu extremoso marido.

Muito resumidamente aqui fica mencionada a festa que teve lugar no dia 19 deste mês, à qual nos associamos com todo o sentimento — apresentando os nossos cumprimentos ao nosso amigo sr. João Duarte Veloso e a todos os que cooperaram no grande melhoramento que é a Creche-Lactário da Fábrica Barcelense, muito especialmente à ex.ma sr.ª D. Glória Duarte».

Quase todos os jornais do País se referiram largamente a este assunto.

INAUGURAÇÃO DUMA CRECHE-LACTÁRIO NA FÁBRICA JOÃO DUARTE

(Do Jornal «Novidades», de 1-4-1934)

«Foi há dias inaugurada em Barcelos uma creche-lactário na importante fábrica do nosso bom amigo sr. João Duarte Veloso.

Tem essa fábrica grande número de operários e, na intenção do sr. João Duarte e de sua dedicada esposa sr.ª D. Maria da Glória Vieira Duarte, estava desde há muito a instituição agora inaugurada, e que grandes benefícios levará às criancinhas, cujas mães se vêem obrigadas a trabalhar fora de casa.

Foi um dia de festa em Barcelos, e bem justificado. De manhã houve missa na Colegiada, a que assistiram mais de 300 operários, todo o pessoal superior da fábrica e muitas pessoas de representação.

De tarde, o Rev. Prior, P.e Joaquim Alexandre Gaiolas, procedeu à bênção da Creche. Esta cerimónia foi seguida duma sessão solene e de várias demonstrações festivas.

João Duarte, industrial cheio de prestígio em todo o Norte pelas suas belas qualidades, deu um exemplo magnífico do que pode e deve fazer o industrial moderno e cristão.

Associamo-nos gostosamente às homenagens bem merecidas que a ele e a sua extremosa esposa foram prestadas».

UM HOMEM

(De «O Império Português», Lisboa, 4-4-1934)

«A formosa e rica cidade de Barcelos assistiu, ainda há poucos dias a um espectáculo raro e comovedor — à inauguração duma Creche-Lactário para filhos de operárias organizada pelo sr. João Duarte Veloso, activo e empreendedor industrial têxtil.

O Império Português, na sua incansável tarefa de revelar Portugal aos portugueses, de premiar o verdadeiro mérito sob todas as formas, fixa hoje nas suas colunas mais um dignificante exemplo de trabalho, de honradez e altruísmo.

Na verdade, o valoroso benemérito sr. João Duarte Veloso teve um gesto, infelizmente raro na nossa época, e até por isso merecedor dos mais legítimos encómios.

Considerando a terrível situação das suas operárias, mães de crianças ainda tenras, obrigadas a deixar os seus filhos entregues a gente sem posses, tirando ainda dos seus magros salários com que pagar a essas criaturas que velam pelos pequenos, o sr. João Duarte Veloso decidiu solucionar tão urgente e aflitivo problema. Para isso mandou transformar uma dependência da vasta Fábrica em salões convenientes e higiénicos, destinados a receber as criancinhas, até à idade de 3 anos, do seu pessoal feminino, sob a vigilância de gente carinhosa, libertando assim as suas mães de ralações até à hora de terminar o trabalho, em todos os dias úteis.

Ali encontram os petizes tudo quanto precisam; alimento, asseio, agasalho e conforto. A alimentação especial e escolhida dada aos garotinhos é completada com finas massas e gostosas bolachas, preferidas e seleccionadas pelo sr. João Duarte Veloso, que conhece a origem das matérias-primas, e se inteirou da escrupulosa preparação técnica do seu fabrico.

As salas são amplas, arejadas, higiénicas, modernas!

E, para completar obra tão admirável, dotou o estabelecimento com um médico daquela cidade de Barcelos, prestando assim à infância pobre, todos os serviços de que ela carecia.

Informam-nos de que, há muito, o sr. João Duarte Veloso, grande português e de grande coração, honra da sua cidade, presta socorros a toda a miséria que conhece, quer individual, quer social, aliviando aqui, amparando ali, rodeado da estima e do carinho dos pobres que o bendizem como pai misericordioso a cuidar dos seus males.

A modéstia do seu brilhante carácter é encantadora, buscando sempre realizar o mandamento evangélico: «Dá com a direita de modo que a esquerda não veja».

A extremosa esposa do sr. João Duarte, senhora D. Glória Vieira, acompanha-o também no seu devotado zelo pelos pobrezinhos, auxiliando, completando a obra consoladora e santa do seu esposo.

Tão modelar família tem jus ao nosso mais acrisolado respeito, à nossa mais elevada admiração.

Melhor ainda do que nós, lho sabem agradecer as pobres mães, que sentem agora os corações desoprimidos, por saberem que aos seus filhinhos não falta pão, asseio, conforto, agasalho e alegria.

E tudo isto porque um homem, no verdadeiro e completo sentido do termo, quis e soube realizar, para bem da sua terra, o que muitos podiam fazer para termos um Portugal maior, mais radioso, mais sorridente e mais feliz!»

MERECIDA HOMENAGEM

(Da revista «Portugal Feminino»)

«Entre os barcelenses caritativos, que dedicam todo o carinho e atenção às obras de assistência às classes necessitadas, devemos distinguir, sem sombra de lisonja, o nome de João Duarte Veloso, importante industrial e capitalista, principal sócio da conhecida Fábrica Barcelense. Com um carácter excepcionalmente bondoso e simples, aliado a notabilíssimas qualidades de trabalho e empreendimento, João Duarte vem realizando, na cidade de Barcelos, uma belíssima obra de protecção ao operariado que vive sob as suas ordens e na sua dependência, quer facultando-lhe o sustento durante a doença, quer zelando os seus interesses e aumentando os honorários durante a vida activa.

Numa dependência da sua fábrica, foi inaugurada, no dia 19 de Março do ano corrente, *uma Creche-Lactário.* A inauguração constituiu uma tocante cerimónia, a que assistiram todos os seus operários, representantes da Imprensa e das Associações locais, e inúmeras pessoas que vieram espontâneamente felicitar o generoso benemérito, por mais este acto de elevado alcance social. Numa brilhante sessão solene, presidida pelo Ex.mo Sr. Dr. Miguel Fonseca, Presidente da Associação Comercial, usaram da palavra diversos oradores, que salientaram as vantagens da

Creche-Lactário, como factor de assistência à Infância, tendo louvado com expressões de merecida admiração não só o homenageado mas também sua Ex.ma Esposa D. Maria da Glória Vieira Duarte, espírito superior e alma bondosíssima, sempre pronta a auxiliar os pobres e a praticar a caridade nas suas múltiplas modalidades. *Portugal Feminino,* que, na inauguração da Creche-Lactário, se fez representar pela sua ilustre e querida delegada em Barcelos, Ex.ma Sr.ª D. Maria do Carmo de Lima Bandeira Ferreira, associou-se, com um prazer que a sua obra e as suas intenções de benemerência justificam, à homenagem prestada ao Ex.mo Sr. João Duarte Veloso e a sua Ex.ma Esposa D. Maria da Glória Vieira Duarte, dedicadíssima e prezada amiga desta revista».

«AO MEU PATRÃO

Disse Rousseau num pensamento superior:
«Só há justiça onde o homem não viver»
Creio! mas como, então, eu posso conceber
Que haja almas só Bondade, só Amor?

E que as Virtudes mais excelsas, com fervor,
Se reunissem em Alguém que, esconder
Procura, até, a sua acção de Bem-Fazer,
Que vai passando e mitigando tanta Dor?

Deus não existe!... podia às vezes ser verdade...
E, nesse caso, almas vis e d'Eleição
Seriam almas irmãs p'ra Eternidade...

Não!... Para os bons, a quem na terra pervertida
A Humanidade não revela gratidão,
Há Deus, há Céu, há paz, enfim, na outra vida.

UM OPERÁRIO»

INDUSTRIAL AMADO PELOS SEUS OPERÁRIOS

Por SANTA CRUZ

(Do «Novidades», de 3-8-1937)

«O caso deu brado no norte do país, e dele se fez eco, em larga reportagem, este jornal. Um industrial de Barcelos que se tem distinguido pela generosidade para com os seus trabalhadores, e os trata com extremos carinhosos de pai, quis promover *uma festa de consagração da sua fábrica a Cristo-Rei,* e, para comemoração do facto, organizou *uma peregrinação a Fátima,* paga à sua custa, e deu aos operários descanso de uma semana, pagando-lhes o salário como de costume. Este facto, que não é um facto isolado na vida de relação de família entre aquele industrial e os seus operários, causou nestes grande alegria, e provocou aclamações entusiásticas como esta: *Viva o governo dos patrões.* Sem querermos pronunciar-nos sobre o exacto significado da frase e a sua aceitação ou rejeição, tiremos do caso a lição que ele comporta e salta à vista de toda a gente. É que, quando há bons patrões, é difícil haver maus operários. O mal vem quase sempre de cima. Foram e continuam a ser os abusos da *gente de algo* que exasperam os que nada têm, e geram o ambiente de mal-estar, causa das lutas de classe e das eclosões violentas de ódio e de revolta. «O nosso operário é bom» — dizia-nos há aproximadamente dois anos, o senhor Horta e Costa, durante uma visita que fizemos em Negrelos às grandes fábricas do Rio Vizela. Se quem tem dinheiro, inteligência, influência e prestígio cumprisse a nobre missão de *servir*...

O caso do industrial de Barcelos, se produziu tanto entusiasmo nos operários que trabalham na sua fábrica, é por que na verdade se trata de um patrão *católico,* mas *católico* que põe em prática a doutrina das encíclicas. Não fique, contudo, sem dizer que há por vezes patrões *católicos* que entronizam Cristo-Rei na fábrica, que promovem actos de culto e praticam, de longe a longe, a sua generosidade, para dar nas vistas, e para desviar as atenções do essencial a garantir ao operário como *direito* e por dever de *justiça social.* Conhecemos vários casos desses em que a *generosidade* se pratica para ser muito louvada e aplaudida, e para, entre tantos aplausos entusiásticos e o fumo de tanta vaidade lisonjeada, se não ver que anda nisso muito lesada a justiça, e que, o que se faz, é precisamente o contrário do que devia fazer-se.

A generosidade dos patrões para com os operários tem ainda largo campo, depois de *cumpridos os deveres de justiça.* E só então é que será virtude, porque antes disso será apenas disfarce habilidoso e simulação hipócrita, e, ao mesmo tempo, vã tentativa de encobrir um crime social sob aparências de bem-fazer.

Quantos casos destes, em que as virtudes cristãs servem a industriais de pretexto para habilidosamente exercerem uma acção de ganância, e de iníqua exploração do trabalho operário... Como é urgente e indispensável recordar estes claros passos da encíclica «Divini Redemptoris»: *«uma caridade que prive o operário do salário que justamente lhe é devido, não é caridade, mas nome vão e estulto simulacro de caridade. Não é justo que o operário receba por esmola aquilo a que tem direito por justiça; nem é lícito, seja a quem for, libertar-se dos deveres de justiça, substituindo-os pelas migalhas da esmola».*

Quando os industriais são como o de Barcelos, e exercem a caridade, mas depois de *cumpridos os deveres de justiça,* são católicos de verdade, e têm o amor e dedicação dos seus operários. Se, porém, a generosidade é disfarce apenas, temos de lamentar como Pio XI, na encíclica citada, que seja este modo de proceder *de muitos católicos que contribua para abalar a confiança da classe operária na religião de N. Senhor Jesus Cristo».*

OS CONSTRUTORES DO IMPÉRIO

O QUE REPRESENTA A «FÁBRICA BARCELENSE» NO CAMPO ECONÓMICO E SOCIAL DO PAÍS

(Da Revista «Portugal d'Aquém e d'Além Mar», de Março de 1941)

«Há dias, mão de pessoa amiga, levou-nos a passear pela nossa pitoresca Província do Minho. Por entre campos esmeraldinos, bordados a linhas bronzeadas de vides, fomos deliciando nossos olhos pela Natureza nos seus preparativos para a grande festa da Primavera! O sol, «o grande núncio da vida!», na feliz expressão de Balzac, comprazeu-se em espalhar pinceladas de luz pela imagem, dando-lhe frescura e cor, como se guiasse a paleta luminosa dum Jan Steen.

Do Porto a Barcelos, o tempo passou como que por encanto, segredando-nos pelos zéfiros que mansamente agitavam as cabeleiras verdes dos pinhais gementes, «que não só de pão vive o homem».

O homem dispõe de recursos que Deus lhe facultou para os aproveitar no uso da sua ciência e no deleite dos seus sentidos. Deu-lhe ainda Deus a liberdade, tão apreciada, para se movimentar em todos os quadrantes da terra. O homem, fechando os olhos a toda a visão e tapando os ouvidos a toda a harmonia, enclausura-se, encarcera-se a si próprio, dentro das grades do seu egoísmo, do seu desinteresse, da sua falta de gosto. Não procura a beleza da Natureza e as obras do seu semelhante. Vive por viver... É por isso que ainda hoje muitos seres humanos pagam o tributo à morte sem terem visto a locomotiva dum comboio!...

Mal de nós se todos descambássemos para o abismo da indiferença que não deixa atrás de si um rasto de beleza, riscado com o lucipotente diamante da ousadia, do heroísmo e da fé, que fizeram dos nossos antepassados os primeiros construtores do Império. Eles lançaram as grandes bases, mas as suas vidas, como as vidas de outras gerações que se lhes seguiram, como as nossas vidas, são insuficientes para completarem a grandeza daquele Império com que todo o português, digno desse nome, sonha. A rota da nossa grandeza imperial não tem um marco a impor-lhe o fim. Ela é eterna!

Barcelos, a linda cidade que domina o suave rio Cávado, é um dos baluartes mais gloriosos da nossa história, um livro aberto para quantos queiram vir ler os fastos que os nossos maiores de antanho por aqui gravaram com amor e leal dedicação patreótica. Ainda hoje podemos admirar a sua antiga e magnífica ponte em pedra, sobre o Cávado, o seu castelo e algumas ruínas notáveis espalhadas pelo seu burgo.

Uma vez em Barcelos, não quisemos perder a oportunidade duma visita à Fábrica Barcelense. Aqui viemos encontrar mais uma afirmação de que os *construtores do Império* não perecem. Aos do presente, que somos todos aqueles que, na medida das nossas possibilidades, damos o nosso esforço ao engrandecimento da Nação, temos sempre presente as palavras de Salazar: «Demos à Nação optimismo, alegria, coragem, fé nos seus destinos; retemperemos a sua alma forte ao calor dos grandes ideais, e tomemos como nosso lema esta certeza inabalável: Portugal pode ser, se nós quisermos, uma grande e próspera Nação».

Recebeu-nos o sócio principal e gerente da «Barcelense», sr. João Duarte Veloso, que levou a sua amabilidade ao ponto de nos mostrar a Fábrica e de nos acompanhar na visita às suas dependências. Tivemos ocasião de ver os seus vários e amplos salões, apetrechados com maquinismos dos mais modernos, dispostos com ordem e simetria, nos quais empregam a sua actividade para cima de 300 operários, granjeando

honradamente o pão para si e suas numerosas famílias. Não desejamos entrar em detalhes e pormenores técnicos, pois isso seria fastidioso para o leitor, aconselhando-o antes a que veja com os seus próprios olhos.

Embora habituado a ver grandes fábricas no género em outros países, esta enche-nos de orgulho e consolação como português, pela forma hábil e modelar como está montada.

Os variados artigos que se fabricam na «Barcelense» rivalizam com o que de melhor se fabrica no estrangeiro, destacando-se entre eles os mais finos e elegantes artigos em malha, meias, roupas de senhora e criança, rendas, fitas, galões e elásticos, artigos estes que percorrem o País, as nossas Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas e ainda o grande Brasil irmão.

A Fábrica Barcelense, dentro do escol industrial português, marca um lugar de incontestável valor, dignificando-o, servindo de poderoso elemento de progresso e factor económico de Barcelos e do País.

Uma Nação só é verdadeiramente grande se, a par do seu potencial científico, artístico, agrícola e comercial, não for de menos valor o seu potencial industrial.

O que nos impressionou profundamente foi o aspecto social da «Barcelense». Numa época de egoísmo feroz que avassala o mundo, em que o homem se transformou no lobo do homem, não poupando as inocentes criancinhas, é-nos grato registar que há 7 anos a «Barcelense» dava vida a uma das mais simpáticas obras de assistência infantil dentro da sua Fábrica.

Foi a «Barcelense», fábrica moderna, em contraste com muitas outras antiquíssimas, uma das primeiras a fundar uma Creche-Lactário para os filhos das suas operárias. Nada menos de 50 crianças até à idade de 3 anos, ali são objecto do maior cuidado e carinho, num ambiente do mais puro asseio e conforto.

As mães, que precisam de ganhar honestamente o pão nosso de cada dia, não têm apreensões durante o período de trabalho, pois sabem que os seus filhinhos estão bem entregues, não lhes faltando a vigilância e carinho de pessoal competente, recrutado para esse fim, e uma alimentação cientìficamente escolhida e seleccionada.

Este foi um dos grandes problemas que a «Barcelense» resolveu, sabendo as dificuldades que atravessa a massa operária e que as mães tinham de deixar os seus filhos ainda tenros, entregues aos cuidados de gente sem posses e instalada em tugúrios desprovidos de asseio e conforto.

Neste particular todo o seu pessoal goza das mais amplas regalias: assistência médica em caso de doença; fornecimento de todos os medicamentos e auxílio pecuniário enquanto dura a doença, e para os filhos dos operários, além da assistência na creche-lactário, como fica dito, têm ainda uma estadia de algumas semanas, por ano, numa colónia balnear.

Neste capítulo, incarna ainda a Direcção da «Barcelense» o pensamento do ilustre Chefe do Governo: «Nós queremos ir nas reivindicações operárias, dentro da ordem da justiça e do equilíbrio nacional, até onde não foram capazes de ir outros que prometeram chegar ao fim».

Sem desprimor para os outros sócios, cabe-nos dizer aqui que o notável êxito desta obra industrial e social se deve ao seu activo e inteligente sócio-gerente sr. João Duarte Veloso. Duma actividade extraordinária, duma honradez inconcussa e dum coração magnânimo, o sr. João Duarte é admirado, respeitado e apreciado, como um grande benemérito de Barcelos. A acção da sua generosidade estende-se a muitos lares onde sabe que a fome assentou arraiais. Todos os dias uma legião de pobres esperam o sr. João Duarte à porta da Fábrica, confiados nos primores do seu coração inclinado a toda a dor humana. A confirmação deste facto tivémo-lo quando saímos da nossa visita à «Barcelense», aguardando já dezenas de pobres lenitivo para as suas necessidades.

Confortou-nos verificar estes actos de altruísmo, e pensámos que o mundo seria de facto bom, e menos pesada a fatalidade de certas vidas se, os que podem, fizessem como o sr. João Duarte. Mas é que nem todos querem realizar aquele formosíssimo desejo de Deus, no seu verdadeiro sentido cristão: «Não vos esqueçais de fazer bem, e de repartir dos vossos bens com os outros; porque com tais oferendas é que Deus se dá por obrigado». — (Heb., XIII, 16).

Ao fecharmos estas breves e despretensiosas palavras que nos foram sugeridas pela visita à Fábrica Barcelense, queremos enviar muito sinceramente as nossas felicitações à sua Direcção na pessoa do sr. João Duarte. Não podíamos deixar de nos fazer eco através de todo o Império Português, de tão dignificante exemplo de trabalho, honradez e altruísmo.

Se os homens valem pelas suas acções, como muito bem dizia Fenelon, eis que o sr. João Duarte Veloso, um Homem na verdadeira acepção do termo, é credor dos melhores encómios de todos os portugueses de boa vontade».

CARTAS TRIPEIRAS

UM HOMEM — UM BENEMÉRITO

(De «O Barcelense», de Agosto de 1954)

«É com a maior emoção que aponto aos homens bons, às almas bem formadas, e a todos quantos se sensibilizam com as manifestações da solidariedade e fraternidade humanas, o exemplo que tenho a satisfação, o orgulho bem vincado na minha própria alma, de focar neste meu despretensioso escrito, a acção digna da reflexão dos espíritos calmos e sensatos, nesta época de egoísmos e maldades que as sociedades atravessam no mundo revolto de paixões e ódios.

É neste rincão minhoto, que pertence aos bons barcelenses mas também é pertença secular e honrosa de todos os portugueses, que se desenvolve a acção benemérita a que me refiro, para honra e exemplo de nós todos.

Impressionado com a benemerência e protecção que se desenvolve no nosso país em favor dos trabalhadores, até hoje mal compensados do seu árduo trabalho e esforço, estudei em Barcelos a obra caridosa, o afago macio, dos que orientam e velam o trabalho, que afinal é a condição essencial e objectivo da nossa existência. Foi Deus que assim o determinou e assim se tem cumprido e há-de cumprir.

Deste estudo e observação cuidada ressalta a exteriorização, a prática flagrante dos benefícios prestados por um Homem, o prestigioso proprietário da Fábrica Barcelense, Sr. João Duarte que, com a maior isenção, bondade e coração, dispensa ao seu pessoal trabalhador as seguintes regalias que tanto me admiraram, ao conhecê-las pelas próprias referências dos beneficiados:

Ao iniciar o trabalho diário, uma refeição de café e pão; aos fracos ou convalescentes, mais duas refeições de leite, antes do meio-dia e de tarde; assistência clínica diária aos filhinhos dos operários, respectiva creche onde nada falta; assistência clínica e medicamentos aos operários doentes, com seu salário por inteiro; uns tantos dias de praia e banhos de mar aos filhos dos operários, menores de 7 anos; uns tantos dias de festa a todo o pessoal com salários em dobro; gratificações condignas do trabalho, assiduidade e competência dos respectivos responsáveis de cada secção e operários que se distinguirem, gratificações que atingem verbas de milhares de escudos a cada, no fim de cada ano de exercício comercial; dotes de também alguns

milhares de escudos quando as operárias constituem novo lar pelo casamento; auxílio prestado a tantos que construíram as suas próprias moradias; vão tão longe os benefícios e protecção dos empregados superiores que se constituem, cedo ou tarde, proprietários e capitalistas industriais, cujos exemplos são bem do conhecimento geral.

Que mais se pode ambicionar, pergunto? Não me parece que mais se possa ambicionar. O que resta agora?

A consagração de tão ínclito português e benemérito, que divide o produto do seu esforço, orientação constante, da sua própria fortuna e rendimentos, pelo seu pessoal trabalhador e cooperadores.

É forçoso que essa consagração se faça em vida deste benemérito e não *post mortem* como é nosso costume. É forçoso, digno e justíssimo, que todo o pessoal, maior e menor, que todos os beneficiados, ora independentes e enriquecidos, se congreguem e prestem a homenagem de gratidão e reconhecimento, bem devida.

É forçoso que todo esse pessoal, tão bem instalado na vida e a coberto das necessidades instantes, com o seu presente e futuro bem garantidos, procure agregar a tal manifestação o concurso das autoridades e representantes de todas as classes desta linda cidade, pois se trata de orgulhosamente apontar ao país o venerando nome de um seu conterrâneo que é: *Um Homem — Um Benemérito.*

A ideia do articulista, que não é parente, nem aderente, nem pretendente, aqui fica expressa para o cumprimento de um dever.

Compete aos beneficiados de hoje e outrora, a consagração devida. Estranho a esta terra, residente temporário no verão, apenas me impulsiona o fundo de admiração deste grande trabalhador e exemplo dos trabalhadores.

Almeida Abrantes»

CAMPANHA DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS (1954)

«No último domingo de Outubro, realizou-se na capela do Bairro do Amial uma missa solene em acção de graças pelos resultados finais obtidos no curso de adultos da Fábrica de Malhas do Ameal, Lda., no ano lectivo findo, com os quais ficou completamente resolvido naquela importante empresa, o grave problema do analfabetismo.

Quis a professora, encarregada da regência do respectivo curso, a sr.ª D. Palmira Augusta da Costa Milheiro, com o apoio do sr. João

Duarte, proprietário da referida fábrica que foi a primeira de todo o distrito a resolver o magno problema do analfabetismo entre os seus operários, encerrar as tarefas escolares com uma festa religiosa — última lição do curso — a que assistiram, além dos 30 alunos, orgulhosos pelos seus diplomas de 3.ª classe, devida e luxuosamente emoldurados, a gerência da empresa e as famílias dos operários.

Para a obtenção de tão bom rendimento de trabalho, muito contribuiu, sem dúvida, o comprovado espírito de compreensão da gerência da fábrica que, encarando com a devida seriedade o problema da Campanha de Educação de Adultos, procedeu à montagem completa e perfeita duma verdadeira escola de adultos. A estes foi fornecido gratuitamente, tudo quanto lhes era necessário e útil, ao mesmo tempo que lhes eram facilitadas, em parte, as suas tarefas profissionais, sem qualquer diminuição de salários.

A atitude nobre da gerência da Fábrica, assim como a magnífica orientação daquela distinta professora, merecem, por isso, especial registo».

A ESPOSA DO GENERALÍSSIMO FRANCO ESTEVE EM BARCELOS

(Do «Diário de Notícias», Lisboa, de 23-9-1956)

«Esteve na cidade de Barcelos a sr.ª D. Carmen Polo de Franco, esposa do generalíssimo Franco, que se deslocou ali a fim de apreciar as características olarias locais. Hóspede do sr. João Duarte Veloso, a ilustre senhora visitou várias oficinas, tendo depois palavras elogiosas para a cerâmica regional. Confessou-se também encantada com as belezas naturais de Barcelos. Ao fim da tarde foi-lhe oferecido um chá na Casa do Monte, em Santa Maria de Abade do Neiva, propriedade do sr. João Duarte Veloso, seguindo depois para a Galiza, acompanhada pela sr.ª de Regolado, esposa do capitão-general do departamento marítimo do Ferrol do Caudilho; pelo chefe da casa civil do Chefe do Estado espanhol, marquês de Uetore e esposa; pela sr.ª de Fernandez Martinez, esposa do governador civil de Pontevedra; pelo alcaide de Vigo, D. Perez Lorente e esposa, pelo sr. Fernando Fuerte Viloricencio, 2.º chefe da casa civil do Chefe do Estado e pelas sr.as de Quiroga e Rev.».

Quase todos os jornais do País se referiram a esta visita.

UM GRANDE INDUSTRIAL E UMA ALMA DE ELEIÇÃO

(Do «Jornal do Comércio», de 26-11-1960)

«Quem for a Barcelos não deve deixar de visitar a *Fiação de Tecidos de Barcelos, Lda.*, propriedade do grande industrial João Duarte Veloso. A Fiação de Tecidos de Barcelos, Lda., é sobejamente conhecida e apreciada para ser reclamada e enaltecida. Com o seu proprietário e orientador sucede o mesmo. Todavia há que pôr em relevo uma obra notável, uma acção fabril digna de ser assinalada, um dinamismo invulgar e uma alma de eleição.

O sr. João Duarte Veloso é o industrial que revolucionou a indústria barcelense, sendo também, sem dúvida alguma, o seu autêntico precursor.

Um amigo sincero dos seus operários e de suas famílias, os quais protege e ampara por todas as formas, um grande amigo de Barcelos, tem direito a uma referência que desejaríamos ainda mais longa neste número do nosso jornal. É acto de justiça e a prova de que o «Jornal do Comércio» não esquece aqueles cuja obra deve ser assinalada».

JOÃO DUARTE VELOSO

(Do Jornal «O Barcelense», de 18-3-1961)

«Para enaltecer a sua destacada personalidade no campo industrial; para gravar profundamente o seu perfil moral na admiração e no mais elevado conceito dos seus contemporâneos; para renovar-lhe a homenagem merecida do respeito público e da mais fervorosa simpatia — em acréscimo às muitas eloquentes demonstrações de afecto, recebidas durante longos anos de esforço, pertinácia, inteligência e generosidade, — basta rememorar uma existência de trabalho honrado e progressivo, dedicado paralelamente a servir os interesses comuns da nossa terra, a entregar o coração e o espírito ao melhor bem-estar de quantos têm perto de si ou no seu pensamento — carecentes ou não de recursos económicos ou subordinados a problemas sentimentais de difícil solução, — a prodigar o calor estimulante da sua bondosa alma àqueles que usufruem o privilégio do seu apreço e da sua amizade.

Como sucede frequentemente — no curso normal de todos os tempos — com a maioria dos homens de valor efectivo na vida colec-

tiva, de ampla visão para os negócios, de enérgicos empreendimentos para a tenaz evolução de empresas produtivas, para o avanço perseverante dos benefícios da civilização, que honram a história dum povo ou duma época e deixam nomes de pioneiros impressos indelèvelmente na memória das gerações — João Duarte Veloso nasceu em humilde berço, enobrecendo desde muito novo, pela inapreciável conformação da sua natureza laboriosa, a estirpe do sangue, da ascendência, com o relevo luminoso de importantes iniciativas que, através de alternados aprazimentos e dissabores — ao contribuir para o progresso material desta cidade e doutras regiões onde tem estabelecimentos fabris — se granjeou próspera situação financeira. E, assim, a sua acção orientadora estendeu-se a diversos sectores, que tem servido com singular desprendimento, por espontâneo impulso do seu prestimoso carácter, sem meditar na lógica retribuição de reconhecimento — transformada algumas vezes, por mesquinhas causas, em ingratidões ou actividades negativas.

Altruísta por natural inclinação, a pobreza — esse deplorável flagelo da desigualdade social inerente a todos os conglomerados humanos — sabe das suas atitudes prestantes, da sua reservada assistência, da sua presença encoberta. Sabe a necessidade escondida ou envergonhada do seu socorro benfazejo, da verdadeira caridade, que leva numa das mãos a dádiva que a outra ignora. E o auxílio magnânimo nem sempre vale totalmente pelo que se dá, senão também pela forma de dar. João Duarte acompanha a sua ajuda a muitos necessitados — silenciosamente — com um delicado gesto alentador ou reconfortante.

Declarado, num dia glorioso de pública expansão bairrista — sucesso que recordamos com íntima satisfação — homem bom, filho dilecto, cidadão honorário deste Barcelos que tanto ama; honrado pelo Governo com apreciado galardão, como justo prémio a uma activa contribuição para o desenvolvimento da economia nacional — a sua reconhecida modéstia inibe-o de invocar essas relevantes distinções, outorgadas com o aplauso caloroso dos muitos amigos que o observam, na sua provada austeridade, como digno exemplo das excelsas virtudes que exornam ínclitos varões do património português, na mais vibrante significação de grandeza moral e cívica.

Sua excelência celebra amanhã, dia de S. José, a sua festa natalícia, jubiloso acontecimento que aproveitamos para endereçar-lhe as nossas sinceras felicitações, com os votos que formulamos para que a sua vida exemplar se prolongue por dilatados anos, com felicidade, em companhia da sua distinta família».

UM INDUSTRIAL

(Do Jornal «O Barcelense», de 1961)

«Como noutro lugar se diz, com toda a autoridade e justiça, o Sr. *João Duarte Veloso* foi quem iniciou nesta cidade a indústria Têxtil.

Dinâmico e empreendedor, do seu espírito de iniciativa *nasceu* a Fábrica Barcelense, um estabelecimento fabril que honra a indústria nacional, e no qual empregam a sua actividade cerca de quinhentos operários.

Mais tarde, animado por uma vontade indomável de criar, fundou, com um grupo de amigos, a Fábrica de Fiação e Tecidos de Barcelos, Lda., que geriu com profundos conhecimentos técnicos durante largos anos, à qual, mesmo depois de deixar a sociedade, continuou a emprestar a sua valiosa colaboração como conselheiro e amigo.

Há uma dezena de anos fundou a Empresa Têxtil de Barcelos, Lda. «Tebe», à qual associou grande número dos seus melhores colaboradores, e que continua em crescente progresso.

Mas a acção criadora de João Duarte não se limitou às estreitas fronteiras da cidade. Na cidade do Porto, aonde estendeu a sua acção vivificadora, fundou a Fábrica de Malhas de S. Braz; e, alguns anos depois, a Fábrica de Malhas do Ameal, que deu ao País as primeiras meias *cotton;* e, por último, a «Fil» — Fiação do Leça, Lda., que é hoje, incontestàvelmente, uma das maiores organizações fabris no género.

No campo social João Duarte tem, também, uma obra que bem merece ser imitada. O seu excelente coração e a sua fina sensibilidade dão-lhe jus a figurar na galeria dos homens bons e grandes de Barcelos».

NO ANIVERSÁRIO DE JOÃO DUARTE

(Do Jornal «O Barcelense», de 1962)

«Em dezanove do corrente mês completou *setenta e cinco anos* de idade o prestigioso industrial e muito ilustre barcelense Senhor João Duarte Veloso.

Mais de sessenta anos de trabalho exaustivo e honrado constitui nobre título para qualquer pessoa. Mas quando o fruto desse labor reverte em favor de uma comunidade, enriquecendo a muitos e elevando

o nível de vida de todos, pratica-se a Justiça Social, o que, ainda em nossos dias, não é muito frequente.

João Duarte começou a trabalhar muito cedo, contando já perto de cinquenta anos só de vida industrial.

Foi o inciador e impulsionador da indústria têxtil em Barcelos, a ele se devendo, directa ou indirectamente, a criação de todas as fábricas da nossa Terra. Porém, a sua actividade não se confinou a esta cidade. Também no Porto, João Duarte criou e possui duas importantes unidades industriais, tendo exercido influência decisiva na fundação e desenvolvimento de outras empresas.

No entanto, mais que tudo isso, o que nobilita a longa vida do grande obreiro e genial empreendedor é uma obra social que em Barcelos não tem paralelo, e que em nenhum outro ponto do nosso País foi ultrapassada.

Com efeito, João Duarte esteve sempre na vanguarda da Acção Social, antecipando-se, em muitos anos, à defesa que o Estado havia de vir a tomar dos direitos e regalias das classes trabalhadoras, e excedendo sempre esses direitos depois de legalmente reconhecidos.

Há mais de trinta anos que fundou, e mantém, na Fábrica Barcelense, uma Creche-Lactário para os filhos das suas operárias. Criou um refeitório onde fornece gratuitamente o pequeno almoço com dois pães a todo o seu pessoal. Dá transporte gratuito em veículos privativos às operárias que vivem longe da fábrica. Enquanto não foi instituída a Previdência Social prestava gratuitamente assistência médica e medicamentosa a todo o pessoal, através de dois médicos privativos, pagando radiografias, custeando integralmente as despesas de internamento quando necessário, operações, etc. Além disso mantinha o salário por inteiro ao pessoal durante os períodos de doença. E ainda agora, sempre que um operário adoece, completa-lhe o salário, visto que a Previdência paga apenas uma parte; proporciona-lhe as deslocações quando necessita de ir consultar especialistas, concede pensões ao pessoal reformado, mantém uma Colónia de Férias na praia para os filhos dos seus operários; beneficia desde há muitos anos os seus operários com duas semanas de férias pagas, concedendo-lhes subsídios especiais, quando necessários, e dá valiosas consoadas todos os anos ao seu pessoal!

Além do Bairro João Duarte, junto à Estação, está na fase de acabamento um novo agregado habitacional para mais vinte e quatro famílias, constituído por casas confortáveis de renda económica. E para complemento do auxílio prestado no campo habitacional, concede subsí-

dios de renda de casa a muitos outros operários, despendendo, para isso, mais de uma dezena de contos por mês! Mas a acção benemérita de João Duarte vai muito mais além.

Sem falar no sentido da distribuição de lucros, de que dão testemunho eloquente os seus antigos colaboradores, agora como ele industriais, a generosidade do Senhor João Duarte ajudou a lançar na vida muita gente, facultando-lhe os meios para se valorizar; pagou estudos no ensino comercial particular a uns; facultou o curso do magistério a outros; custeou as despesas de cursos superiores a alguns; pagou estudos a seminaristas e ordenou sacerdotes; dá esmolas e subsídios a pobres envergonhados; auxilia as instituições religiosas e de caridade, tanto de Barcelos como de fora; etc., etc.

Não foi por acaso que S. S. o Papa Pio XI o agraciou com o grau de Comendador da Ordem de S. Silvestre Papa, e o Governo da Nação com o de Comendador da Ordem de Mérito Industrial, embora nunca ninguém o tenha visto usar esses títulos ou as suas prerrogativas, tal é a sua natural simplicidade.

Para se fazer um juízo crítico das pessoas, é necessário apreciá-las no seu meio próprio e em relação com as circunstâncias que as rodeiam. E é assim que João Duarte tem de ser apreciado em confronto com outros príncipes da indústria seus pares. Aí, nesse meio ambiente e nesse confronto, as suas virtudes de alma bem formada, tão generosa como modesta, tornam-se muito mais salientes.

João Duarte conseguiu, com um labor muito intenso, prolongado e inteligente, fazer uma grande fortuna, que sempre tem posto mais ao serviço dos outros do que de si próprio. Apesar disso, não viu «*o bezerro de oiro*» que ensandece os homens ricos. Desde sempre ele compreendeu que, ser rico, consiste menos em fruir direitos do que ter obrigações. «*Qui poussede, poussede pour touts*»! Fica-lhe bem aquela passagem de Pascal «*Eu amo a pobreza porque Jesus a amou*».

«A riqueza é a região das grandes tentações», o clima que cria no homem acentuada tendência para se julgar auto-suficiente. Por isso se fazem tantas advertências contra a riqueza. Por isso vemos tanta gente rica esquecida do tempo em que tinha sido pobre.

Mas tais sentimentos não medraram em João Duarte que, por isso mesmo, é mais digno da admiração geral. Ele entra na casa mais modesta descendo naturalmente até aos humildes, de modo que estes se sintam bem com ele de portas adentro.

João Duarte criou amigos em todas as camadas sociais, tem o convívio igualmente fraterno de Príncipes da Igreja, de sábios Mestres

universitários, de ilustres generais e outras altas patentes do nosso Exército, de Ministros, dos seus colaboradores, empregados, e dos mais humildes operários. Para todos tem a mesma lhaneza de trato, simplicidade de maneiras e acolhedora delicadeza.

Temos a certeza de que em muitos peitos amigos, seus discípulos na arte de bem ser industrial, mesmo naqueles onde as quezílias mesquinhas podem fazer crer o contrário, houve, em dezanove de Março, uma sincera e verdadeira alegria em confraternização íntima, muda embora, mas nem por isso menos sincera e afectuosa.

Que Deus lhe dê muitos e bons anos de vida, e que a nossa Terra saiba prestar Justiça a um dos filhos que mais trabalhou para o bem dos barcelenses.

J. Ferreira Gomes»

PENSAMENTOS DE VERDADE

— Impressões da Minha Terra — A obra de João Duarte —

(De «O Barcelense», de 6-3-1965)

«Como íamos dizendo, encontrava-me de visita a terras de Barcelos, bebendo, a largos sorvos, o néctar delicioso da alegria da terra natal.

E naquele dia, depois de apreciarmos a nova estação do caminho de ferro, a sua avenida e outras coisas mais, o meu amigo e eu presenciámos, na rua das fábricas têxteis, o notável movimento operário à saída do trabalho para o descanso e para o almoço.

Esse quadro surpreendente já descrito no último número, a desbordar folclore e mocidade, pelo que representa de progresso social da minha terra, jamais poderá banir-se da menina dos meus olhos.

Fiquei a saber que, além das três fábricas daquela rua (Barcelense, Fiação e Tebe), havia outras, como a Guial no lado poente e a Tor a nascente da cidade, e ainda várias outras pequenas do mesmo ramo, entre todas dando o pão a ganhar a milhares de famílias barcelenses e muita riqueza à Pátria.

Também soube que existem outras indústrias importantes em Barcelos, como a Moagem que se ergue arrogante junto da estação, e notáveis fábricas de Serração, de Cerâmica, etc., não só na cidade mas através do concelho, o que me encheu de satisfação.

Verifiquei que a indústria têxtil de Barcelos, é a mais importante e progressiva.

Fiquei conhecedor, e com muito gosto aqui o registo, de que todo este progresso social é devido a esse grande homem e notável industrial, que é *Senhor Comendador João Duarte Veloso,* que, há mais de meio século, pôs em movimento a indústria têxtil de Barcelos, criando a «Fábrica Barcelense». Depois criou outras unidades nesta cidade e na cidade do Porto.

É natural que essas empresas em movimento beneficiam outros muitos lares que delas vivem, em compras e vendas, através do País beneficiando a Nação dum modo bem notável.

Todas as restantes têxteis existentes hoje em Barcelos, sejam pequenas ou grandes, por um título ou por outro aí tiveram a sua fonte de origem: dali partiram, para a criação de novas empresas, formados nas lides industriais do mestre atencioso e compreensivo, e várias vezes com cabedais de lá trazidos, os seus proprietários e gerentes fundadores, assim ficando Barcelos e o seu povo a lucrar imenso nesse progresso crescente, da Fábrica Barcelense dimanado.

Por tudo isso, e ainda pelo muito mais que ouvi da notabilíssima obra de assistência social realizada pelo Senhor João Duarte, vejo com agrado que é considerado o barcelense número um, o benfeitor insigne de Barcelos e suas gentes, a quem tantas e tão notáveis benemerências são devidas, fazendo ele o bem possível a quantos dele têm necessitado.

Porque os benefícios são de todos os dias e de sempre, até correm o risco de passar despercebidos no rolar do tempo, à semelhança do sol que nos aquece, ilumina e vivifica, sem que o apreciemos condignamente no dia a dia da nossa vida, ao mesmo sol devida.

Mas a notável obra assistencial de João Duarte especialmente se encaminha a procurar o bem-estar do seu pessoal, pelo qual vela com o melhor carinho do seu magnânimo coração:

É uma carrinha que, veloz e gratuitamente, transporta as operárias mais distantes para a fábrica e desta para casa; é a creche dos filhos das operárias, que assim podem trabalhar e cuidar dos seus pupilos, sem se verem obrigadas a deixá-los abandonados em casa ou entregues a pessoas estranhas; é a colónia de férias para os filhos do pessoal; é a assistência médica de há muitos anos praticada; são os quinze dias anuais de férias pagas, porque o Patrão, na sua solícita bondade, «parte do princípio acertado de que os oito dias legais não são suficientes para o seu pessoal se refazer, depois dum ano de intenso trabalho»; são as generosas gratificações do fim do ano a todo o pessoal, que as recebe

radiante; é o salário que se paga às operárias em casa doentes; são muitas vezes as intervenções médicas especializadas que se pagam também, e os medicamentos; são as reformas ao pessoal definitivamente inválido; são os pagamentos da renda de casa até elevada soma mensal; é o pequeno almoço diário a todo o pessoal, que importará em mais duma dezena de contos mensais; são os donativos oferecidos às operárias por ocasião do seu casamento.

E que diremos das confortáveis casas e dignos bairros de moradias que, desde sempre, o Senhor João Duarte teve o cuidado de ir erguendo para o seu pessoal? É também esta uma obra social notável que não posso passar em silêncio nestas linhas de impressões de Barcelos. A verdade é o que é, e as coisas são como são, cabendo-nos vê-las com gosto e reconhecê-las como tais.

Espero, que o Senhor João Duarte, se acaso souber desta prosa, perdoará o atrevimento e os açoites que vou deixando cair na sua conhecida modéstia que, a par duma fidalga distinção, a sociedade venera, admira e estima na sua amável pessoa.

Tem ainda o Sr. João Duarte o invulgar mérito de a si próprio se fazer com a sua obra industrial e social, o que sempre muito se aprecia, aquilatando do valor dum homem. Subiu muito alto por seu pé e esforço, por um trabalho de justiça, e honradez; também teve o condão, na sua bondade, de ajudar outros muitos a crescer, numa compreensiva colaboração ou em generosidade sem fácil confronto.

Sim, já sabia do antigo bairro João Duarte, junto da estação ferroviária, e de outras moradias a que antes aludi. Mas só agora tive conhecimento do grande conjunto habitacional recentemente construído a norte da cidade. Não resisti à tentação de o visitar e admirar, porque é um vincado progresso da minha terra que muito amo, amando também os homens que assim a fazem progredir. Ah! Se houvesse por aí mais alguns João Duarte!... Como não estaria Barcelos!...

Gostei muito desse novo bairro, constituído por dois blocos arrojados, de vinte e quatro espaçosas e condignas moradias, já habitadas por pessoal da Fábrica Barcelense. Creio que ainda não foi oficialmente inaugurado, mas já cumpre a sua finalidade maravilhosamente, num primoroso local cheio de sol, alargando a cidade para norte como se impõe.

João Duarte cedeu uma quinta para esta obra habitacional, que continuará a estender-se e a embelezar Barcelos naquela notável área de terreno, onde se criou também um jardim infantil para diversão das crianças. Estão a rasgar-se novas artérias em conformidade com o plano

de urbanização. No mesmo local já se vêem alguns outros prédios que, segundo me informaram, são do pessoal superior da mesma empresa, e marginam a avenida que está a fazer-se.

Esbeltos e de bom gosto, encontram-se bem enquadrados nesse notável progresso social barcelense.

Bem haja o Senhor João Duarte, benemérito da nossa terra, e de outras também, a quem Barcelos e suas gentes tanto devem, e a quem sempre saberão pagar com amor e gratidão. A comprová-lo está o facto, distante e expressivo, de a cidade O ter feito Cidadão Honorário.

Bem haja Barcelos pelo seu progresso industrial e social, a outorgar bem-estar aos seus filhos e mais riquezas à terra lusa, e pelos gestos que a nobilitam.

A. F.»

JOÃO DUARTE VELOSO

(Do Jornal «O Barcelense», de 13-3-1965)

«É para nós motivo de satisfação noticiar o aniversário do nosso ilustre Amigo, Sr. João Duarte Veloso, Homem que fez de Barcelos um importante centro industrial pelas iniciativas a que meteu ombros ou indirectamente impulsionou.

O dia 19 de Março, dia de S. José, padroeiro da classe trabalhadora, é bem um dia grande para a benquista indústria da nossa cidade. O Sr. João Duarte é o infatigável obreiro duma assistência social ao operário que, pode dizer-se, não tem paralelo em empresas similares. Dia de festa, sem dúvida, ocasião óptima para os operários das empresas de João Duarte afirmarem quanto estimam o seu Chefe.

«*O Barcelense*» cumprimenta o venerando Barcelense, Sr. Comendador João Duarte Veloso, e pede a Deus muita saúde para alongar a vida desta figura de relevo da indústria portuguesa».

JOÃO DUARTE VELOSO

(Do Jornal «O Barcelense», de 14-3-1964)

«No dia de S. José, 19 de Março, o venerando Barcelense, Sr. João Duarte Veloso, comemorará mais um aniversário, juntando assim mais um ano à sua vida, que esperamos seja longa, não só para continuar a sua obra de grande industrial do país, mas para ser o firme

apoio do seu pessoal, através duma obra assistencial que muito o dignifica e que ainda ùltimamente se vincou com a construção de belos imóveis para dezenas de famílias que trabalham na Fábrica Têxtil João Duarte, originando mais um interessante núcleo residencial que honra a cidade e que esperamos venha a ser inaugurado muito recentemente e tenha o nome do Industrial Sr. João Duarte Veloso.

«O Barcelense» ao felicitar e cumprimentar este seu ilustre Amigo e sua Ex.ma Família, por tão querida data, pede a Deus que a Sua protecção lhe seja efectiva, dando a João Duarte Veloso longos anos de vida».

JOÃO DUARTE VELOSO

(Do «Jornal de Barcelos», de 18-3-1965)

«É com a maior satisfação que nos referimos ao aniversário natalício, que decorre amanhã, deste nosso querido amigo e ilustre barcelense.

Nome bem conhecido no país, tem-se distinguido o Sr. João Duarte como industrial probo e esforçado, devendo-lhe Barcelos, sem dúvida, uma boa parte do surto industrial que regista nos seus anais.

Além disso, é também de pôr em evidência a generosidade do seu coração, sempre pronto a atender as mais prementes necessidades dos seus operários, que muito justamente o admiram e estimam.

Ao assinalarmos nas colunas do «Jornal de Barcelos» mais este aniversário do Sr. João Duarte, aproveitamos a oportunidade para o felicitar sinceramente e desejar-lhe muitos anos de vida, para regozijo de toda a sua Ex.ma Família e dos seus inúmeros amigos».

AO EXCELENTÍSSIMO SENHOR JOÃO DUARTE

«O Pessoal da «Fábrica Barcelense», com o coração cheio de gratidão e reconhecimento, vem felicitar o seu querido Patrão e Chefe no dia do seu aniversário, e desejar-lhe muita saúde, para que continue a festejar este dia, rodeado de sua Ex.ma Família.

Barcelos, 19 de Março de 1965».

VII

1965

A GRANDE HOMENAGEM

VII

VERIFICA-SE através de publicações anteriores, especialmente por uma datada de 1954, que se vinha sentindo, de há muito, uma necessidade colectiva de se prestar condigna homenagem a João Duarte, o insigne Barcelense que sobressaiu pela sua Obra e pela sua bondade, impondo-se à estima e consideração de todo o País.

Essa homenagem pública, ainda que tardia, foi uma consoladora realidade, num acto imponente de justiça, em 19 de Junho de 1965.

O jornal «O Barcelense» saiu para a rua num esplêndido número especial, o melhor da sua existência, todo dedicado a João Duarte e à sua Obra, cuja transcrição vai seguir-se, vendo-se finalmente a reportagem da festa, relatada pelo «Jornal de Barcelos».

1.º

BARCELOS EM FESTA

HOMENAGEM A JOÃO DUARTE

O MINISTRO DAS CORPORAÇÕES EM BARCELOS

«Os homens são alcatruzes do mundo: pelos sãos vem a ordem e pelos quebrados se vai a virtude».

(D. Francisco de Portugal)

«Vai a Barcelos um notável Homem Público da nova geração, minhoto adoptivo, nacionalista destacado — integralista, diríamos melhor — valor positivo e relevante do presente elenco governativo e radiosa esperança do futuro deste País: o ilustre Ministro das Corporações e Previdência Social, Prof. Dr. José João Gonçalves de Proença.

Pertencendo a um curso notável, do qual saíram cinco professores, o «Zé Proença» — como era conhecido — destacou-se muito cedo, na Faculdade de Direito de Coimbra, tornando-se o aluno mais laureado, ao obter logo no 1.º ano a excepcional classificação de 17 valores, mais rara do que os anos bissextos. Assim conquistou, com justiça, o respeito e a simpatia dos mestres e dos colegas. Como todo o bom académico — se, como diz Laboulaye, «é a força da alma que me faz a força do corpo», não é menos certo que a saúde deste exerce uma influência decisiva na actividade ideo-motriz — o Prof. Dr. Gonçalves de Proença foi um floretista exímio, vencedor de campeonatos e conquistador de troféus, praticando com brilho vários outros desportos.

No C. A. D. C. e na Delegação Provincial da Mocidade Portuguesa, o seu nome ficou ligado a todas as actividades que ocupavam normalmente o tempo dos que por lá passavam.

Não surpreendeu, pois, a quantos o conheciam, ao aparecer no tablado da vida pública tão ràpidamente.

Na execução de uma «*política de verdade*», lutando para conceder cada vez mais regalias aos trabalhadores, especialmente no domínio da Previdência; promovendo vários colóquios, realizando um tão vasto como oportuno programa da «*Formação Profissional Acelerada*»; promulgando medidas de alto nível social, como as que acaba de anunciar sobre a generalização do internamento para toda a medicina e cirurgia, o Prof. Dr. Gonçalves de Proença continua, no *departamento do Trabalho e da Previdência,* a autêntica «*Política Social*», da qual tem que surgir um Portugal maior e melhor, fortalecido na sua unidade e, consequentemente, mais conciliatório na inevitável desigualdade de classes.

A jornada de Barcelos, aonde o Senhor Prof. Gonçalves de Proença se desloca expressamente em 19 do corrente mês, para inaugurar um importante *Bairro Social,* mandado construir pelo Sr. João Duarte para os seus operários e colaboradores, é aproveitada também para o ilustre Ministro prestar significativa e justa homenagem a este insigne barcelense, a quem se deve o desenvolvimento económico do maior concelho do País, e a quem todo o Norte deve um dos mais nobres exemplos do *verdadeiro industrial,* em quem a perícia nasceu aliada inseparável da bondade; em quem a iniciativa se casou harmoniosamente com a ponderação; e cuja fortuna, honestamente acumulada ao longo de mais de cinquenta anos de trabalho porfiado e probo, nunca toldou os mais sublimes sentimentos da modéstia e da desambição!

Num momento em que, «mais do que nunca, há necessidade imperiosa de homens que não esperem que a colectividade *pense* e *queira*

por eles, em que «há necessidade imperiosa de homens que saibam decidir-se e querer por si mesmos», inquestionàvelmente, o exemplo do Sr. João Duarte, sendo útil e salutar no plano da economia nacional, é sobejamente conhecido e admirado para além-fronteiras.

Assim, é digna e justa a homenagem que pùblicamente lhe é tributada por quantos o admiram, e reconhecem os benefícios que tem prestado à terra onde foi nado e criado, fazendo votos para que Deus lhe conceda muitos anos de vida, e ainda neste mundo sinta a gratidão daqueles a quem deu muito da sua vivência, para que não tenhamos de dizer com Séneca que a «Glória é sol dos mortos que só brilha sobre os túmulos»!

Quanto ao *Bairro Social,* este ficará como um vínculo da indispensável solidariedade entre o capital e o trabalho, como amplexo a unir os elementos componentes de uma exemplar unidade económica, como exemplo de um homem que pertence ao número daqueles que Tolstoi disse viverem mais para servir do que para serem servidos.

Ele ficará como a expressão consubstanciada da doutrina sublime das notáveis encíclicas «*Rerum Novarum*», «*Quadragésimo Anno*» e «*Mater et Magistra*», apelos sucessivos à consciência do mundo, para actualização da doutrina social da Igreja, que o Prof. Dr. Gonçalves de Proença vem procurando, com assinalado êxito, pôr em prática.

O governante e o governado podem e vão aparecer juntos, numa empresa em que a lei e a moral não são tábua rasa, frutificando em exemplos de notável edificação numa terra de Santos e Heróis.

HONRA AO BENEMÉRITO INDUSTRIAL!
GLÓRIA AO INSIGNE ESTADISTA!

Lisboa, 10 de Junho de 1965.

J. Ferreira Gomes»

LINGUAGEM QUE NÃO ENGANA

«Sempre foi necessário ponderar e analisar o que se lia e ouvia, já que por vezes mente ou ignora o significado dos termos quem os emprega.

A convulsão dos tempos actuais e a vertiginosa rapidez com que se transmite a palavra falada ou escrita, rapidez que nem sempre é

igual a fidelidade, aumentaram ainda a necessidade de ponderar melhor o que nos cai diante dos olhos ou entra pelos ouvidos, pois infelizmente nem todos dizem a verdade, nem todos primam pela lealdade, nem todos conhecem assaz os problemas que atrevida ou levianamente versam.

Há linguagem que engana, e que o faz com grande poder de sugestão, bem mal empregado sem dúvida. Posto ao serviço das pessoas e do bem comum, tal poder de sugestão ajudaria muito o progresso humano.

Que tristeza nos faz verificar que as teorias falsas, as experiências perigosas, as intenções revolucionárias são as que põem e dispõem no campo da propaganda, com muito dinheiro, com ousadia, com esperteza, enquanto que as ideias sãs, ou ficam escondidas ou só transparecem como que a medo, a pedir licença de cidadania, com pobreza confrangedora!

Antes não houvesse, mas há linguagem, há muitas linguagens que enganam.

Quando se ouvem vivas à democracia, é de admitir que sejam promovidos e pagos por algum tirante com nefandas ambições.

Vivem na época do social; há muitas pessoas e bastantes nações que deliram com o socialismo, sem atenderem a que tal sistema político concede, não raras vezes, de mais à sociedade e de menos à pessoa e à família.

Não aparecem cabecilhas de partidos, um pouco por toda a parte e com exuberância em determinadas regiões do globo, que ao som de melopeias socialistas e socializantes, a gritarem que pretendem abolir a miséria do povo, se transformam eles próprios em donos de áreas imensas e com enormes fortunas depositadas em bancos estrangeiros?

Abençoados os trabalhos e os esforços do chamado cristianismo social. Cuidado porém com os entusiasmos dos que gostam de inverter os termos, para falarem de socialismo cristão. Pouco a pouco, quando não de repente, fica só socialismo e o cristianismo esvai-se...

Há todavia linguagens que não enganam, aquelas que apresentam, não apenas discursos suspeitos ou girândolas laudatórias, mas obras indiscutíveis, factos incontroversos, evidências que convencem totalmente.

Barcelos orgulha-se de apresentar mais que uma evidência desta natureza. Meia volta é a cidade visitada por membros do Governo e outras altas individualidades, ora para estudarem ora já para inaugurarem melhoramentos de valia, que hão-de transformar a cidade naquilo que todos ambicionamos. Tem o ilustre Presidente da Câmara a preocupação de resolver alguns problemas de fundo, daqueles que não darão

muito nas vistas, mas representam benefício utilíssimo para a população actual e para os vindouros. Trabalha e faz trabalhar com persistência e com a maior seriedade.

Desta feita, é o Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social que vem inaugurar oficialmente blocos residenciais para operários da Fábrica Barcelense. Não, esta é das tais linguagens que não enganam ninguém. Mais um bairro para os seus colaboradores que se fica a dever à bela alma e ao nobre coração de João Duarte, o Homem-de-bem que tanto fez e tanto está fazendo pelo progresso verdadeiro de Barcelos.

Ele opor-se-á, assim é costume; mas a festa da inauguração não pode deixar de ser também mais uma consagração calorosa da sua forte inteligência (que está na raiz dos êxitos que, como industrial prestigioso e como trabalhador infatigável, vem somando incessantemente), da sua extraordinária visão e do seu coração de oiro.

A Têxtil João Duarte tem uma história cheia de benemerências inteligentes, palpáveis, autênticamente cristãs, como poucas empresas do País possuirão, embora haja em Portugal coisas lindas deste género.

Alegrem-se os barcelenses. O património da sua Cidade aumenta consoladoramente.

São as obras que falam. E o testemunho das obras é o melhor, esse não engana.

M. Lopes da Cruz»

UM HOMEM!...

Por Manuel de Boaventura

«Habituei-me a admirar um homem, que mal conhecia, pessoalmente, mas cujo nome prestigioso andava em todas as bocas, e suas virtudes em todas as memórias. Uma auréola luminosa cercava esse nome — um nome de curta extensão silabar, mas que se distendia e alongava por Portugal além, até ultrapassar as fronteiras e correr mundo.

Nome simples, de simpática sonoridade e carinhoso sabor hipocarístico: — *João Duarte!* Menos de meia dúzia de sílabas, e dão um nome enorme! Que outro nome poderia ser, talhado tão a carácter pelas determinantes do Destino, para Personagem de Alma grande e Coração a gotejar generosidades?

«*João Duarte*», como símbolo do *Bem!*, perdurará no Tempo.

Porque admiro eu, em foro íntimo, este Homem de invulgar personalidade, que jamais me foi apresentado? Por comungar com toda a gente, num mesmo pensamento? Não será só por isso.

As Almas que se destacam, em singularidade, por serenez de consciência, probidade no trabalho e modéstia na vivência social — às vezes entre empavonadas nulidades! — são tão raras que, ao depará-las nos ínvios caminhos da Vida, é de força admirá-las e dar-lhes simpatia. Assim aconteceu comigo.

Este nome simpatiquíssimo — João Duarte — soa como clarim gaudioso aos ouvidos de amigos, dos beneficiados de suas mãos dadivosas (nunca a esquerda foi sabedora das benesses distribuídas pela direita!) e até daqueles que, como eu, apenas o conheciam de vista e de nomeada.

Aponta-se o seu nome, como o do Homem-bom por excelência; do trabalhador infatigável; do bairrista apaixonado pelo terrunho nativo; do bandeirante audacioso, que implantou o seu guião, como símbolo do alto nível de vida, que ia surgir triunfante, para a vasta região barcelense.

Foi o génio criador da grande Indústria local — o ponto de partida para a vitória, o Mestre organizador, o cidadão desejável e de todos desejado... E, se tudo isto não chega, a modéstia, grande riqueza da sua Alma generosa, empresta-lhe tal aura de simpatia que, pronunciar o seu nome, é citar o de personagem santificada no hagiológio universal...

M. de B.»

O QUE DEUS UNIU

«A história das civilizações traz-nos, muitas vezes, relatos curiosos do valor da mulher na vida do homem. Não há dúvida de que, invariàvelmente, ao nome do homem, ao seu poder e suas obras materiais e morais, está perceptível, nìtidamente ligado o carinho, o amor, a ternura, o espírito perspicaz, o sexto sentido daquela que Deus quis que se unisse ao homem, e constituísse, não um amparo, mas a sua companheira fiel, amantíssima, leal, carinhosa, compreensiva; mulher que, como diz Tolstoi, sabendo haver apenas uma maneira de ser feliz — viver para os outros, para o marido, para os filhos —, vive a sua vida, esquecendo a felicidade própria para procurar a dos outros.

Vemos a mulher como complemento da vida do homem. Os tempos, os factos trazidos até nós assim o demonstram. Mas da mulher, da ver-

dadeira esposa e mãe, que vive no recanto do seu lar, dessa, a história pouco nos fala; e, contudo, sabêmo-la uma heroína das causas nobres; vêmo-la embebecida no trabalho do lar, e que belo monumento constrói com o seu amor! Identificámo-la nas obras dos homens, através das realizações espirituais e sociais que eles nos legam, ou de que se fazem eco.

E a mulher, essa Mulher que Deus uniu a João Duarte, foi ela a sua mão benfazeja, o seu anjo bom, que desejamos enaltecer como símbolo e união. Símbolo de mulher que para além de mãe exemplar, se eleva bem alto na consideração dos seus conterrâneos, porque sabem quanto a sua mão direita é generosa e boa. União, elemento de ligação íntima entre a força do homem e a graciosidade do tratamento feminino; união entre o homem que manda e aquela que obedece; união, conjugação de esforços para que a obra, a Obra resulte plenamente, não olhando a honrarias terrenas, mas única e simplesmente por amor a Ele que está nos céus.

A Ex.ma Sr.a D. Maria da Glória Vieira Duarte é esse símbolo e essa união. Deu felicidade a muitos, encontrou-a para si e todos os seus, não como prémio, mas como consequência do seu labor magnânimo junto do ilustre barcelense que Deus lhe uniu, para que constituíssem o casal-símbolo e união de Barcelos.

As nossas homenagens à Mulher que também se tornou grande, não só pelas suas obras, pelo seu valor como esposa e mãe, mas também pela maneira como a mão esquerda não deixa ver o que a direita faz de bem, constantemente.

R. C.»

NOTAS DA SEMANA

UNÍSSONO

«A ressonância é fenómeno natural, manifesto com a igualdade de condições e de sensibilidade. Tem exigências essenciais e definidas, acessíveis ao raciocínio e dominàveis pelo cálculo. Segredo da natureza, dos mais maravilhosos, inflexível nos seus processos e na sua acção. Mesmo quando fenómenos idênticos se sobrepõem, a sua separação em ressonâncias isoladas é possível por vezes, graças a características também próprias e específicas. O conhecimento e o domínio da sua

técnica são uma das chaves das realizações actuais, que tornam a nossa época totalmente diferente de todas as que nos precederam. Em coincidência curiosa e feliz, o seu conhecimento, como o de outros, é mais ou menos simultâneo com as descobertas que fazem a base do progresso da humanidade, as quais, sem aqueles, veriam muito limitado o seu valor. Uns e outros, completando-se, permitiram apagar as fronteiras e agora dominar o cosmos, o que mais cedo ou mais tarde se fará com a mesma facilidade com que se domina o planeta, a que, até aqui, temos estado restritos.

Assim também com o próprio homem. Também nós na vida íntima e na presença social, somos inexoràvelmente influenciados pelo fenómeno universal da ressonância. E quando esta circunstância, por motivos raros mas reais, se dá universalmente, assistimos então a um daqueles momentos em que a humanidade vibra em uníssono, e faz os grandes acontecimentos.

Não exagero se disser que em Barcelos estamos a viver uma destas horas.

É do conhecimento universal dos barcelenses, presentes ou ausentes, que Barcelos, algumas décadas atrás, começou a encaminhar-se para actividade diferente das próprias da terra, naturalmente limitada e pobre, até aí explorada com os seus únicos recursos, procurando evoluir com outros meios de acção, então de inexistência local e até nacional, com outra garantia de continuidade, de eficiência e de êxito. Aqui se iniciou uma gestão nova, que obrigou a prospecções e a relações por terras e povos estranhos, até por continentes diferentes. Novos e profundos horizontes de vida se abriram para Barcelos, antecipação de uma visão e de uma realização, hoje vulgares, mas então raras, e, por extraordinárias, quase incompreendidas para aquele tempo, o do início da indústria têxtil, mais pròpriamente, da indústria de malhas de Barcelos.

Este ramo industrial tem em Barcelos, se não a maior, uma das suas maiores actividades do país. Milhares de Barcelenses trabalham nesta especialidade. Se é certo que outros milhares de conterrâneos nossos tiveram de estender-se pelo país e até pelo estrangeiro para encontrarem ocupação, certo é também que, se não fora a indústria de malhas, maior, muito maior seria o número daqueles que se veriam obrigados a procurar o pão fora da terra natal.

É também do conhecimento de todos que o iniciador e o propulsionador, directo ou indirecto, de toda a indústria têxtil de Barcelos — e aqui cabe a referência a esta, porque o mesmo foi o da ideia e

também o iniciador da indústria de fiação — todos sabem, digo, que foi o Senhor João Duarte.

Espírito de larga visão, inteligência lúcida e esclarecida, homem de iniciativa, que — se bem soube pensar — melhor soube realizar.

Coração aberto às realidades do nosso tempo, a que também soube antecipar-se, fazendo os seus colaboradores comparticipar no seu pensamento e na sua iniciativa, e também — e aqui um dos seus segredos — nos seus êxitos, em oposição, escandalosa para muitos, ao egoísmo imperante da maioria.

O Senhor João Duarte foi realizador de uma das afirmações de São Tomás, o pensador que formulou as bases do que hoje chamamos a civilização ocidental, e que num dos seus aspectos essenciais me permito, latamente, definir assim: o Capital e o Trabalho são factores essenciais da produção, cujo fruto, por isso, é pertença dos dois. Esta a nossa doutrina, este o sentido cristão do trabalho, que encontraram eco no pensamento e no coração do Senhor João Duarte.

Homem de trabalho, de iniciativa, de realização, pioneiro da indústria têxtil local, o Senhor João Duarte bem merece as honras tributadas, as quais, permitam a franqueza, não seriam despropositadas nem exageradas se também ficassem consagradas — para exemplo dos presentes e da posteridade — no bronze.

Atrás de tempo, tempo vem e todo é tempo de justiça.

Mário da Gama»

O NOSSO AGRADECIMENTO

«A homenagem que é prestada, com a presença de Sua Ex.ª o Senhor Ministro das Corporações, ao industrial Sr. João Duarte, levou-nos a escrever, despretensiosamente, algumas palavras que julgamos ser o nosso agradecimento ao Homem que começou — depois da iniciativa do falecido D. José Domenech que tão esquecido tem andado do meio barcelense — a industrialização do nosso meio em maior escala, e, com isso, a implantação de novas indústrias, novos métodos e maior prosperidade do meio operário local.

Estamos perfeitamente à vontade para ilustrar as nossas palavras como agradecimento ao Comendador Sr. João Duarte, porque não

procuramos outro motivo senão enaltecer a obra onde deixou muito caminho percorrido, para que a nossa terra tenha, felizmente, o nível industrial de que nos orgulhamos.

É certo que o Homem que hoje é homenageado — onde a Câmara de Barcelos colabora como representante de todos os munícipes — bem merece o nosso agradecimento, não só pelo surto de progresso que impulsionou, como pelo bem-estar que proporciona à massa operária nas suas organizações. O Senhor Comendador João Duarte, ao construir, para os seus operários, mais um bloco habitacional, deixa transparecer, mais uma vez, que a classe patronal não enjeita a responsabilidade de velar pelo bem-estar daqueles que são, incontestàvelmente, os melhores cooperadores das suas organizações.

E, porque nesta «linda pérola deste lindo Minho», precisamos ainda de mais iniciativas, de mais contributo para o seu engrandecimento, de mais entre-ajuda entre o capital e o trabalho para continuarmos valorizando esta terra, associamo-nos, sinceramente, à homenagem que se presta a um filho de Barcelos que, pelo seu esforço, pela sua tenacidade, pelas suas qualidades de industrial, alcançou os degraus cimeiros da indústria nacional, fazendo votos pelas prosperidades pessoais que serão, estamos convencido, transmitidos às Organizações João Duarte, para Honra e Glória desta cidade que se orgulha de todos os seus filhos, mas não esquece aqueles que, como o Senhor João Duarte, atingem o respeito e a consideração do meio industrial europeu.

E, finalmente, envolvemos neste nosso Agradecimento a Ex.ma Família que tem sido, também, a trave mestra nas situações que, porventura, tenham perturbado o sossego e a tranquilidade do Homem a quem hoje se presta homenagem.

José Ribeiro Novo»

JOÃO DUARTE

No nosso Pensamento e à Luz da sua Obra

«Estas despretensiosas letras são devotado e sincero preito de *Homenagem* a um Homem que muito venero, estimo e admiro, porque sempre o conheci adornado de preclaras virtudes e qualidades, votadas ao serviço da humanidade.

Em coro de sentimentos festivos sou acompanhado por todos os barcelenses, por todos os amigos, por todos quantos, de qualquer modo,

conhecem o *Senhor João Duarte,* esse ilustre barcelense, que é astro de primeira grandeza em qualquer quadrante e época. Assim o veremos, admirando a sua destacada personalidade nos *breves quadros* que seguem:

1 — Quem pretenda conhecer este Homem extraordinário por tantos títulos, veja-o *na sua vida de bondade* e fino trato dentro e fora de casa, de *nobre singeleza* e rara solicitude, de serenidade e firmeza de ânimo, sendo sempre igual a si mesmo.

2 — Quem pretenda conhecer o Senhor João Duarte, veja-o *na sua notabilíssima Obra Industrial,* capaz, só ela, de imortalizar o seu autor, que há quase meio século a iniciou com a fundação da Fábrica Barcelense, donde mais tarde fizeram a sua arrancada, por um título ou outro, todas as demais empresas têxteis da terra, a darem progresso e vida mais elevada a toda esta região; donde Ele próprio partiu para a criação de outras grandes empresas em Barcelos e na capital do norte, produzindo maiores riquezas a nível nacional e melhores condições de vida do povo português; donde irradia constantemente um fulcro extraordinário de bens em crescimento, de progressos locais e valores nacionais, de civilização, de elevado nível para muitos milhares de famílias que, comprando e vendendo através do País, dali vivem desafogadamente; donde vivem e progridem milhares de operários e operárias, que nessas mesmas empresas trabalham e ganham honradamente o seu pão.

3 — Quem pretenda conhecer João Duarte, veja-o *na sua não menos extraordinária Obra Social,* de constante bem-fazer em caridade e justiça, *a bem dos seus operários* que ama com ternura paternal, mesmo cuidando de saber das suas dificuldades pessoais e familiares, para melhor os poder ajudar.

Testemunho à vista, como obra mais recente, são esses importantes *Blocos Residenciais* que hoje serão inaugurados pelo Ministro das Corporações, Professor Doutor Gonçalves de Proença, e benzidos pelo Senhor Arcebispo Primaz, D. Francisco Maria da Silva, em festa de *Homenagem ao notável Barcelense, como o herói do trabalho e do progresso da nossa terra minhota.*

Calorosa *Homenagem* merece o *Senhor João Duarte,* e há muito lhe deveria ter sido prestada como é voz corrente. Bem-na merece esse *Génio industrial,* animado de simplicidade, de tal modo que, se alguém

lhe fala da grandeza da sua Obra, logo atalha a cortar o assunto: «*eu pouco fiz; o que eu fiz quem quer o teria feito, e é melhor não falar nisso*». Esta atitude faz lembrar, noutro campo, o grande sábio Pasteur a filosofar sobre a sua ciência dizendo: «*quanto mais estudo e sei, só uma coisa sei e é que nada sei!*»

Sim, bem merece *sentida homenagem* esse tenaz e valente *Cobouqueiro do bem público,* do bem social da nossa região, e de outras muitas terras lusitanas.

4 — Quem pretenda conhecer *João Duarte,* veja-o ainda, e sobretudo, no exercício da *Caridade* fraterna e social, numa solicitude primorosa a adivinhar as privações, necessidades e aflições que possam sofrer aqueles que encontrou ao longo da vida, resolvendo tantas situações difíceis de tanta gente, por vezes antes que lho solicitem. E, se houver condições a impor, só esta surge. «*Vai e não digas a ninguém*».

Parece anedota mas é um facto: Certo dia alguém sugeria que se fizessem figurar em lista quase pública todas as benemerências praticadas pelo Sr. João Duarte. Sua Excelência reagiu imediatamente desaprovando a ideia, e, em voz submissa, dizia a terceira pessoa, com satisfação por assim ser: «*Valia de muito!... Na sua maior parte esses benefícios não constam, não são registados*»...

Não constarão da agenda, nem das contas correntes das suas empresas. Mas, lá no alto, escriturário mais zeloso tudo terá anotado no activo desta preciosa vida, queimada, dia a dia, ao serviço dos outros. Seja essa a grande consolação, na certeza da gratidão do Autor da vida, que não falha como falham cá na terra as gratidões dos mesquinhos mortais.

Cristão de fé prática, foi sempre a caridade a virtude favorita do Senhor João Duarte, e bem demonstra ela, como termómetro fiel, o grau elevado do amor de Deus que anima a sua vida.

Praticando com simplicidade as virtudes cristãs, é modelar na *Fortaleza de ânimo* que lhe permite enfrentar sempre, com serenidade e calma, os maiores contratempos.

De alma simples e boa, é firme nas decisões tomadas em ordem ao melhor caminho a trilhar.

5 — Enfim, quem pretenda conhecer o Homem que hoje homenageamos em coro nacional, que não só barcelense e familiar, *venha daí,* acompanhe-nos até ao local da festa. Suba e percorra os Blocos Residenciais, nas suas vinte e quatro espaçosas e confortáveis moradias para

pessoal da Barcelense. Assim avaliará do carinho nada vulgar que este Industrial nutre pelos seus trabalhadores, que têm «*um Patrão como não há*», em frase de todos eles. Desça para a nova avenida, que desde hoje é «*Avenida João Duarte*», sendo a prenda da gratidão municipal a perpetuar o seu nome imorredoiro.

Ajoelhe no meio da multidão, não à passagem do Ministro de Salazar que também veio agradecer as fontes de riqueza sempre jorrantes, criadas e abertas por Alguém, que é firme nacionalista da velha cepa lusitana; não quando passa o Senhor Arcebispo Primaz, que em nome da Igreja aqui vem agradecer o bom exemplo de virtudes cristãs e humanas, que sempre brilharam na vida dum Barcelense muito amigo.

6 — Vamos! Curve-se agora, que *Ele* aí vem, simples, confundido na sua humildade, sorridente, a transpirar bondade e fidalguia, rodeado de carinhos e aplausos à sua *Obra* e sua *Vida,* à sua *Pessoa* e à sua *Caridade cristã.* Continuando a romagem, siga-o até à Fábrica, que foi a primeira, e é mãe de muitas outras. Visite em meditação esse exemplar estabelecimento fabril, que tem alimentado tantas gentes, tantos lares, e certamente também o seu.

Já que entrou, fique, e sigamos para o *Almoço de Confraternização,* que se realiza ali, ao ar livre, sob um belo alpendre, feito provisòriamente para a festa jubilosa. Um delicioso banquete vem coroar esta *Homenagem* que os barcelenses, de há muito, desejavam prestar ao seu maior *Benfeitor* de todos os tempos.

Não, não vá embora. Aceite o nosso convite, e sente-se no lugar mais a seu gosto, sem se assustar com esta multidão de perto de mil convivas, e sem rubor por se ver à mesa do Sr. João Duarte, em amigo convívio com o Senhor Arcebispo e Senhor Ministro, com outras grandes personalidades vindas de todo o País. Não, não tenha receio: Veja ali, mesmo no centro, todas as operárias e os operários da Fábrica, na maior das alegrias, na festa de homenagem ao seu querido *Patrão,* que é festa de todos eles! Também é de todos nós, e por isso estaremos até ao fim, neste agradável recinto interior da *Têxtil-João Duarte,* em amena conversa, num acto de grata presença.

7 — Perguntando-me alguém por que arte vim parar ao meio desta festiva *Homenagem,* respondi ter cá chegado pela normal arte dum convite, porque manda o povo que a casamentos e baptizados só vão os convidados. A Ex.ma Redacção de «O Barcelense» foi que teve a

amabilidade de me convidar, e dum modo decidido. Por isso a ela será devida esta amiga colaboração que não podia recusar. Apresso-me a felicitar este estimado Semanário pela sua iniciativa de publicar luxuoso número, comemorativo desta *Homenagem,* tão justa como necessária, que Barcelos e a Nação hoje prestam ao nosso queridíssimo conterrâneo, o Barcelense prestigioso, o verdadeiro Amigo de todos, o Pai dos pobres e das nossas gentes trabalhadoras!...

8 — Em pequena pincelada, seja-me lícito unir sua dedicadíssima esposa — Excelentíssima Senhora D. Maria da Glória Vieira Duarte — a este acto festivo. Profundamente contagiada da caridade cristã, sente-se bem a bem-fazer, numa perfeita fusão de ideias beneficentes com o seu dedicado marido, sendo duas vidas modelares numa só vida vividas.

9 — Permita-me o Senhor *João Duarte* formular os mais ardentes votos pela sua preciosa saúde, e pela felicidade de toda a sua Ex.ma Família, num abraço estremecido.

A. F.»

NA HOMENAGEM

a um dos filhos mais destacados de Barcelos

«A Princesa do Cávado presta hoje sincera homenagem a um dos seus mais destacados beneméritos de todos os tempos — o Ex.mo Sr. *João Duarte* — pela obra desenvolvida adentro dos seus muros, homenagem esta de apreço e gratidão pelo muito que Sua Ex.a tem feito em prol da terra que lhe serviu de berço, impondo-se à estima, ao respeito e veneração dos barcelenses, em cujo meio é figura de inconfundível relevo, homenagem que fica bem aos bons filhos de Barcelos, que se prezam de o ser.

Dedicando inteiramente a sua vida à sua espinhosa tarefa, o Ex.mo Sr. João Duarte tem trabalhado infatigàvelmente em prol do seu pessoal, e os resultados do seu intenso labor estão à vista de todos nós com a inauguração de dois blocos residenciais especialmente destinados para habitação dos seus empregados.

Às suas iniciativas inteligentes e rasgadas devem os seus operários e pessoal superior o seu bem-estar, conforto moral e material, e uma

acentuada, e bem vincada melhoria do nível de vida, a par de outros importantes benefícios concedidos em colónias balneares, creche-lactário, auxílios pessoais, benefícios concedidos na doença e invalidez, e muitas outras ajudas que aqui omitimos para não ferir a modéstia de Sua Ex.ª.

As nossas obras de beneficência também não têm sido esquecidas de Sua Ex.ª, procurando engrandecê-las pelo seu natural e bem louvável desejo de que beneficiem do fruto do seu trabalho, incansável e persistente.

Homem de uma só fé, para desenvolver as suas importantes indústrias têxteis não necessitou do som estridente das trombetas. O seu trabalho sério e honesto encarregar-se-ia de lhe abrir as portas do êxito, transpondo fronteiras.

O seu coração bondoso e nobre tem-se condoído da crítica situação em que vivem muitos filhos de Barcelos, a quem procurou proteger desveladamente. E modesto como é em pessoa, outra ambição não tem tido que não seja a de fazer o bem, sem olhar a quem.

Bondoso, de uma bondade que a todos cativa e estremece, simples, de uma simplicidade a toda a prova, cheia de dignidade e de nobreza, Sua Ex.ª é, em toda a latitude da expressão, um dos «Bons Filhos de Barcelos».

Trabalhando sempre por ser útil a Barcelos, o Ex.mo Sr. João Duarte impôs-se à estima, ao respeito, e à veneração dos barcelenses, em cujo meio é figura de inconfundível relevo.

A vida desse generoso benfeitor que todos os seus concidadãos estimam, é também uma lição. Ela ensina, em todas as ocasiões e em todas as circunstâncias, que se pode e deve ajudar e servir, na verdadeira e nobre acepção desta palavra, como o Sr. João Duarte sempre fez na sua vida de honrado e prestante benemérito da nossa terra.

Estas singelas notas ficariam incompletas se a elas não associássemos o nome da Ex.ma Sr.ª D. Maria da Glória Vieira Duarte, sua companheira querida na acidentada travessia da existência, colaboradora inteligente, prudente e segura conselheira em todas as suas boas acções, cujo nome é inseparável do de seu marido, como o seu coração bondoso é inseparável do grande coração que bate no peito deste prestante cidadão de Barcelos.

E entre os filhos beneméritos de Barcelos, o nome do Sr. João Duarte tem um lugar de merecido destaque, pelo muito que tem feito pelos barcelenses desprotegidos da sorte.

Barcelos salda hoje uma dívida há muito em aberto.

Associando-nos de alma e coração à homenagem que lhe é prestada, mais não faremos que cumprir um dever de gratidão. Desejamos a Sua Ex.ª as maiores prosperidades, felicitando-o pelo bem que tem feito aos seus operários, entre os quais já tivemos a honra de enfileirar.

Ilídio Eurico Gomes»

UMA HOMENAGEM

«Principio a viver recordações. E das mais gratas ao meu espírito toma relevo o tempo em que fui apagado colaborador de João Duarte. Já passa de quarenta anos!

Ao moço de então que eu era impressionou vivamente a sua forte personalidade, revestida, por vezes de uma aparência de rispidez, traída sempre pelo calor do seu coração.

Com a imaginação de um criador, não de quimeras mas de realidades, impunha-se-nos, aos que o rodeávamos, pelo seu exemplo brilhante de tenacidade, inteligência e probidade.

E estas excelsas qualidades vieram, ao longo da sua vida de lutador, a projectar-se também na nossa terra, que sob a sua inspiração se industrializou e transformou, a ponto de podermos considerá-la já, sem sombra de exagero, um dos mais importantes centros têxteis do país.

Por isso, a homenagem que ora se lhe presta, e à qual me associo calorosamente, não pode ser apenas a dos seus amigos e colaboradores, mas sim a de toda a população de Barcelos, com aquele sentido justo e devido de premiar o Mérito.

Décio Nunes»

2.º

BARCELOS ESTEVE EM FESTA

JOÃO DUARTE ALVO DE VÁRIAS HOMENAGENS

«Barcelos — a linda princesa do Cávado — esteve em festa no sábado passado. Não festa de exteriores, com arcos e bandeiras dispersos pelo velho burgo; mas festa interior, íntima, de gáudio espiritual e, ao mesmo tempo, sincera e sem uma discordância. Tratava-se, primeiro, de homenagear um barcelense de forte estirpe social: — João Duarte. Depois, dar cor à inauguração de uma obra a todos os títulos louvável e meritória: — um bloco residencial de linhas modernas, airoso, e bem implantado numa nova zona citadina que dilata a cidade para novos cometimentos, se o exemplo do barcelense João Duarte «pegar».

Fixemo-nos diante da figura, moral e profissional, de João Duarte.

Não há dúvida de que Deus se serve dos homens para a expansão da sua doutrina: — faze aos outros o que querias que te fizessem a ti. Sem o homem, Deus seria um Ser inacessível e distante. Criador mas não Pai. Artista, mas sem se debruçar sobre a sua Obra. Mas o homem foi feito — e ei-lo feito também «caixeiro-viajante» das virtudes de Deus, das suas excelsas virtudes, como artífice inimitável de todas as maravilhas do Mundo. E destas, a caridade, de mãos dadas com a Justiça.

A isto, mais do que à sua acção de industrial e de pioneiro de industriais, se reduz (como havia de afirmá-lo o Arcebispo Primaz, D. Francisco Maria da Silva) toda a vida de João Duarte: — amar o próximo como a si mesmo.

Não podemos separar o estimado industrial barcelense de toda a sua actividade como apóstolo do Bem — por mais que possamos alçapremá-lo às alturas da técnica da gestão industrial e pô-lo mesmo no lugar mais cimeiro, como exemplo e como fautor de riquezas que, hoje, se abrem à perspectiva do concelho e, mormente, da cidade.

E foi por isso que Barcelos esteve em festa, na visita do Ministro das Corporações, à nossa Terra. Iam para o Ministro todos os acenos de simpatia, que Ele bem merece por tudo o que vem fazendo em prol dos interesses dos seus protegidos: — a classe dos trabalhadores.

E quem é que não vê no Ministro das Corporações e Previdência Social o homem do momento político e social que o País atravessa? Mas era — íamos jurar — para o Sr. João Duarte a maior homenagem. Mesmo o Ministro havia de confessá-lo — ele que sabe do contributo que o Ministério das Corporações concedeu à obra que ia inaugurar-se. É que, nesta hora do social sob a égide do Estado, a iniciativa particular tem de fazer de rebite para que o «resto venha por acréscimo». Deu-se isso entre nós.

O dia esteve também esplêndido. No céu nem uma nuvem, e dir-se-ia que era para a festa ser mais linda. Barcelos compareceu através dos seus homens mais válidos (sem que lhe faltasse o calor do povo — a nossa boa gente, que cuida de si e dos seus, e não sonha alto... como os progressistas do marxismo que só sentem raiva pelo que é dos outros, sem pensar em fazer nada...) e compareceu festiva, em cortejo — teve mesmo de esperar, sem que uma mossa surgisse na sua confiança no Homem do Governo que vinha do Terreiro do Paço para lhe auscultar as pulsações, à sua própria casa. Depois, mostrou-lhe os jardins, falou-lhe dos seus problemas, disse-lhe da sua fé nacionalista — e apresentou-lhe um dos barcelenses mais nobres: — o Sr. João Duarte. Aqui foi a festa principal. O Bairro — agora mais servido por uma artéria que tem o seu nome num cunhal, — estava bonito. Espécie de aldeia nova em dia de Páscoa, com seu tapete de cores, o hissope nas mãos do Arcebispo (perdoe-se-nos a comparação), a servir de pároco por entre festões de aleluia que metiam flores e prendas — aquela nova zona residencial é mesmo um brinde dos homens — neste caso de um Homem — para que o nosso velho e nobre burgo se orgulhe de si mesmo e cresça à medida dos nossos sonhos e do quanto todos nós lhe queremos. Não será assim?

Impõe-se-nos ainda uma afirmação de carácter bairrista. É para assinalarmos a maneira como Barcelos soube estar presente. É certo que ela não deixou de fazer o seu quotidiano. Foi para o campo e para a fábrica. Fez a sua feira nesse dia — o seu cartaz berrante e que não tem par. Foi às compras e às vendas. Ajoelhou, quiçá, a horas matutinas, nos seus templos disseminados por mais de meia centena de freguesias. Fez a sua visita a doentes e a encarcerados — trabalhou no agro, e na oficina, e nos labores do lar. Mas mandou à «festa» os seus representantes, os homens que sopesam a tarefa de a valorizarem como ela merece. Deitou foguetes e deitou flores. Bravo! — barcelenses. Barcelos chegou, alfim, ao Terreiro do Paço; e este veio, alfim. até

nós. Sejamos dignos da hora que passa. E juntos e unidos, mesmo distanciados por credos e ideologias, podemos fazer de Barcelos uma «próspera cidade»! — Que bela já ela é.

M. G.»

A INAUGURAÇÃO DOS BLOCOS RESIDENCIAIS

«Pouco depois do meio-dia, a caravana chegava ao local das cerimónias, onde se encontrava já o Senhor Arcebispo Primaz, D. Francisco Maria da Silva, diversos convidados e muito povo.

O Senhor Professor Doutor Gonçalves de Proença passou revista à guarda de honra, prestada pelos Bombeiros Voluntários de Barcelos.

Seguiu-se a bênção dos blocos residenciais pelo Senhor Arcebispo Primaz, tendo em seguida usado da palavra o Presidente do nosso Município, Sr. Dr. Luís Fernandes de Figueiredo que, num improviso brilhante, que a seguir reproduzimos na íntegra mercê da gravação obtida, saudou o Senhor Ministro das Corporações, sendo muito aplaudido».

Fala o Presidente do Município saudando o Ministro

«Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social:

«Uma vez mais me cabe, na qualidade de Presidente da Câmara de Barcelos, saudar V. Ex.ª nesta terra barcelense. Foi há dois anos, quando V. Ex.ª pela primeira vez oficialmente nos visitou, foi há dois anos — dizia eu — no Salão Nobre dos Paços do Concelho. Foi no ano passado, noutro ambiente, noutro cenário diferente, mas não menos significativo, no meio rural, na inauguração da Casa do Povo de Santa Eugénia. É novamente este ano, agora, e também em cenário diferente, que eu tenho o grato prazer de saudar V. Ex.ª, Senhor Ministro, em Barcelos. Cenário diferente, mas todo ele igual, que é o cenário desta grande e linda terra barcelense, integrada neste lindo Minho, que é Portugal. Cenário diferente apenas em que, ao contrário dos anos anteriores, Vossa Excelência se encontra hoje noutro meio ambiente, no meio ambiente operário, visto que se trata duma festa de família operária. Festa resultante de mais uma iniciativa, ligada ao Ministério que V. Ex.ª superiormente e inteligentemente dirige, e também ligada à nossa querida Barcelos.

Isto vem provar, sem dúvida, que o Ministério de V. Ex.ª está bem ligado a Barcelos pelas suas realizações. Neste momento, levo já

o meu pensamento para uma outra cerimónia inaugural, talvez no próximo ano, que será a do Posto Clínico dos Serviços Médico-Sociais, pelo qual me empenhei e a Câmara se interessou, e que dentro de dias começará a surgir aos olhos da população barcelense.

Esta obra mais que surgiu, e que ora se inaugura com as bênçãos de Deus por intermédio de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz, e com a presença do ilustre homem do Governo que é o Senhor Professor Dr. Gonçalves de Proença, esta obra tem uma faceta curiosa, e que eu, como Presidente da Câmara, não queria deixar de realçar neste momento. É que ela surge num enquadramento, e aí temos três forças que actuaram, por iniciativa particular do homem — João Duarte — a quem a homenagem hoje também é prestada, não em aspecto formal, mas na medida em que ele há-de viver como nós, mais do que todos nós, este momento que aqui estamos a viver também. Dizia eu que esta obra resultou, por um lado, da iniciativa dum homem cujo nome já referi; resultou do patrocínio do Ministério de V. Ex.ª, Senhor Ministro; e à Câmara Municipal, que aqui represento, coube a outra parte, coube a urbanização do arruamento, desta artéria a que daqui a momentos me referirei novamente, porque a Câmara não quis deixar de ligar, de associar o seu pensamento a esta hora que estamos a viver. Desta conjugação de esforços resultou a obra, provando-se uma vez mais que à iniciativa particular cabe uma quota-parte, no desenvolvimento das terras. Não queria deixar de salientar esta faceta que, sendo curiosa, é um exemplo, e eu gostaria, como Presidente da Câmara de Barcelos, que o exemplo continuasse na nossa terra.

Senhor Ministro, usei da palavra para saudar V. Ex.ª, e eu creio bem expressar o sentimento da população da minha terra, dizendo apenas isto:

«Bem-vindo seja, Senhor Ministro, à nossa terra de Barcelos».

O discurso de um operário

«Ex.mo Senhor Ministro das Corporações; Ex.mo e Reverendíssimo Senhor Arcebispo Primaz;

Excelentíssimas Senhoras e Senhores:

É tão grande a alegria que vai na minha alma, que eu, um dos beneficiários das moradias acabadas de benzer e de inaugurar, não

posso conter-me, e tenho de gritar perante Vossas Excelências o meu contentamento.

A minha satisfação, e também a de todos os que gozam este benefício, de casa óptima e saudável, é enorme, e já não cabe no nosso peito, pelo que tenho de a expandir e, se mo permitem, de a comunicar também a Vossas Excelências, que por certo aqui vieram, não apenas cumprir um dever, mas para sentir, para comungar desta nossa alegria.

A Igreja, Senhor Arcebispo, dizia um velho empregado desta casa, que mau grado nosso não comungava inteiramente no nosso ideal, ainda é a única entidade, não oficial, que se interessa, que se preocupa pelos que sofrem na alma, pelos que sofrem no corpo também. Bem haja a Igreja por directa ou indirectamente inspirar realizações como esta, de alcance social. Obrigado, Senhor Arcebispo.

E Vossa Excelência, Senhor Ministro, aceite também os nossos agradecimentos pelo concurso da organização corporativa, iniciativa do Estado sem paralelo nem igual na vida nacional, que espalha pelo país benefícios desta utilidade, para bem dos portugueses, tantas vezes tão mal instalados. O nosso reconhecimento não seria completo se, aproveitando este feliz ensejo, não afirmássemos a Vossa Excelência que todos os trabalhadores da Fábrica Barcelense são portugueses de lei e de uma só fé, que não discutem nem Deus nem a Pátria. Portugueses com Portugal eterno.

Por último, quero e devo testemunhar o nosso agradecimento ao nosso bondoso patrão, tão incansável na iniciativa, como no trabalho, como no bem-fazer. Ao Exmo Senhor João Duarte, o nosso muito obrigado, as nossas sinceras saudações, com votos, saídos do fundo da alma, para que o Senhor lhe dê muita saúde, para que continue no meio da sua Exma Família, e entre nós também, ainda por muitos e felizes anos. São os nossos desejos, ardentes e respeitosos.

Viva o Senhor Ministro das Corporações!
Viva o Senhor Arcebispo Primaz!
Viva o Senhor João Duarte!
Viva o Senhor João Duarte!
Viva o Senhor João Duarte!»

«Parafraseando um grande poeta, eu poderia dizer, aplicando a sua expressão a esta obra que acabamos de inaugurar: «o homem sonhou, Deus quis, a obra surgiu».

O homem sonhou, mas com os pés bem assentes na terra, bem impregnado de sentimento cristão e de amor ao próximo, e bem seguro do seu dever social! O homem sonhou dar casa àqueles que com ele trabalharem, dar felicidade à família dos seus colaboradores, dar amparo àqueles que lhe compete proteger. O homem sonhou e o sonho era belo, e o sonho era realizável. Por isso, ao encontro dele logo vieram outras vontades, logo se conjugaram outras energias. E aquilo que parecia um sonho tomava foros de realização possível.

O industrial João Duarte foi o portador do sonho, mas a realização foi possível porque com ele se conjugaram os esforços que tinham o dever de colaborar nessa missão:

As instituições de Previdência com as suas disponibilidades financeiras; a Câmara Municipal com o seu amor a esta terra e a esta gente. Mas não bastava que o homem sonhasse, era indispensável que Deus quisesse. E Deus quis. E aqui mandou o seu Ministro Primaz, para que a mão dele abençoasse os homens e as coisas. E não apenas com a presença do Seu Ministro Deus quis, porque já foi acentuado na doutrina que inspira todas estas coisas, e está na origem de todos estes acontecimentos, doutrina que se perde nos séculos, e desceu corporizada do Gólgota.

Deus quis, e por isso a obra nasceu, e a obra são estas casas onde conta pouco o material de que são feitas, mas conta muito a felicidade que proporcionam. E resolver o problema habitacional é resolver nas suas causas quase todos os problemas sociais. Não podemos exigir que se formem bons cidadãos em ambiente pouco propício a essa formação.

Não podemos exigir que a moral conduza os homens, quando eles não têm, a acarinhar a sua formação, o ambiente cristão e são, que só uma boa casa, uma digna habitação pode proporcionar. Não podemos exigir que os homens se estimem uns aos outros, quando, logo à nascença, não receberam, para temperar o carácter e para formar a dignidade, o ambiente são da família, a quem Deus confiou a missão de formar todos os homens. Eis porque a obra surgiu, e foi abençoada. E Deus permita que estas bênçãos que V. Ex.ª Reverendíssima invocou cubram todos os homens e todas as famílias que nelas vivam, e que sempre encontrem a felicidade a que têm direito e a paz a que todos aspiramos.

Para o industrial, o testemunho do nosso apreço, pela boa compreensão que revelou da função da riqueza e pela boa utilização que dela quer fazer, multiplicando-a, e permitindo assim que a todos chegue em maior parte. Para aqueles que vão habitar as casas, os nossos votos de felicidade.

Para todos quantos colaboraram na iniciativa, o testemunho do nosso reconhecimento, em nome duma política social que prefere viver de factos do que de palavras. E por isso mais palavras não direi. Para V. Ex.ª Reverendíssima, o testemunho da nossa devoção e filial respeito, e o agradecimento de todos nós pela bênção de Deus que foi invocada. Muito obrigado».

DESCERRAMENTO DA LÁPIDE INDICATIVA DA «AVENIDA JOÃO DUARTE»

Realizou-se depois este acto, numa breve cerimónia, na nova artéria junto dos blocos residenciais antes inaugurados.

No local, o Presidente do Município leu a cópia da parte da acta da reunião ordinária da C. M. do Concelho de Barcelos, realizada em 8 de Junho do corrente ano, que a seguir transcrevemos:

«A Câmara Municipal, em face da inauguração oficial dos blocos residenciais da Empresa Têxtil João Duarte, a inaugurar no dia dezanove do corrente mês, considerou os seguintes factos:

Foi o Excelentíssimo Sr. João Duarte o iniciador e principal propulsionador do desenvolvimento industrial de Barcelos, além de que não tem dedicado a sua vida tão sòmente a actividades daquela natureza, mas delas extrai puro incentivo para obras que dão vivo testemunho de um alto espírito de verdadeira solidariedade humana, de entre as quais bem podem destacar-se as que passam a mencionar-se: — A construção de blocos que compreendem dezenas de moradias, nesta cidade, na sua Quinta da Boavista, para habitação de empregados da sua unidade fabril; — Cedência gratuita de terrenos da mesma Quinta a empregados da mesma Empresa que necessitem e desejem a construção da sua habitação em regime de propriedade resolúvel, bem como a oferta à Câmara Municipal de todo o terreno necessário para a obra de urbanização do local, o que mais veio trazer e patentear, insofismàvelmente, a certeza a este Município de que, assim, se torna certo e

efectivo o contributo para a resolução do problema habitacional desta cidade, o qual, no momento presente, se reveste de extrema gravidade.

Avulta ainda a sua actividade benemerente que se tornou conhecida mais por sentimentos de gratidão de quem a usufrui e que o Município interpreta, do que por intuitos de publicidade que lhe repugnam, ou seja, mais por razões que com sinceridade invocam os que recebem, do que aquele que quer sigilo no que pretende dar, em resultado de profundas razões íntimas e dever espiritual impulsionador que sente, mas que denuncia grandeza de alma própria de homem de bem, credor da admiração principalmente dos que não vêem no enriquecimento material próprio, o único objectivo da vida.

Que estas e outras iniciativas constituem alevantamento a nobre exemplo a seguir, embora tragam a este Município a responsabilidade inalienável e determinante do dever de as realçar e consagrar.

Pelo exposto, a Câmara Municipal do concelho de Barcelos, usando da faculdade que lhe é conferida pelo número quarto do artigo cinquenta do Código Administrativo, deliberou, por unanimidade absoluta, dar à artéria de acesso ao futuro Estádio, o nome de «*Avenida João Duarte*», para que, assim, fique perceptuado um acto de justiça que agora se pratica».

Após a leitura da acta, a menina Maria do Rosário Duarte de Sousa Coutinho, neta do homenageado, descerrou a lápide, que se encontrava coberta com a bandeira da Câmara Municipal, acto que foi por todos muito aplaudido.

O ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO

Entre Empresários e Operários na Homenagem a João Duarte

Terminadas as cerimónias de inauguração, o Professor Doutor Gonçalves de Proença visitou demoradamente as instalações fabris da Têxtil João Duarte, após o que presidiu a um almoço de confraternização entre empresários e trabalhadores. Ladearam-no os Senhores Arcebispo Primaz, Governador Civil, Presidente da Câmara e Ex.ma Esposa, João Duarte e Ex.ma Esposa. Noutros lugares sentaram-se centenas de convidados da maior representação social, e mais de 600 operários daquela Empresa.

Aos brindes, usou da palavra, em primeiro lugar, o Sr. Eng.º João Augusto Duarte Veloso, que disse:

«Ex.mo Senhor Ministro das Corporações, Ex.mo e Rev. Sr. Arcebispo Primaz, digníssimas autoridades, minhas senhoras e meus senhores:

É vivamente emocionado que, em nome de meu Pai e de toda a Família ligada à Fábrica Barcelense, agradeço a V. Ex.ª, Senhor Ministro, e ao Governo que tão dignamente representa, a honra que nos deu pela presença nesta festa, que embora simples, não deixa de ser profundamente significativa.

Ao deslocar-se a esta nossa cidade de Barcelos, V. Ex.ª provou, uma vez mais, quanto tem em conta o esforço duma empresa pelo bem-estar daqueles que nela laboram, esforço que, embora pequeno, tem no entanto algo de transcendente, pelo que representa de conteúdo humano e de fraternidade entre empresários e trabalhadores.

Além disso, pequena foi a comparticipação da nossa empresa ao lado da boa vontade e da ajuda material, dadas pelo serviço de Previdência Social do Ministério de V. Ex.ª para a realização do bairro social da nossa Fábrica.

À Ex.ma Câmara Municipal, na pessoa do seu ilustre Presidente, quero agradecer o ter dado à Avenida de acesso ao futuro Estádio o nome de meu Pai.

Costume é nestas alturas falar-se de distinção imerecida. No entanto, embora filho do homenageado, sinceramente gostaria de transmitir a V. Ex.ª o quanto me parece justa esta homenagem pelo que o meu Pai fez em prol da Indústria nesta cidade.

Barcelos constitui já hoje um importante centro fabril dentro do ramo têxtil, o que permitiu dar às populações da cidade e limítrofes, especialmente à agrícola, menos beneficiada, um melhor nível de vida, que me parece ter sido do maior alcance social.

Barcelos tem hoje um grupo de indústrias que se podem considerar modelares, não só no aspecto técnico de equipamento como também sob o ponto de vista de pessoal especializado na indústria de confecção; este desenvolvimento deve-se a uma série de homens de valor, alguns, antigos colaboradores de meu Pai. Julgo não ser ousado afirmar que algumas dessas unidades tiveram directa ou indirectamente o seu berço, pelo menos moral, nesta velha Fábrica Barcelense.

Portanto, Senhor Ministro, é o ter-se feito justiça que muito comovidamente lhe agradeço.

Considerando agora pròpriamente a inauguração do nosso bairro, muito oportuno me parece lembrar as palavras de Sua Santidade *João XXIII* nessa obra de arte social que é a Encíclica «*Pacem in Terris*», referentes ao direito à existência e a um nível de vida dignos: «Todo o ser humano possui o direito à existência, à integridade física, aos meios indispensáveis para um nível de vida digno, ou seja, à alimentação, ao vestuário, à habitação, ao descanso, aos cuidados médicos e aos serviços sociais necessários. Daqui o direito à previdência em caso de doença, de invalidez, de viuvez, de velhice, de desemprego ou de qualquer outra eventualidade de perda de meios de subsistência, alheios à sua vontade».

Alguma coisa se tem feito, julgo, nesta casa, nestes vários aspectos, e é precisamente a habitação o que me parece ser de primordial importância. Todos sabemos bem quanto representa para o nosso operário ter uma casa sua.

A alegria de viver que daí resulta, e para além disso toda a soma de valores humanos e morais, consequência de bom ambiente familiar, para o qual é essencial uma habitação própria e digna.

É nela que vão nascer, crescer e formar-se os filhos dos nossos empregados; é este um aspecto interessante, porquanto temos defendido sempre na nossa empresa a preferência de emprego a familiares de operários nossos.

Daí resulta necessàriamente um ambiente de trabalho, que tão bem se adapta à psicologia do operário português.

Todos nos devemos portanto congratular porque alguma coisa está feita, embora muito haja ainda que fazer.

Todos sabemos quanto necessário se torna dar uma remuneração cada vez mais justa ao pessoal das nossas empresas.

Quanto maior for esta remuneração, melhores serão as possibilidades duma vida melhor, será melhor o nível técnico do operário, maior a sua produtividade e mais relevante o seu papel, como pedra fundamental, que é, da empresa, e mais alto, como consequência, o seu vencimento poderá vir a ser.

Teremos assim um ciclo contrário ao que corresponde à ideia profundamente errada de que, pagando mal, se produz mais barato. Pelo contrário, pagando melhor, melhores serão, as condições de produção.

Também neste aspecto, aliado a um esforço de actualização no que diz respeito a novas técnicas de racionalização do trabalho, de produtividade e de gestão geral, poderá V. Ex.ª contar, mais não seja, como exemplo, Senhor Ministro, com esta empresa.

A Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Arcebispo Primaz quero agradecer também o favor da sua presença, como representante da Igreja e dessas figuras de Papas que, desde Sua Santidade *Leão XIII,* passando por essa maravilhosa personalidade que foi Sua Santidade *João XXIII,* e terminando no actual Papa *Paulo VI,* foram expressão máxima duma mentalidade nova, da doutrina social cristã.

Penso que estamos nesta época a assistir a uma verdadeira revolução no campo das ideias, que a muitos poderá parecer demasiado progressista, mas que na realidade corresponde a um acto de justiça para com as classes trabalhadoras, o que mais cedo ou mais tarde se teria de fazer. É essa Igreja, antiga e sempre actual, perfeitamente actualizada com problemas sociais desta nossa época, que eu saúdo na pessoa ilustríssima de V. Ex.ª Reverendíssima.

A todos os amigos aqui presentes e àqueles que de qualquer forma têm colaborado na obra de meu Pai, um obrigado sincero.

Finalmente apenas duas palavras para os nossos empregados aqui presentes: Vós tendes sido uma verdadeira família desta Fábrica, e podeis contar com toda a nossa amizade, para que continueis a sê-lo.

Apenas vos peço que tenhais confiança no futuro, no sentido de que mais e melhor se há-de fazer.

A todos, muito e muito obrigado».

Seguiu-se-lhe o Senhor Arquitecto Gaspar de Sousa Coutinho, que proferiu as seguintes palavras:

«Senhor Ministro;
Digníssimas Autoridades Civis, Militares e Religiosas;
Senhoras e Senhores;
Caros colaboradores da Empresa:

Primeiramente as minhas palavras são para V. Ex.ª Senhor Ministro, agradecendo-lhe a honrosa presença, neste acto inaugural dos Blocos e Casas para os trabalhadores da Têxtil João Duarte.

Quis V. Ex.ª mostrar, com a sua presença, o carinho, que dedica a obras desta natureza, que tanto vêm dignificar as condições da vida humana, pois o «Lar» é factor primário para o equilíbrio social.

Quero lembrar, com reconhecida gratidão, o auxílio entusiasta, prestado, no início desta obra, pelo Ex.mo Sr. Dr. Veiga de Macedo, que não podemos esquecer.

Às digníssimas Autoridades, agradecemos também a sua presença, não deixando de referir Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz, que já há anos, nos honra com carinhosa amizade, bem como Sua Ex.ª o Senhor Governador Civil.

À Imprensa, agradecemos a gentil participação, nesta inauguração e as palavras imerecidas, com que a ela se tem referido.

E aos velhos amigos, àqueles da primeira hora, que com a sua presença, fazendo sacrifícios, perdendo o seu precioso tempo, quiseram vir, para dar mais uma prova de amizade, que é um favor de reconhecimento, queremos agradecer. Dos amigos não podemos deixar de salientar o Sr. Prof. Doutor Álvaro Rodrigues, general Cotta de Morais, major Carlos Arrochela Lobo, Dr. Martins da Fonseca, Augusto Rodrigues e tantos, que é impossível nomeá-los aqui individualmente.

Finalmente dirigimos o nosso reconhecimento, para aqueles colaboradores leais e dedicados, desde os mais humildes até aos mais categorizados, que com o seu esforço engrenaram esta série de rodas, que constituem o complicado sincronismo da máquina industrial desta obra.

Meus senhores:

A homenagem a João Duarte, prestada pela Câmara Municipal de Barcelos, que assim se quis associar a esta festa, veio dar um cunho diferente daquele que estava projectado, pois tínhamos previsto uma festa familiar da Fábrica Barcelense.

Não posso mentir, apesar de se tratar de meu Sogro, tenho que dizer que a homenagem é devida. Conheço-o há mais de duas décadas, sempre um coração bondoso e forte, aliado a uma intuição e inteligência pouco vulgares. Barcelos deve muito a João Duarte (e porque não dizê-lo?) à sua Mulher, companheira dedicada, sempre presente a todas as iniciativas em prol do bem-estar de todos, praticando o amor do próximo com verdadeiro espírito cristão. Da Barcelense toda a indústria têxtil de Barcelos saiu ou nela bebeu os suas origens. A própria Fábrica de Fiação e Tecidos teve como fundador João Duarte, da qual anos depois se desligou.

Este homem simples cuidou tanto dele como dos outros, muitas vezes, digo mesmo, sempre mais dos outros que dele! esquecendo ingratidões, só teve e tem um lema «Fazer o Bem».

Para a Câmara Municipal de Barcelos, na pessoa do seu ilustre Presidente, vão os nossos agradecimentos.

Permita V. Ex.ª Senhor Ministro, que levante a minha taça para lhe desejar as maiores felicidades, bem como a todos os presentes, a quem do coração agradecemos reconhecidos».

PRÉMIOS AO PESSOAL

Foram chamados à mesa da presidência os empregados e operários da Fábrica Barcelense com mais de 25 anos de serviço, em número de 54, a quem foram entregues vários prémios.

O Senhor Manuel de Sousa Carvalho, um dos empregados mais antigos daquela Fábrica, comovido, leu a seguinte mensagem:

«É verdadeiramente emocionados que cumprimos o dever de testemunhar a V. Ex.ª, Sr. João Duarte, os rendidos agradecimentos de todo o pessoal da Fábrica Barcelense.

A presença de V. Ex.ª é-nos particularmente grata pela consideração que nos merece, pelo coração nobilíssimo que sabe sentir as necessidades e ambições de cada um.

Já têm sido expressos os sentimentos de respeitosa admiração pelas suas excelsas virtudes de homem e de cidadão, que a maioria do seu pessoal lhe tributa com gratidão; mas não será certamente considerada excessiva a honra que no dia de hoje nos concede.

Também como penhor do nosso agradecimento não esquecemos a sua fiel e extremosa companheira, Ex.ma Sr.ª D. Maria da Glória Vieira Duarte, tão generosa esposa, tão boa mãe e que tanto tem contribuído pelo nosso bem-estar.

E ainda sem a menor desconsideração para alguns presentes, e na impossibilidade de reprimir o alvoroço que nos vai na alma, escolhemos os dois mais antigos operários, Maria dos Santos Cunha e José Pereira, para respeitosamente fazerem entrega desta humilde recordação a quem devemos testemunhar o nosso reconhecimento pelo muito que lhe devemos.

E por fim, que a modéstia perdoe esta humilde homenagem, pedindo a Deus abençoe e lhes proporcione as melhores felicidades presentes e futuras.

Bem haja».

O Senhor Manuel da Graça Pereira, funcionário daquela Empresa, proferiu o seguinte discurso:

«Permita, Senhor Ministro, que, antes de mais, saúde V. Ex.ª, em nome de todos os que trabalham na *Fábrica Barcelense* e que me incumbem desta missão, honrosa, mas difícil e desproporcionada.

Esta saudação, respeitosa e sincera, implìcitamente abrange o nosso agradecimento pelo muito que o trabalhador deve à organização corporativa e a esperança também pelo muito que é legítimo esperar.

Alguns de nós são ainda do tempo em que o social da vida portuguesa, felizmente, estava confiado à consciência cristã da grei. Esta, na falta de outro código, então desnecessário, era o único existente. Esse tempo, como ainda testemunha quem o viveu, era mais feliz que o de agora, em que o homem insensatamente julga conquistar direitos, quando afinal está a perdê-los. Em vez de pessoa, está em riscos de transformar-se em número de uma série. E cada vez mais se afundará quanto mais se afastar da tradição, orgulho e razão de ser dos nossos maiores.

É vulgar ouvir dizer que, ainda não há muito, tínhamos o zero naval — expressão consagrada. Mas, entre outros zeros, pràticamente zero era também o social da nossa legislação. Saída do nada, a organização corporativa, com base nas nossas origens ancestrais, já é obra consoladora, sem contudo ter atingido ainda a plenitude, porque uma realização deste vulto e desta extensão naturalmente não se improvisa e não pode evoluir senão gradualmente, para progredir em segurança.

Graças aos benefícios da organização corporativa é que hoje se inauguraram os blocos com moradias para 24 famílias de trabalhadores da *Fábrica Barcelense,* cuja iniciativa desde o primeiro momento foi acarinhada e por último deferida pelo Ministro das Corporações de então, Ex.mo Senhor Doutor Veiga de Macedo, para quem, por isso, vai o preito da nossa homenagem e do nosso reconhecimento. Aí ficam os blocos, realidade concreta, à vista de todos, a qual não pode minimizar-se nem negar-se — nem sequer pela má vontade, a que aliás nem a evidência nem a verdade jamais se calarão. Graças a esses benefícios, outros colaboradores e outros trabalhadores desta fábrica gozam ou preparam-se para gozar a sua moradia isolada e própria. Onze é o número destes. Assim aqui, e mais — muito mais — por esse país além.

Como trabalhadores desta empresa, antigos ou novos, como barcelenses, orgulhosos do seu passado e esperançosos do seu futuro, como portugueses, sempre nobres e sempre leais, não podemos esconder o nosso contentamento, não podemos calar a nossa gratidão, não podemos negar ou ofuscar a verdade. E verdade que é marco miliário, já não só na história nacional, mas também na história da própria civilização. Agora, tudo é possível, graças a esse homem a quem já não devemos só a sanidade financeira, já não devemos só a reestrutura da nação, mas, com isso e por isso, a garantia e a continuidade de Portugal — nunca vítima de tanta cobiça, de tanta maldade e de tanta... estupidez. Eis o espontâneo grito de alma dos homens honestos e bem intencionados: honra e glória a Salazar.

A obra, para cuja consagração aqui se reuniu tão magna como selecta assembleia, é possível — e não digo, foi possível, porque, para honra sua, ainda não cristalizou também — pelo espírito e pela acção de outro vulto, perante o qual me curvo com respeito e com confiança igual, o Senhor João Duarte. Dei a entender atrás que, anteriormente à organização corporativa e na falta de disposições legais atinentes, o social da vida portuguesa estava confiado à consciência cristã da grei. Uma prova — e quase todos a conhecerão — encontrámo-la aqui, no Senhor João Duarte. Estava ainda longe a organização corporativa, e esta fábrica e as organizações que no Porto a antecederam — sem descontos nem contratos nem cauções — tratavam à sua conta o seu pessoal doente, mantendo-lhe o salário integral, por todo o tempo que durasse a doença, tantas vezes quantas aconteceu, até à morte, continuando a protecção — e ainda hoje há exemplos destes — para além da morte do empregado ou do operário. E isto fazia-se muito antes da existência das Caixas de Previdência, que aliás vieram proteger milhares e milhares de trabalhadores portugueses, embora não tivessem trazido novidade para a *Fábrica Barcelense, precursora ainda dos bairros económicos.*

Ouve-se dizer e com razão que o Senhor João Duarte é o pioneiro da indústria têxtil em Barcelos. O pioneiro, a alma e o ponto de partida para toda ela. É também o primeiro industrial barcelense, aqui estabelecido, de iniciativa com princípio, meio e fim, o último em sentido lato. E, para completar o tríplice aspecto, por que muitos criteriosa e justificadamente o apreciam, o Senhor João Duarte foi e ainda é o pioneiro no social, em Barcelos. O único ou quase — que tem creche na sua fábrica; que todos os anos manda a expensas suas

os filhos do seu pessoal para a praia; que fornece uma refeição diária e gratuita a todos os seus trabalhadores; que completa o salário ao pessoal doente e supre a assistência médica e medicamentosa àqueles a quem, por circunstâncias várias, falhe o tratamento da Caixa. Eu que, por segredos do destino, estive durante quase trinta anos, permanente a pouco mais de um metro do Senhor João Duarte e vi, com os meus olhos, a sua acção aberta e a sua acção confidencial, eu tenho motivos e razão de sobra, para, não obstante a minha dependência que honradamente nunca foi servilismo nem subserviência, para afirmar, público e raso, que o Senhor João Duarte é benemérito, que bem merece da terra, que bem merece das pessoas bem formadas. Que a bondade do Senhor João Duarte me perdoe a quebra que acabo de cometer de um dos deveres mais sagrados do ofício.

E a corroborar a minha afirmação de que o Senhor João Duarte é benfeitor, oiça-se a voz dos pobrezinhos, oiça-se a voz das instituições de beneficência, sobretudo as de Barcelos, mas também as de outras terras, oiça-se, ou se estes não falam, veja-se o sorriso de tanto envergonhado, alguns engravatados infelizes, a quem a mão prudente e protectora do Senhor João Duarte protegeu, sem os humilhar, sem os desonrar. É que — já Camões observara — quem dá sem honra, nada dá.

Se o Senhor João Duarte não foi homem de bem-fazer, ausculte-se o palpitar, neste momento mais alvoroçado, daqueles a quem o Senhor João Duarte ajudou a vencer na vida. E tantos e tantos são.

E rasgue-se — tènuemente embora, — o véu que discretamente encobriu tanto amparo, dado às mãos largas a muitos que subiram os degraus do altar, a tantos que por tantas partes hoje exercem profissões liberais.

Quase sempre encoberto, quantas vezes em nome de outros.

Que o Senhor João Duarte me releve a falta, agora cometida, do sigilo, que rigorosamente exigiu e que naturalmente condicionou a minha presença no lugar que ocupei durante quase trinta anos. Que igualmente me perdoe a sua modéstia, jamais traída pelo orgulho ou pela vaidade, que nunca conheceu.

Foi sempre industrial de intuição rara e nata, de visão larga e objectiva, disciplinador, em doação total e absorvente. Do Senhor João Duarte pode dizer-se com plena propriedade: fazei, como ele fez. O seu exemplo é uma norma, mas também é uma responsabilidade. Alguém, valor actual na indústria e vulto apreciado nas letras, dizia-me há dias que

profissionalmente devia quase tudo ao Senhor João Duarte, cujas empresas foram sempre escola. Outra pessoa, não menor pelo seu valor intrínseco, dizia-me nas suas congeminações judiciosas: — A Fábrica Barcelense é a Universidade Laborial de Barcelos. E eu acrescentarei: o Senhor João Duarte é o seu reitor. Aqui se formaram, na «faculdade» da experiência, muitos dos que pontificam no comércio e na indústria.

Pela sua presença laboriosa e infatigável, pela sua acção social e altruísta, verdadeiro mecenas que agora — um dia havia de sê-lo — começa a ser consagrado, o Senhor João Duarte bem merece a estima de todos. Porém, maior é a dívida dos que tiveram a felicidade de aqui concretizar o seu destino. Por isso, sem pretensa quebra de objectividade nem de verdade — para terminar — quereria poder exclamar — e exclamo — como Pedro:

— Não tenho oiro nem prata, mas o que tenho, aqui está integral: a minha — a nossa gratidão.

Obrigados, Senhor João Duarte».

Porque a hora ia muito adiantada, e o Senhor Ministro tinha outros actos oficiais a realizar no mesmo dia, não puderam falar diversos oradores, usando apenas da palavra o Senhor Arcebispo e o Senhor Ministro como termo desta magnífica jornada.

Palavras do Senhor Arcebispo Primaz

«Serão sòmente dois minutos. Os primeiros instantes do primeiro minuto, para vos dizer da alegria que sinto por ver a presidir a este repasto o Senhor Ministro das Corporações que é, como eu, pelo coração, filho desta província do Minho.

A segunda parte do primeiro minuto, para dizer aos operários e às operárias condecorados que considero minha a condecoração que lhes foi posta ao peito.

E na primeira parte do segundo minuto, para recordar que um dia o Senhor disse a S. Tomás de Aquino desta maneira: «Tomás, escreveste muito bem na suma teológica a propósito do meu corpo, que está realmente presente na Santíssima Eucaristia».

E, na segunda parte deste segundo e último minuto, (e suponho que não esgotei o tempo) para dizer ao Sr. João Duarte que na sua vida, tanto teòricamente como na prática, ele praticou o Santo Evangelho.

E agora, no último instante, levar o pensamento ao Senhor e dizer: «Dominus conservet eum — o Senhor o conserve».

Palavras do Senhor Ministro no encerramento da homenagem

«Guardada a distância do tempo e o respeito devido à Santidade, este almoço em que participamos tem muito daquilo que, vai para vinte séculos, foi realizado na Montanha Sagrada, não na comunhão das espécies, mas na comunhão da doutrina. Então o Mestre ensinou aos seus discípulos que o mandamento mais alto que fluía de Deus era o de amar o próximo, depois do amor à própria Santidade.

Amar o próximo significa trazê-lo para perto de nós, significa associá-lo às nossas alegrias e às nossas tristezas, significa considerá-lo como irmão. E que é este almoço, senão uma concretização viva desse sentimento, em que o responsável duma grande empresa, que o foi também duma grande obra, chama os seus colaboradores, dos mais modestos aos mais qualificados, e a todos diz: «vinde e comei do meu pão»?

«A homenagem vai para o empresário, mas também para aqueles que com ele colaboraram e realizaram esta obra de que todos nos orgulhamos.

Gratidão pela obra que fez, Sr. João Duarte, e pelo espírito com que a viveu. Que o seu exemplo frutifique. E não serão necessárias leis sociais nem normais que as imponham».

O pessoal da Fábrica Barcelense ofereceu ao Sr. João Duarte e a sua Ex.ma Esposa duas medalhas de ouro com o emblema da fábrica, comemorativas desta belíssima festa, testemunho do seu afecto colectivo e do seu geral reconhecimento.

3.º

REFLEXOS DUMA JUSTA HOMENAGEM

(De um jornal nortenho no seu «Diário de Barcelos», de 23-6-1965)

«Ainda hoje, não obstante terem decorrido alguns dias, a cidade comenta e louva a festa, sobejamente justificada, de que foi alvo o benquisto e grande industrial João Duarte, em homenagem pública.

Dotado de extraordinárias qualidades, empenhou toda a sua vida em empreendimentos de vulto, formando empresas que de há muito gozam do privilégio do poder da procura, o que nos diz do seu grau de inteligência e acuidade para os fins industriais.

De coração magnânimo, não foi, e ainda felizmente o não é, aquele filho pródigo de Deus que pecava por ter sempre as mãos abertas, muito menos o avaro que peca por as ter sempre fechadas no dizer das letras sagradas.

Praticou sempre o bem.

Tudo o que era justo e necessitado, nesta terra por Deus abençoada, há quatro décadas que tem o «sinete» de João Duarte.

Praticou o bem como manda a lei de Deus, sem espaventos e sem campânulas de anunciação, que é a melhor forma de agradar ao Todo-Poderoso.

Barcelos muito lhe deve. Que Deus Nosso Senhor lhe conserve por muitos anos a vida, de forma a poder ainda acudir aos necessitados, aos tristes e humilhados, na companhia de sua Esposa e companheira fiel de todos os dias, senhora de notáveis virtudes e símbolo da benemerência, toda impregnada de carinho e gentileza para os pobres envergonhados».

DUM CLÍNICO BARCELENSE

Entre os discursos que não chegaram a ser proferidos, conta-se o do Sr. Dr. Mário Queirós, que a seguir reproduzimos do «Jornal de Barcelos»:

«Meus Senhores:

Temperamentalmente avesso a públicas e ruidosas manifestações, absolutamente incapaz de me levantar para erguer a minha obscura voz louvaminhando pessoas ou coisas que melhor fora se mantivessem num caridoso olvido, destituído de dotes oratórios, e desconhecendo, da Retórica, a arte de burilar as figuras da eloquência, difìcilmente se concebe... à priori... esta ousada atitude,... tão pouco usual no meu comportamento.

Vinte e cinco anos de clínica activa neste Concelho, vinte e cinco anos de acção médica adentro do Corporativismo português, vinte e cinco anos de íntimo contacto com a vida, abriram-me os olhos, caldearam-me a alma, preparam-me o espírito para um melhor conhecimento dos homens, e das instituições, permitindo-me avaliar com mais precisão as suas virtudes e as suas misérias.

Quase 50 anos de vida permitem-me dizer aqui, alto, e livremente, aquilo que o coração sente, e que a razão não quer, não deve, nem pode calar.

Junto de nós, em franca camaradagem e amigável convívio, estão duas grandes figuras do mundo português contemporâneo, dois grandes vultos oriundos desta encantadora região minhota, que o Cávado e o Lima acariciam e beijam, dois Homens, dos autênticos, a ocuparem dignamente as suas verdadeiras posições:

Gonçalves de Proença e João Duarte Veloso.

Vossa Excelência, Senhor Ministro das Corporações, a quem me ligam apenas ténues recordações dos tempos duma mocidade estudantil já distante, revelou-se, no tão curto lapso de tempo da sua vida pública, o estadista probo, arrojado mas sensato, capaz de vencer, uma a uma, as tremendas dificuldades com que tropeça, no desejo de ver reinar a felicidade adentro dos lares dos honrados e virtuosos trabalhadores portugueses!

Muito do caminho já foi desbravado... e praza a Deus se conserve no desempenho da função o tempo necessário para ver concretizados os seus, e os nossos anseios...

Do Senhor João Duarte Veloso, o justamente homenageado deste dia, eu poderei falar à vontade, sem coração ou servilismo, já porque tenho acompanhado de perto a sua extraordinária acção em favor dos que precisam, já porque as nossas relações pessoais nunca ultrapassam as naturais barreiras da cortesia.

Católico fervoroso, chefe de família exemplar, João Duarte não vive apenas para a sua Esposa, seus dois filhos, e adorados netos. Não! O seu Lar é a *Barcelense,* e o seu coração, generoso e bom, abre-se, de par em par, para albergar todos estes seus filhos, que sois vós, os seus operários.

Aqui, nesta casa, nunca foi preciso invocar os Direitos do Homem, as Leis da Moral, nem temer a demolidora acção do comunismo e das demais ideias subversivas... porque o ideal Cristão preside a todos os actos do seu Chefe.

Por directo contacto convosco, nos Serviços Médico-Sociais, posso avaliar as copiosas somas de dinheiro que ele tem despendido com a formidável acção supletiva, em exclusivo benefício dos seus operários, e das suas famílias.

Quando a doença vos bate à porta, diligencia para que nada vos falte, e para que a vida do vosso agregado familiar se processe dentro da normalidade possível: completa-vos o salário normal; custeia meios terapêuticos de que necessitais, e ainda não abrangidos pelo actual esquema de tratamentos oficialmente autorizado; acompanha de perto a evolução de todos os vossos estados mórbidos mandando informar-se, junto dos respectivos serviços, das vossas necessidades mais ingentes, e da provável evolução dos males que vos apoquentam.

Não menos meritória a acção profiláctica desenvolvida, tendente a debelar as principais causas das doenças físicas e morais, que outrora tanto afligiram a classe operária barcelense. Habitação condigna, transportes de, e para o trabalho, alimentação suplementar, cuidada vigilância dos bebés durante as horas de trabalho das mães, e, como se tudo isto não bastara, quantos de vós, além de vultuosos subsídios, não deveis a *João Duarte* o pagamento indispensável para as formaturas dos vossos filhos!

Barcelos deve, diga-se sem receio de desmentido, a João Duarte o grande impulso que sofreu durante as últimas décadas.

Não fora o seu persistente trabalho e a sua rara visão, e os barcelenses ainda hoje continuariam adormecidos, invocando o seu passado histórico, relembrando os seus poetas, santos e guerreiros, certos de poderem fazer parar o Mundo nesta agitada época das conquistas dos espaços cósmicos.

Desenvolveram-se e mentalizaram-se os Homens, aqui, na Barcelense, a Célula Mater da próspera e já bem conhecida indústria de malhas de Barcelos, que tanto tem honrado a Terra, *A Bem da Nação*».

DESCERRAMENTO DO RETRATO DE JOÃO DUARTE NA ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS BARCELINENSE

(Do Jornal «O Barcelense», de 8-1-1966)

...Referimos que nas duas últimas décadas a vida associativa decaiu. Dissemos que, por indicação alheia, a Associação se acolheu à protecção de ilustre e benemérito Barcelense. Foi realmente o seu amparo material que permitiu a resistência à fadiga, que parecia liquidar a Associação, reduzida a quase nada. Esse Benfeitor fez sócios a todos os seus empregados e pagou por eles durante largos anos as quotas, com dispêndio de várias dezenas de contos, sem que alguém de suas empresas utilizasse qualquer benefício. Sem esta ajuda, há anos que a Associação ter-se-ia extinguido. E quando a instituição, quase limitada a sócios — varões, empregados daquele Benfeitor, foi ele quem permitiu que os seus cooperadores, a quem impôs essa missão, formassem a direcção, que operou o resgate e o ressurgimento da Casa, que aí está à contemplação de todos e para amparo e benefício de vários milhares de Barcelenses.

Esse Benfeitor é João Duarte, cujo bem-fazer assim se torna público, para que sirva de exemplo e incentivo.

Vai a Associação homenagear pùblicamente os seus Benfeitores, vai dizer *obrigada* a João Duarte, por mais esta sua obra, desconhecida de tantos, até dos seus mais íntimos familiares.

Com júbilo nos associamos a esta homenagem, a que, se Deus quiser, estaremos presentes com o nosso coração e o nosso aplauso, e connosco estará toda a gente boa da nossa Terra.

TRECHO DO DISCURSO DO SENHOR DIRECTOR ESCOLAR E PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO — ANTÓNIO REGO

(Do Jornal «O Barcelense», de 15-1-1966)

...No período classificado como o da recuperação associativa, destacarei a benemérita acção do industrial barcelense, Exmo Senhor João Duarte.

Quando tudo parecia perdido — acção, haveres e sócios — surgiu, como por milagre, esse homem que se pôs inteiramente ao lado dos seus dedicados servidores e pronto a resgatar o que restava desta casa, já tão cheia de tradições e de bem-fazer. Pouco a pouco a confiança entra no meio associativo; restauram-se e agrupam-se fundos dispersos,

fortalece-se entre os corpos directivos a autodeterminação de caminhar — amparados, sim, mas caminhar para dias melhores — procurando a prosperidade através do esforço de novos sócios, e tudo isso amparado pela nobilíssima acção dessa alma de eleição, que se chama João Duarte. Sou testemunha deste chamamento gigantesco, que nos deu este movimento de restauro, de amplitude associativa, de aumento de benefícios, em auxílio dos que precisam. Tenho estado presente, há já alguns anos, entre novos e velhos, e em todos tenho encontrado a mesma vontade férrea de servir, e servir cada vez melhor, a Associação de Socorros Mútuos Barcelinense. Mas também tenho tido a felicidade de notar o respeito, a admiração, o carinho com que sempre se fala do Ex.mo Sr. João Duarte.

É que, isso é público e notório, se ainda aqui estamos, se hoje nos reunimos em recolhido preito de saudade por uns, de gratidão por outros, e ainda em franco convívio com tão ilustre e selecta assistência, isso deve-se a esforços conjugados desde tempos idos, e tão recordados em todos os lares barcelenses, aos homens do passado, à benemerência dos homens do presente e a todos que, sem desfalecimento, vão construindo, em base sólida e garantida por força de lei, *a breve trecho a produzir e frutificar*, para que esta altruísta obra de franco mutualismo seja o amparo dos que mais precisam.

Assim, por despacho de Sua Ex.a o Ministro das Corporações, de 12 de Dezembro findo, foi aprovada a nova tabela de subsídios, que entrará em vigor logo que seja publicada no Diário do Governo.

Nesta homenagem, a todos os títulos merecidíssima, e tendo por fulcro o Sócio Benfeitor Senhor João Duarte — o Sócio n.º 1 desta Real e Humanitária Associação de Socorros Mútuos — cujo retrato vai ser descerrado dentro de momentos, consubstanciamos todo o nosso agradecimento e gratidão aos Sócios fundadores, desde o mais ilustre ao sócio contribuinte mais modesto, pois todos foram e são precisos para levar a cabo esta obra que, graças aos bons timoneiros que a têm dirigido, chegou aos nossos dias e está patente aos vossos olhares.

JOÃO DUARTE — UM HOMEM

(Do «Diário do Minho», de 21-6-1965)

«Não dispusemos, ontem, de bastante espaço para destacar com o devido relevo a festa ao ilustre barcelense, que teve a dita de ver junto de si, em homenagem conjunta, a Igreja e a Pátria, ambas jubi-

losas por poderem testemunhar ao grande benemérito simpatia, gratidão e estima.

A Igreja falou — e lapidarmente! — pela boca do Senhor Arcebispo Primaz, quando, ao referir-se a S. Ex.ª, sendo embora o Ex.mo Prelado avaro de elogios, lembrou a frase de Jesus crucificado a S. Tomás: «Que queres tu, Tomás, em paga do bem que escreveste a meu respeito na Eucaristia»? O símbolo pode aplicar-se perfeitamente, aliás fê-lo quem por todos os motivos podia fazê-lo, ao generoso «Patrão», tomado no sentido de Grande Pai, que o tem sido para milhares, muitos milhares de pessoas.

Na realidade, o génio industrial e a seriedade do dinâmico chefe da empresa souberam criar imensa riqueza, mas essa foi aplicada ao serviço do homem e sobretudo de Deus.

Conhecemos um tudo-nada das altas benemerências que ele pratica às claras, como o Bairro inaugurado por exemplo. Ouvimos diversas coisas aos oradores que acentuam ainda mais a delicadeza de sentimentos e a imensa generosidade do seu boníssimo coração. Mas se pudessem falar todos quantos a ele recorrem por carta! E nenhuma voltou sem resposta! Oh! se pudessem falar todos quantos a ele recorreram e foram atendidos!... E apenas com esta condição formulada pelo benfeitor amigo: «Não diga nada!...» Por isso, é perfeitamente lógico o símbolo: «Que queres tu, em paga do imenso bem que tens feito a tanta gente?» poderia perguntar-lhe o divino Crucificado...

Quanto a nós, a melhor prece, o voto mais ardente e feliz é ainda o «Dominus conservet eum». «Que o Senhor no-lo conserve por longos e dilatados anos»! diremos com o Senhor Arcebispo Primaz».

CARTAS DE AGRADECIMENTO

Porque o ilustre Director do *Diário do Minho,* no seu artigo desta página, faz ressaltar duma forma muito significativa como seria bom ouvirem-se as expressões agradecidas dos beneficiados de João Duarte, não resistimos à tentação de registar algumas cartas por via de exemplo, cujos originais (à mistura com numerosa correspondência) se encontram de posse da Ex.ma Viúva deste venerando Barcelense. São elas testemunho palpável da sua bondade e da gratidão expressa de alguns daqueles a quem fez bem.

«Porto, 5 de Fevereiro de 1949

Ex.mo Senhor João Duarte:

A minha alma transborda de alegria e de gratidão a Deus e a V. Ex.ª pelo que acaba de passar-se. Tenho uma casa!! É minha a casa em que habito!!

Ela será um padrão onde eu e os meus testemunharemos, pela vida fora, as sublimes acções da alma bendita e benéfica de V. Ex.ª.

Como eu desejaria possuir o retrato de V. Ex.ª que, colocado em lugar de honra, seria indicado a todos como o instrumento nas mãos de Deus, para a realização do meu maior sonho. O lar em que habito é meu!... E quanto me custou?... Nada.

Foi V. Ex.ª que graciosamente mo ofereceu. E, com esta valiosa oferta, V. Ex.ª encheu de alegria a minha alma e toda a minha vida, pois o que poderia eu fazer, se não fora o capital que imerecidamente V. Ex.ª tem posto à minha disposição todos os anos!

Como é grande a alma de V. Ex.ª! E como são santas essas mãos benditas que, num preito de homenagem e gratidão, beijo respeitosamente! — *J. G.*».

«Ex.mo Senhor João Duarte:

Devido a estar doente, peço desculpa de só hoje agradecer 12 cheques que V. Ex.ª me enviou. Quando os recebi chorei, de comovida, por tão grande graça, e por não ter palavras com que possa agradecer tanta caridade.

Se não fosse o seu bondoso coração, que seria de mim e de minha tia! Ela inválida e eu pouco menos! Sou uma doente incurável que passo o mais do tempo na cama. O meu dinheiro já é pouco.

Não tenho preces com que possa agradecer à Mãe Santíssima tantas graças recebidas. Sou uma pecadora e nada lhe mereço. Mas peço à Mãe do Céu lhe agradeça por mim, concedendo-lhe o que desejar e a todos os que lhe são queridos. Eu e minha tia enviamos muitos cumprimentos para sua esposa e filhos, e mil agradecimentos a V. Ex.ª da muito grata e obrigada — *J. F.*».

«Porto, 17 de Agosto de 1949

Ex.mo Senhor João Duarte:

Ao endereçar a V. Ex.ª o testemunho do meu profundo reconhecimento, faço-o duma maneira muito sentida e sincera. Uma vez mais quis V. Ex.ª distinguir-me com o favor da sua generosidade, e eu, desvanecida, registei tão generosa oferta. Como mãe, aprecio talvez melhor do que ninguém, o quanto de bom e proveitoso meu filho tem recebido da parte do Senhor João Duarte. Por isso sirvo-me da presente para apresentar o meu maior e sincero agradecimento.

Diante de tamanha consideração de alguém, que tem demonstrado exuberantemente não ser um Chefe mas sim um Protector, eu sou levada à conclusão de que, apesar de a morte ter ceifado meu chorado marido, representa V. Ex.ª um segundo Pai para meu filho.

Confesso que gostaria de traduzir melhor a expressão do meu sentir e quanto de grato me vai no coração, mas não possuo conhecimentos que me habilitem a expressar-me com aquela clareza que seria de desejar. Creia porém, V. Ex.ª, que toda a palavra que fica escrita é o representativo verdadeiro do meu indelével agradecimento, e, aquilo que omito, por certo adivinhá-lo-á, Senhor João Duarte.

Peço o favor de transmitir a Sua Querida Esposa os meus cumprimentos da mais profunda estima. Para V. Ex.ª vai o tributo da mais sincera homenagem, daquela que se subscreve imensamente grata — *I. M.*».

«Barcelos, 28 de Abril de 1950

Ex.mo Senhor João Duarte:

Cumpro o grato dever de informar que me foi entregue a carta com a importância que generosamente V. Ex.ª quis destinar-me, o que muito e muito agradeço. Digna-se assim V. Ex.ª continuar a série de favores com que me tem distinguido, e ao que eu farei, tudo farei por corresponder, sempre e em todos os lugares onde me encontre.

Em reconhecimento e como gratidão, eu quero pedir a Deus duas coisas: a primeira, sinceramente, boa saúde para V. Ex.ª e todos os seus queridos; a segunda, que me proporcione ocasião, mais de uma ocasião, tantas quantas necessárias para demonstrar a V. Ex.ª firme e inequìvocamente, o meu agradecimento, o meu respeito, a minha lealdade.

Que Deus cubra V. Ex.ª e toda a sua Ex.ma Família de felicidades sem fim, em vida longa e venturosa: são as minhas preces. Respeitosamente renovo os protestos da minha gratidão e peço licença para subscrever-me. Do criado muito obrigado — *M. P.*».

(Sem data e sem morada)

«Ex.mo Senhor João Duarte:

Como sempre, permita-me V. Ex.ª que venha render-lhe as minhas homenagens e testemunhar-lhe a minha gratidão. Se é verdade que devemos amar os nossos pais com devoção e o respeito devido, também não é menos verdade que igual sentimento devemos dispensar àqueles que, não sendo nossos pais, nos estimam e nos proporcionam uma vida feliz. Aquele, levou-mo Deus sem que pudesse sentir as suas doces palavras, os seus carinhos e as suas bênçãos, mas nem por isso deixo de lhe dedicar as minhas orações para que a paz lhe seja eterna.

Deus, que é bom, não se esqueceu de mim nem dos meus, e, na falta daquele, um outro me ofereceu para me encaminhar na vida, ensinando-me a ser um homem honesto, um homem de bem. É a V. Ex.ª, permita-me dizê-lo, a quem devo tudo o que sou e o que possa vir a ser, na certeza de que lutarei por continuar a merecer essa estima. Rogo a Deus com fervor que lhe prolongue a vida para bem dos que lhe são queridos e dos que lhe querem muito. Sou o humilde empregado que lhe pede licença para se assinar — *A. P.*».

DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE BARCELINHOS

«Barcelinhos, 18-3-1944

Excelentíssimo Senhor João Duarte Veloso

Barcelos

Excelentíssimo Senhor:

Chegou ao nosso conhecimento que, amanhã 19 do corrente, data do Aniversário de Vossa Excelência, lhe vai ser prestada uma homenagem que a todos os títulos, como inconfundível Homem de Bem, lhe é devida.

Como se trata, porém, de fazer Justiça a quem, pelas suas altas qualidades, bem merece o incondicional carinho e respeito do Povo de Barcelos, esta Corporação, em nome da sua Direcção, Comando, Corpo Activo e de seus Associados, sente o prazer de vir manifestar a Vossa Excelência toda a sua admiração, prestando todo o seu incontestável apoio e associando-se a essa homenagem, desejando que ela seja como que a brilhante apoteose devida aos relevantes e inesquecíveis serviços prestados, tão desinteressadamente, por Vossa Excelência, à nossa terra — terra que bem pode orgulhar-se de ter sido berço de tão prestimoso cidadão.

Para Vossa Excelência, que a nossa Humanitária Associação tem a subida honra de contar no número dos seus associados, vai o nosso maior respeito e, com ele, a afirmação bem sentida e bem sincera, de que a ilustre Figura de Vossa Excelência é, e será, sempre venerada por todos nós.

Com os desejos de que Vossa Excelência e os seus numerosos amigos possam ainda festejar, por dilatados anos, tão simpático acontecimento, ousamos pedir que nos considere e nos subscrevemos,

Pelo Comando,

João Beleza Ferraz

Pela Direcção,

António Augusto Veloso»

DA ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS BARCELINENSE

«Barcelos, 18 de Março de 1944

Il.mo Sr. João Duarte Veloso:

A Associação de Socorros Mútuos Barcelinense, em sua reunião de 12 do corrente, deliberou por unanimidade, sob proposta do seu presidente:

a) Tomar parte na homenagem que, em 19 do corrente, é prestada a V. Ex.ª, com cerimónia religiosa, celebrada na Igreja de Santo António, em sinal de reconhecimento pelos altos e relevantes serviços que V. Ex.ª se dignou prestar a esta Associação;

b) Exarar na acta um voto de gratidão sincera pelos benefícios recebidos;

c) Lançar um voto de consternação pela retirada de V. Ex.ª de Barcelos;

d) Dar-se a V. Ex.ª conhecimento da proposta.

Cumpre-me, por isso, dar execução ao deliberado, enviando cópia da acta.

Em nome da Associação de Socorros Mútuos tenho a honra de agradecer a V. Ex.ª os altos benefícios, o carinho e dedicação que V. Ex.ª sempre manifestou por ela, e fazer votos por que Deus cumule de Bênçãos V. Ex.ª e sua Ex.ma Família.

A Bem da Nação

O Presidente da Direcção:

Manuel da Costa Ferreira»

Cópia da parte da acta, exarada a fls. 87 verso e 88 do livro destinado às actas da Direcção da Associação de Socorros Mútuos Barcelinense, com data de 12 do corrente:

«*Proposta* — Pelo Senhor Presidente foi dito: Considerando que o Excelentíssimo Senhor João Duarte, casado, industrial, residente nesta cidade, sempre demonstrou devotar a esta associação um especial cari-

nho e dedicação, e tanto assim que fez com que entrassem, para sócios, muitos dos empregados da sua importante fábrica;

Considerando que Sua Excelência vai retirar-se definitivamente desta cidade para a cidade do Porto, o que é para lamentar verdadeiramente;

Considerando que a Associação dos Bombeiros Voluntários de Barcelos tomou a iniciativa de prestar a Sua Excelência uma homenagem condigna, em reconhecimento do muito que Sua Excelência fez por ela e por outras Associações, e, aliás, por Barcelos inteiro;

Considerando que esta Associação tem o dever estrito de tomar parte nessa homenagem para patentear a sua gratidão a Sua Excelência. — *Proponho:*

1.º) Que esta Associação se faça representar por todos os membros da sua Direcção, acompanhados do Estandarte Social, na referida homenagem, a efectuar-se no Domingo, dezanove do corrente, na Igreja de Santo António, por meio de solene cerimónia religiosa;

2.º) Que se exare na acta um voto de gratidão reconhecida a Sua Excelência pelos inúmeros e relevantes serviços prestados a esta Associação, e outro de consternação pela retirada, de Barcelos, de tão benemérito e prestante cidadão;

3.º) Que se oficie a Sua Excelência dando-se conhecimento desta proposta.

Foi aprovado por unanimidade.

Está conforme. Barcelinhos e sede da Associação de Socorros Mútuos Barcelinense, dezoito de Março de mil novecentos quarenta e quatro.

O Secretário da Direcção:

Eduardo Figueiredo Ramos»

VIII

1966

A SUA MORTE

VIII

IMPLACÁVEL como sempre, e sem piedade, chegou a hora suprema. A imprensa do País tomou a seu cuidado registar nas suas colunas o doloroso acontecimento. Tendo sido já arquivadas as duas primeiras locais no Cap. V, seguem-se agora outras também notáveis.

NECROLOGIA

(Do «Diário Popular», de 18-3-1966)

«Na residência de sua filha e genro, D. Maria da Glória Vieira Duarte Veloso de Sousa Coutinho e arquitecto Gaspar Cadaval Queiroz Ribeiro de Almeida Vasconcelos de Sousa Coutinho, na rua António Cândido, 186, da cidade do Porto, faleceu, confortado com todos os sacramentos da Igreja, o sr. João Duarte Veloso, grande industrial têxtil, do Norte do País, que na cidade de Barcelos foi o fundador e impulsionador da indústria daquele ramo.

Era actual presidente do Conselho de Administração da Fábrica Barcelense (Têxtil João Duarte, S. A. R. L.); da Fábrica de Malhas do Ameal, S. A. R. L.; e da Fil — Fiação do Leça, S. A. R. L..

Natural de Barcelos, toda a sua vida foi caracterizada por bondade e caridade excepcionais, sendo particularmente estimado por todos quantos o conheceram.

Nascido em 1888, devotou a sua existência ao trabalho persistente, tendo realizado uma obra a todos os títulos notável na indústria nacional, tendo sido agraciado com a Comenda de Mérito Industrial e Comenda de S. Silvestre (Santa Sé).

Deixa viúva a sr.ª D. Maria da Glória Vieira Duarte Veloso; era pai da sr.ª D. Maria da Glória Vieira Duarte Veloso de Sousa Coutinho, casada com o sr. arquitecto Gaspar Cadaval Queiroz Ribeiro de Almeida e Vasconcelos de Sousa Coutinho, e do sr. eng.º João Augusto Vieira Duarte Veloso, casado com a sr.ª D. Clara de Assis Correia de Vasconcelos Furtado Duarte Veloso; era avô de João, Gaspar, José, Manuel, Maria do Rosário e Joaquim Duarte de Sousa Coutinho, e de João Carlos, Isabel Maria, José Pedro e Marta Maria Vasconcelos Furtado Duarte Veloso.

O funeral realiza-se amanhã, às 15 horas, da Igreja da Lapa para a Igreja de Santo António, em Barcelos, onde será celebrada missa de corpo presente».

(Todos os Jornais de Lisboa e do Porto deram a notícia).

(Do Jornal «O Barcelense», de 19-3-1966)

«Inesperadamente, às primeiras horas da manhã de sexta-feira, dia 18, faleceu o Grande Industrial e Benemérito Barcelense Ex.mo Senhor João Duarte Veloso.

Barcelos e as Instituições barcelenses ficam mais pobres! Perdem um Homem de Bem e um benemérito generoso.

No próximo número daremos a este triste acontecimento o relevo que merece».

(Do «Diário do Minho», de 19-3-1966)

«Faleceu ontem, no Porto, o industrial sr. João Duarte Veloso, natural de Barcelos, que foi um dos percursores da indústria têxtil em Portugal.

O saudoso extinto era também dotado de sólidos princípios cristãos, e era muito estimado pelos operários, em virtude das importantes obras sociais que promoveu em benefício destes.

O funeral realiza-se hoje às 15 horas da igreja da Lapa, no Porto, para a igreja de Santo António, em Barcelos, onde será rezada missa de corpo presente.

«Diário do Minho» apresenta à família em luto sentidos pêsames».

JOÃO DUARTE DEIXOU-NOS

O cortejo fúnebre — Impressionante manifestação de pesar

(De «O Barcelense», de 26-3-1966)

«João Duarte Veloso nasceu em 19 de Março de 1888, em Barcelos, há precisamente 78 anos, feitos exactamente no dia do seu funeral — desígnios da Providência. Era casado com a Sr.ª D. Maria da Glória Vieira Duarte Veloso, e pai da Sr.ª D. Maria da Glória Vieira Duarte Veloso, casada com o Sr. Arquitecto Gaspar Cadaval Queirós Ribeiro de Almeida e Vasconcelos de Sousa Coutinho, e de João Augusto Vieira Duarte Veloso, casado com a Sr.ª D. Clara de Assis Correia de Vasconcelos Furtado Duarte Veloso; avô de João, Gaspar, José, Manuel, Maria do Rosário e Joaquim Duarte Veloso de Sousa Coutinho, e de João Carlos, Isabel Maria, José Pedro e Marta Maria Vasconcelos Furtado Duarte Veloso; primo das Sr.as D. Lúcia de Azevedo Miranda, casada com o Sr. Armindo Miranda, D. Judith Pias, casada com o Sr. Domingos Pias, e dos Srs. Amadeu Azevedo, Óscar Mendes Alçada e D. Ester Duarte Alçada; cunhado da Sr.ª D. Joaquina Vieira e do Sr. Artur Vieira, nosso ilustre colaborador, ausente em Santiago do Chile, casado com a Sr.ª D. Ana Maria Volpi Vieira.

Era actual presidente do Conselho de Administração da Fábrica Barcelense — Têxtil João Duarte, S. A. R. L., da FIL — Fiação do Leça, S. A. R. L., e da Fábrica de Malhas do Ameal, S. A. R. L.

As suas qualidades de trabalho e morais foram reconhecidas pelo Estado e pela Santa Sé, sendo João Duarte condecorado com a Comenda de Mérito Industrial e Comenda de S. Silvestre.

O funeral realizou-se no sábado passado, saindo o préstito da Igreja da Lapa, no Porto, para esta cidade. Centenas de carros formavam o extenso cortejo. À entrada de Barcelinhos a sereia dos Bombeiros locais fez-se ouvir como última homenagem dos Voluntários de além-Cávado a um dos seus beneméritos. O cortejo foi-se tornando compacto. As casas comerciais encerraram as suas portas. As fábricas Tebe, em preito de gratidão pelo seu fundador, não trabalharam nesse dia. Os Bombeiros de Barcelos fizeram tocar a sereia de alarme, gesto que traduz o grito de dor pela perda de um dos seus mais prestimosos benfeitores e director. As instituições da cidade tinham a meia haste os seus estandartes. Barcelos vivia horas de autêntico luto. Milhares de pessoas e centenas de carros enchiam por completo ruas e jardins, e

foi com dificuldade que o féretro atingiu a Igreja de Santo António, onde João Duarte repousou pela última vez.

A Igreja de Santo António cobria-se de crepes negros. No ataúde armado no centro da Igreja viam-se dezenas de coroas e ramos de flores. Iniciou-se a missa de Corpo Presente, e efectuaram-se os Ofícios Fúnebres. O elogio do finado esteve a cargo do Provincial da Ordem Capuchinha, Rev. Dr. Francisco da Mata Mourisca.

Terminada a Missa de Requiem, seguiu-se a Encomendação, com o *Libera Me,* presidindo o Rev. Arcipreste de Barcelos e comparticipando numeroso clero, delegação de alunos do Seminário da Silva e os estudantes do Convento dos Capuchinhos. A seguir reorganiza-se o funeral, e o féretro, coberto com a bandeira nacional, a bandeira de Barcelos e a dos Bombeiros da cidade, sai da Igreja de Santo António aos ombros dos Bombeiros Voluntários de Barcelos. Eram cerca de 17,30 h. A urna é colocada no pronto-socorro aberto dos Bombeiros de Barcelos. A chave da urna é confiada ao Sr. Professor Álvaro Rodrigues. Seguem as Comendas com que João Duarte havia sido distinguido: a de S. Silvestre, concedida pela Santa Sé, conduzida pelo Dr. Guimarães Pestana, e a de Mérito Industrial, pelo deputado Dr. Nunes de Oliveira. Apenas um turno para as borlas, formado pelo filho, genro e netos do falecido. Dois pronto-socorros — dos Bombeiros de Barcelos e de Barcelinhos — conduzem dezenas e dezenas de coroas e de ramos de flores. São expressões de saudade e dedicação de muitos, desde humildes feitores agrícolas e de simples operários, a colaboradores, familiares, pessoas de destaque social e de organizações dedicadas. Os sinos, altivos e penetrantes porta-vozes de sentimentos superiores, plangem a sua melodia monótona, triste e capaz de abalar o mais insensível. Badalar, oportuno ou inoportuno, de realidades, que nos transcendem. É geral a expressão recolhida e sisuda da enorme assistência. As lágrimas afloram aos olhos dos mais resistentes. De onde a onde vê-se um e outro em pranto desfeito.

Barcelos está de luto. Perdeu o melhor dos seus filhos hodiernos. Barcelos, pobrezinha, ficou mais pobre. Barcelos perdeu um dos seus melhores lutadores, um dos seus melhores amigos. Inúmeras homenagens! Uma das que mais nos comoveu foi o silêncio da Banda da Casa dos Rapazes, incorporada no préstito. Se foi comovente e altamente significativa a oração do celebrante da Missa de Requiem, um primor de forma e de conceito, não menos significativo foi o silêncio dos vencidos pela dor, incapazes de falar ou de tocar. Barcelos chora e com razão a sua perda — enorme e irreparável perda.

O funeral de João Duarte, perda nacional, atingiu, pode afirmar-se, a Nação quase inteira. Foi uma enorme afluência humana, com altas representações nacionais, com pessoas de todas as terras em redor, de muitas afastadas, e até de outras mais distantes. Última e — frise-se — sentida e respeitosa homenagem a um destes Homens que a Providência de tempos a tempos prodigaliza à humanidade, para seu resgate, para seu progresso, e também para suavizar a vida com bondade. Homem criador e realizador que se desdobrou em actividade multiforme e infatigável, em benefício de uma terra, de uma região e, afinal, da Nação inteira, conscientemente enquadrado nesta época de renovação e de reafirmação do homem, João Duarte é daqueles cuja presença, cujo valor e cuja necessidade se podem sentir melhor na sua ausência, depois da sua perda. João Duarte, porém, não se apagou. A sua obra, animada pelo sopro da inteligência vivificante, fica para a posteridade. Será continuada por milhares e milhares de pessoas, nela enleadas pelo destino, que assim lhes proporcionou outras e melhores perspectivas.

O funeral de João Duarte, foi homenagem colectiva de um povo, incapaz, uma vez mais se viu, de conter os verdadeiros impulsos do coração. Impossível, totalmente impossível, dar nota pormenorizada das pessoas incorporadas no funeral. Nem o repórter mais fleumático — se é que alguém podia assistir impassível a tão grande e tão sincera manifestação de dor — poderia citar todos os nomes, ainda que limitados aos de representação oficial ou social. Contudo e sem querermos desconsiderar alguém com a omissão, aliás involuntária, lembramo-nos de ter visto:

D. Francisco Maria da Silva, venerando Arcebispo Primaz de Braga; Dr. Agostinho Guimarães Pestana, delegado em Braga do I. N. T., em representação do Ministro das Corporações; Dr. Luís Fernandes Figueiredo, Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, em representação do seu cargo e também do Governador Civil do Distrito e de Monsenhor Manuel Lopes da Cruz; Dr. Veiga Faria, Vice-Presidente da Câmara Municipal do Porto, por si e em representação do Presidente da Câmara Municipal da mesma cidade — Dr. Pinheiro Torres; Deputado Dr. Nunes de Oliveira; Dr. José Rebelo Costa, Delegado no Porto do I. N. T.; Dr. Evaristo Marques, Delegado do I. N. T. de Leiria; Eng.º José Trigo de Morais; Eng.º Rosebelo; Eng.º Luís Vaz Pinto; Dr. António Maria Tenreiro; Otto Nogueira, esposa e filha, de Lisboa; José Silvestre e esposa, de Sintra; Leonel Martins Gonçalves Rodrigues, de Lisboa; Conde e Condessa de Campo Belo; D. Ivone

Martins da Fonseca em representação do marido — Dr. João Martins da Fonseca; D. Maria José Novais; D. José Paulo de Lencastre, por si e por seu pai D. José de Lencastre; Eng.º Mário Borges, Presidente da Associação Industrial Portuense; Dr. Justino Cruz; Francisco Paula Ferreira, Provedor da Ordem do Carmo; Dr. Pedro Pinto de Mesquita e esposa; Dr. Veiga de Macedo, Presidente das Obras Sociais — Federação de Caixas de Previdência; Major Arrochela Lobo, Presidente da Câmara M. de Lousada e Presidente das Obras Sociais do Ministério das Obras Públicas; Professor Eng.º Quadros e Costa, professor catedrático do I. S. T. e da Academia Militar; General Caravana e esposa; Augusto Bernardes, por si e em representação do Dr. Manuel do Espírito Santo e Silva, Presidente do Conselho de Administração do Banco Espírito Santo & Comercial de Lisboa; Arquitecto António Vinagre; Eng.º Martins Soares; António Brandão Miranda; José Nunes da Fonseca; Eng.º Cunha Coutinho, da Câmara Municipal do Porto; António e Francisco Marques de Azevedo; Eng.º Francisco Leal Loureiro e esposa, de Viseu; Eugénio Pinheiro, Mário de Campos Henriques; Dr. Francisco Rodrigues Torres; António Nunes Hall; Américo Joaquim de Queiroz; Dr. Silva Júnior; Artur Cupertino de Miranda; Eng.º João C. Sobral Meireles; Eng.º Damião Ulisses Taxa Ribeiro da Silva; Eng.º Duarte José Martins da Costa Pereira; Carlos da Câmara Pestana; Coronel José Vasco Roncon; Coronel Luís Calafate; Eng.º João Queiroz Vaz Guedes, representado por Artur Mota; António, Armando, Fernando e Eng.º Mário Martins da Costa; Joaquim Biltes de Sousa e filho; Sócios de André Hilário Marques, L.da, de Lisboa; Eng.º Carlos Artaloytia; António Pires David Andrade, de Lisboa; Dr. Sérgio Vigouroux e esposa; Fernando Amorim; Élio Amorim; Eng.º Mário Taron de Oliveira e Mãe; Dr. Mário Norton e esposa; D. Maria da Paz Matos Graça, por si e em representação do marido, Eng.º Nuno Ameal ausente no estrangeiro; Dr. José Bento Silva Ramos e esposa; Dr. Vitorino Leão; Dr. Eduardo Rogo Machado; Dr. Francisco da Mata Mourisca, Provincial dos Padres Capuchinhos; Comandante João de Paiva Faria Brandão; Eng.º Filipe Paiva Brandão; Arquitecto Francisco Figueiredo; Arquitecto Fernando Eurico Dias Costa; Dr. José Gualberto de Sá Carneiro e filhos; Eduardo Magalhães e esposa; Manuel Amorim Alves e esposa; Eng.º Manuel Portela; Eng.º Costa Reis; Sebastião e Eng.º João Alvelos; Dr. Lourenço Pinto Martins; António Mota, Eng.º Fernando Soares David, Eng.º José Maria de Sá Ribeiro; Dr. Manuel Sá Ribeiro; Dr. José Oliveira Basto, Eng.º Mário Azevedo; Francisco e Augusto Cândido Paula Gonçalves; Jorge da Cunha Teixeira e cunhado; D. Vio-

leta e filho Manuel Augusto Paula Pires; Alfredo Allen; Alfredo Ferreira da Fonseca e filho; Eng.º José Machado Vaz; Eng.º Jorge Segismundo Pereira de Lima; Comendador António Maria Santos da Cunha; Padre Avelino Ferreira; Antero de Faria; Dr. José António de Faria Torres; Prior Alfredo Rocha; Dr. Aires Duarte; Dr. Joaquim Neiva de Oliveira; João de Almeida; Eng.º Mário Borges; Arcipreste Rios Novais; Dr. Alexandre de Sá Carneiro; Dr. Mota Prego; Dr. José Teotónio de Azevedo Fonseca; Prof. António Afonso Rego; José de Bessa e Menezes; Miguel Pereira Pais de Matos Graça; Eng.º José Machado Vaz; Dr. José Ferreira Gomes; Artur Marques Pinto; Luís Vieira; Eurico António Dias Gomes; António da Silva Portas Meira; Domingos Magalhães Júnior; António Valdaia Magalhães; Joaquim Domingues da Almeida; Manuel Pereira da Quinta Júnior; António José de Sousa Costa; Dr. Joaquim de Sousa Coutinho; Manuel Graça Pereira; David Rebelo; Manuel da Silva Araújo e todos os colaboradores das Empresas *João Duarte;* representantes das diversas Instituições beneméritas, etc., etc.

A indiscrição do repórter, que nos perdoe a Ex.ma Família enlutada, levou-nos em momento propício junto das taças dos cartões e dos telegramas de pesar. Avalanche impressionante! A nossa curiosidade permitiu-nos o conhecimento das condolências de alguns: Comendador António Maria Santos da Cunha, Brigadeiro Nunes da Ponte, D. Manuel Ferreira Cabral, Bispo Auxiliar de Braga, Dr. Maurício dos Santos, Juiz Simões Correia e Família, Dr. Nuno Simões, Dr. António Luís Gomes, Dr. Sollari Allegro, Dr. António Pedrosa Pires de Lima, General Cotta de Morais, escritor Manuel de Boaventura, Dr. Frazão Nazareth, Dr. Novais Machado e Família, Dr. Miguel Homem Sampaio e Melo, Banco Pinto de Magalhães, Eng.º Mamede Fialho, Dr. Vítor Homem de Almeida e Família.

«O Barcelense» sente profundamente a morte do Sr. João Duarte, e apresenta a toda a ilustre família enlutada o seu cartão de muito pesar, ao mesmo tempo que pede a todos os seus leitores uma oração, sentida e simples como a oração é, pela alma daquele que também foi um Bom Amigo deste velho Semanário, repositório, sem dúvida, da ascensão, vida e obra de João Duarte, para quem as palavras são moldes grosseiros de expressão do muito que haveria para dizer da sua obra e acção».

(Da Revista «Portugal d'Aquém e d'Além Mar»)

«No dia 18 do corrente ocorreu o falecimento do nosso velho e saudoso amigo sr. João Duarte Veloso, de Barcelos.

Desapareceu um Homem na verdadeira acepção da palavra, a quem a cidade de Barcelos e a indústria em Portugal muito ficam devendo.

Pode dizer-se que foi ele que deu o mais notável impulso à indústria de malhas no País, fundando há muitos anos a Fábrica Barcelense com as mais modernas e completas instalações da época. Mesmo em Barcelos estimulou outras organizações industriais como a grande empresa fabril — Tebe.

No Porto também a sua acção e inteligência se manifestaram na criação de novas empresas industriais de malhas e tecidos, como a Fábrica de Malhas do Ameal e a poderosa organização FIL.

A par da sua notável visão industrial, João Duarte era portador de um diamantino coração e dos mais humanitários sentimentos.

A toda a família enlutada e à gerência de todas as suas Empresas, sobretudo a seu genro sr. Arquitecto Sousa Coutinho e esposa, enviamos a expressão muito sincera das nossas condolências».

SAUDADE DOLOROSA

(Do «Jornal de Barcelos», de 31-3-1966)

«A Imprensa, a Rádio e a Televisão, espontâneamente se fizeram eco do triste acontecimento, que foi o passamento de João Duarte, um nome grande demais para se confinar apenas à nossa Terra, que se estendeu a todo o País e ultrapassou as fronteiras. A TV, no seu principal noticiário das 21 horas, do dia 18 de Março, chamou *perda nacional* à morte de João Duarte. E não foi sem razão essa afirmação. É que João Duarte foi homem de envergadura, um dos criadores do progresso, dos que não são de todas as terras nem de todos os tempos. A visão, o dinamismo, a dedicação, a tenacidade, a firmeza e simultâneamente a acessibilidade, enfim, a doação ao trabalho, à sociedade, à iniciativa e à necessidade, são as constantes de João Duarte, que fizeram dele homem excepcional, dedicado pelas suas obras, mas igualmente preocupado pelo bem alheio.

Foi pioneiro da indústria têxtil, deu emprego e proporcionou ensejo de trabalho a milhares, e abriu as portas do êxito a tantos e tantos que,

graças a Deus, estiveram com ele nesta hora suprema, perante a qual o homem é mais homem.

Perdêmo-lo, deixou lacuna impossível de preencher.

Mas a maior amargura que nos deixa é a falta que ficou a fazer, no amparo aos que se iniciam na vida, na preparação dos que aspiram a maiores alturas, na confiança inspirada dos que nele confiavam, na garantia do pão dos que dele precisam; maior é a falta daquela mão, que não se cansava de fazer o bem, sem olhar a quem.

Verdadeira perda a deste homem, como poucos, muito poucos, vemos.

Morreu João Duarte. O funeral foi impressionante manifestação de Dor: Centenas de automóveis, milhares de pessoas, flores — lívidas flores de saudade, que gesto impensado amontoou nas ambulâncias dos bombeiros; oração fúnebre, a despertar — salutar lenitivo — para a realidade da vida eterna, esperança para os que crêem e esperam. Regressou à origem no próprio dia do nascimento. Alto desígnio do Senhor, que humildemente adoramos.

E terminadas as honras, calado o eco das preces litúrgicas, João Duarte juntou-se, finalmente, aos seus que o precederam, no silêncio das dedicações, junto dele até o último momento. Sempre o silêncio, a melhor expressão dos grandes momentos, não quebrado nem comprometido pela irreverência de quem quer que seja, que não poderiam fazer maior quem de si mesmo já era grande.

Paz à sua alma, justa e bondosa».

JOÃO DUARTE

«UMA PERDA NACIONAL»

(De «O Barcelense», de 1-4-1966)

«Não é minha a frase em epígrafe mas ouvia-a cair de muitos lábios, e dela me faço eco repetindo-a com emoção. Dos emissores da Rádio e Televisão ela, toda realidade e justiça, com outras igualmente belas e justas, foi solenemente pronunciada para toda a Nação, em hora de luto pesado e de imensa dor de tanta gente amiga, beneficiada, colaborante, grata e admiradora desse grande vulto nacional que foi *João Duarte,* o Barcelense insigne que o País chora amargamente porque se sente mais pobre, porque a sua falta «*foi uma Perda Nacional*».

É verdade embora pareça sonho: partiu o bondoso *João Duarte* para a feliz Eternidade, conquistada (e disso estamos moralmente certo) por constantes Boas Obras que praticou durante toda a sua existência, pela bondade da sua vida profundamente cristã e social, bem como pela prática de outras virtudes; pela sua fé e confiança inquebrantáveis; pela morigeração da sua vida, sacrificada e trabalhosa a bem de tantos seres humanos; pela sua notória modéstia e simplicidade em dignidade e nobreza; pela humildade do seu coração; por tudo quanto de bem fez sobre a Terra a nível local e nacional, e ainda mais além.

É dever frisar, uma e muitas vezes, a sua caridade exímia, como jamais alguém terá praticado num conjunto tão harmonioso do social e humano, do assistencial e cristão, numa discrição rara e modelar, em benefício dos operários e colaboradores, dos necessitados, de tantas gentes ao perto e ao longe.

Essa vida laboriosa e cristã durou apenas 78 anos, nascendo para o Céu no mesmo dia em que antes, 1888, nascera para a Terra, em dia de S. José, de quem era fervoroso devoto, e de cuja Confraria local foi Juiz, cargo que serviu com dedicação durante muitos anos, aí por 1930.

«*Uma Perda Nacional*»? Sem dúvida. Portugal sente-se mais pobre com a falta dum grande Português, que foi e sempre será Grande entre os Maiores. Mas é Barcelos que mais sofre com esta perda, irreparável.

Não é estranho por isso que tenhamos visto gente a chorar com este grito invariável entre soluços: «*Lá se foi o nosso Pai... o verdadeiro Pai dos pobres*»...

Esta frase, cheia de dor, a ecoar pelas ruas e estabelecimentos, logo de manhã, foi que deu em muitos casos o alarme, e levou a notícia do infausto acontecimento do dia 18 último a muita gente de Barcelos, que se preparava para as lides do dia, fazendo-se esta conjectura: «*Foi o Senhor João Duarte que faleceu*». É uma prova convincente do ambiente consagrado, e palpitante com justiça no coração de todos, de que, essa invocação da alma popular só a *João Duarte* podia ser aplicada cabalmente.

Com efeito: Haverá por aí alguém que não tenha beneficiado, dum modo ou doutro, directa ou indirectamente, dos benefícios que, escondidamente, e «*às mãos-cheias*» como ouvimos a orador sagrado, vinha derramando ao longo da sua vida, a todos os títulos invulgar e grandiosa?

As bondades da sua caridade silenciosa são belas e incontáveis como as estrelas do céu. Que o digam as Casas de Caridade, os pobres que dele se abeiravam, ou de que tivesse ele conhecimento positivo, os

necessitados envergonhados, os operários com tantas regalias e amparo paternal, aqueles (e tantos foram!) que ele elevou a altas posições sociais de riqueza e bem-estar, mediante bolsas de estudo, colaboração de trabalho, com ordenados e gratificações de avultada grandeza, etc.

Um homem deste quilate social tinha forçosamente de deixar, na partida, um vácuo imenso a sentir-se por todo o País: «*É Uma Perda Nacional*». E que perda!

A sua falta em Barcelos sente-se premente, e é de tal ordem que se nota, no meio ambiente, esse vazio que infelizmente jamais será preenchido, e oxalá nos enganássemos.

É certo que as suas empresas, e muitas criou e desenvolveu, continuam *em parte* a sua Obra social a nível nacional, através dos tempos, sem parança, numas mãos ou noutras, porque «*todas foram feitas para rolar e rolar sempre*», em frase do seu mesmo fundador que agora tanto choramos; foram feitas para criarem riqueza e ajudarem Portugal a ser cada vez maior, em constante progresso a bem do seu povo, a bem de Barcelos e da Capital do Norte, onde estão instaladas as máquinas do trabalho que é o pão do pobre e a riqueza da Pátria.

Elas continuam, é verdade, a sua Obra, mas só *em parte*, e em parte bem reduzida. Ainda por isso choramos *Uma Perda Nacional.*

Fazemos por hoje ponto final com um «*muito obrigado*» de sincera gratidão a Deus, que no-lo deu *Assim*... que no-lo deu a Barcelos... que no-lo deu a Portugal...

A. F.».

AINDA O LUTO DE BARCELOS PELA PERDA DE JOÃO DUARTE

(Do «Jornal de Barcelos», de 7-4-1966)

«Por vontade expressa do ilustre finado, foram reduzidas ao mínimo as manifestações de pesar do seu funeral. Barcelense dos mais distinguidos de todos os tempos, era no Salão Nobre da Câmara Municipal de Barcelos que devia ser depositado, para de lá seguir à última jazida com honras municipais. O assinalado varão, sempre respeitado em vida, tinha de o ser também na morte. A morte é uma das bitolas do apreço — e do conhecimento — da vida de cada um de nós. E assim se cumpriu a sua vontade.

No entanto, ninguém e nada pode apagar ou atenuar o luto dos Barcelenses. E as instituições, suas representativas, souberam cumprir com nobreza o seu dever. A primeira, a Câmara Municipal da nossa Terra, exprimiu eloquentemente o seu pesar, num voto exarado em acta.

Voto idêntico formulou a velha e benemérita Corporação dos *Bombeiros Voluntários de Barcelos.*

Também os *Bombeiros de Barcelinhos,* sempre entre os primeiros no cumprimento do dever, exararam em acta um voto de pesar (1).

Quando da consagração pública de João Duarte, em Junho do ano findo, lemos que a sua merecida homenagem não ficaria completa se não fosse perpetuada numa estátua. Chegou a oportunidade dessa consagração. Estamos certos de que a Ex.ma Câmara Municipal de Barcelos congraçará todas as iniciativas para dar imediato cumprimento a este dever, o que não exclui e até implica a abertura de uma subscrição pública. Barcelos, agradecida, exige-o de todos nós. E *Jornal de Barcelos* coloca-se entre os primeiros no cumprimento desse dever».

PESAR PELA MORTE DE JOÃO DUARTE VELOSO

(De «O Barcelense», de 9-4-1966)

«João Duarte Veloso, que se apagou lenta e suavemente, aceitando resignadamente o seu fim terreno, foi realmente uma perda, sobretudo para Barcelos, que ele amava e extremava. Era em Barcelos que se encontrava bem. E Barcelos estimava-o e respeitava-o. O povo — o povo anónimo e bom — chorou-o. Todas as corporações, associações e organismos locais, assinalaram nas suas actas esta perda, pesada de mais para uma Terra, onde os homens, interessados pelo bem público, estão cada vez mais retraídos. A primeira das nossas entidades, a Câmara Municipal de Barcelos, exprimiu o seu pesar com um voto da sua Ex.ma Edilidade.

Apenas uma observação: todo esse voto é justo e está certo. Permitimo-nos, contudo, salientar a parte final, porque de facto retrata o que João Duarte também foi: servidor de quem dele se abeirasse, pequeno ou grande; para todos foi atencioso, nunca negando amparo aos necessitados.

---

(1) Esses três documentos encontram-se arquivados no Capítulo V deste livro.

Igualmente justos e expressivos se nos apresentam os votos das Corporações dos Bombeiros Voluntários de Barcelos e de Barcelinhos como testemunho de gratidão ao seu grande Benfeitor».

DÍVIDA DE GRATIDÃO

(Do correspondente do «Comércio do Porto», de 11-4-1966)

«Com a morte de João Duarte, um barcelense de estirpe, um Homem Bom, Barcelos constituiu uma dívida que terá de saldar por intermédio dos homens responsáveis pelo seu destino.

Não se esgotaram ainda os adjectivos encomiásticos com que a Imprensa, a Rádio e a Televisão se referiram à morte dessa figura que foi considerada «perda nacional»; mas será extemporâneo tratar aqui do que constitui, infelizmente, um facto consumado. O nosso objectivo é lembrar, se porventura a ideia não está ainda no pensamento da nossa Câmara, a obrigação que temos de saldar esta dívida de gratidão, que todos, uns mais do que outros, contraímos para com esse benemérito que duma maneira geral beneficiou, pelas suas iniciativas, pela sua compreensão e pela sua bondade, todos os sectores da vida barcelense.

Se a edilidade barcelense já alguma coisa decidiu — e é muito natural que assim tenha acontecido — ainda nada transpareceu para o domínio público: mas se ainda não decidiu a forma como e quando deve manifestar público reconhecimento a esse Homem invulgar, de persistência, de dinamismo, de bondade e de inteligência, virtudes natas postas ao serviço e em benefício de quantos directa ou indirectamente contactaram com João Duarte ou com os seus familiares mais próximos, não deve, quanto a nós, descurar esse problema que está bem vivo no coração de todos os barcelenses, que aguardam a oportunidade de prestarem justa consagração, embora a título póstumo, ao Homem que, sendo de Barcelos, se deu inteiramente ao bem e ao progresso nacional».

NA MÃO DE DEUS

(Da «Acção Missionária», de Maio de 1966)

«Faleceu em Barcelos este grande industrial e amigo dos missionários do Espírito Santo. O seu funeral, em que se incorporaram centenas de automóveis e milhares de pessoas, foi, só por si, um documento

elucidativo do alto valor e simpatia de que gozava em todo o País o Sr. João Duarte. Muito lhe devem os pobres e muito lhe deve a indústria nacional. Particularmente a Congregação do Espírito Santo sente a dor de ter perdido um dos seus grandes benfeitores e amigos, e pede a Deus se digne recompensar quem tanto bem espalhou na terra. À Família enlutada os nossos sinceros pêsames e a promessa das nossas orações».

MORREU JOÃO DUARTE

(Do «S. Mamede»— Boletim Paroquial de S. Mamede de Infesta)

«A notícia chegou assim mesmo, abruptamente, como chegam as más notícias, as calamitosas, as indesejáveis: Morreu João Duarte!

Não houve quem, ao transmiti-la, o fizesse com indiferença; e todos a recebiam de semblante ao mesmo tempo constrangido e duvidoso — que tal má nova não era das que se aceitam sem um gesto de espanto. E correu célere, sem preâmbulos, sem comentários, tomando dimensões, chegando até todos os quadrantes onde João Duarte era respeitado, estimado, venerado e apreciado.

Morreu João Duarte! Morreu esse Homem Bom, o Industrial de prestígio, o Amigo que o era na verdadeira acepção, o conselheiro sincero e leal, esse Obreiro incansável duma Obra que o tempo dificilmente desmoronará!

Era certa a notícia; irreparàvelmente certa; inexoràvelmente verdadeira! João Duarte morrera!

E quisera Deus que a sua Morte ocorresse precisamente a escassas horas dessa data tantas vezes feliz e alegre, com que sempre era festejado o dia do seu aniversário natalício! E agora esse 19 de Março, por tristíssima coincidência, jamais poderá ser olvidado depois da sua Morte, como nunca o havia sido em sua vida. E não o será; nós sabêmo-lo bem. O nome de João Duarte é daqueles que ficam na memória das gerações, na tradição dos povos, na história das terras. É daqueles que permanecem indeléveis, como que a fazer parte integrante da própria vida dessa terra a que deu vida com a Organização que concebeu e criou. O nome de João Duarte há-de ficar indissolùvelmente agarrado dum modo geral ao País do qual foi Industrial de mérito, e de forma especial a Barcelos, a essa terra que sobre todas amou, e onde a sua verdadeira Obra tomou foros de sensacional.

Aquele seu inesgotável desejo de fazer bem; a preocupação dominante de encher de pão as mesas de todos quantos tiveram a grande graça de lhe chamar Chefe; o imenso prazer que tinha em ajudar, em proteger, defender e erguer, para uma posição válida e objectiva, os que se lhe afiguravam com mérito para tal; tudo isso, e o muito que no silêncio e na anonimidade sempre fez, era em João Duarte um dom muito especial, e só próprio duma alma grande e bela como ele tinha — relíquia de inestimável valor!

Era bom; era grande; era santo! E porque assim o era, não podia continuar entre nós, dado que o Céu, onde João Duarte tem lugar de merecimento, criou-O Deus para os Bons e para os Justos.

Que descanse em paz! E que essa nova estrela que passou a brilhar no Céu, materializada em si a alma bondosa de João Duarte, continue a espalhar essa luz benfazeja por todos os humildes de quem foi mais que Amigo, mas Pai.

Se houver um dia quem biografe a figura ímpar do Homem que João Duarte foi, fá-lo-á certamente admitindo-o em três dimensões distintas: — O Industrial; o Sociólogo; o Benemérito.

Em cada um destes campos fácil lhe será encontrar terreno propício para retratar o Homem grande que ele foi, o Homem superior que soube ser, aquele que inteligentemente conjugou um feixe de qualidades com que a Natureza o dotara, e servindo-se dessas condições inatas como poucos o souberam fazer, colocou-as excepcionalmente ao serviço duma Obra dimensionalmente grande que concebeu, e de que muitos foram beneficiários.

Como Industrial foi Mestre.

Poderíamos ficar por aqui; e cremos que com essa ligeira frase o teremos substancialmente colocado no lugar cimeiro, onde positivamente terá de colocar João Duarte quem a ele tiver de se referir como Industrial. Mas não; como Industrial muito mais há que dizer do Mestre, embora nesta altura, por impossibilidade de espaço e de confessada incompetência, nos não seja permitido ir mais longe do que registar ligeiros apontamentos, que de modo algum poderão deixar de vir a lume, tão imprescindíveis os reputamos, como achega historial da vida e da figura do grande Industrial, e pelos quais melhor se poderá avaliar a grandeza do seu carácter e da sua alma.

A quando da primeira Grande Guerra, toda a Indústria se debatia em tremenda crise por carência de matérias-primas. Muitas foram até as Empresas que encerraram por impraticabilidade de funcionamento,

dada aquela razão óbvia. As populações viviam assoberbadas pela falta geral de víveres; a miséria era um flagelo que espreitava os lares, acometidos por desesperos e liberdades indómitos.

A Fábrica Barcelense, como tantas outras a braços com os mesmos ou até redobrados problemas do género, não encerrou. Garantiu sempre, certamente com sacrifícios inconfessáveis, a existência dum salário com que cada operário tinha como certo o pão diário dos seus familiares!

Já nem podemos considerar isto como obra dum industrial qualquer, porque era dum autêntico Industrial, dum Homem criterioso e justo, dum Patrão que sabia bem avaliar o peso duma responsabilidade contraída conscientemente.

Esse gesto, que o alcandorou a um lugar de justíssima reputação, e de consideração, e de respeito, foi principalmente dum Homem Bom que o era, duma consciência honesta e bem formada, dum verdadeiro Obreiro da solidariedade humana!

Porque ser Industrial é ser isso mesmo. É respeitar a pessoa humana no dom espiritual com que Deus a dotou, utilizando-lhe os recursos naturais de trabalho, mas respeitando-a, protegendo-a, mas amando-a, sobretudo quando os ventos sopram contràriamente. E João Duarte era Chefe, era Patrão, mas não sòmente com a cabeça, que muito principalmente com o coração. Repreendia para ensinar, jamais para diminuir. E logo o seu conselho amigo, a sua palavra reconfortante, apareciam como mágica combinação para erguer bem alto, lá para os píncaros do mais elevado cume, o moral de todo aquele que se sentisse menos amparado. Essa, sim, a sua grande Obra, imensa, incomensurável, bem maior que a de todas as Empresas que criou, e às quais ligou o seu nome para sempre.

João Duarte Veloso apreciava e julgava sempre com inteira justiça os homens e os actos. Se alguma vez isso pudesse não ter acontecido — o que aliás em nada ofuscaria a sua Obra generosa — somos crente de que isso não seria da sua plena responsabilidade, e estamos certo de que não obedeceria aos impulsos humaníssimos da sua alma generosa nem à magnanimidade do seu coração bondoso, sempre pronto a perdoar e a esquecer. Aqui, o Industrial.

Agora o realizador, o criador, o Homem de acção prática.

A Fábrica Barcelense, de ilimitada projecção no País, não só pela excelência dos produtos que fabrica, como pela forma correctamente comercial como se impôs, foi o primeiro gesto, a primeira pedra, digamos a materialização de toda uma Obra embrionária que a seu tempo surgiria no apogeu. Com a criação da Fábrica Barcelense, logo, não só

a Terra como os mais directos colaboradores de João Duarte se aperceberam da presença do Grande Industrial, e nele do Grande Benemérito. Passo a passo, mas firmes, mas seguros, arrimando-se ao cajado da sua força de querer e do seu saber — porque João Duarte sabia o que queria e para onde ir —, ele foi fazendo da Barcelense uma Empresa de sólidas consequências futuras. Agigantando-se a si próprio, com denodo, com persistência, com aquela vontade que em João Duarte era uma força indomável, o Industrial foi ganhando corpo, lançando raízes, tornando em promissora realidade o que em princípio poderia não ter passado de mera hipótese. Mas João Duarte não criava hipóteses; firmava alicerces. E sobre eles construía com segurança, com firmeza, com a antecipada certeza de construir bem.

Depois, a Fábrica do Ameal, no Porto.

Uma unidade fabril exemplar, quer na parte pròpriamente dita do funcionamento industrial, quer na máquina social onde os limites se regem pelas dimensões superiores. Mais outras centenas de lares (sobretudo da cidade do Porto e da freguesia de S. Mamede de Infesta) ali têm há largos anos a subsistência assegurada, gozando de regalias excelentes que atingem os próprios agregados familiares. É igualmente uma Empresa que desfruta de posição invejável em todo o País, graças também à forma como João Duarte a soube impor à consideração geral.

A Tebe foi outra inspiração do seu fundador João Duarte. Concebida em moldes inicialmente menores, mas a que foi necessário dar mais rasgada evolução devido à grande projecção que logo passou a ter, nem por isso o Mestre, apesar de não estar na parte da Gerência activa, deixou de ser o principal centro nervoso e a razão directa da sua transcendência.

Sonho de longos anos era uma Fábrica de Fiação Fina: João Duarte veio por último a criar a Fil, em S. Mamede de Infesta. Esta Organização, que depois se avantajou a outras do género pela heterogeneidade da sua industrialização, desde a Fiação à Estamparia, passando pela Tecelagem, Tinturaria, Acabamentos e Malhas, acrescida ainda pela Secção de Confecções em Camisaria e outras, o que a transformou num complexo fabril de muito valor, representou para João Duarte o complemento da sua Organização Industrial. Unidade de vastos recursos, de construção moderna e airosa, a que não faltou o bom gosto de criação de seu Genro, directo Colaborador na Obra, tem um destino de promissores futuros, porque nela acima de tudo paira o génio industrial do seu Grande Fundador.

A todas estas Unidades deu João Duarte o melhor do coração e da alma, aliando aquele esforço que só em João Duarte seria concebível.

Mas não ficou por aqui toda a projecção da sua Obra; Ela se alargou imenso, noutras latitudes, até onde chegou o seu alto exemplo e a sabedoria que derramou incondicionalmente. Ele foi Mestre de industriais, já o dissemos; e porque o foi, pode-se afoitamente dizer que nenhuma fábrica têxtil existe em Barcelos — nenhuma! — que na sua origem não tenha a Organização João Duarte, e a que não esteja ligada, por este ou aquele vínculo, essa figura grandiosa do Grande Industrial Barcelense.

A Obra de João Duarte, por ser grande, por ser sólida, por ser válida, projectou-se ao nível nacional; e foi a Nação, não só Barcelos, não só o Porto, não só S. Mamede de Infesta, quem o perdeu; e perderam um Homem extraordinário! Tão extraordinário, que trabalhando toda a sua vida, quantas vezes para além do limite das suas possibilidades físicas, nunca tinha pressa, e chegava sempre primeiro que ninguém! Por muito paradoxal que possa parecer esta imagem, ela representa contudo uma verdade inegável, pois João Duarte era realmente um Homem que, nunca tendo pressa, conseguia chegar primeiro que os outros. Era um Homem extraordinário, repetimos!

Como Patrão, era exigente, mas compreensivo; severo, sem dureza nem austeridade; tinha autoridade de comando, personalidade forte, mas flexível e paternal. Era elegante na generosidade, porque sabia dar sem constranger. Sempre acolhedor afável, a todos recebia quando procurado, qualquer que fosse a posição social do visitante; e nunca carta que lhe fora dirigida ficara sem resposta, desde que lhe chegasse às mãos. Ensinava bondosamente, como quem estava a aprender, sem molestar, sem censurar, mas com firmeza e convicção. Felizes os que com ele aprenderam os seus ensinamentos, esses ensinamentos que ele sempre tinha para ensinar!

João Duarte possuía uma perfeita supervisão dos efeitos e dos fins de tudo quanto concebia. Era um Homem extraordinário, voltamos a repetir!

No campo pròpriamente social, quase nos não detém o receio de o considerarmos o pioneiro das grandes realizações, ou pelo menos das profundas transformações por que passou, em determinada época, a protecção ao operariado.

Antes do mais, e para melhor o localizarmos neste ângulo, vem a propósito repetir, embora agora abstractamente, aquele gesto bem

definido do Socialista, quando durante a primeira Grande Guerra não paralisou a sua Empresa, a despeito de enormes dificuldades, garantindo ao seu Pessoal a firme possibilidade de considerar certo e seguro o pão quotidiano das suas mesas. Se bem nos situarmos no tempo, abstraindo do espaço, mais perfeitamente poderemos alcançar, e conceber, a grandeza que tal iniciativa representava, classificando o acto de altamente cívico e social. Já se começava aqui a identificar o Homem na grandiosidade do seu carácter, e na máxima plenitude da sua esplêndida e sólida formação moral.

Não existia ainda em nenhuma outra empresa congénere do País uma Creche-Lactário, e já na Fábrica Barcelense essa organização social funcionava com todos os requisitos indispensáveis ao conforto e à comodidade das crianças, filhos das operárias. De notar, mas muito mesmo para notar, o facto de esta Creche-Lactário não ser (que nunca o foi!) um elemento ou objecto de propaganda ou de efeito semelhante, que João Duarte nunca se mostrou vaidoso. Esta Creche-Lactário da Fábrica Barcelense era mesmo a valer, funcional, onde nada faltava à criança, desde a roupa própria que logo envergava ao entrar, passando pela alimentação adequada e racional, até à assistência médica e medicamentosa diária, sem a mínima despesa para os pais. Tudo ali funcionava sempre com perfeição, com pessoal adaptado, com requintes de higiene, com abundância e com ordem. Deste modo tem vindo a funcionar até aos nossos dias, volvidas algumas dezenas de anos.

Quantas das crianças ali criadas, foram depois operárias (que tinham a preferência, quando na idade própria) e viram ali criar seus filhos e até seus netos, todos passando pelas mesmas camas dos seus progenitores! Se se não tratasse dum facto social muito para louvar e encarecer, dir-se-ia estarmos na presença dum episódio de ficção, destinado a comover até às lágrimas.

Independentemente desta Creche, funciona igualmente, desde longos anos a esta parte, uma Colónia Balnear onde os filhos de todo o pessoal gozam os benefícios e as delícias do mar. Nada falta, incluindo ainda a roupa privativa da Colónia. Processa-se em dois turnos: o masculino e o feminino, regressando este simultâneamente ao ingresso daquele. O encargo de vigilância das crianças foi sempre confiado às Irmãs Religiosas Franciscanas Missionárias de Maria, cuja competência dispensa qualquer comentário nesse sentido. Estas crianças da Colónia possuem igualmente a mesma assistência médica e medicamentosa que as lactantes da Creche.

Outro aspecto da acção social de João Duarte situa-se no Bairro habitacional, privativo, que muitos operários e empregados utilizam gratuitamente, e que deve considerar-se também uma iniciativa de grande porte, que só a alma generosa do seu doador podia ter sugerido. Este bairro ergue-se na Avenida que hoje muito justamente tem o nome do grande Barcelense que foi João Duarte, e representa a todos os títulos uma Obra humanitária de grande alcance social.

Nunca João Duarte, quando numa aplicação racional, negava a sua contribuição generosa (que o era sempre) aos seus operários. E porquê? Porque João Duarte iniciou a sua vida no lugar próprio, lá no sítio onde a argamassa recebe as misturas e ganha ponto, nunca esquecendo os humildes e os necessitados, nem tão-pouco aqueles que, pelo seu trabalho honesto, desejavam atingir uma posição de segurança e de prosperidade. João Duarte estava onde estivesse o problema familiar, o problema social dos seus operários. A sua presença generosa não faltava nunca a repor situações que cambavam no perigo. Onde quer que as dificuldades surgissem materialmente a sobrepor à felicidade dum lar o amargo da vida, a mão de João Duarte lá estava a refazer a quietude, a levar a tranquilidade e a bonança.

Um dia, um operário adoeceu de certa gravidade. Este é um caso de entre muitos. Aparentemente nada justificava o que tivesse levado esse homem a uma queda tão brusca das suas faculdades físicas, mas o certo é que o operário se achava sèriamente doente. João Duarte apercebeu-se do facto (ele controlava estes pormenores) e mandou averiguar em profundidade a razão deste acidente. Não foi difícil; aquele operário, casado, nas horas que o trabalho lhe deixava livres, fabricava blocos para construir por suas próprias mãos uma pequena casita onde abrigar a família — seu sonho nobre e belo sonho. Para conseguir torná-lo realidade privou-se do descanso indispensável a quem trabalha — que quem trabalha precisa de descansar — e contraiu doença que o levaria ao cemitério se João Duarte, compreensivo, humano, bondoso, sempre Ele!, não lhe tivesse imediatamente resolvido o problema. Mandou analisar a obra por artistas da especialidade, obra que ainda estava no limiar de paredes meio erguidas. Ordenou a sua construção total, e entregou-a, concluída, ao operário feliz, a quem simultâneamente ordenou um descanso prescrito pelo médico, reforçou-lhe a alimentação, e deste modo o recuperou para a vida, para a família e para o trabalho.

Isto é sociologia! Isto é grandeza! Isto é Benemerência!

Homens destes quando morrem, deixam a humanidade de luto.

Como Benfeitor e como Benemérito, ocupa João Duarte um lugar destacado na sociedade. Entendemos não dever profanar-lhe a memória, trazendo agora a lume toda uma Obra incógnita, que ele sempre desejou conservar assim. Quanto podíamos dizer sobre isso, se não fora a razão de termos de manter a ordem que nos deu, e que para além da sua Morte queremos respeitar! Quando éramos seu empregado, fomos mandatário e portador de muitos e nobres gestos desse Homem — que tantas lágrimas enxugou, tanta fome evitou, quantos desesperos amainou! Era muita a pobreza envergonhada que ele redimia a cada momento; era enorme o Bem que espalhava em seu redor; era incomensurável a Bondade que distribuía!

Honras, louvores, pompas, homenagens — tudo rejeitava num desprezo absoluto da vaidade terrena. E quantos outros, por esse mundo fora, com menos mérito, ou mesmo sem algum mérito se a Ele os compararmos, todas essas grandezas procuram, as pedem e quase esmolam! Para João Duarte, a maior honra, o melhor louvor, a maior homenagem que podia a si mesmo prestar, era saber que tinha a sua consciência tranquila pelo Dever bem cumprido.

Até nisso foi grande esse Homem!

E a quantas Homenagens tinha ele direito, sim, a quantas Homenagens por Mérito absoluto, por direito próprio, por imposição dos agradecidos!

Possuía Comendas. Uma de mérito Industrial, outra do Vaticano. Mas de maior valia que alguma destas, possuía João Duarte aquela outra medalha do mérito social do povo, Comenda das que não pendem do pescoço porque só na alma têm o seu lugar mais próprio; na alma onde o povo coloca as Veneras que do coração confere aos grandes de coração e de alma! Essa levou-a João Duarte consigo; não a podia ter deixado, porque fazia parte integrante da sua grande alma que foi para o Além, e que os Anjos receberam, em dia de grande festa para o Céu.

João Duarte foi um perfeitíssimo Chefe de Família. Para analisá-lo neste campo será preciso esgotar todos os recursos adjectivos da linguagem, para o colocar na exacta craveira onde se deve situá-lo. Marido amantíssimo e exemplar, Pai extremoso sob todos os aspectos, ele soube definir com perfeita exactidão os dois lugares distintos que desempenhou com superior isenção: O de Chefe de Família e o de Chefe de Empresas. Completou-se absolutamente em ambos, sem descurar algum

pormenor em tantas outras missões que desempenhou a favor da sociedade. E porque João Duarte representa um exemplo bem vivo, e bem raro, de Homens de quem a Humanidade precisa para consolidar a estrutura social dum mundo melhor, torna-se mister derramar pròdigamente o conhecimento da sua vida e da sua Obra, para que a boa semente, que ele foi, venha a germinar e a frutificar, na medida justa em que a Humanidade carece de muitos Homens da sua espécie.

A sua Obra vai prosseguir. Não morrerá. O testamento espiritual que deixou, pelo exemplo magnífico que não poderá ser esquecido, criou obrigações morais que seus Filhos — o Engenheiro João Augusto e o Arquitecto Sousa Coutinho — não votarão certamente ao esquecimento, porque João Duarte foi também moldador magnífico de caracteres e de consciência; e por isso a sua Obra prosseguirá, como será, sem dúvida, o desejo do Homem grande que a história regista.

A homenagem verdadeiramente digna que se pode prestar a João Duarte, será aquela em que cada um, dos muitos a quem ensinou e a quem ajudou a ser alguém na vida, se mostre à altura do Mestre que ele foi, do grande Mestre que teve, se alguma vez se arrogar esse título ou for apontado como seu discípulo.

Essa, a nossa obrigação. Esse, o dever de cada um. Essa, a paga que se lhe deve.

Saibamos, pois, honrar a Memória de João Duarte, e peçamos a Deus, fervorosamente, que o tenha na sua Santa Presença.

S. P.»

IX

O MONUMENTO

IX

A glória nem sempre é privilégio dos vivos, mas daqueles que partiram desta vida, *depois de, por seus feitos valorosos, se terem da lei da morte libertado.*

Como se observa, de há muitos anos a imprensa vem aplicando a João Duarte este belíssimo pensamento, antevendo-o elevado na glória dum Monumento público, erguido pela gratidão e afecto dos seus concidadãos.

E o Monumento já é uma realidade de inteira justiça, que muito honra os seus artífices e dedicados contribuintes, estando para breve a sua inauguração.

É da autoria do escultor Eduardo Tavares, Professor da Escola de Belas-Artes da cidade do Porto, que realizou um trabalho notável e digno do Homem que representa, pelo que merece sinceras felicitações.

Neste capítulo veremos a história desse Monumento a João Duarte através dos relatos da imprensa, que vai ilustrando o público desde a abertura da subscrição nas colunas de «O Barcelense», realçando oportunamente a nomeação das várias Comissões, e culminando com os nomes dos subscritores amigos, que tornaram numa realidade grandiosa um sonho de colectiva gratidão...

REVIVENDO E RECORDANDO JOÃO DUARTE

UM MONUMENTO A ESTE GRANDE BARCELENSE?

«Em publicações anteriores tivemos o ensejo de focar a grandeza da Obra industrial, benemérita e humana de João Duarte, o barcelense admirável e grande português cuja falta choramos, a qual, como se referiu, constitui uma verdadeira perda nacional.

Hoje perscrutaremos o seu espírito, tentando fazer transparecer a beleza da sua alma, respondendo finalmente à pergunta formulada.

Ainda vale a pena ser-se bom e passar a vida a fazer bem sobre a terra. É um louvar a Deus verificar-se que a nossa boa gente conserva bem vivos na sua alma os nobres sentimentos da gratidão.

Já lá vai um mês que o Sr. João Duarte partiu da terra dos mortais para as Regiões da imortalidade ditosa, deixando toda a gente, beneficiada, amiga e admiradora, na maior desolação, esfacelados os corações pela mais intensa dor.

Neste curto espaço de tempo tem sido admirável o movimento de sufrágios em todas as igrejas da cidade e em diversas paróquias, mandados celebrar por muitas Instituições beneficentes e freguesias, que de Sua Excelência vinham recebendo avultadas ajudas financeiras acompanhadas do seu carinho e amparo moral que nunca faltavam, mandados celebrar por *pessoas agradecidas* que geralmente desejam ficar escondidas sob esta bela designação.

Bem sabe o nosso povo que agora é essa a forma de demonstrar a sua gratidão ao seu benfeitor e amigo, a quem Deus já terá recompensado com a promessa do Evangelho.

É verdade que ainda vale a pena ser-se bom e passar a vida a fazer bem.

Já nestas colunas nos referimos a algumas das qualidades e virtudes de João Duarte. Outras se podiam citar, certamente desconhecidas do leitor, como sejam a sua compreensão benévola para com faltas alheias mesmo quando estas o ferissem; a sua valentia no sofrimento mostrando-se sempre conforme com a divina Vontade, no que foi altamente modelar; a sua coragem para enfrentar o pior, na vida e na morte, com superior serenidade de espírito e grandeza de alma; a sua resignação cristã na doença prolongada que o foi vitimando.

Tudo suportava com paz, sem o menor aborrecimento, sem a mais leve impaciência, sempre disposto a obedecer aos médicos e às pessoas

que dele cuidavam, sendo incansável sua excelentíssima esposa que o tratava sempre com a mais carinhosa solicitude.

Tudo quanto se lhe fizesse, para seu melhor bem-estar e conforto, era por ele agradecido com uma palavra amiga e com um sorriso delicado. Nas últimas horas de vida, quando a ofegante respiração não lhe permitia falar, nunca faltava um meigo olhar a dizer o muito obrigado a quem lhe prestasse alguma fineza procurando-lhe alívio.

Este modelar enfermo nada pedia, nada recusava, como se fosse um escrupuloso professo a cumprir as Regras de alguma Ordem penitencial, acompanhando o desenrolar da doença com toda a lucidez de raciocínio, que conservou até ao último momento.

Tendo convivido, através da minha existência, com muitas pessoas doentes, e tendo assistido aos últimos momentos de tantas, nunca me foi dado presenciar coisa semelhante, nem creio que seja muito fácil encontrar-se. A vida cristã que João Duarte pràticamente vivia sem alardes, a sua primorosa formação de carácter e de coração, sempre dedicado ao bem dos outros esquecendo-se de si mesmo, estão na base da explicação desta muito rara forma de proceder.

Para qualquer deslize que pudesse surgir havia sempre, naquele coração bem formado, um perdão carinhoso com dignidade e distinção, a não ser que valores mais altos obstassem, resolvendo-se tudo então do modo mais correcto e compreensivo.

No dia a dia duma vida familiar intensamente vivida, nos reveses dos labores diários e duma longa e delicada enfermidade, é que se vê e aprecia melhor a grandeza de alma e a nobreza daquele homem invulgar.

Era sempre igual a si próprio com distinção e bondade. Em tudo se apresentava com grandeza e correcção.

A João Duarte ainda cabe o valor de se ter feito a si mesmo. E fez-se grande na vida, para ele e para os outros, para tantos que, aos milhares, dele receberam benefícios de toda a ordem, trabalho e magnanimidades.

Um homem destes é, de facto, um homem verdadeiramente grande à luz da Igreja, à luz da sociedade, à luz da Pátria que ele elevou e enriqueceu. E a sua Obra, que nos legou em funcionamento, continuará sempre a enriquecê-la.

Barcelos orgulha-se de tão insigne filho, seu benfeitor por excelência. O que seria hoje Barcelos sem João Duarte e sua Obra?...

«*Barcelos ficou mais pobre não de riqueza mas de bondade*». Assim exprimiu o seu profundo pesar pela perda de João Duarte a

Ex.ma Senhora D. Maria José Novais. Barcelos está mais pobre de bondade, e todos nós o sentimos. Não ficaria mais pobre de riqueza porque a Obra deste Barcelense, que tanto amava a sua terra e o seu povo, continua a produzir essa mesma riqueza, continua a dar trabalho que é pão e vida. Mas as pessoas e famílias que da sua bondade recebiam silenciosamente caridosos donativos, e muitas eram, também de riqueza se sentirão mais pobres.

Barcelos ficou mais pobre! Ficou mais pobre a Pátria que perdeu um dos mais valentes paladinos do Estado Novo, sempre grato a Salazar pela paz inalterável que nos outorgou, e de quem era devotado admirador e amigo. Ficou mais pobre a Igreja militante sem um dos seus melhores soldados, seu firme baluarte e defensor. Mas Barcelos foi que mais pobre ficou.

A terminar, uma sugestão transcendente:

UM MONUMENTO A JOÃO DUARTE?

De há muito esta ideia nos vem perpassando pelo espírito, como certamente sucede com outras muitas pessoas admiradoras do notável Barcelense.

No verão de 1964, certa tarde, exteriorizámo-la por vez primeira, em conversa com pessoa também votada às lides da imprensa, e agradou-nos verificar a sua concordância com esse ponto de vista, que mais tarde apontou ao público numa local de «O Barcelense», o que muita satisfação nos causou. Recentemente o correspondente do «Comércio do Porto» abordou mais amplamente o assunto, e o «Jornal de Barcelos» fez-se eco do mesmo pensamento.

É que de facto João Duarte Veloso, pelo mérito dos seus feitos, de há muito ingressou no cortejo daqueles que «*por obras valorosas se vão da lei da morte libertando*».

João Duarte não pode mais ser esquecido, não pode morrer na gratidão dos barcelenses. Julgamos urgente, e necessário, que Barcelos o faça reviver, aos olhos dos vindouros, como modelo e benfeitor, decidindo-se a erguer-lhe um monumento, à altura da sua vincada personalidade de barcelense ilustre e das suas benfeitorias, à altura dos pergaminhos nobres e honrados da Princesa do Cávado que ele tanto engrandeceu.

Comoveu-nos o voto de pesar lavrado pela Ex.ma Câmara com o melhor acerto e desassombrado positivismo de gratidão e justiça, numa bela página literária repleta de verdade eloquente. Não seria também

acertado se a mesma Edilidade promovesse o levantamento do sugerido monumento?

Também os Bombeiros exprimiram os seus votos repassados de gratidão. Poderiam eles ser dinâmico auxiliar para o monumento a João Duarte, que certamente será uma realidade em breve?

Muitos outros votos de pesar surgiram de toda a parte, desde os telegramas de Salazar e do Senhor Arcebispo Primaz, até às lágrimas de muitos, lágrimas generosas que podem transformar-se em granito lavrado e em bronze da Obra em vista.

Diversas vezes temos ouvido falar do monumento que devia erguer-se a João Duarte, e a imprensa o tem focado. Não seria chegada a hora de o tornar realidade enquanto se sente vibrante o bater do coração dolorido?

Alguém alvitrou que esse monumento, de toda a justiça como dizem com decisão impressionante, deveria ser erguido por aqueles a quem João Duarte fez grandes na vida, e que bela ideia!

E se fosse levantado por todos os barcelenses e amigos, porque todos têm recebido benefícios desse extraordinário Barcelense, que queremos em estátua perpetuar entre nós?

De meu voto próprio fica lançada a ideia, que está no subconsciente de todos e nos lábios de muitos.

Deporei a seu lado, para descer ao campo das realidades, a minha dupla contribuição na *oferta* de mil escudos para abrir a subscrição se for aceite, e na *legenda* que gostaria de ver no sopé do pedestal a sintetizar toda a sua existência: *...Passou a vida fazendo o bem e cuidando de todos quantos encontrou à beira do seu caminho.*

A. F.»

Nota da Redacção: *O Jornal «O Barcelense» gostosamente prossegue esta oportuna subscrição com igual quantia de mil escudos, dando-lhe todo o seu apoio e colaboração, porque também a considera justa e necessária numa gratidão colectiva que se impõe, antes de mais, à consciência dos Barcelenses.*

Quem desejar seguir-nos pode enviar os seus donativos para o nosso jornal, sob anonimato ou não, e avante com entusiasmo por uma causa justa e bela.

(De «O Barcelense», de 23-4-1966)

MONUMENTO A JOÃO DUARTE

(De «O Barcelense», de 30-4-1966)

«É para nós muito grato começar a registar a chegada dos primeiros donativos destinados ao monumento do que foi grande industrial e benemérito desta cidade, o Sr. João Duarte. Assim, não podemos deixar de transcrever duas das cartas recebidas, uma de pessoa estranha à terra mas ligada ao saudoso finado por laços de uma gratidão nunca regateada; outra de um ilustre filho de Barcelos, que em Lisboa exerce a advocacia (1):

Ex.mo Sr. Rogério Domingos da Costa Carvalho

Barcelos

Ex.mo Senhor:

Li no jornal «O Barcelense», número 2 866, de 23 do corrente, um alvitre do seu colaborador A. F. para que fosse erigido um monumento a João Duarte Veloso.

Como pertenço ao número daqueles que, o que são, o devem a esse bom homem, venho pela presente, subscrever-me com a importância de 7 500$00 (sete mil e quinhentos escudos).

Aproveito a ocasião para felicitar o seu jornal e o colaborador A. F. pela feliz iniciativa.

Com os meus cumprimentos, creia-me com muita estima e consideração,

Atentamente,
Eugénio Pinheiro»

Relação dos donativos recebidos:

Eugénio Pinheiro	7 500$00
Dr. José Ferreira Gomes	5 000$00

(1) Esta carta foi a segunda recebida e encontra-se transcrita no Capítulo V deste livro. Segue-se a transcrição da primeira, frisando a vontade do seu autor que pretendia ser o primeiro a chegar.

Receberam-se outros donativos não menos substanciais, tendo em vista as poucas possibilidades de quem os subscreve, num total de 230$00, subindo a subscrição, já neste primeiro número, a 12 730$00».

—

Do «Jornal de Barcelos», de 30-4-1966

«No primeiro número do seu semanário, «Jornal de Barcelos» lembrou ter chegado a oportunidade do monumento a João Duarte, ideia acarinhada e tornada pública em «O Barcelense», vai para um ano, pela pena de jornalista que de vez em quando também lemos neste jornal.

João Duarte, homem que descobriu, revelou e lançou outros homens; fomentador do progresso industrial e da melhoria económica do meio; mecenas discreto de quem os protegidos se orgulham; cireneu dedicado e desinteressado de muitos que por sua orientação ou seu amparo tiveram a felicidade do triunfo; amparo das instituições beneficentes e de formação como, infelizmente, outro não se vislumbra; despretensioso, simples e bom, pondo a sua influência e o seu valor ao serviço da grei; Barcelense dos mais ilustres e dos mais dedicados, João Duarte bem merece a dedicação de Barcelos.

O monumento, expressão da nossa gratidão e do nosso preito, levantado fora do ambiente íntimo e restrito em que de facto alguns já o sonharam, ficará para orgulho dos presentes e exemplo dos vindouros, lembrando em todos os momentos a uns e a outros que o homem não vale pelos seus dotes, mas pelos seus actos, e que só é grande quando sonha e realiza, quando segue um ideal e o encarna, quando se vence a si próprio — o maior de todos os triunfos — e, alheio a egoísmos, a parcialidades e a prepotências ou desdéns, serve o bem comum, continuando a obra do Criador, origem, causa e fim do Belo e do Nobre.

A estátua ficará muito bem ao lado do local onde pulsou o seu coração generoso, onde ele sofreu e se alegrou, onde passou os melhores dias da sua vida operosa e criadora, ali em frente da Igreja de Santo António, centro para onde, mais tarde ou mais cedo, gravitará o coração da cidade.

Homenagem de Barcelos, deve ser delineada, modelada, erigida e paga pelos Barcelenses, e também pelos seus amigos que não quererão ficar indiferentes. Deve ser comparticipada de todos, que, de um modo ou outro, o êxito social em todos influi e a todos beneficia.

Li com satisfação, contagiante de muitos outros, que «Jornal de Barcelos» se punha ao inteiro dispor da iniciativa, para que já não faltam dedicações, aguardando apenas a aprovação oficial para se lançarem ao trabalho, na compita de cada qual ser o primeiro, no que, tal é o entusiasmo, já não há possibilidade de destrinça, aliás indiferente. Certamente que «Jornal de Barcelos» abrirá subscrição pública, na qual nos inscreveremos também. *La noblesse oblige.*

L. A.»

Nota da Redacção — No número do «Jornal de Barcelos», de 7 do corrente, dissemos que havia chegado a oportunidade de prestar merecida homenagem ao saudoso benemérito e fomentador da indústria barcelense Sr. João Duarte, erguendo-se-lhe por subscrição pública uma estátua numa das praças da nossa cidade.

Prosseguindo nessa ideia, e no propósito de concretizá-la, «Jornal de Barcelos», na certeza de cumprir um dever, além de sugerir o largo fronteiriço à Igreja de Santo António como local indicado para erigir o busto do chorado benfeitor, abre também uma subscrição pública, com a quantia abaixo indicada.

Todos os leitores que desejarem colaborar em tão justa homenagem, podem desde já enviar os seus donativos para a Redacção deste jornal.

Subscrição para um busto a João Duarte

Jornal de Barcelos	1 000$00
Um anónimo	1 000$00
Segue	2 000$00

—

De «O Barcelense», de 7-5-1966

«Sabíamos perfeitamente que a notícia da abertura de uma subscrição pública, para a arrecadação de fundos destinados a erguer, numa das praças de Barcelos, um monumento ao que foi grande industrial e homem de bem de Barcelos — João Duarte, teria logo adesões espontâneas, mas estávamos longe de supor que fossem tantas e tão valiosas.

No último número assinalámos nestas colunas os donativos de 7 500$00 do comerciante de Viana do Castelo, Sr. Eugénio Pinheiro; de 5 000$00 do barcelense, Sr. Dr. José Ferreira Gomes; outros donativos mais pequenos se referiram. Hoje registamos o donativo do Sr. Teófilo Eduardo de Sá, barcelense residente no Porto, que assim presta o seu contributo para erguer o monumento condigno ao saudoso industrial Sr. João Duarte».

—

Do «Jornal de Barcelos, de 19-5-1966

«Arreiga-se na opinião pública a ideia, já divulgada há tempos, e que desde o princípio encontrou o melhor eco no nosso jornal, do monumento a *João Duarte,* o catalisador do progresso industrial de Barcelos. É certo que a indústria têxtil dá trabalho a milhares de barcelenses, melhorando o seu nível de vida, e esta melhoria reflecte-se naturalmente em todos os sectores da vida, mesmo naqueles que nada têm com esta actividade. Por isso é que entendemos, e todos estão de acordo connosco, que a homenagem a João Duarte é o agradecimento colectivo da terra, beneficiada pela sua iniciativa e pela sua acção. Aqui a razão da subscrição pública, na qual todos, na medida das suas posses, devem inscrever-se. Uns com mais, outros com menos, cada um na medida das suas possibilidades e, sobretudo, da sua generosidade.

Prossegue a nossa subscrição que já atinge 10 000$00».

—

HOMENAGEM DE BARCELOS AGRADECIDA

(Do «Jornal de Barcelos», de 26-5-1966)

«Prossegue a inscrição de contribuintes para o monumento a João Duarte, o homem que melhor serviu e proporcionou melhores perspectivas para a nossa Terra.

O que seria de Barcelos, se não fora a indústria têxtil, que dá trabalho e pão a milhares de Barcelenses, o que, só por si, convenceu modesta empregada doméstica, como a seguir veremos?

Como o acto é de justiça e, se quiserem, incentivo para o prosseguimento da mesma obra e da mesma tradição, aderimos desde o

primeiro momento a esta ideia, que logo ganhou corpo, conquistando adeptos, contagiando e generalizando o entusiasmo.

Sabemos da adesão e do interesse do Ex.mo Sr. Presidente da nossa Câmara, sabemos da cooperação das instituições e organismos da Terra, vimos já, sem surpresa, a inscrição de alguns dos mais beneficiados pelo progresso têxtil de Barcelos, em movimento de homenagem, de consagração, que por certo contagiará e movimentará muitos outros mais, que podem ufanar-se, e que por certo se ufanam, do seu êxito — da razão do seu triunfo. E a gratidão, nunca ficou mal a ninguém; pelo contrário, é própria de homens superiores.

Sabemos que o povo está de alma e coração com esta causa, justa e nobre. Uns já se inscreveram, outros aguardam a apresentação da Comissão executiva do monumento já anunciada, para fazerem o depósito da sua ajuda. Podem, no entretanto, irem-na depondo nas nossas mãos, com inscrição nominal ou, se preferirem a dupla sublimação do seu gesto, anónima.

Tudo se dispõe para a estátua ser erigida em frente da Igreja de Santo António, ali ao lado do local onde João Duarte idealizou a sua obra, de tão grande alcance social. Noutro local, a estátua poderia ser talvez mais imponente, mas não ficaria melhor. Barcelos, honrando os seus valores, sentir-se-á mais esperançada, mais engrandecida.

Não resistimos à tentação de tornar pública uma carta de contribuinte modesta, pelo sentimento das suas palavras, simples, despidas de pretensão ou de artificialismo. E porque esta carta é uma lição, publicámo-la na íntegra, sem encobrir, por não pedir anonimato, o nome de quem a subscreveu. Diz:

«Senhor Director do «Jornal de Barcelos»:

Sou humilde criada de servir, nunca trabalhei na fábrica da seda, não tenho ninguém nesses patrões, mas vejo, sem o trabalho das fábricas, o que seria de tanta gente da nossa terra, que vive da lavoura que não dá nada.

Homem bom foi o que nos trouxe o trabalho e o pão, e por isso merece a estátua que quero ajudar a erguer com vinte mil réis; pouco, mas do coração. — *Maria da Costa*».

Comentários? Para quê? É a verdade axiomática dum coração, que assim dá lição oportuna. Quantas vezes as grandes verdades andam nos lábios dos simples, limpos de coração. O trabalho — trazendo-nos

o pão, que também é satisfação das necessidades basilares da vida, comuns a todos os homens — não nos trará a realização do ideal terreno, inculcado e ensinado pelo próprio Cristo na Oração Dominical? Haverá anseio e programa mais legítimos e melhores?

Em complemento destas nótulas, a seguir mencionamos as contribuições registadas no nosso Jornal, desde o último número que deu sensação e cuja soma é de 23 570$00.

—

DÍVIDA DE GRATIDÃO

(De «O Barcelense», de 28-5-1966)

«Está já constituída e em actividade a *Comissão Promotora* do monumento a *João Duarte,* formada por homens bons da nossa Terra que nobremente tomaram sobre si a prestação desta homenagem.

No próximo número devemos poder anunciar a constituição dessa *Comissão,* a qual, segundo nos informam, vai começar por dirigir-se a todos os Barcelenses e aos amigos de Barcelos, para que a ajudem na satisfação da dívida de gratidão a este homem, autor duma obra social ímpar na nossa terra.

Podemos também anunciar que o monumento será levantado no largo fronteiro à Igreja de Santo António da cidade.

No entretanto, quantos desejem, podem continuar a remeter as suas inscrições por intermédio do nosso Jornal, que as faremos chegar às mãos da Ex.ma Comissão constituída.

A seguir, actualizamos a subscrição aberta nestas colunas, com o movimento desta semana, que mostra a entrada de uma contribuição de 10 000$00, cujo remetente é o nosso Ex.mo Amigo e nosso distinto Colaborador, Sr. Artur Vieira, ilustre Barcelense que no Chile tanto tem prestigiado o nome de Portugal, e que a propósito diz:

«Nos últimos números dos jornais de Barcelos, li que se junta dinheiro para erigir um monumento de preito e homenagem ao que foi um dos mais inteligentes e generosos seres humanos, *João Duarte,* que permanecerá na recordação dos que o conheceram, como um dos grandes beneméritos de Portugal. Assim ficará o saudoso e querido *João Duarte* perpetuado eternamente. Como não podíamos, eu e os meus filhos, deixar de estar presentes na consagração, vimos remeter a importância de 10 000$00 para o monumento».

SERÁ UMA REALIDADE O MONUMENTO A JOÃO DUARTE

(Do «Jornal de Barcelos», de 2-6-1966)

«Ao falarmos, em tempo julgado oportuno, no dever de consagrar *João Duarte* em estátua, que em praça pública honrasse esse homem extraordinário, que iniciou a época do progresso industrial, cujo pensamento e cuja acção podem e devem servir de modelo e incentivo aos que realizam, aos que sentem sobre si o peso das responsabilidades, porque interpretávamos o consenso e o sentir dos bons Barcelenses tínhamos a certeza do êxito.

É a opinião pública a decidir, a realizar, com firmeza, sem tibieza. E por isso é que o monumento a *João Duarte,* porque está no pensamento e no coração do povo, é ideia em marcha, em vias de realização, já a concretizar-se.

É o que mostra a subscrição pública, até aqui apenas agitada na Imprensa e já com volume admirável, mas nada surpreendente, porque há-de subir a mais, a muito mais.

É o que mostra a formação da Comissão Promotora do Monumento, à qual deram adesão homens de Barcelos, e que já trabalham afincadamente, não para que a estátua seja realidade, porque isso já está garantido, mas para que a sua inauguração tenha lugar, como todos anseiam, já em 19 de Março de 1967.

É o que mostra a adesão das autoridades civis e religiosas, do concelho e do distrito, e que, juntamente com outras entidades da melhor representação nacional e provincial, formarão as comissões de honra e executiva, a agregar àquela.

Causa nobre no coração do povo; preito e realidade em concretização.

No entretanto, «Jornal de Barcelos» vai dando conta das contribuições registadas por seu intermédio. Esta semana inscreveu-se um anónimo de Barcelos com 5 000$00».

—

De «O Barcelense», de 4-6-1966

«Não é ideia nova, improvisada, ou reflexo de sentimentos e amizades, restritos ainda que verdadeiros e isentos, nem lábaro de minorias ou, muito menos, metamorfose final de capacidade pessoal ou social, que teria oposição total do próprio visado, se entre nós ainda

existisse. É ideia na mente, no coração do povo. É parte inseparável e saliente das características locais. Ninguém, conhecedor ou amante de Barcelos, ignora o nome de João Duarte. E quando alguém se populariza assim, é porque se inculcou na simpatia geral. Longe, contudo, a pretensão do agrado total. O cumprimento do dever é imperativo nosso; a ingratidão, a única recompensa de quase sempre. Não contam as letras sagradas que mudos se serviram da voz, que Cristo lhes deu generosamente, para pedir a morte do próprio benfeitor? Ingratidão em paroxismos extremos, de que ninguém nem obra alguma estão isentos, sem que por isso se comprometam ou diminuam.

A ideia do monumento a João Duarte, falada e sentida por todos, é relativamente velha, já de alguns anos. Andava implícita no pensamento e na conversa de muita gente. É acto de justiça e de consagração do homem, que passou parte da sua vida operosa a cuidar do semelhante. Por tudo e por todos se interessou. Inúmeros os testemunhos desta verdade. Quantos e quantos se abeiraram dele, uns em procura de trabalho, outros de conselho, alguns de orientação e tantos de ajuda. Todos eles encontraram mais ou menos apoio. Alguns encontraram-no indirectamente, por razões compreensíveis, mas por vezes incompreendidas dos beneficiados, por erro ou deficiência destes, orgulhosos ou impenitentes nas suas falhas, nos seus desvios. E muito tempo gastava com estes cuidados, o homem que não perdia um só minuto nas vinte e quatro horas do dia, nem quando, já no declinar da vida e no apagar gradual e inevitável das faculdades, se sentia naturalmente cansado e gasto. De João Duarte pode afirmar-se com verdade e inteireza: passou a vida a fazer o bem.

É justificada, por isso, a consagração do número especial de «O Barcelense», de 9 de Junho de 1965. Vários máximos atingiu então este semanário com essa edição, a sua melhor de sempre, de homenagem a João Duarte.

Longe de nós, porém, o pensamento de a consagração máxima de João Duarte estar tão próxima: cedo veio o fatídico 18 de Março de 1966. Mas o homem só atinge a sua meta e o seu verdadeiro fim, quando repousa finalmente e recebe o prémio, único verdadeiro, das suas obras.

Oportuna, sim, nova não, a ideia do monumento a João Duarte, que um grupo de homens de Barcelos deliberou patrocinar e que, por isso e porque o povo, o grande anónimo beneficiado, o quer, já quase

é realidade. Resta apenas fazê-lo, porque vontade e meios já abundam. E Barcelos, praticando este acto de justiça, caminha seguramente no sentido do seu progresso, do seu futuro.

M. G.»

—

UMA CARTA DE LUANDA

(De «O Barcelense», de 11-6-1966)

«Está bem patente no coração de todos os Barcelenses a alma nobre do saudoso Senhor João Duarte Veloso, que pelo seu espírito de bondade nos deixou o seu exemplo, numa acção de bem-fazer admirável para todos nós.

De há longos anos que as suas qualidades eram de grande vulto, no progresso da industrialização como na caridade, bem generosa, que ele praticava a bem de todas as classes necessitadas.

A ele Barcelos deve o grande impulso da sua Indústria, dando hoje o pão quotidiano a milhares de pessoas que nas fábricas trabalham, bem como aos seus familiares. Secou lágrimas a muita gente que era perseguida pelo infortúnio da sorte, contemplando-a com o seu óbolo escondido para que a sua caridade não fosse divulgada. Possuía qualidades inigualáveis. João Duarte Veloso foi dotado por Deus com predicados extraordinários, que hoje podemos admirar pelo seu grande esforço intelectual, financeiro e económico. Homem de Deus, da Pátria e da família.

De Luanda me associo à sua homenagem póstuma com o meu pequeno contributo de 200$00, para que a figura de João Duarte Veloso viva eternamente no meio dos Barcelenses.

Luanda, 18 de Maio de 1966.

António Fagundes Arezes»

—

COMISSÃO PROMOTORA

(Do «Jornal de Barcelos», de 16-6-1966)

«Impunha-se a criação duma Comissão Promotora do Monumento que é constituída pelo Arcipreste Concelhio Padre Rodrigo Alves Novais, pelo Comandante dos Bombeiros Manuel Pereira da Quinta, e pelo secretário António de Sousa Costa.

A Comissão, já em actividade, tomou à sua conta o monumento a João Duarte. Está a dirigir-se individualmente a todos os Barcelenses e aos amigos de Barcelos, para a recolha de contribuições para este monumento que, além de vir a ser mais um ornamento da nossa Terra, será, antes de mais, homenagem da região ao homem que contribuiu decididamente para o seu progresso e para o seu prestígio.

Afirmação sem possibilidade de discrepância, nem mesmo daqueles que, por temperamento ou deficiência, são habituais na contradição. É realidade demasiado evidente para poder ser diminuída ou negada. Antes pelo contrário, pode ser aumentada pelo mérito pessoal de João Duarte, a quem tantos devem consideração, amizade e gratidão. A comprová-lo está toda essa mole, distinta e numerosa, que, recatada e compungida, acompanhou à última morada este grande Barcelense, considerado por todos os homens de bem, e que deve ser distinguido pela sua generosa, constante e discreta ajuda a muitos, ou no início da vida ou no declinar da existência, nas dificuldades do dia a dia, que a quase todos atingem. Deve ser lembrado, nesta época de egoísmo, frio, impedioso e generalizado, em que tantos podem mas nada fazem em benefício dos que sofrem e dos que precisam. Deve ser realçado, como exemplo justo e humano, para os que têm a cumprir deveres de justiça e de humanidade, para os que têm de ver no empregado um colaborador e não um explorado, para os que têm de cuidar o trabalhador — não como máquina de somenos importância — mas como seu semelhante.

Para todos, João Duarte foi exemplo e exemplo real, que faz vibrar o coração agradecido dos Barcelenses.

Não obstante a Comissão Promotora do Monumento chamar a si a recolha de inscrições, ainda há amigos dedicados que preferem depor as suas contribuições nas nossas mãos. Quem quiser pode continuar a distinguir-nos com essa atenção, para nós desvanecedora, que de boa vontade faremos seguir as verbas ao destino».

—

Do «Jornal de Barcelos», de 23-6-1966

«É do domínio público estar constituída a Comissão Promotora do Monumento a João Duarte, a qual já teve várias reuniões preliminares.

O programa que esta Comissão se propôs tem três fins fundamentais: receber as quotizações para o Monumento; promover a erecção

da estátua; agregar a si personalidades e entidades representativas, para a formação da Comissão Executiva e da Comissão de Honra.

A primeira parte do programa já está em função: a importância recebida directamente pela Comissão, somada às inscrições dos jornais, atinge dezenas de milhar de escudos. Estabelecido o local para o monumento, o largo em frente à Igreja de Santo António, já se trabalha com o escultor. Estão já em constituição as Comissões Executiva e de Honra, as quais devem ser anunciadas dentro de semanas.

No entretanto, chegou às nossas mãos a circular, distribuída pela Comissão Promotora, a qual diz:

«Congraçados pelo reconhecimento comum da obra de João Duarte que é de grande alcance social, deliberamos constituir-nos em Comissão Promotora do Monumento, a erigir na cidade de Barcelos, como homenagem a este saudoso industrial que, com a sua iniciativa e a sua acção, abriu nova era de progresso para a sua Terra natal, e contribuiu para o engrandecimento industrial e económico do País.

É homenagem merecida e devida, que ficará a dar testemunho solene e público do reconhecimento dos presentes, e será lição para os vindouros.

Certos de que deseja associar-se a este preito colectivo, pedimos licença para enviar-lhe a circular presente, para efeitos da inscrição de V. Ex.ª na subscrição pública.

A sua adesão e inscrição podem ser endereçadas ao Tesoureiro da Comissão, Manuel Pereira da Quinta Júnior, com o seguinte endereço:

Comissão para o Monumento a João Duarte — Rua D. António Barroso, 123 — Telefone 82225 — Barcelos.

Aqui e desde já lhe prestamos o nosso reconhecimento.

Barcelos, 26 de Maio de 1966.

A Comissão Promotora

a) *Arcipreste Rodrigo Alves Novais*
a) *Manuel Pereira da Quinta Júnior*
a) *António José de Sousa Costa*».

P. S. — Esta circular está a ser endereçada aos Barcelenses e aos Amigos de Barcelos, muitos dos quais já se inscreveram.

Naturalmente será impossível mandar a circular a todos. Os que desejem contribuir podem entregar as suas ofertas ao tesoureiro da Comissão como acima se disse.

De «O Barcelense», de 25-6-1966

«Também a nós — não fomos dos primeiros cooperadores da iniciativa? — é dirigida a circular da Comissão Promotora do Monumento a João Duarte, constituída em fins de Maio e que está a trabalhar pela erecção do monumento em honra de um dos melhores Barcelenses de sempre.

A Comissão dirige-se aos Barcelenses e amigos de Barcelos, não para solicitar a inscrição, porque está na disposição de todos, mas para informar de que é a ela que as quotizações devem ser dirigidas.

Ela diligencia fazer a distribuição da circular pelo maior número de pessoas possível.

Para conhecimento de todos os nossos leitores, transcrevemos a seguir a dita circular» (1).

—

De «O Barcelense», de 2-7-1966

«Como noticiamos, tomou posse a Comissão Promotora do Monumento ao industrial João Duarte, recentemente falecido.

Esta iniciativa que teve logo repercussão no nosso meio e fora dele, tornando-se em homenagem mais ampla, num plano que dizemos de nacional, ganhou vulto».

—

Do «Jornal de Barcelos», de 21-7-1966

«Formada a Comissão Promotora, passou ela a receber as inscrições para esta homenagem, a qual, tal como afirmáramos, está a estender-se a todo o País.

A estátua já não será apenas homenagem de Barcelos, mas quase de Portugal inteiro, pode afirmar-se. É o que se depreende das subscrições, tornadas públicas no nosso último número e neste, vendo-se presentes, pelo menos e em número apreciável, as principais terras do País.

A Comissão está a receber cartas de diversas origens, que a louvam pela iniciativa. Anotadas já inscrições vindas de África e das Amé-

(1) Ver artigo anterior.

ricas, estas dos Barcelenses ausentes, que são os que mais sentem a saudade da Terra e dos conterrâneos distantes.

A seguir e com prazer damos publicidade à segunda nota de subscrições, recebidas directamente pela Comissão Promotora, para além das inscrições directas nos jornais, e cuja soma é de 25 065$00».

—

De «O Barcelense», de 23-7-1966

«Está já formada a Comissão de Honra para a erecção do monumento a João Duarte. Seguidamente vai formar-se a Comissão Executiva, a que se agregarão representantes das principais instituições barcelenses, polarizadas pela Comissão Promotora, à qual cabe a honra de lançar a iniciativa. Dentro em breve esperamos poder publicar o elenco das duas comissões, que incluirão nomes dos melhores do distrito, da província e do País.

Está a dar-se em bom ritmo a afluência de inscrições para esta homenagem.

As contribuições, como está divulgado, devem ser enviadas ao tesoureiro da Comissão, Ex.mo Sr. Manuel Pereira da Quinta Júnior, barcelense de primeiro plano, totalmente dedicado à memória de João Duarte, consciente, como está, da sua obra, que tanto beneficiou e beneficia a nossa Terra».

—

De «O Barcelense», de 6-8-1966

«Prossegue activamente esta iniciativa do Monumento a João Duarte, que tem o alto patrocínio de Sua Ex.a o Governador Civil do Distrito e do Venerando Arcebispo Primaz, os quais se dignam presidir à Comissão de Honra, tendo também a adesão e o apoio do Ex.mo Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, presidindo à Comissão Promotora o Rev.º Arcipreste Alves Novais.

A subscrição pública, com a apreciável afluência de inscrições de toda a parte, é já de si verdadeira consagração.

Assim, é previsão segura estar resolvido o problema financeiro, pelo que a Comissão Promotora está já no estudo dos planos e da execução do monumento, cuja inauguração, por isso, deverá poder ter lugar no próximo 19 de Março de 1967.

Registamos o movimento da Tesouraria da Comissão Promotora, com a entrada no seu cofre do produto da subscrição de outro jornal local, pelo que as contas somam 50 835$00».

—

COMISSÕES DO MONUMENTO A JOÃO DUARTE

«Foram formadas as Comissões de Honra e Executiva do monumento ao industrial João Duarte, e das quais fazem parte as seguintes personalidades:

COMISSÃO DE HONRA

Governador Civil de Braga
Arcebispo Primaz
Presidente da Câmara Municipal de Barcelos
Delegado do Instituto Nacional do Trabalho
D. Maria José Novais
Monsenhor Manuel Lopes da Cruz
Deputado Joaquim M. Nunes de Oliveira
Professor Doutor Álvaro Dodrigues
Major Carlos Augusto Arrochela Lobo
Eugénio Pinheiro

COMISSÃO EXECUTIVA

Presidente:

Arcipreste Rodrigo Alves Novais

Tesoureiro:

Manuel Pereira da Quinta Júnior

Secretário:

António José de Sousa Costa

Vogais:

Prior de Barcelos
Provedor da Santa Casa
Comandante do Terço da Legião Portuguesa

Subdelegado da Mocidade Portuguesa
Presidente do Grémio do Comércio
Presidente do Grémio da Lavoura
Presidente do Sindicato da Indústria Têxtil
Presidente da Direcção do Recolhimento do Menino Deus
Presidente da Assembleia Geral da Associação de S. Mútuos
Representante dos Bombeiros V. de Barcelos
Representante dos Bombeiros V. de Barcelinhos
Representante do Círculo Católico de Operários
Representante da Casa dos Rapazes
Representante da Indústria Têxtil
Director de «O Barcelense»
Director do «Jornal de Barcelos»
Correspondente de «O Comércio do Porto»
Correspondente de «O Primeiro de Janeiro»
Correspondente do «Diário do Norte»
Correspondente do «Jornal de Notícias».

(De «O Barcelense», de 6-8-1966)

—

CONTINUAM AS SUBSCRIÇÕES PARA O MONUMENTO

Do «Jornal de Barcelos», de 11-8-1966

«Intensifica-se o registo de inscrições para o Monumento a João Duarte — o qual será verdadeira consagração, a julgar pelo número e pela qualidade pessoal e social de muitos dos subscritores, todos com palavras de incitamento e louvor por este acto de justiça, público e espontâneo.

Na interpretação intrínseca e extrínseca do facto, é bom sintoma verificar ainda haver equilíbrio no reconhecimento das realidades, no respeito dos valores — aliás do domínio público. Consola assistir a este movimento de homenagem, não empanado pelo olvido da sociedade, que, na afirmação do Padre António Vieira, «sempre se esquece dos servidores do bem comum, dos que souberam cumprir os seus deveres, mesmo quando o fizeram com tal elevação que, à luz clara, fria e indesmentível dos factos, a poucos poderão ser igualados».

Mas Barcelos, sem julgar-se excepção única, sempre se orgulhou dos seus heróis, dos seus santos, dos seus luminares. E prova-o uma vez mais ao honrar *João Duarte,* o homem a quem Barcelos hodierna mais deve e cuja acção, clarividente e progressiva, se estendeu a outras terras, algumas muito distantes. Esta a razão de outras inscrições, vindas de muito longe, a juntar-se ao preito dos Barcelenses.

O registo das inscrições passou a estar a cargo da Comissão Promotora, agora desdobrada em Comissão de Honra e Comissão Executiva, a qual é que nos dá nota das entradas efectivas, em numerário na sua tesouraria, para publicação. A seguir pomos em dia este apontamento, para conhecimento e apreciação do público. A última posição, comunicada da tesouraria da Comissão Promotora apresenta o total de 70 235$00».

—

De «O Barcelense», de 3-9-1966

«Damos abaixo nova nota das contribuições recebidas pela Comissão para o Monumento a João Duarte.

Intensifica-se a quotização dos Barcelenses e dos Amigos de Barcelos, para este acto de justiça, de gratidão e de homenagem.

É novidade o registo de inscrições vindas de Espanha, mas ainda não incluídas no apanhado agora divulgado.

Esperam-se contribuições de outras origens estrangeiras, das quais oportunamente se dará nota também.

Assim, esta homenagem atinge grandes foros, a confirmar a nossa afirmação de que o nome de João Duarte, que avassalou Barcelos, se estendeu pelo País, e foi até ao estrangeiro, onde é algo de respeitado e desejado. Era grande de mais para poder conter-se apenas no âmbito da Terra Natal, que João Duarte, sem nunca se deixar deslumbrar pelos seus êxitos, estimava acima de todas, indiferente a contrariedades e incompreensões, incontaminável por outras solicitações. Esta, uma outra faceta característica de João Duarte, a sua dedicação inabalável a Barcelos, que procurou servir, como filho dedicado.

A seguir incluímos a última nota, que nos foi dada pela Comissão, constando-nos que, estando entregues todas as inscrições de que há conhecimento, directas umas, indirectas outras, a subscrição está próxima dos 150 mil escudos».

De «O Barcelense», de 10-9-1966

«Na terça-feira última, no gabinete da Presidência da Câmara Municipal de Barcelos, teve lugar a primeira reunião da Comissão Executiva do Monumento a João Duarte, saudando os novos membros o Presidente do Município, Ex.mo Sr. Dr. Luís Fernandes de Figueiredo e o ilustre Arcipreste de Barcelos, Ex.mo Sr. Padre Rodrigo Alves Novais, — representantes da autoridade civil e do poder eclesiástico no concelho — os quais, juntamente com os restantes e prestigiosos membros das duas Comissões, são os garantes da realização da homenagem a João Duarte — homem que, pela sua personalidade e pela sua obra, se impõe ao respeito e à consideração gerais.

Esta primeira reunião — dada a junção de acto público, surgido quase no mesmo momento e que realmente representa hora de grande júbilo para Barcelos — foi apenas de presença; as reuniões de trabalho da Comissão Executiva iniciam-se em Outubro próximo, sendo principal preocupação a inauguração do monumento na data prevista, pelo que se espera se inscrevam seguidamente todos os que tencionam fazê-lo, por não poderem ficar indiferentes nem à memória de João Duarte nem ao dever de gratidão pela sua obra.

Vamos continuar a publicação das contribuições já contabilizadas, havendo ainda bastantes a incluir, das quais esperamos poder dar publicidade no próximo número».

—

De «O Barcelense», de 24-9-1966

«A leitura das subscrições para o Monumento deparou-nos nomes de pessoas de todas as categorias sociais, das mais variadas profissões e de diversas terras, umas próximas e outras distantes. Pessoas desde as mais distintas às mais humildes, das mais nobres e independentes às mais abastadas e às mais pobres, da *élite* intelectual, de comerciantes, de industriais e simples trabalhadores. Todas espontâneamente a manifestar a sua simpatia, a sua veneração pela memória de *João Duarte,* muitas ainda influenciadas pela personalidade forte e convincente deste homem, que se impôs por si próprio à estima de tantos, ao respeito de todos.

João Duarte, homem extraordinário, foi dotado de virtualidade acima do normal, cuja influência o inculcou no espírito de tantos e tão diferentes. Teve realmente o carisma daqueles que o Destino fez

e impôs para chefes. Não obstante, porque era chefe na medida exacta, nunca se ensoberbeceu da posição, nunca se jactou de superioridade. É que o dirigente, mais o será, se se identificar com os dirigidos, se exercer o seu comando de aceitação voluntariosa e portanto em posição do melhor êxito e do melhor resultado. Tinha a noção exacta de que a despiciência e a prepotência, aliás impróprias de acções esclarecidas e conscientes, são meios reversíveis e com risco certo de efeitos, pelo menos, iguais. Acertada e benéfica, por isso, a constância da sua vida, identificada com o espírito cristão autêntico, que inspirava a sua acção e a sua obra. Consciente de que o bem social, em sociedade equilibrada e justa, não é privilégio legítimo de ninguém, soube doar-se na sua dedicação, na sua acção e na retribuição do rédito da gestão, realmente comum. Esta a causa do seu acerto, a razão fundamental do seu êxito. Apesar da sua aparente rigidez, era acessível, bondoso e afável. Tinha o sentido do equilíbrio e da justiça, que, se davam firmeza às suas deliberações, não as despiam de sentimento humanitário. E soube manter-se fiel a si próprio, mesmo quando o desgaste dos anos e a consequente redução das faculdades o diminuíram gradualmente, até o apagarem naquela triste e fatídica manhã de Março, sem que essa quebra, natural e inevitável, tivesse negado aquela personalidade que lhe conhecemos ou afectado a sua obra. E assim *João Duarte* permanece intacto no coração do povo, que conquistara. É precisamente o povo que o vai honrar levantando a Estátua em Barcelos por subscrição pública.

A seguir continuamos a publicação do produto dessa subscrição, o qual, segundo as últimas entradas na Comissão, atinge 126 020$00».

—

Do «Jornal de Barcelos», de 6-10-1966

«Damos a prioridade à eloquência dos nomes, que aliás desde o início ilustram e confirmam a subscrição, e ao significado dos números que mostram o movimento e o aumento progressivo dos fundos, recebidos efectivamente pela Comissão, que sobem a 139 470$00.

Em corroboração do que afirmámos sobre a personalidade de João Duarte, a seguir publicamos excertos de três cartas, recebidas pela Comissão Executiva, as quais, se apenas repetem o que escrevemos, fazem-no com a autoridade superior de seus ilustres autores. Uma carta do Sr. Professor Doutor Álvaro Rodrigues, lente da Faculdade

de Medicina do Porto e cientista de renome internacional (1); outra, de Fernandes & Martins, Lda., de Lisboa, uma das maiores firmas do País, não só pela importância do seu comércio de malhas, como pelo valor pessoal dos seus sócios; e ainda outra carta é de Manuel dos Santos Guerra, jornalista, especializado em assuntos ultramarinos e director da revista «Portugal d'Aquém e d'Além Mar».

Afirma a carta dos Srs. Fernandes & Martins, Lda.:

«Desejando associar-nos à justa homenagem que V. Ex.as se propõem efectuar à memória de João Duarte, com a presente vimos incluir o boletim de inscrição... bem como um cheque do Banco de Portugal, que constitui a nossa contribuição.

Entretanto apresentamos a V. Ex.as o nosso aplauso pela concretização de uma ideia que ficará a perpetuar a figura cujo desaparecimento deploramos».

De Lisboa, escreve Manuel dos Santos Guerra:

«Sei que o que mando é uma contribuição modesta para o fim em vista, de se erigir um monumento condigno ao saudoso amigo João Duarte, que verdadeiramente encarnou até onde foi possível, as mais nobres e preclaras virtudes cristãs. Mas Ele agora, mais do que ninguém, no seu reino de glória, conhece as possibilidades, a sinceridade e a boa vontade de cada um».

—

De «A Voz do Minho», de 22-10-1966

«Prossegue a inscrição de contribuições...

A subscrição, depois de realizadas todas as entradas, já ultrapassa os 200 contos, concretizando-se assim eloquentemente a homenagem de admiração e respeito pela memória de *João Duarte.*

A registar, o gesto da Tipografia Vitória que, em homenagem a *João Duarte,* ofereceu à Comissão, sem encargos, os impressos de que esta necessitar, tencionando ainda inscrever-se com uma verba para o monumento.

---

(1) Ver Capítulo V.

Sabe-se que diversas instituições barcelenses, de primeiro plano, se associam com homenagem própria. Uma dessas instituições, já o podemos divulgar, é a Casa dos Rapazes, que, não o podendo ter feito até aqui por expressa oposição do visado, vai agora homenagear o seu benfeitor número um, cujo exemplo é bom e necessário seja seguido por outros, para bem dos rapazes órfãos e pobres — que tantos são — e que aguardam quem os ajude.

Da correspondência recebida pela Comissão Executiva destaca-se mais a seguinte carta de Manuel Alves Cunha, da firma portuense F. da Silva Cunha & Filhos, um nome e uma distinção no comércio português de malhas, que escreve:

«Com os meus cumprimentos venho acusar a circular enviada para perpetuar num monumento, a erigir em Barcelos, aquele que em vida se chamou *João Duarte,* homem extraordinário e bom, de quem tive a honra de ser amigo. Junto a importância de 1 000$00, para ajuda dessa justíssima homenagem, agradecendo a V. Ex.as terem-me dado oportunidade de me associar a este acto de justiça».

—

De «A Voz do Minho», de 12-11-1966

«Dentro das próximas semanas reunirá a Comissão Executiva para apreciar a maqueta para o Monumento a João Duarte, de que foi incumbido Eduardo Tavares, ilustre Professor de Escultura na Escola de Belas-Artes do Porto.

Essa maqueta será oportunamente exposta, para apreciação do público.

O Monumento, como é sabido, vai ser levantado no largo em frente da Igreja de Santo António, ali ao lado da *Fábrica Barcelense,* onde pulsou generosamente o coração deste paladino do progresso de Barcelos, cuja acção benfazeja se estendeu a tantos.

No entretanto, a subscrição prossegue com o mesmo ritmo. É prova evidente da projecção do nome e da acção de *João Duarte,* muito apreciado na Terra natal, mas não menos fora como é notório. A subscrição, atingindo já apreciável vulto, muito mais subirá, quando derem entrada as quotas esperadas ainda de muitos amigos de *João Duarte,* e daqueles que têm deveres de gratidão para com a memória deste industrial generoso.

As contas da Comissão apresentam, no momento, a posição de 155 940$00.

Quando recebidas todas as inscrições registadas, a subscrição ultrapassará os 200 contos».

—

Do «Diário do Norte», de 17-12-1966

«Damos abaixo mais uma nota de quotização para o monumento a João Duarte. Apesar de aberta há poucos meses, a subscrição atinge já tal volume que pode dar-se como realidade mais esta homenagem. Subscrita assim aos poucos, com inscrições de toda a gente e de toda a parte, é verdadeira consagração popular, e este é o seu maior mérito. Dispôs João Duarte de amigos dedicados, capazes de, por si sós, mandarem levantar o monumento. Porém, a estátua, assim erguida, por muito nobre que fosse a intenção dos homenageadores, não teria nem o significado nem o valor que tem ao expressar, como expressa, a homenagem e o reconhecimento do povo, que é o grande beneficiário quando o Destino lhe depara homens como João Duarte.

Para conhecimento de centenas de barcelenses ausentes, que nesta quadra regressam ao torrão natal, informamos que, desejando, podem entregar as suas contribuições ao Tesoureiro da Comissão Executiva do Monumento, Sr. Manuel Pereira da Quinta, Rua D. António Barroso n.º 123 (telefone n.º 82225) — Barcelos».

—

Do «Diário do Minho», de 15-12-1966

«Continua a despertar o maior interesse a subscrição para o monumento a João Duarte, o Barcelense que soube impor-se a todo o País.

A última posição das contas da Comissão Executiva, é de 167 940$40».

—

De «A Voz do Minho», de 21-1-1967

«No atelier do escultor, Prof. Eduardo Tavares, efectuou-se no último sábado uma reunião da Comissão Executiva do Monumento ao industrial João Duarte, deslocando-se, para o efeito, ao Porto, várias individualidades barcelenses, como o Prof. Doutor Joaquim Nunes de

Oliveira, Dr. Luís Figueiredo, Arquitecto Gaspar de Sousa Coutinho, Padre Rodrigo Alves Novais, Comandante Manuel Pereira da Costa, Valdemar Araújo, Manuel da Quinta, Aníbal Araújo, Prior de Barcelos, Luís Pedras, José Ribeiro Novo, António Correia, Manuel Graça Pereira, etc.

Apreciadas as maquetas, trocaram-se impressões sobre a implantação do monumento e urbanização do local, em frente da Igreja de Santo António.

A estátua terá 3 metros de altura, com plinto proporcional, levando ainda o conjunto uma coluna de granito com 7 metros e uma alegoria simbolizando a energia e a bondade.

As maquetas são obra-prima que muito creditam o já consagrado nome de mestre Eduardo Tavares».

—

De «A Voz do Minho», de 28-1-1967

«A Comissão Executiva, constituída por vinte e duas personalidades, reuniu em Barcelos e no Porto, aprovando o modelo para a estátua, a erigir em Barcelos em honra de João Duarte.

A inauguração — a fazer solenemente — terá lugar em fins de Junho próximo.

Para tanto os Técnicos da Câmara de Barcelos já trabalham conjuntamente com o Escultor, Mestre Eduardo Tavares, para a implantação do monumento e para o arranjo do local — a praceta em frente da Igreja de Santo António.

Assim, ficará paga a dívida de gratidão a um homem que — beneficiando naturalmente a Terra com a sua iniciativa criadora — soube doar-se e repartir-se em compreensão, em bondade e em generosidade, com tantos e por tantos — muitos dos quais totalmente alheios às suas empresas, e que, neste acto de reconhecimento, não faltam com a sua presença, leal e dedicada.

Mas o testemunho — talvez o maior da obra de João Duarte — está no povo, cuja voz é a de Deus. Se mais não houvera, bastariam para a consagração os lamentos desse povo pela perda de um homem, cuja vida foi bondade, cuja falta muitos e muitos sentiram.

Provam-no o volume e a constância das inscrições para o monumento, que não cessam, não só de Barcelos como de outras terras do País. Presentemente, a Comissão regista o total de 181 140$40».

De «O Barcelense», de 18-3-1967

«Numa altura em que tanto se fala de *crise da juventude,* e esta existe indubitàvelmente, não tanto por culpa própria mas por carência de verdadeiros educadores, há que procurar, por todos os meios, a condução da mocidade, por caminhos rectos, a porto seguro. O problema, por demais complexo, não é susceptível de solução satisfatória dispondo-se apenas da intervenção e orientação estatal, para contrapor à orgia que campeia em todos os lugares, onde já não se consegue fazer sentir a benéfica orientação paternal de antanho.

Múltiplos factores, a que não são estranhos o frenesi da vida moderna, a ambição desmedida, a corrupção dos costumes, a inversão de valores, os interesses de quantos sabem não poderem impor a sua filosofia sem prévia destruição da nossa milenária civilização Cristã, o cada vez menor contacto familiar, o natural desejo de vencer e ultrapassar os obstáculos que fizeram a vida dura às passadas gerações, tudo isto contribui para desorientar a nossa generosa mas irreflectida mocidade, lançando-a para um abismo donde difìcilmente poderá escapar-se.

E, se a recuperação de muitos necessita, por deformação organo-psíquica relacionada com inevitáveis vícios de ancestralidade, de uma severa, contínua e permanentemente vigia, a dos outros, a daqueles a quem foi dado o condão de herdar ainda intactos os germes dos honrados e valorosos senhores desta velha Casa Lusitana, se bem que contingente, é extremamente mais fácil. Uma vida em ambiente alegre e saudável, no trabalho e no Lar, e o exemplo de quantos, pelo seu labor e virtudes, souberam ser credores da nossa admiração e saudade, bastam, a maior parte das vezes, para os manter no bom caminho ao longo de toda a sua vida.

Se outras razões não houvera, e há-as certamente, tanto bastava para justificar o carinho com que «O Barcelense» tem apresentado normalmente um retrato, ainda que descolorido, de tantos daqueles que por cá passaram e que se impõem ao nosso respeito e admiração, pela nobreza dos actos que praticaram.

É a *João Duarte Veloso,* Homem Bom de Barcelos, há um ano desaparecido, que prestamos agora a nossa homenagem».

Do «Diário do Norte», de 10-3-1967

«Está próxima a inauguração da estátua, consagração pública de João Duarte, pela sua obra, que, ultrapassando os limites do individual e até do bairrista, se tornou de interesse e de alcance social, com reflexo e acção por diversas terras e suas gentes.

Podendo, pràticamente, dar-se a homenagem por consumada, é de assinalar a mesma concretizar-se dentro do primeiro ano a seguir ao passamento do ilustre consagrado — caso que se dá apenas com valores humanos autênticos, universalmente reconhecidos.

Apesar de a subscrição se aproximar do fim, ainda se predispõem e movem vontades, algumas — sabêmo-lo — propositadamente guardadas para o final, e não por desejarem aquela honra de, realmente, os últimos, por vezes, serem os primeiros.

Para os primeiros, a quem coube a distinção de acarinhar a iniciativa, para os últimos, que trazem a confirmação, e afinal, para todos, vai o reconhecimento das Comissões, espontâneamente estabelecidas para o monumento a este conceituado barcelense que se chamou João Duarte, cuja virtude, por coincidência sincronizada com o seu tempo, é valor que não esquece nem fenece.

A Comissão recebeu até agora: 204 879$00».

—

JOÃO DUARTE

DUAS PALAVRAS — UM ALVITRE

(De «O Barcelense», de 18-3-1967)

«Duas palavras, apenas, de evocação e saudade. É que faz hoje precisamente, um ano que João Duarte morreu. Já um ano!

E como a sua presença está ainda tão viva! Evoco-o como dos primeiros homens bons da minha terra, em todos os tempos; evoco-o como o barcelense que sempre teve presente a terra que lhe serviu de berço, servindo-a com o coração; evoco-o, ainda, — e com que saudade! — como amigo que sempre foi. Como homem bom, modelarmente bom, quanta gente o há-de lembrar porque, efectivamente, com ele perdeu um protector sempre pronto e atento. E com esta gente, que é muita, o lembram também as numerosas instituições particulares que beneficiaram da sua bolsa sempre aberta.

Como barcelense não pode esquecer-se que foi ele o veículo condutor do seu surto industrial. É que, quando chegou, não tinha expressão a indústria em Barcelos. Trouxe-lhe riqueza, portanto. Até então, Barcelos vivia, pode dizer-se, da Feira e do Foro. Podia João Duarte ter ficado no Porto, onde se fizera homem e ensaiara os seus primeiros passos de industrial. Teria tido nisso, incontestàvelmente, mais comodidade e vantagem. Mas não ficou. A Terra chamava-o, e ele não ignorava o quanto, transferindo-se para lá, lhe podia ser útil. E foi-o. Amplamente o foi. A sua fábrica — A Barcelense — tornou-se para Barcelos o que a «Cuf» se havia tornado para o Barreiro. João Duarte foi o nosso Alfredo da Silva. Foi o pioneiro esclarecido da nossa indústria. Alfredo da Silva teve no Barreiro as homenagens de que se tornara credor.

Nós estamos em vias de inaugurar o monumento a João Duarte por forma mais consentânea com a sua maneira de ser. O rígido bronze, diluídos os ecos da sua inauguração, será ainda um ornamento artístico da cidade. As homenagens das citadas instituições, como de costume, inaugurarão o seu retrato nos respectivos salões de honra. Mas deixarão de soar as palavras que se dirão nos actos inaugurais, e o silêncio imperará. É sempre assim. Tudo isso estará bem, mas pode fazer-se mais. Ele, de facto, precisa de continuar vivo para além da morte. Mereceu-o e desejá-lo-ia.

Dêmos-lhes mais vida portanto, por exemplo, *dando o seu nome a uma bolsa de estudos* a criar na nossa escola técnica, que seria concedida, anualmente, ao aluno que mais se distinguisse no correr do ano lectivo pela sua aplicação ao estudo, e *declarando simultâneamente João Duarte o patrono da referida* Escola. Nenhum nome lhe caberia melhor. O nome de Alfredo da Silva foi desde logo dado à Escola Técnica do Barreiro. Seria uma maneira de pôr as gerações novas e vindouras em proveitoso contacto com João Duarte, como exemplo e guia. E são precisamente essas, as que escolarmente se preparam para a vida comercial ou industrial onde João Duarte foi alguém, que precisam do estímulo da sua inconfundível personalidade. E esta seria, ia jurá-lo, aquela das homenagens que mais lhe calaria no íntimo, a ele, que tanta gente ajudou a cultivar-se. Aqui fica o alvitre.

E resta-me, ao evocar, por fim, o amigo muito querido, desfolhar sobre a sua campa as saudades que me vão na alma.

Lx., 18-3-67. *A. Marques de Azevedo*»

INAUGURAÇÃO DUM MONUMENTO AO GRANDE INDUSTRIAL JOÃO DUARTE

(De «O Século», de 17-3-1967)

«Um grupo de pessoas de Barcelos e de outras terras do País, constituiu-se em comissão para homenagear a memória do grande industrial João Duarte, mandando erigir, naquela cidade, um monumento à sua memória.

O monumento é custeado por subscrição pública, correspondida até do estrangeiro, pondo em pública evidência o valor pessoal e social de João Duarte, pioneiro do surto de industrialização, que abre nova era de prosperidade e de prestígio ao País.

A estátua, quase concluída, é obra do escultor portuense Eduardo Tavares, professor da Escola Superior de Belas-Artes da capital nortenha, e será inaugurada em fins de Junho, com a presença de membros do Governo».

—

(Do «Diário Popular», de 17-3-1967)

«Por iniciativa de um grupo de conterrâneos, está a levantar-se, em Barcelos, a estátua de João Duarte, para a qual se receberam contribuições de quase todo o País, em manifestação de apreço e estima por aquele ilustre barcelense.

A inauguração do monumento está prevista para fins de Junho próximo, com a presença de membros do Governo, prestando-se então homenagem pública àquele homem bom, e às suas realizações, entre elas a de fazer extensivo aos colaboradores o fruto dos seus trabalhos».

—

(De «O Primeiro de Janeiro», de 19-3-1967)

«Será já em fins de Junho que Barcelos vai homenagear um dos seus melhores filhos, que foi *João Duarte,* conhecido industrial, considerado filantropo e benemérito.

Vai ser inaugurada solenemente uma estátua daquele ilustre barcelense, levantada por subscrição pública, na qual se inscreveram amigos e admiradores, de quase todo o País, deste que também foi grande industrial nesta Cidade Invicta.

João Duarte, um dos últimos protótipos do comerciante antigo, industrial *self-made,* consciente das realidades e das aspirações modernas, conseguiu vencer pela sua visão, pelo seu trabalho, e também pela compreensão e pela vivência social, criando uma obra e uma escola que ficaram, e por certo se projectarão frutuosamente na posteridade, porque as realizações autênticas não morrem.

A estátua, criação artística do consagrado escultor portuense — Eduardo Tavares — está a ser erigida em frente da Igreja de Santo António, naquela linda e hospitaleira cidade minhota».

—

(Do «Diário de Notícias», de 19-3-1967)

«Por subscrição pública, está a ser erguida, na cidade de Barcelos, uma estátua ao industrial João Duarte.

A homenagem é promovida por uma comissão, formada por amigos e admiradores, com a cooperação de muitos que, em todo o País, conheceram João Duarte, homem de grande iniciativa e de larga visão criadora, com organizações industriais em Barcelos, S. Mamede de Infesta e no Porto.

Barcelos vai revestir-se, em fins de Junho, das melhores galas para a inauguração do monumento. Assistem à cerimónia membros do Governo, as autoridades concelhias e distritais.

A estátua ergue-se na praceta em frente da Igreja de Santo António, ao lado da antiga Fábrica Barcelense».

—

CONSAGRAÇÃO AO IMPORTANTE INDUSTRIAL BARCELENSE

(Do «Jornal de Notícias», de 19-3-1967)

«A linda cidade de Barcelos — terra de D. António Barroso e dos Alcaides de Faria — vai homenagear pùblicamente mais um filho, que marcou posição de relevo na vida nacional, João Duarte.

Homem feito por si mesmo, João Duarte conseguiu, mercê da sua viva inteligência e dum trabalho probo e constante, realizar uma obra que ultrapassou a terra que teve a felicidade de assistir às suas iniciativas, e que continua para além da sua vida, tornando-se realidade de progresso e prosperidade para as gerações vindouras.

Filho do povo, foi com o povo e para o povo que viveu, cujas necessidades e cujas aspirações sabia e sentia como ninguém. Não admira que o povo, que o chorou na sua morte, seja agora o mais dedicado e mais fiel testemunho na consagração pública do filantropo mediante um público monumento a erigir em sua honra.

A estátua será inaugurada em fins de Junho próximo, com a presença de membros do Governo e das melhores representações civis e religiosas do Norte do País».

—

Do «Diário do Minho», de 28-3-1967

«Chegou o momento das realizações: aparelham-se os materiais, termina a fundição e prepara-se o lançamento dos alicerces para o monumento.

Agora falta apenas a organização do programa da inauguração, prevista, em princípio, para fins de Junho.

No entretanto continua a afluência de contribuições, sempre intensa, apesar de já no fim da subscrição.

Tributo à memória de um vulto, daqueles «que se vão da lei da morte libertando», realçado pela candura das criancinhas, que, em sua inocência, não sabendo outra linguagem que a das realidades, expressam o seu reconhecimento a quem, durante tantos anos, foi o protector dos que passaram e passam pelos mesmos bancos escolares.

Os alunos e alunas da *Escola Gonçalo Pereira,* de Barcelos, quotizaram-se voluntàriamente durante meses, contribuindo, juntamente com seus dedicados Professores, para a homenagem a *João Duarte* — o amigo também dos que desabrocham para a vida, e que serão amanhã o que hoje nós quisermos que eles sejam.

Eis mais um problema que não escapou à visão e à obra de João Duarte, que não se fechou egoìstamente na fruição dos frutos do trabalho, antes se votou com generosidade à protecção das crianças da escola, de colégios e de orfanatos, cuidando com desvelo dos filhos dos seus operários.

Assim está justificada a enternecedora homenagem dos pequeninos.

Nada há mais eloquente que a linguagem dos factos; nada mais nobre e por isso nada mais indelével que a gratidão dos simples.

Posição da Tesouraria: 216 229$99».

A CASA DOS RAPAZES AGRADECIDA

(De «A Voz do Minho», de 5-1967)

«As boas acções praticadas em prol daqueles que necessitam de auxílio calam sempre bem fundo no coração dos homens, e deixam uma centelha de luz a iluminar o caminho daqueles que seguirem na mesma esteira. João Duarte Veloso foi um precursor do bem para a Casa dos Rapazes, para esta instituição educacional que tanto tem contribuído para a promoção social do rapaz da rua. Desde então, desde o momento em que a família Vieira Duarte quis ombrear com tão grande responsabilidade, começando a obra e dando-lhe continuidade, nunca o saudoso benfeitor deixou de amparar, moral e materialmente, a Casa dos Rapazes, que se fez grande pelos colaboradores escolhidos, e também porque estes sabiam, melhor que ninguém, da alavanca potente que representava a ajuda e o carinho postos por João Duarte na «sua obra».

A obra cresceu, e serve Barcelos, a sua gente, o seu património moral, ocupando hoje um lugar à parte nas Instituições barcelenses. E se a obra é grande, se ganhou projecção, em boa parte a João Duarte se deve, por isso mesmo é justa esta homenagem que a Direcção da Casa quis prestar-lhe. Foi simples, mas significativa aos olhos de quem a ela assistiu. Teve mérito, maior do que se julga, porque na humildade de certos gestos é que se encontra a explicação e a grandeza da alma, não tanto duma Direcção, quanto daqueles pequenos e pobres corações dos humildes «filhos da rua».

Foi no sábado passado.

Antes do descerramento usou da palavra o Sr. Padre David Novais, Director-Geral da *Cruzada do Bem,* (obra das crianças desvalidas, com 30 patronatos pelo País), para enaltecer a figura do saudoso benfeitor deste Centro Assistencial da mesma obra. Seguidamente tomou a palavra o Vice-presidente da Direcção da Casa, Sr. António Costa que disse:

«Minhas Senhoras,
Meus Senhores,
Pupilos:

Nesta Casa de Rapazes, onde os sentimentos se não medem pelos recursos materiais, presta-se, neste momento, a mais simples e nem por isso menos significativa Homenagem ao Homem Bom, e ao Barcelense ilustre, ao Benemérito exemplar que foi João Duarte.

Devedora há muitos anos deste preito de Gratidão a quem a maior Gratidão a prende, justo seria que algum dia esta Casa educacional e de recuperação do Rapaz da rua, tivesse nas suas paredes o retrato daquele que lhe colocou a trave mestra da sua estruturação e lhe deu, indiscutìvelmente, o sopro benfazejo da vitalidade que hoje tem.

Muito do Pão que nesta Casa aqueceu estômagos vazios dos desprotegidos que por ela passaram, ficou-se a dever — ainda se deve — à magnanimidade do coração bondoso e à alma grande, que em João Duarte foram, para além duma inteligência fulgurante e privilegiada, a marca indelével dum carácter íntegro, o distintivo imperecível do Benemérito e do Humanitário, que hão-de levar a Memória de João Duarte de geração em geração, como um dos maiores Barcelenses de todas as épocas, como um dos maiores Benfeitores de todos os tempos.

É simples, é pobre e é demasiado modesta a Homenagem que esta Casa lhe presta. Mas é sincera, mas é sentida, mas é verdadeiramente aquela que João Duarte poderia aceitar destes pobres Rapazes a quem dá o Pão de cada dia. Ele não a aceitaria nunca doutra forma; e esta Casa respeita-lhe a vontade.

Ao descerrar o seu retrato, não o faz com o propósito de que a Memória do grande Benfeitor seja mais lembrada ou mais respeitada. João Duarte vive nela permanentemente, e permanentemente a sua Memória presidirá aos seus destinos. Este retrato ficará aqui como uma Saudade eterna, e ainda como um símbolo da grandeza duma Alma, da qual os tempos se encarregarão de dar à posteridade a verdadeira dimensão.

Aqui nesta Casa pobre que Ele tornou menos pobre, fica este retrato como simples e modesta Homenagem da nossa Gratidão. E todos nós que aqui passamos algumas horas do dia, e os Rapazes que aqui passam todas as horas de cada dia, e os visitantes que aqui passam uma hora de qualquer dia, ao vê-lo, ao olhá-lo, não deixarão porventura de rever a obra grande do grande Homem que foi João Duarte, e de lhe dizer baixinho, como quem lhe fala, como quem o cumprimenta, como quem lhe agradece, como quem reza: *Obrigado!*»

Teve palavras de gratidão para com a Família Vieira Duarte o Presidente da Direcção, Sr. Dr. Manuel Faria.

Seguiu-se uma distribuição de géneros alimentícios às famílias dos rapazes protegidos pela Instituição.

O Pintor Gonçalves Torres foi o autor do óleo primoroso que ali fica a perpetuar a figura de João Duarte, e «A Voz do Minho» não pode deixar de registar a obra que da paleta do nosso conterrâneo brotou, obra digna da assinatura dos melhores retratistas.

—

Do «Jornal de Barcelos», de 29-4-1967

«Só agora a Casa dos Rapazes, instituição que os barcelenses enternecem, pôde expressar pùblicamente, como queria, a sua gratidão ao seu benfeitor número um. E não o pôde fazer antes por absoluta oposição do homenageado, que em vida nunca permitiu esse acto, e que nem consentia se divulgasse o seu auxílio. O certo é que, se não fora a sua presença, a Casa talvez nem sequer tivesse sido fundada; se não fora a sua protecção, a instituição não teria a projecção que tem tido.

Todos nós, aliás legìtimamente, procuramos assentar os nossos conceitos em factos. Pois é neste facto — a Casa dos Rapazes — que temos um elemento indesmentível de que, realmente, *João Duarte* foi grande benemérito. Se mais não houvera, bastaria esta realidade para o tornar merecedor do respeito, da estima e até da gratidão das pessoas bem formadas.

Porque perdeu um amigo e porque, infelizmente, vão rareando as pessoas devotadas ao bem-fazer nesta época de egoísmo, de atropelos e de materialismo, a Casa dos Rapazes sente a falta do seu Benfeitor.

Todos nos emocionamos perante órfãos abandonados, todos nos comovemos com as crianças, pobrezinhas e desamparadas. Magoam-nos sempre a carência e o sofrimento dos inocentes. Mas sentimos alegria das maiores da vida, quando nós mesmos lhes mitigamos a dor. Alegramo-nos ao vê-los recolhidos e cuidados. E Barcelos inteiro rejubila de alegria, ao ver passar, garbosa e afinada, a banda dos miúdos da Casa dos Rapazes, alguns de palmo e meio! Assim se forjam homens para o futuro.

Ao homem que proporcionou a existência e a acção da Casa dos Rapazes, a instituição disse agora: *obrigada!*

Foi na manhã de sábado último que a Casa dos Rapazes homenageou *João Duarte.* Acto simples, na intimidade, por recomendação da família do homenageado, mas, apesar de simples, foi acto significativo. Missa de sufrágio, com comunhão dos educandos. Nada mais

consolador que a encomendação dos que nos precederam. Descerramento do retrato, com dois discursos, curtos, simples, mas sinceros e sentidos. Um, pronunciado pelo Director da Cruzada do Bem, Padre David Novais; outro, pelo Vice-presidente da Direcção, António Costa. Foi uma exaltação do bem-fazer, homenagem ao protector, agradecimento pelo auxílio recebido. E, como natural sequência de premissa maior, certa, fez-se uma referência à justa *consagração no bronze, a inaugurar dentro de breves semanas* — preito colectivo e público do reconhecimento, da gratidão e da boa vontade.

O retrato, artístico óleo de consagrado artista barcelense, foi descerrado pela netinha do homenageado, a menina Maria do Rosário, com quentes e demoradas palmas da assistência.

Foi uma Homenagem merecida, devida e prestada em compensação; por certo a única que *João Duarte* buscaria, essa deu-lha Deus, como prémio prometido a quem segue a Lei e pratica a caridade.

E os actos do dia completaram-se com um bodo a pobres, oferecido e distribuído pela Casa dos Rapazes.

Pela família assistiram aos actos: a viúva, D. Maria da Glória Duarte; a filha, D. Maria da Glória Duarte de Sousa Coutinho; o filho, Eng.º João Duarte Veloso; a nora, D. Clara de Assis Furtado Duarte Veloso; alguns netinhos e a cunhada, D. Joaquina da Cunha Vieira.

Presentes também: o presidente e vice-presidente da Direcção, Dr. Manuel Faria e António Costa; o capelão e Director da Casa, que celebrou e proferiu a homilia, Padre Francisco Ribeiro; os directores da Cruzada do Bem, Padre David Novais e Major Vaz Osório; Silvino Martins, Presidente do Conselho Particular das Conferências de São Vicente de Paulo; D. Maria Eugénia Martins e D. Ana Rita da Silva Moreira, da Conferência de São Vicente de Paulo de Santo António; Padre Alfredo Rocha, Prior de Barcelos; da Comissão para o Monumento, Arcipreste Novais, Aníbal Araújo e Comandante Quintas; a Professora da Casa, D. Maria Adelaide Rabaça Serra; D. Euclídea Silva; D. Delfina e D. Elisa Garrido; Luís Vieira; Eurico Dias e António Meira, e esposas; Padre Avelino Ferreira, um dos fundadores da Casa dos Rapazes ao lado da Família Vieira Duarte, e fundador da Cruzada do Bem; Manuel Graça Pereira, Rogério de Carvalho, etc.

O retrato é prova do alto mérito de retratista do mestre Pinto Gonçalves Torres, barcelense dedicado e professor da Escola Técnica de Braga.

Não queremos terminar estas notas sem felicitar — pelo acto de justiça praticado com esta homenagem a *João Duarte,* cujo exemplo se impõe a tantos que podem e devem ajudar as instituições de beneficência — os dedicados directores da Casa dos Rapazes, que, alheios a interesses pessoais, dedicam parte da sua vida ao amparo da mocidade, à protecção dos órfãos e da infância desvalida. Deus lhes pagará».

—

A COMISSÃO DO MONUMENTO AGRADECE

Quase próxima do final, vai terminar a publicação, nos jornais, das Contribuições para o monumento que presentemente ascendem a 243 129$90.

Vai calar-se, finalmente, este eco da Imprensa, a qual, em nobilitante acto de justiça, se manteve em preito de homenagem a João Duarte.

A subscrição pública, aberta nos semanários «O Barcelense» e «Jornal de Barcelos», passou, a partir de 20 de Maio de 1966, à responsabilidade da *Comissão Promotora,* que, espontâneamente, chamou a si este honroso encargo.

Apenas três homens a centralizar o movimento, os quais começaram por se dirigir às entidades oficiais, cujo apoio solicitaram, e depois passaram a arrecadar as contribuições.

Confirmado o êxito deste movimento espontâneo, o que se verificou a breve trecho, aquele grupo de homens de boa vontade adoptou o nome de *Comissão Executiva,* alargando os seus quadros com a cooperação das entidades mais representativas de Barcelos, e promovendo, com a colaboração das Ex.^{mas} Autoridades, a constituição da *Comissão de Honra.*

Aqui, e desde já, agradecemos o apoio da Imprensa, o patrocínio das Ex.^{mas} Autoridades, e também o bom acolhimento do público. E, rejubilando com o êxito, saudamos todos os que, directa ou indirectamente, concorreram para a homenagem a *João Duarte,* cujas virtudes e cuja obra ficarão consagradas no bronze, para honra do ilustre barcelense e para exemplo da posteridade.

A Comissão.

OS CONTRIBUINTES DO MONUMENTO

Padre Avelino Ferreira, de Barcelos	1 000$00
Redacção do «Jornal de Barcelos»	1 000$00
Redacção de «O Barcelense»	1 000$00
Eugénio Pinheiro, de Viana do Castelo	7 500$00
Dr. José Ferreira Gomes, de Lisboa	5 000$00
Alfredo Ferreira da Fonseca, de Lisboa	20 000$00
António Miranda de Andrade, de Barcelos	50$00
Adelino de Jesus, de Barcelos	100$00
D. Maria da Costa, de Barcelos	20$00
José Luís Correia, de Barcelos	250$00
António Baldaia Magalhães, do Porto	500$00
Menina Maria Teresa Faria Leite Vieira, de Barcelos	500$00
João António Faria Leite Vieira, de Barcelos	500$00
Menina Maria Fernanda Faria Leite Vieira, de Barcelos	500$00
Dr. Joaquim Furtado Martins, de Barcelos	5 000$00
D. Zulmira de Jesus da Cunha, de Barcelos	100$00
D. Laurentina Pereira de Mesquita, de Barcelos	25$00
D. Laurinda Cardoso de Carvalho, de Barcelos	25$00
D. Laurinda da Costa Pereira	10$00
D. Maria do Sameiro Cardoso de Carvalho, de Barcelos	25$00
António José Mendes Pereira, de Barcelos	20$00
D. Maria do Céu Mesquita Pereira, de Barcelos	20$00
D. Maria da Conceição Mesquita Pereira, de Barcelos	5$00
Manuel Augusto Ribeiro Rodrigues, de Barcelos	70$00
D. Maria de Fátima Ribeiro Rodrigues, de Barcelos	30$00
Teófilo Eduardo de Sá, do Porto	1 000$00
D. Sofia de Sousa Passos, de Famalicão	50$00
D. Olinda de Sousa Passos, de Famalicão	20$00
D. Maria Laura Ferreira de Araújo, de Vila Verde	25$00

Francisco Augusto Ferreira, de Vila Verde	20$00
D. Alexandrina dos Prazeres Ferreira, de Vila Verde . .	10$00
D. Teresa Aurora Ferreira, de Vila Verde	10$00
D. Carminda Avelina de Araújo Ferreira, de Vila Verde	10$00
Arménio Ferreira Gonçalves, de Vila Verde	5$00
Manuel da Silva Araújo, do Porto	500$00
D. Cândida de Freitas Araújo, do Porto	50$00
D. Maria José de Freitas Araújo, do Porto	50$00
D. Maria Belmira de Freitas Araújo, do Porto	50$00
José de Freitas Araújo, do Porto	50$00
D. Ana Coelho, de Barcelos	30$00
António Fagundes Arezes, de Luanda	200$00
Engenheiro Manuel de Sá Carneiro, de Barcelos . . .	150$00
Sociedade Industrial de Malhas e Fiação, SARL, Porto .	500$00
Adelino Pereira Linhares, de Barcelos	375$00
Aureliano Ferreira dos Santos, de Ermesinde	100$00
Empresa Gráfica e Instaladora, Lda., do Porto	500$00
Alberto Guimarães, do Porto	1 000$00
Caves Primavera, Lda., de Aguada de Baixo	100$00
Fernando Pinto, Sucr., do Porto	500$00
José Ferreira de Carvalho, Póvoa de Varzim	100$00
A. Henriques & C.ª, Lda., de S. João da Madeira . . .	500$00
José Alberto dos Santos Costa, de Braga	5 000$00
Justo, Ramos, Gomes & C.ª, de Mira de Aire	500$00
Rodrigues & Bicho, Lda., de Lisboa	300$00
Alberto Costa Caldas Ribeiro, de Guimarães	50$00
Eduardo Pereira Pinto & Filhos, do Porto	200$00
Dr. António de Freitas Mascarenhas Lima Duarte Gerard, de Reguengos de Monsaraz	200$00
Electro Olivença, do Porto	250$00
Mário Antunes Martins, do Porto	1 000$00
Comandante João de Paiva Faria Leite Brandão, da Foz do Douro	150$00
Gonçalo da Rocha Peixoto, de Lisboa	250$00
Enrique Vincke Goll, da Foz do Douro	100$00
Domingos Evangelista, de Carlão	100$00
José Fernandes da Silva Lopes, do Porto	1 000$00
Dr. Nuno Simões, de Lisboa	200$00
Litografia Lusitana, do Porto	1 000$00

Arquitecto António Vinagre, do Porto	500$00
Garagem Parque, de Barcelos	250$00
António Maria dos Reis, de Braga	250$00
Valadas, Lda., do Porto	1 000$00
Carlos de Oliveira & C.ª, Lda., do Porto	600$00
José Silvestre, de Sintra	200$00
M. Sequeira Azevedo, do Porto	100$00
Jaime da Costa, Lda., do Porto	500$00
Dr.ª D. Maria Emília dos Santos Silva Loup, de Lisboa	500$00
D. Francisco de Mata Mourisca, Bispo de Carmona	100$00
D. Aurélia Pereira, da Póvoa de Varzim	50$00
João de Oliveira Aguiar, da Póvoa de Varzim	100$00
D. Maria Ludovina Graça, da Póvoa de Varzim	40$00
Joaquim Pereira Lima, da Póvoa de Varzim	50$00
Dr. Luís de Almeida Rainha, da Póvoa de Varzim	50$00
Antero Correia Rainha, da Póvoa de Varzim	50$00
D. Arminda Perpétua L. Guimarães, de Moreira de Cónegos	100$00
Papelaria Azevedo, Lda., do Porto	250$00
José Raúl de Sousa Pinto, do Porto	1 000$00
Neocel, de Lisboa	2 000$00
António Lázaro, da Póvoa de Varzim	100$00
Dr. Américo Maio dos Santos Graça, da Póvoa de Varzim	100$00
Miguel Vieira, do Porto	1 000$00
Promatex, do Porto	500$00
José Joaquim Costa Azevedo, de Lisboa	200$00
Companhia Portuguesa dos Petróleos BP — Porto	500$00
José Correia Ramos, de Perosinho — Gaia	500$00
Sociedade Portuguesa do Ar Líquido, do Porto	250$00
Empresa Carbonífera do Douro, Lda., do Porto	500$00
Companhia de Seguros «O Trabalho», de Lisboa	1.000$00
General Francisco Caravana, do Porto	500$00
João José de Miranda, de Barcelinhos	50$00
Flávio de Carvalho, de São Paulo	2 000$00
Comendador António Maria Santos da Cunha, de Braga	200$00
A. Fernandes, do Porto	2 000$00
António Pereira Vidal & Filhos, Lda., de Arrancada do Vouga	1 000$00
D. Violante Cardoso de Albuquerque, de Barcelos	50$00
Engenheiro Mário Taron de Oliveira, do Porto	500$00

Achiles Cunha, do Porto	150$00
Casa de Saúde de São João de Deus, de Barcelos	100$00
José Moreira da Costa, de Barcelos	500$00
Joaquim Gomes da Costa, do Porto	200$00
D. Maria Cristina Dias Costa, de Barcelos	200$00
Arquitecto Fernando Eurico Dias Costa, de Barcelos	500$00
Mário Abílio Miranda, de Lisboa	100$00
D. Alexandrina Gomes de Miranda, de Lisboa	100$00
José Lino do Vale Campos, da Trofa	250$00
Coronel José Vasco Lobato de Faria Roncon, de Lisboa	1 000$00
Manuel Teixeira da Rocha, de S. Mamede de Infesta	498$70
Pensão Bagoeira, de Barcelos	50$00
Irmãs Marques de Azevedo, de Lisboa	700$00
Paulino Gonçalves da Seara e esposa, do Recife	1 000$00
Manuel Augusto Pires, de Lisboa	1 000$00
Manuel Alves da Cunha, do Porto	1 000$00
António Pereira da Cruz, de Barcelos	100$00
António Marques de Azevedo, de Lisboa	250$00
Henrique Ivars, de Barcelos	20$00
J. M. Baptista, de Riachos	100$00
Engenheiro Joaquim José Martins Soares, do Porto	500$00
Manuel dos Santos Guerra, de Parede — Lisboa	250$00
Vieira & Costa, Lda., de Braga	7 500$00
Armando Octávio Martins da Costa, do Porto	1 000$00
Fernando Eurico Martins da Costa, do Porto	1 000$00
Coutinhos & Barbosa, Lda., de Barcelos	250$00
Manuel da Silva Correia, de Barcelos	50$00
Francisco da Silva Esteves, de Barcelos	500$00
D. Olívia Pereira de Lima e Marido, de Lisboa	40$00
D. Maria Luiza Duarte e Marido, de Lisboa	20$00
D. Maria Arlinda Duarte, de Lisboa	20$00
D. Maria Helena Lima Nazaré Taborda, de Lisboa	10$00
D. Maria Fernanda Lima, de Lisboa	40$00
Alfredo Nazaré Taborda e filhos, de Lisboa	10$00
César de Castro Reis, de Coimbra	500$00
Dr. António José da Silva Júnior, do Porto	500$00
Cap. de Corveta José Manuel Piñero, de Vigo	237$50
D. Ricardo Fernandez, de Vigo	500$00
Manuel da Cunha Arantes, de Barcelos	200$00
Arqu.º José da Costa Vilaça, de Braga	200$00

Artur Marques Pinto, do Porto	1 000$00
Eng.º Jorge Segismundo Álvares Pereira de Lima, de Braga	200$00
Dr. Fernando José Torres Álvares Pereira de Lima, de Braga	100$00
Pessoal da FIL — Fiação do Leça, SARL, de S. Mamede de Infesta	6 300$00
Guilherme José Barreiros Cardoso, de Linda-a-Velha	200$00
Abílio Rodrigues de Sousa, de Barcelos	100$00
António Peres Filipe, de Barcelos	25$00
Casa das Rendas, de Barcelos	100$00
D. Rosa de Jesus Gonçalves Pereira, de Braga	100$00
Cândido Basto, de Braga	50$00
Luís Miranda Ferreira, de Barcelos	1 000$00
D. Maria da Glória dos Santos Cunha, de Barcelos	100$00
A. Gomes, Filhos & Sá, da Póvoa de Varzim	500$00
Pessoal da Fábrica Barcelense	40 414$50
Prof. Doutor Álvaro Rodrigues, do Porto	5 000$00
José Alves Leite, de V. F. S. Martinho — Barcelos	100$00
Fernandes & Martins, Lda., de Lisboa	500$00
José Augusto da Silva Alves, de Barcelos	50$00
Padre Joaquim da Fonseca, Roriz, Barcelos	50$00
Silva, Ferreira & Soares, do Porto	3 000$00
Fernando, António & Martins, Lda., de Lisboa	1 000$00
Major Carlos Augusto da Arrochela Lobo, de Lisboa	1 000$00
Manuel Fleming, de Matosinhos	500$00
Sialal — Sociedade Industrial de Alfaias Agrícolas, Lda., de Barcelos	150$00
BASF Portuguesa, SARL, do Porto	1 000$00
Padre José Carlos da Seara, de Arcozelo — Barcelos	100$00
Prof. Doutor Manuel M. Ramos Lopes, de Coimbra	500$00
José Soares Brioso, da Póvoa de Varzim	100$00
Tinturaria Brasil, da Póvoa de Varzim	50$00
D. Ana Augusta de Carvalho, da Póvoa de Varzim	20$00
Dr. Augusto Correia, de Braga	500$00
D. Albina de Jesus Brioso, da Póvoa de Varzim	50$00
Padres Capuchinhos, de Barcelos	150$00
D. Maria Amélia Chaves Vilas Boas, de V. N. Famalicão	200$00
Dr. Lourenço Pinto Martins e Família, do Porto	1 000$00
Francisco Lopes da Silva, de Barcelos	500$00

João Correia da Silva, de Lisboa	100$00
Fonseca & Costa, Lda., de Coimbra	500$00
João Araújo Novo, de Barcelos	200$00
John W. Nolte, Lda., do Porto	5 000$00
José Augusto Santiago, de Coimbra.	200$00
A. Costa & Filhos, de Cucujães	1 000$00
Francisco Pereira Coutinho, de Braga	100$00
Manuel J. Fonseca Faria, de Lisboa	200$00
Pio, Barral, Marques & C.ª, Sucr.ª, Lda., de Lisboa	1 000$00
Francisco António Ferreira, Sucr., Lda., da Guarda	200$00
Central de Malhas, Lda., de Coimbra	200$00
Prof. Doutor António Gonçalves de Azevedo, do Porto	1 000$00
António da Mota Freitas, do Porto	1 000$00
António Pedro Vasconcelos da Mota Freitas, do Porto	100$00
Albino Pereira, de Barcelos	100$00
Produtos Ciba, Lda., do Porto	1 000$00
Américo Pereira Henriques, de Alferrarede	500$00
Armazém de Miudezas de Santarém, Lda., de Santarém	1 000$00
Pessoal da Fábrica de Malhas do Ameal, SARL, do Porto	14 302$50
Abranches & C.ª, Irmãos, Lda., de Lisboa	100$00
Barbosa & Silva, Lda., de Lisboa	100$00
Prof. Miguel da Costa Araújo, de Viana do Castelo	100$00
Sebastião Alvelos, do Porto	500$00
Mário Pina do Nascimento, de Lisboa	200$00
Armazéns Almada, Lda., do Porto	100$00
Altamiro Andrade da Costa Pereira, do Porto	500$00
Artur Vieira e Filhos, de Santiago do Chile	10 000$00
Antero de Faria, de Barcelos	500$00
Equipamentos e Técnica de Electricidade, Lda., do Porto	150$00
João Domingues, de Viana do Castelo	500$00
David Meira Freitas, de Viana do Castelo	500$00
J. Caldo, Lda., de Lisboa	200$00
Eng.º Francisco Leal de Loureiro, de Viseu	1 000$00
D. Maria Arminda Sotto Mayor Vinagre, de Barcelos	100$00
António Guilherme Nunes Hall, do Porto	2 000$00
João Ilídio Ramos Vieira, de Barcelos	200$00
Delegado do Instituto Nacional do Trabalho, de Braga	100$00
Juvenal & Patriarca, Lda., de Santarém	500$00
J. Antunes, do Porto	100$00
Armindo Ferreira Coelho, de Abade do Neiva — Barcelos	100$00

Luís Filipe José Gomes de Faria, de Golongo Alto . .	500$00
Escritor Manuel de Boaventura, de Esposende	100$00
Escuteiros de Barcelos, Barcelos	100$00
Dr. Henrique Veiga de Macedo	1 000$00
P.e Alberto Tomé dos Santos Rebelo, de S. Mamede de Infesta	100$00
Empregados de Alfredo Fonseca & C.a, Lda., de Lisboa .	650$00
Dr. Agostinho Tavares Duarte, de Lisboa	200$00
P.e Abílio Mariz de Faria, de Barcelinhos	100$00
Joaquim Soucasaux, de Barcelos	50$00
Fernando Valério de Carvalho e Filhas, de Barcelos . .	150$00
Carlos Cardoso, do Porto	5 000$00
Farmácia Moderna, de Barcelos	1 000$00
Correia & Cardoso, Lda., de Barcelos	300$00
Dr.a D. Maria da Glória Pinheiro, de Barcelos	300$00
P.e João Pereira Linhares, de Barcelos	300$00
Comendador Manuel de Azevedo Falcão, de Niterói — Brasil	100$00
Armando de Azevedo Coutinho, de Barcelos	100$00
Rogério da Costa, de Barcelos	1 000$00
João Evangelista Ferreira de Brito, de Abade do Neiva — Barcelos	200$00
António Alves Quinta da Costa, de Barcelos	100$00
Domingos Fernando Beleza Moreira, de Barcelos . . .	100$00
Óscar da Silva Carvalho, de Barcelos	100$00
Ceral — Sociedade de Produtos Cerâmicos de Viana, Viana do Castelo	200$00
Baptistas, Carvalho & C.a, Lda., do Porto	200$00
Elísio Pinheiro & C.a, de Viana do Castelo	200$00
Menina Ana Maria Pinheiro, de Viana do Castelo . .	200$00
Menina Maria Eugénia Pinheiro, de Viana do Castelo .	200$00
Eugénio Pinheiro — Filho, de Viana do Castelo . . .	200$00
Têxtil Zickermann, Lda., do Porto	100$00
Dr. José Gualberto de Sá Carneiro, do Porto	1 000$00
José Filipe da Quinta e Costa, de Barcelos	100$00
Fibra Comercial Lusitana, Lda., do Porto	1 000$00
Fiandeira de Avelar, Lda., de Avelar	1 000$00
João da Cunha Ferreira, de Barcelos	150$00
Emílio Teixeira Machado, de Barcelos	500$00
Pérola da Avenida, de Barcelos	100$00

António Dias Gomes, de Barcelos	200$00
Casa Coelho Gonçalves, de Barcelos	1 500$00
Comendador Augusto Rodrigues, de Lisboa	10 000$00
António da Silva Pimenta, de S. Mamede de Infesta	500$00
Escuteiros de Barcelos, mais	100$00
D. Ferreira Vale & Filhos, Lda., de Barcelos	200$00
Alunos, Alunas e Professores da Escola Gonçalo Pereira, de Barcelos	700$00
Vítor Homem de Almeida, de Vigo	500$00
António Peres Cabaleiro e Esposa, de Vigo	250$00
José Carlos de la Peña Vidal, de Vigo	250$00
Dr. António Rodrigues de Miranda, de Lisboa	1 200$00
António Vasconcelos Bandeira e Lemos, de Barcelos	200$00
Emiliano Santos, de Barcelos	100$00
D. Isabel da Graça Vieira, de Barcelos	500$00
José Pereira da Quinta & C.ª, Lda., de Barcelos	250$00
D. Maria Laura Miranda Lopes dos Santos, de Barcelos	200$00
Gabinete de Estudos de Economia, Finanças e Organização, Lda., do Porto	1 000$00
António Lemos de Araújo, de V. F. S. Martinho — Barcelos	150$00
António dos Santos Pereira e sua Mãe, de Abade do Neiva — Barcelos	100$00
Companhia de Seguros «A Nacional», do Porto	3 000$00
Felisbelo Bernardo Rodrigues de Castro, de Barcelos	500$00
David C. C. Rebelo, do Porto	1 000$00
Álvaro de Castro Teixeira, Lda., de Lisboa	500$00
Monsenhor Manuel Lopes da Cruz, de Lisboa	1 000$00
D. Delfina Garrido e Irmã, de Barcelos	400$00
José Luís de Sousa Coutinho, de Lisboa	1 000$00
D. Elvira Barroso, de Lisboa	1 000$00
Eng.º José Maria Quadros e Costa, de Lisboa	500$00
José Narciso da Silva, de Barcelos	100$00
António Júlio Miranda Pias, de Barcelos	150$00
Joaquim Alberto Fernandes de Carvalho, da Covilhã	100$00
João Evangelista Gomes de Sousa, de V. F. S. Martinho — Barcelos	200$00
D. Maria José Sousa e marido, de V. F. S. Martinho — Barcelos	50$00
D. Gracinda Borges da Costa Lima, de V. F. S. Martinho — Barcelos	50$00

Eng.º Delfim de Sousa Pinto Machado Coutinho, de Gondarém	5 000$00
Américo Queirós, do Porto	250$00
Delfim de Sousa Coutinho, do Porto	1 000$00
José de Bessa e Meneses, de Barcelos	500$00
Dr. Luís Novais Machado, de Barcelos	1 000$00
D. Maria Arminda Guimarães Cibrão Coutinho, de Barcelos	100$00
Manuel Joaquim Vieira Coutinho, de Barcelos	100$00
Dr. Joaquim de Sousa Coutinho, do Porto	5 000$00
Joaquim Rodrigues, de Barcelos	500$00
Augusto Figueiredo & Silva, Lda., de Barcelos	500$00
Manuel Moreira Maia e esposa, de Famalicão	200$00
José da Costa Passos, de Famalicão	250$00
Círculo Católico de Operários, de Barcelos	200$00
Construções Reunidas Pereira & Irmãos, de Barcelos	300$00
Fernando Pereira & Irmãos, de Barcelos (Lijó)	500$00
Avelino Gonçalves da Silva, de Barcelos	100$00
Prof. Doutor Elísio de Moura, de Coimbra	500$00
Rev.mo Dr. Aires Ferreira, de Braga	100$00
D. Francisco Maria da Silva, Arcebispo Primaz, de Braga	1 000$00
Governador Civil de Braga	1 000$00
Dr. Luís Fernandes Figueiredo, de Barcelos	500$00
Prof. Dr. Joaquim Nunes de Oliveira, de Barcelos	500$00
Arcipreste P.e Rodrigo Alves Novais, de Barcelos	500$00
Manuel Pereira da Quinta Júnior, de Barcelos	250$00
António José de Sousa Costa, de Barcelos	100$00
Aníbal Araújo, de Barcelos	250$00
Igreja de S. José, da cidade de Barcelos	50$00
Joaquim Domingues de Almeida, de Barcelos	200$00
António Duarte Ferreira Pedras e sua esposa D. Maria dos Prazeres Pereira Pedras, de Barcelos	500$00
D. Laurinda do Bompastor Guimarães Pereira, de Barcelos	100$00
D. Joaquina da Cunha Vieira, de Barcelos	2 000$00
António da Silva Fernandes e sua esposa D. Carolina Fernandes Soares, de Barcelos	100$00
Igreja da Senhora do Terço, da cidade de Barcelos	100$00
Miguel Pereira Pais de Matos Graça, de Barcelos	100$00
Dr. Manuel Pereira da Quinta, de Barcelos	100$00
Leonel da Quinta Fernandes, de Barcelos	50$00

Joaquim Alves de Sousa, de Barcelos	100$00
Paulo Augusto Pereira e sua esposa D. Laurinda Guimarães Pereira, de Barcelos	100$00
D. Virgínia Ribeiro Lima de Azevedo Mimoso, de Barcelos	200$00
D. Maria Angelina Calheiros da Silva, de Barcelos . .	200$00
D. Maria Teresa Faria da Quinta, de Barcelos	200$00
Dr.ª D. Maria Angelina da Silva Correia, de Barcelos . .	100$00
D. Maria Manuela Faria Leite Vieira, de Barcelos . . .	200$00
D. Maria Luiza Pereira Esteves, de Barcelos	100$00
D. Euclídia Rosa Ferreira da Silva, de Barcelos	100$00
D. Maria Olindina Cardoso de Albuquerque Dias Gomes, de Barcelos	200$00
D. Maria Alves Quinta da Costa, de Barcelos	100$00
Dr.ª D. Maria Alice Vieira Correia de Abreu, de Barcelos	100$00
D. Maria do Carmo Martins Soares da Silva Freitas, de Barcelos	300$00
TOTAL . . .	276 980$80

Legendas gravadas no Monumento

LEGENDA DO LADO NORTE

A
JOÃO DUARTE
PIONEIRO DA INDÚSTRIA TÊXTIL
DE MALHAS EM BARCELOS E NORTE
DO PAÍS.
TEVE POR LEMA FAZER O BEM.
LEVOU A CARIDADE AONDE A JUS-
TIÇA SOCIAL NÃO CHEGOU.
PÔS VIDA E TALENTO AO SERVIÇO
DOS OUTROS, QUE NELE SEMPRE
ENCONTRARAM AMPARO E BOM CONSELHO.
— ERA O CHEFE MODELAR —
DIZIAM OS SEUS TRABALHADORES.
— ERA O AMIGO DE TODOS —
CLAMOU O POVO CHOROSO.

(Segue-se uma alegoria em bronze, em baixo-relevo, simbolizando a energia e a bondade).

LEGENDA DO LADO SUL

SIMPLES E HUMILDE, GENEROSO
E BOM, ERGUEU-SE ACIMA DO
QUE ERA TERRENO E EFÉMERO.
BRILHOU NELE A INTELIGÊNCIA
ESCLARECIDA E A VISÃO DOS
PROBLEMAS HUMANOS.
TEVE A PERSEVERANÇA EM PROSSEGUIR
NO QUE ERA BOM, A PRUDÊNCIA
NO DELIBERAR, A EFICÁCIA NO RESOL-
VER, O ACERTO NO ACONSELHAR.
E, DE TODAS AS VIRTUDES CRISTÃS
QUE SEMPRE O ACOMPANHARAM,
SOBRESSAIU A CARIDADE.

No Sopé :

«POR SUBSCRIÇÃO PÚBLICA»

Desta edição, além da tiragem vulgar de 3 500 exemplares, fez-se uma tiragem especial de 13 exemplares em papel «couché», numerados e rubricados por um membro da Comissão do Monumento.

ÍNDICE

Antes de mais 11

PRIMEIRA PARTE — BIOGRAFIA

I — Uma Vida de Industrial 15
II — Uma Vida de Benemerência 31
III — Uma Vida de Princípios e Virtudes 59
IV — Na Hora da Saudade 79
V — Arquivando 89

SEGUNDA PARTE — JOÃO DUARTE APRECIADO PELA IMPRENSA

VI — Até 1965 123
VII — 1965 — A Grande Homenagem 155
VIII — 1966 — A Sua Morte 203
IX — O Monumento 227

IMPRENSA
PORTUGUESA
PORTO

biblioteca
municipal
barcelos
34962
João Duarte